

ALEXANDRE ESPÓSITO

Andarilhos de estrada e riscos da vida errante

ASSIS

2022

ALEXANDRE ESPÓSITO

Andarilhos de estrada e riscos da vida errante

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Doutor em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade).

Orientador: José Sterza Justo.

Bolsista: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, Processo Nº 2018/10161-5).

ASSIS

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Ana
Cláudia Inocente Garcia - CRB 8/6887

Espósito, Alexandre

E77a

Andarilhos de estrada e riscos da vida errante /
Alexandre Espósito. Assis, 2022.

283 p. : il.

Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis

Orientador: Prof. Dr. José Sterza Justo

1. Andarilhos. 2. Avaliação de riscos. 3. Mobilidade
humana. 4. Migração interna. 5. Etnologia. I. Título.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: Andarilhos de estrada e riscos da vida errante

AUTOR: ALEXANDRE ESPOSITO

ORIENTADOR: JOSÉ STERZA JUSTO

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Doutor em PSICOLOGIA, área:
Psicologia e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. JOSÉ STERZA JUSTO (Participação Virtual)
Departamento de Psicologia Social / UNESP/FCL-Assis

Prof. Dr. EURÍPEDES COSTA DO NASCIMENTO (Participação Virtual)
Passos - MG

Prof(a). Dr(a). ANTONIO MENDES DA COSTA BRAGA (Participação Virtual)
Departamento de Sociologia e Antropologia / UNESP/FFC-Marília

Prof. Dr. CLEDIONE JACINTO DE FREITAS (Participação Virtual)
UFMS/CPAR

Profa. Dra. LUCIANA CODOGNOTO DA SILVA (Participação Virtual)
UFMS/CPNA

Assis, 27 de julho de 2022

Dedicatória

À minha mãe Maria José Talhateli Espósito por apoiar e lutar pela minha educação desde a pré-escola aos dias atuais.

Agradecimentos

Aos andarilhos de estrada que aceitaram participar da pesquisa;

À Universidade Estadual Paulista;

À Pós-graduação em Psicologia da Universidade;

Aos professores da instituição pelo aprendizado;

À equipe técnica da universidade pela assistência prestada;

À FAPESP, processo nº 2018/10161-5, Fundação de Amparo à pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo fomento sem a qual seria impossível a realização da pesquisa;

À equipe técnica da FAPESP pelo suporte;

Ao meu orientador Prof. Dr. José Sterza Justo pelos direcionamentos, ensinamentos e companheirismo;

Aos professores Dra. Simone Frangella e Dr. Eurípedes Costa do Nascimento pela participação na banca de qualificação;

Aos professores da banca de defesa;

Aos amigos e colegas da graduação e pós-graduação;

Ao grupo de pesquisa por acompanharem o processo;

À Alexia pelo amor e carinho nessa caminhada;

Aos Pipicos por fazerem companhia em cima de minha escrivaninha.

ESPÓSITO, Alexandre. **Andarilhos de estrada e riscos da vida errante**. 2022. 169 p. Tese (Doutorado em Psicologia). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2022.

Resumo: A vida atual tende a ser cada vez mais afetada por forças constituídas nos planos econômico, social, político, cultural e psicológico que incitam deslocamentos, movimentações e trânsitos dos seres humanos e dos objetos materiais e imateriais do seu mundo. Dentre as várias subjetivações de tais forças que induzem a mobilidade destaca-se uma das mais radicais: a errância vivida por andarilhos de estrada. Ela se constitui num caminhar sem rumo, sem direção e sem planejamento. Os andarilhos de estrada perambulam, sem destino, pelos acostamentos das rodovias, com seus parques pertences que carregam num saco às costas ou em algum tosco e improvisado carrinho de mão. Durante as caminhadas diárias ou em pernoites improvisados debaixo de pontes, abrigos de paradas de ônibus ou ao relento, nas adjacências das margens das rodovias, enfrentam diversos riscos de acidentes que atentam contra suas vidas. O objetivo da presente tese foi levantar e compreender, junto aos próprios andarilhos, os principais riscos que apontam nessa forma de viver, as causas que atribuem a eles, as condições que consideram de maior vulnerabilidade, bem como, as medidas que tomam para se protegerem. Para tanto, utilizando-se da deriva como método de pesquisa, foram realizadas incursões em rodovias paulistas, sem rotas previamente definidas, para a localização, abordagem e entrevistas de andarilhos, nos próprios acostamentos, focalizando, especificamente, a questão dos riscos e perigos enfrentados nessa forma de vida. Os resultados foram analisados utilizando o método da análise de conteúdo e apresentados e discutidos em duas categorias temáticas referentes a vida no trecho e às questões de riscos percebidas pelos andarilhos de estrada. Eles apresentaram em seus relatos que seus maiores temores estão associados a aproximação de pessoas desconhecidas que podem lhes roubar ou agredir de alguma maneira, interrompendo ou dificultando sua continuidade de suas caminhadas.

Palavras-chave: Andarilhos de estrada; Riscos; Mobilidade humana.

ESPÓSITO, Alexandre. **Highway wanderers and the risks of the wandering life**. 2022. 169 p. Thesis (Doctor in Psychology). – São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2022.

Abstract: Present life tends to be increasingly affected by forces constituted in the economical, social, political, cultural and psychological dimensions that incite displacement, movement and transit of human beings and of material and immaterial objects from their world. Among the several subjectivations of such forces that cause mobility, one of the most radical can be highlighted: the wandering life lived by highway wanderers. It is characterized by an aimless walk, without direction and planning. Highway wanderers roam, without a destination, along highway shoulders, carrying their few belongings in a sack on their backs or in any rough and improvised handcart. During the long daily walks or in improvised overnight stays under bridges, bus stops shelters or outside, in the adjacencies of highway shoulders, they face several risks of accidents that threaten their lives. The goal of this project was to raise and comprehend, together with the wanderers themselves, the main risks they identify in this way of life, their causes, conditions they consider as of major vulnerability, as well as the measures they take to protect themselves. For this purpose, using the adrift research method, incursions on São Paulo state highways were done, without previous routes defined, for the localization, approach and interviews with the wanderers, on the roadsides, focusing, specifically, the risks and dangers faced by them in this form of life. The results were analyzed through the content analysis method, and presented and discussed in thematic categories. They presented in their reports that their greatest fears are associated with approaching unknown people who can rob or attack them in some way, interrupting or hindering their continuity of their walks.

Keywords: Highway wanderers; Risks; Human mobility

ESPÓSITO, Alexandre. **Andariegos de carretera y riesgos de la vida errante**. 2022. 169 p. Tese (Doctorado em Psicologia). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências y Letras, Assis, 2022.

Resumen: La vida actual tiende a verse, cada vez, más afectada por fuerzas constituidas en los ámbitos económicos, sociales, políticos, culturas y psicológicos que inducen a los desplazamientos, circulaciones y tránsitos de seres humanos y de los objetos materiales e inmateriales de su mundo. Entre las diversas subjetivaciones de tales fuerzas que provocan la movilidad, se distingue una de las más radicales: la errancia vivida por los andariegos de carretera. Se constituye en un andar sin rumbo, sin dirección y sin planificación. Los andariegos de carretera deambulan, sin destino, por los arcenes de las autopistas, con sus escasas pertenencias que llevan en una bolsa en la espalda o en alguna tosca e improvisada carretilla. Durante las caminatas diarias o en pernoctaciones improvisadas bajo los puentes, en las marquesinas de las paradas de autobús o a la intemperie, en las inmediaciones de las autopistas, se enfrentan a diversos riesgos de accidentes que atentan contra sus vidas. El objetivo del presente proyecto de investigación fue plantear y comprender, con los mismos andariegos, los principales riesgos que indican esa forma de vivir, las causas que se les atribuyen, las condiciones que consideran de mayor vulnerabilidad, así como, las medidas que adoptan para protegerse. Por lo tanto, utilizando la deriva como método de investigación, se realizaron incursiones en carreteras paulistas, sin rutas previamente definidas, para la ubicación, abordaje y entrevistas de los andariegos, en los mismos arcenes, enfocándose, específicamente, en la cuestión de los riesgos y peligros a los que se enfrenta en esta forma de vida. Los resultados se analizaron utilizando el método del análisis de contenido presentados y discutidos en categorías temáticas. Los andariegos de carretera demostraron que sus mayores temores están asociados al acercamiento de personas desconocidas que puedan robarles o agredirlos de alguna manera, interrumpiendo o dificultando la continuación de sus caminatas.

Palabras claves: Andariegos de carretera; Riesgos; Movilidad humana

ESPÓSITO, Alexandre. **Déambulateurs et risques de la vie errante**. 2022. 169 p. These (Doctorat en Psychologie). – Université de l'État de São Paulo (UNESP), Faculté de Sciences et Lettres, Assis, 2022.

Résumé: La vie actuelle tend à être de plus en plus affectée par des forces constituées sur les plans économique, social, politique, culturel et psychologique qui incitent à des déplacements et des transits des êtres humains et des objets matériels et immatériels de votre monde. Parmi les diverses subjectivités de ces forces qui induisent la mobilité se distingue l'une des plus radicales : l'erreur vécue par les déambulateurs de route. Elle se constitue dans un cheminement sans but, sans direction et sans planification. Les déambulateurs se promènent, sans destination, à travers les autoroutes, avec leurs petites possessions qu'ils portent dans un sac sur le dos ou dans une poussette improvisée. Lors de randonnées quotidiennes ou de nuitées improvisées sous des ponts, des arrêts de bus ou à la belle étoile, aux abords des routes, font face à divers risques d'accidents qui attenteront à leur vie. Le but de ce projet de recherche était de soulever et de comprendre, avec les déambulateurs eux-mêmes, les principaux risques qui pointent vers cette façon de vivre, les causes qu'ils leur attribuent, les conditions qu'ils considèrent comme étant les plus vulnérables, ainsi que les mesures qu'ils prennent pour se protéger. Pour ce faire, en utilisant la dérive comme méthode de recherche, des incursions ont été réalisées sur les autoroutes paulistes, sans routes prédéfinies, pour la localisation, l'approche et les entretiens de randonneurs, dans les accouplements eux-mêmes, en se concentrant spécifiquement la question des risques et des dangers auxquels est confrontée cette forme de vie. Les résultats ont été analysés à l'aide de la méthode d'analyse du contenu et présentés et discutés dans des catégories thématiques.

Mots-clés: Déambulateurs; Risques; Mobilité Humaine

Lista de siglas e abreviaturas

- ARTESP** – Agência Reguladora de Transportes do Estado de São Paulo
- CAPES** – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal e Nível Superior
- CART** – Concessionária Auto Raposo Tavares
- CRAS** – Centro de Referência da Assistência Social
- CREAS** – Centro de Referência Especializado em Assistência Social
- CTB** – Código de Trânsito Brasileiro
- DSM** – Diagnostic and statistical Manual of Mental Disorders
- FAPESP** – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
- IML** – Instituto Médico Legal
- IPEA** - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
- MNPR** – Movimento Nacional da População em Situação de Rua
- PRF** – Polícia Rodoviária Federal
- PMR** – Polícia Militar Rodoviária
- SUS** – Sistema Único de Saúde
- UNESP** – Universidade Estadual Paulista “Filho de Mesquita Filho”

Lista de Quadros

Quadro 1 - Características gerais dos participantes da pesquisa.....	62
Quadro 2 – Relações Familiares.....	99
Quadro 3 - Como conseguem recursos no trecho.....	107
Quadro 4 – O uso de bebidas alcoólicas.....	114

Lista de Ilustrações

Ilustração 1 – Rodovias BR-374 e SP-284.....	56
Ilustração 2 – Raposo Tavares (BR–270)	57
Ilustração 3 – Mochila de Herói Brigadeiro.....	68
Ilustração 4 – Bicicleta de Cigano	71
Ilustração 5 – Saco de estopa utilizado como mochila por Luís.....	73
Ilustração 6 – Alberto mostrando as músicas que gosta de ouvir em seu celular.....	77
Ilustração 7 – Momento em que Seu José e Geraldo tomam rumos diferentes.....	84
Ilustração 8 – Carinho de seu José, uma carcaça de geladeira improvisada com rodas.....	85

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. REVISÃO TEÓRICA	17
2.1. Andarilhos de estrada, uma revisão	17
2.1.2 Análise da literatura acadêmica sobre andarilhos de estrada	19
2.1.3 Artigos que usam o termo “andarilho” de modo generalista	22
2.1.4 Problemas com termo “Andarilho de estrada”	26
2.1.5 Andarilhos de estrada e “trecheiros”	27
2.2. Mobilidade, errância e suas características	31
2.3. Instituições: Assistência Social, Saúde e Normalização do Social	35
2.4. Risco, modernidade e andarilhos de estrada	42
3. OBJETIVOS	51
3.1 Geral:	51
3.2 Específicos:	51
4. MÉTODO	52
4.1 Características da pesquisa de campo	52
4.2 Instrumentos	55
4.3 Procedimentos	58
5. RESULTADO DA DISCUSSÃO	60
5.1. Participantes	60
5.1.1 Clemente	61
5.1.2 Donivaldo	62
5.1.3 Márcio, o ruivo	63
5.1.4 O NADA.....	64
5.1.5 Herói Brigadeiro	65
5.1.6 Cigano.....	66
5.1.7 Luís.....	69
5.1.8 Murilo	71
5.1.9 Alberto.....	73
5.1.10 Ari	76
5.1.11 Zé Tavares.....	77
5.1.12 Luisinho	79
5.1.13 Seu José.....	81
5.1.14 Geraldo.....	84
5.1.15 Jonathan.....	85

5.1.16 O encontro com o único andarilho que não aceitou ser entrevistado	86
5.2. Instituições, empresas, movimentos sociais e informantes que participaram de nossa pesquisa.	87
5.2.1 A Comissão de Direitos Humanos da Polícia Rodoviária Federal do Paraná (PRF-PR).....	87
5.2.2 A Concessionária de pedágios.....	88
5.2.3 O Movimento Nacional da População em Situação de Rua (MNPR)	89
5.2.4 Possíveis mitigações de riscos dos andarilhos de estrada dadas por representantes de instituições.	89
5.3. A vida no trecho	90
5.3.1. Convivendo com a loucura.....	91
5.3.2 Espectros das relações familiares	96
5.3.3 Sobrevivendo no trecho	104
5.3.4 O uso de bebidas alcoólicas	110
5.3.5 Nota sobre Andarilhos de estrada e o distanciamento social durante a pandemia de covid-19.....	115
5.4. Análise de conteúdo das entrevistas sobre os riscos no trecho.....	116
5.4.1 Atropelamentos e outros riscos envolvendo veículos	116
5.4.2 Situações de roubo, violência e outros riscos envolvendo terceiros.....	126
5.4.3 Riscos envolvendo animais.....	134
6. Discussão	139
7. Considerações finais	151
Referências	155
Apêndice I - Diário de pesquisa de campo	1

1. INTRODUÇÃO

A mobilidade é um fenômeno bastante presente na história da humanidade. Movidos por diversas razões, andar, viajar, migrar, se deslocar de um lado a outro, por curtas ou longas distâncias, de forma temporária ou permanente, individual ou em grupo são elementos constitutivos fundamentais da condição humana.

Dentre as tantas experiências e formas de se viver a mobilidade elegemos para a nossa pesquisa a dos andarilhos de estrada, sujeitos que andam a pé pelos acostamentos das rodovias e estradas de todo o Brasil. Eles são errantes, caracterizados por fazerem movimentos sem rumo, sem objetivo e sem planejamento.

Essa forma de vida é fortemente subjetivada na mobilidade. Na errância os andarilhos de estrada constituem suas relações, vivências, memórias e até mesmo formas de culturas particulares que fazem deles sujeitos únicos, mas pouco conhecidos por habitarem o trânsito, ou o “trecho”, tal como muitos designam o espaço-trânsito em que vivem, ao invés de estabelecerem uma territorialidade ou fixarem uma residência. Raramente adentram as áreas urbanas, a menos que seja para descansar em suas bordas ou, caso muito necessário, para procurar algum serviço que precisem urgentemente.

Por conta de seu modo de vida e por serem desinteressantes como corpos úteis ao capital, são negligenciados na construção de políticas públicas. A ciência, também, parece não muito interessada. Não há muitas pesquisas voltadas para eles, buscando compreender o modo como vivem, suas necessidades, pensamentos, cultura ou produção de subjetividades. Para além dos desinteresses políticos e acadêmicos, há ainda o fato de estarem no não lugar das estradas e em constante trânsito, o que os torna pouco acessíveis para profissionais e pesquisadores habituados a um trabalho sedentário, enclausurados em edifícios e salas onde desenvolvem suas atividades laborais.

Além de rastrear rotinas e histórias da vida de cada participante, esta pesquisa teve por objetivo compreender, junto aos andarilhos de estrada, os riscos e perigos que os assolam neste modo de vida errante. Para essa difícil e desafiadora empreitada, orientador e orientando, realizaram o trabalho de campo juntos, percorrendo, periodicamente, com veículo próprio, trechos das rodovias para a realização das entrevistas, nos próprios acostamentos.

A presente pesquisa está inserida e é parte de um amplo projeto, iniciado e coordenado pelo orientador, que vem sendo desenvolvido há, aproximadamente, 30 anos. Nesse longo tempo de trabalho foram desenvolvidos vários projetos específicos conduzidos pelo próprio orientador ou por seus orientandos de iniciação científica, mestrado, doutorado e pós-

doutorado, a maioria com bolsas e auxílios concedidos pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal e Nível Superior (CAPES) e pela própria Universidade Estadual Paulista (UNESP).

Foram investigados vários problemas específicos em toda a trajetória desse longo projeto: o momento e motivos da ruptura com a vida sedentária¹ e a busca do nomadismo ou da errância nas estradas, como forma de viver e de superar conflitos; estratégias de sobrevivência; tratamento dispensado por instituições de assistência; análise das políticas públicas de assistência e de suas omissões em relação aos andarilhos; relacionamentos que ocorrem no dia a dia do andarilho; sentimentos, afetos e emoções deflagrados nessa forma de viver; ideários, sonhos e expectativas; vivências de delírios e a “loucura” na vida dos andarilhos; questões de gênero envolvidas nesse universo, eminentemente, masculino; problemas e desafios das mulheres andarilhas; diferenças entre andarilhos e “trecheiros”; diferenças na forma de viver entre os próprios andarilhos e entre os “trecheiros”; e tantos outros problemas.

Todas as pesquisas realizadas foram objetos de comunicações científicas em congressos e de publicações sob a forma de artigos em revistas científicas, livros e capítulos. Outra produção importante, derivada dessas pesquisas, foi a elaboração da tese de livre docência do orientador, defendida em 2005. Ao longo do desenvolvimento dessa produção, a temática das vidas errantes passou a fazer parte de um grupo de pesquisa, cadastrado no CNPq - “Figuras e modos de subjetivação no contemporâneo” – e de uma das linhas de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Psicologia, permanecendo ativa até o momento.

Contudo, a questão dos riscos na vida dos andarilhos nunca foi abordada, diretamente, tal como está sendo proposto na presente tese. Vale também ressaltar que tanto esta pesquisa assim como as outras já realizadas por esse grupo de pesquisa são as únicas que estudam a vida dos andarilhos de estrada no local onde vivem, ou seja, abordando-os nos acostamentos das rodovias.

Um ou outro trabalho que pode ser encontrado sobre andarilhos ou foi decorrente de desdobramentos de pesquisas iniciadas neste grupo de pesquisa, como é o caso da dissertação de mestrado de França (2007) ou foram trabalhos desenvolvidos com “trecheiros” abordados nas cidades e não nas rodovias, como é o caso da dissertação de mestrado de Brognoli (1996)

¹ Chamamos de vida ou população sedentária aqueles modos de viver que não são baseadas em constantes migrações e que estão estabelecidas em territórios delimitados, como os habitantes de cidades ou zonas rurais e até mesmo pessoas em situação de rua, por formarem relações territoriais em espaços públicos, mesmo que temporários.

e Büll (2010). Há um trabalho de TCC (CUNHA, 2010), realizado mediante abordagens nas estradas, porém ficou circunscrito a isso e não se estendeu para outras pesquisas.

Ao lado da escassez de pesquisas com andarilhos de estrada, são raras e pouco consistentes as preocupações com eles, principalmente, da parte das concessionárias de rodovias, principais instituições em contato direto e cotidiano com essa população. Uma ou outra iniciativa que surge, mediante as obrigações das concessionárias em investir na melhoria da segurança dos pedestres nas rodovias, por força do contrato de concessão, visa os pedestres em geral, principalmente aqueles que transitam nas imediações das cidades, portanto, apenas tangenciando os andarilhos. Vez ou outra, nosso grupo de pesquisa é procurado para dar alguma assessoria, no entanto, sem que haja alguma continuidade ou interesse das concessionárias em aprofundar alguma política de atenção efetiva.

Uma dessas iniciativas inócuas foi a de um deputado federal que elaborou, com a assessoria do nosso grupo e pesquisa, e encaminhou um projeto de lei, ainda em tramitação, propondo várias medidas voltadas para os andarilhos. O referido projeto de lei, conforme consta no seu preâmbulo,

Institui a Política Nacional para a População em Situação de Errância e altera a Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993, que dispõe sobre a organização da Assistência Social, para acrescentar o serviço de atendimento a pessoas que vivem em situação de errância, como andarilhos de estrada (BRASIL, 2017).

Contudo tal projeto de lei, de 2017, consta, formalmente, como estando em tramitação, mas conforme já fomos informados, dificilmente, irá à votação.

Outra iniciativa, sem qualquer sucesso, foi a tentativa de elaboração de um acordo de cooperação entre a Unesp e a Agência Reguladora dos Transportes do Estado de São Paulo (ARTESP) para a elaboração de um projeto de apoio e melhoria das condições de vida dos andarilhos, junto às concessionárias das rodovias paulistas. Esse projeto, também, não foi adiante pelos obstáculos burocráticos de ambas as instituições, no fundo, motivados pela chamada “falta de vontade política”.

Ao se voltar, especificamente, para os riscos vividos pelos andarilhos esta pesquisa poderá contribuir, diretamente, para subsidiar projetos de proteção, não somente de atropelamentos, como era o caso do interesse da ARTESP, mas de outros riscos que são objetos de preocupações de outras instituições e política públicas.

Ademais, no plano teórico, a intenção é tomar o caso dos riscos vividos pelos andarilhos para a discussão dos riscos decorrentes de modos de vida estruturados nas condições atuais de mobilidade que não afetam apenas andarilhos mas, de certa forma, afeta a

todos enquanto condições dadas na contemporaneidade, enquanto um tempo que se caracteriza, sobretudo, pelo lógica da mobilidade produtora de vidas em movimento, em trânsito, errantes, e nômades, ainda que em intensidades e modos diferentes entre si.

A tese de doutorado está dividida em quatro partes. A primeira com as revisões teóricas e levantamentos bibliográficos sobre andarilhos de estrada, errância e a questão dos riscos. A segunda, parte expõe a metodologia utilizada, técnicas e os procedimentos necessários para a realização da pesquisa, enquanto a terceira e a quarta partes apresentam os resultados obtidos das análises do material coletado em campo e a discussão, respectivamente.

2. REVISÃO TEÓRICA

A nossa revisão teórica centrou-se em levantar artigos e livros sobre andarilhos de estrada, mobilidade humana, os riscos na modernidade, aspectos gerais da violência e instituições.

Na seção “Andarilhos de estrada, uma revisão”, levantamos todos os artigos e livros que falam, exclusivamente, sobre esses sujeitos, centrais em nossa pesquisa. Nota-se que além da produção bibliográfica sobre o tema ser pequena, alguns artigos que entraram nessa revisão usam o termo de modo abrangente e genérico para caracterizar outros modos de vida que não são a dos andarilhos de estrada.

A seção “Mobilidade, errância e suas características” foi criada para apresentar um dos principais traços do modo de subjetivação dos andarilhos de estrada que é a vida em trânsito que levam ao fazerem movimentos errantes. Nesta seção há características gerais sobre a mobilidade humana, em especial a errância.

Para conseguir compreender o conceito de risco e sua relação com os andarilhos de estrada, levantamos artigos relacionados em “Risco, modernidade e andarilhos de estrada”.

O levantamento bibliográfico sobre andarilhos de estrada apresentou muitos artigos sobre questões institucionais. Eles estão discutidos em “Instituições: Assistência Social, Saúde e Normalização do Social”.

2.1. Andarilhos de estrada, uma revisão

O tema sobre andarilhos de estrada é pouco pesquisado e pouco conhecido. Esta revisão bibliográfica tem como objetivo fazer um apanhado de toda a produção acadêmica acerca da temática e discuti-la de forma crítica, como também, discutir conceitos e apresentar a vida dos andarilhos de estrada. A maioria dos artigos que falam sobre esses sujeitos, apresentam-nos dando uma definição sobre quem são e quais são suas principais características para os leitores, que pouco sabem ou ainda não conhecem sobre. As definições gerais citadas na literatura acadêmica apontam que andarilhos de estrada são sujeitos desabrigados que andam a pé sem rumo pelos acostamentos das rodovias do país (JUSTO, 2005; JUSTO, 2011; FRANÇA, 2009). Essa forma de andar sem rumo é chamada de errância (JUSTO; NASCIMENTO, 2005; JUSTO, 2005, 2011; BLAIR, 2019). Ela é caracterizada por ser um movimento sem rumo, sem ponto de chegada, sem destino final, sem trajeto e sem

planejamento. Comumente, alguns desses andarilhos de estrada andam a pé puxando carrinhos improvisados, também chamados de “carrinhos”, onde carregam consigo todos seus pertences, como se fosse uma casa móvel (JUSTO, 2005; JUSTO, 2011). Aqueles que são desprovidos de carroças costumam carregar grandes sacos, mochilas ou bolsas.

Andarilhos vivem, exclusivamente, em estradas, adentrando nas cidades apenas em casos de extrema necessidade (JUSTO, 2011; NASCIMENTO, 2012; NASCIMENTO; JUSTO, 2015), não ficando mais do que dois dias nelas. Quando entram nas cidades, eles são encaminhados por equipes da assistência social, pela polícia militar ou pela guarda municipal para estabelecimentos institucionais municipais, tais como albergues e casas de passagens, entre outros tipos de abrigos transitórios (NASCIMENTO, 2012). Afirmam não pensar em nada, enquanto estão caminhando (JUSTO, 2005, 2011). Porém, em muitos casos há o uso de bebidas alcoólicas para afastar os pensamentos indesejáveis, enquanto estão descansando, servindo como forma de alívio imediato e temporário de qualquer sofrimento psíquico que seja (JUSTO, 2011; NASCIMENTO, 2012). Há também relatos de uso de etanol puro ou misturado com refrigerantes (LEITE; ALVES, 2015).

Os autores das pesquisas citadas exploraram, junto aos andarilhos de estradas, os motivos pelos quais abandonaram a vida sedentária e passaram a viver de forma errante. Existe uma causalidade múltipla dos fatores que fazem com que os andarilhos de estrada abandonem suas residências, o entorno familiar e de amigos, às vezes um emprego ou uma profissão, para viverem caminhando de modo errante. As distintas causas, dificilmente, vêm sozinhas e, ao longo do tempo, os motivos acarretam outras. Justo e Nascimento (2012) apresentam três categorias de motivos do porquê esses sujeitos iniciaram suas vidas errantes:

As condições de ordem socioeconômica, como por exemplo: desemprego, precarização do trabalho, desemprego causado pela mecanização do campo, egressão de presídios, etc. (PERES, 2001a, 2001b; FRANÇA, 2009; JUSTO, 2005, 2011, 2012; JUSTO; NASCIMENTO, 2000, 2005, 2012;);

As Condições de ordem psicológica, como por exemplo: ruptura e conflitos familiares, decepções amorosas, luto não superado, alcoolismo, transtornos mentais, egressão de hospitais psiquiátricos, etc. (PERES, 2001a, 2001b; JUSTO, 2005, 2011, 2012; JUSTO; NASCIMENTO, 2005, 2012; FRANÇA, 2007; LEITE; ALVES, 2015);

As Condições socioculturais atreladas a mobilidade e a busca de liberdade e aventura ou o costume de já serem de famílias que sempre fizeram grandes migrações em à procura de melhores condições de vida (JUSTO, 2000, 2005, 2011; JUSTO; NASCIMENTO, 2005, 2012; NASCIMENTO; JUSTO, 2000; NASCIMENTO, 2008).

Para Justo (2011), andarilhos de estrada são desertores dos espaços instituídos, dos problemas pessoais, do cotidiano estabelecido das cidades e dos grupos que eram inseridos. Notamos que, de acordo com a literatura do levantamento, as macro e micro transformações institucionais são grandes influenciadoras do surgimento de andarilhos de estrada. Do ponto de vista institucional, a deserção social para a errância tem como característica o rompimento com diferentes instituições. A errância, desse modo está atrelada a fatores como a transformação do núcleo familiar do sujeito (ex.: morte de um ente querido), mudanças na dinâmica do mundo do trabalho (ex.: modernização de fábricas e mecanização do campo), novas diretrizes da gestão psiquiátrica ou fechamento de espaços manicomiais (ex.: egressos de hospitais psiquiátricos), entre outras desestabilizações institucionais.

Dentre os andarilhos de estrada, há os “delirantes” ou “loucos”, permeados por pensamentos, teorias, conspirações, missões e sentimentos megalomaníacos, fazendo articulações entre suas andanças e seus delírios (JUSTO, 2005, 2011). Esses andarilhos costumam começar seus movimentos errantes, porque acreditam ser presenteados ou amaldiçoados por missões messiânicas que precisam cumprir (JUSTO, 2005, 2011).

A produção acadêmica sobre andarilhos de estrada é muito pequena e a criação de políticas públicas específicas para esses sujeitos é inexistente. Leite e Alves (2015), afirmam que ao fazerem um levantamento sobre andarilhos de estrada em diferentes plataformas de pesquisa, encontraram apenas os nomes de Justo, Nascimento e Peres, pertencentes ao mesmo grupo de pesquisa. Também é importante notar que outros termos como “trecheiros”, “pessoas em situação de rua”, “peregrinos” são referentes a sujeitos com modos de subjetivação e características diferentes dos andarilhos de estrada.

2.1.2 Análise da literatura acadêmica sobre andarilhos de estrada

O levantamento bibliográfico é uma etapa muito importante da pesquisa, pois busca encontrar todas as produções acadêmicas sobre o tema a ser pesquisado. Para fazê-lo, procuramos o termo “Andarilhos de estrada” nas bases de dados Google Scholar, Scielo e Research Gate. Verificamos todos os artigos que estavam de fato relacionados com a palavra correspondente. Obtivemos os nomes dos autores e os procuramos no currículo Lattes para saber se tinham mais algum material publicado sobre a temática que não estivesse indexado nas bases de dados. Consideramos, estritamente, os artigos sobre andarilhos de estrada, excluindo de nosso levantamento aqueles cuja temática eram sobre trecheiros ou pessoas em situação de rua. Todas as pesquisas encontradas são de caráter qualitativo. Foram encontrados

22 artigos científicos, 1 tese de livre docência, 1 tese de doutorado, 1 dissertação de mestrado e 2 livros. Não tivemos acesso a alguns desses artigos por serem de revistas impressas antigas (CANTELMO; JUSTO, 1996; JUSTO, 2000; NASCIMENTO, 2003). Os trabalhos publicados de José Sterza Justo, Eurípedes Costa Nascimento, Cledione Jacinto de Freitas e Rodrigo Sanches Peres são produções científicas do mesmo grupo de pesquisa. Constatamos que 85,18% do total de produções científicas encontradas sobre andarilhos de estrada foi feito pelo grupo. Os outros artigos científicos que foram encontrados são provenientes de pesquisas curtas e pontuais. Os autores desses artigos não constituíram grupos de pesquisa para estudar as condições de vida dos andarilhos de estrada e em um dos artigos, o grupo é citado como único que faz pesquisa sobre o tema (LEITE; ALVES, 2015).

Os principais trabalhos publicados sobre andarilhos de estrada, dividem-se em diferentes temáticas, conforme o autor principal. Os artigos, tese e livros onde Justo é o autor principal (JUSTO, 2005, 2011, 2012; JUSTO; NASCIMENTO, 2005, 2012), as temáticas giram em torno de apresentar os andarilhos de estrada, falar de seus cotidianos, seus costumes, questões culturais, os motivos para a errância e a comparação de seus modos de vida com as características da modernidade e do contemporâneo. Os artigos, livros e tese de Justo são caracterizados por serem os primeiros estudos sobre andarilhos de estrada. Os artigos cujo nome principal é assinado por Nascimento (NASCIMENTO, 2012; NASCIMENTO; JUSTO; FRANÇA, 2009; NASCIMENTO; JUSTO, 2014a, 2014b, 2015, 2016, 2018; NASCIMENTO; JUSTO; CRUZ, 2016) são caracterizados por abordar sobre a temática da assistência social, concessionárias de pedágio e entidades filantrópicas como instituições que tentam estabelecer formas de controle para com os andarilhos de estrada. Apesar de Peres (2001, 2002a, 2002b, 2005) afirmar que fez sua pesquisa com andarilhos de estrada, podemos notar que ela foi feita com pessoas albergadas em uma instituição em São Carlos e as características descritas sobre esses sujeitos também os indicam como tal e não apenas andarilhos de estrada. Seus artigos são resultados de aplicações de testes psicológicos.

Não há dados sobre andarilhos de estrada em documentos de órgãos federais ou estaduais. Verificamos que não há nada descrito sobre eles em documentos da assistência social ou de qualquer outra instituição. Também não existem dados de quantos andarilhos de estrada possam existir pois tanto o senso populacional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) contam apenas sujeitos vivendo em território fixos e as estimativas de

pessoas em situação de rua do antigo Ministério do Desenvolvimento Social (MDS)² calculam apenas sujeitos que vivem em áreas urbanas (JUSTO, 2011; JUSTO; NASCIMENTO, 2012, NASCIMENTO; JUSTO, 2014).

Em busca de proporcionar metodologias adequadas para pesquisas com andarilhos de estrada, levantamos, também, as metodologias empregadas nas pesquisas que proporcionaram os artigos. Nossa pesquisa é a primeira a trabalhar diretamente com andarilhos de estrada desde a tese do professor Justo (2005), já que a tese de Nascimento (2012) fez análises de instituições que acolhem estes sujeitos. Entre todos os artigos do levantamento, a entrevista foi o instrumento mais usado para se fazer a coleta de dados. Na maioria das pesquisas, a Análise de conteúdo de Laurence Bardin (2016) foi usada como método de análise dos dados, sendo utilizada tanto na tese de Justo (2005) e seus desdobramentos (Justo 2011, 2012), quanto a tese de Nascimento (2012).

Dentre os artigos levantados, temos um artigo intitulado “Etnografia e deriva” (ESPÓSITO; JUSTO, 2017) que trata de discutir sobre como fazer uma etnografia com sujeitos que fazem movimentos errantes como os andarilhos de estrada. A etnografia está muito pautada em territorialidades, em demarcar o espaço da vida do sujeito e assim compreender naquele território a cultura deste. O artigo traz a questão de se utilizar a etnografia com a técnica da Deriva, formulada por Guy Debord (1958) para conseguir maior aprofundamento nos estudos desses sujeitos errantes. A deriva é uma técnica para proporcionar conhecimento sobre os espaços pelos quais o sujeito que a aplica caminha. Ela consiste, de modo lúdico, em um caminhar sem rumo pelas ruas da cidade e assim conhecer novos espaços, notar diferentes detalhes e ter outra percepção dos lugares, pois quando se caminha fazendo uma mesma trajetória, diferentes lugares e sujeitos não são notados. Para então acompanhar os sujeitos errantes, o pesquisador se torna um derivante. Ambos fazem, desse modo, movimentos sem rumo algum. O pesquisador assim consegue compreender a questão cultural da errância nesses sujeitos e fazer uma descrição do encontro de suas culturas utilizando o método da etnografia com este recurso da técnica da deriva.

Para além do alcance nacional, existe apenas um artigo publicado em revista internacional sobre os andarilhos de estrada brasileiros. Ou seja, 3,7% de toda a produção sobre andarilhos de estrada está escrita em inglês. O artigo intitulado “Road wanderers in Brazil: A study on modern psychosocial human mobility” de Justo e Nascimento (2012) traz

² Os Ministérios da Cultura, do Esporte e do Desenvolvimento Social foram fundidos e transformados no Ministério da Cidadania em 2019. A pasta do MDS é atualmente tratada pela Secretaria Especial do Desenvolvimento Social.

importantes contribuições sobre os aspectos gerais desses sujeitos. O artigo aborda quem são tais sujeitos, seus modos de viver, suas características, seus costumes, suas estratégias para fazer o trecho, motivos para terem virados andarilhos de estradas, diferenças entre eles e pessoas em situação de rua urbanas. Apontam, ainda, a escassa produção acadêmica, a falta de políticas públicas e a inexistência de estatísticas sobre andarilhos de estrada.

Os autores se baseiam em diferentes leituras para a discussão sobre os andarilhos de estrada. Eles explicam que em um mundo caracterizado pela velocidade (VIRILIO, 1977) onde as relações de tempo e espaço são comprimidas (HARVEY, 1991), as relações humanas são caracterizadas pela pouca estabilidade, transitoriedade fugacidade e pelo efêmero (BERMAN, 1982). Apesar de não serem citados pelos autores neste texto, acrescentamos que, na cidade moderna, as relações sociais também têm como característica a atitude blasé dos sujeitos em relação aos outros que estão na multidão (SIMMEL, 1973). Essas relações rápidas, pouco estáveis e transitórias, são características da cultura do narcisismo (LASCH, 1979), do espetáculo (DEBORD, 1992) e da performance (EHRENBERG, 1991) na modernidade. Os sujeitos assim, individualistas, se promovem no campo social por meio de suas imagens e ações performáticas. Fazendo uma associação com Castel (1995), os autores mostram que os andarilhos de estrada têm seu individualismo negativo que é entendido pelos autores em tela como uma total inexistência de elos individuais com o social, incluindo a pouca estabilidade de trabalho e a frágeis relações familiares. Esses sujeitos estão fora da curva da normalidade, do padrão e têm suas imagens negativas. Assim, transitam nos não-lugares, espaços sem identidade ou características singulares e que servem apenas para rotas de transição, como por exemplo, as autoestradas. Vivenciam o efêmero, as relações rápidas, transitórias, sem estabelecimento de laços, sendo tratados com atitude blasé e vistos de modo pejorativo.

2.1.3 Artigos que usam o termo “andarilho” de modo generalista

Existem algumas pesquisas que afirmam que seus sujeitos são andarilhos de estrada, mas usam tal nomeação de modo muito genérico, englobando não apenas andarilhos de estrada, mas também pessoas em situação de rua, trecheiros, entre outros sujeitos em suas pesquisas. Andarilhos de estrada se diferenciam dos “trecheiros” por fazerem suas caminhadas, a pé, empurrando “carrinhos” ou de biciclita, e raramente entram em centros urbanos. Ambos são caracterizados por transitarem os espaços abertos das estradas e rodovias,

e se diferenciam da população em situação de rua por não habitarem os espaços urbanos, nem estabelecerem territórios para si (NASCIMENTO; JUSTO, 2016).

Nós resenhamos estes artigos a fim de apontar críticas e mostrar suas contribuições. Um fator de dificuldade da pesquisa bibliográfica é o uso do termo “andarilho” para designar certas generalizações de comportamento de andar muito e/ou para caracterizar sujeitos desabrigados. Dentre os artigos encontrados, alguns empregavam o termo para seus sujeitos de pesquisa, mas pouco caracterizam os andarilhos de estrada que estudamos. Como por exemplo, no artigo chamado de “Para um perfil do idoso-andarilho”, Araújo et al (2011) fizeram um relato de experiência com sujeitos de 60 anos que estavam em albergues. Pelas características descritas, nenhum andarilho de fato foi encontrado nessa pesquisa. A definição de “andarilho” que é usada no resumo do trabalho se aproxima de modo generalizado a pessoas em situação de rua ou em estado de vulnerabilidade: “Definimos aqui andarilho como a pessoa que vive fora do lar, em um cotidiano muito simples, miserável até, afastado de relações familiares e sociais mais próximas, distanciados do sentido de uma vida dita normal” (p.75). Enquanto no corpo do texto, a definição usada se assemelha a generalizações de pessoas viajantes:

Podemos definir andarilho como pessoa que anda muito, com um saco às costas, ou em um carrinho de mão improvisado, precário, no qual carrega seus pertences. Que vive o cotidiano de uma forma simples, miserável até, distante de relações familiares e sociais, apresentando uma ruptura do sentido da vida (p. 179)

A pesquisa foi feita com três sujeitos maiores de 60 anos que estavam albergados. O artigo aborda características gerais sobre idosos e conta, superficialmente, algumas características da vida de três idosos albergados que as autoras consideram como “idosos-andarilhos”.

O artigo de Leite e Alves (2015) intitulado “Perdidos no Tempo e no Espaço: um estudo do perfil da perspectiva de tempo e da importância das relações familiares de andarilhos em comparação a moradores”, que visava como objetivo “investigar a história de vida, a valorização das relações da dinâmica familiar e a perspectiva de tempo” (p.77). O artigo pouco relatou sobre as histórias de vida dos sujeitos, apontando apenas de modo superficial os motivos para errância, internações hospitalares e questões psicossociais. No campo das relações familiares e motivos para a errância, o artigo contemplou em seus resultados uma representação qualitativa que apontam as causas de ruptura familiar, alcoolismo e problemas que envolvem saúde mental como agravantes para a errância. Apontou maior incidência de homens estando de acordo com outras pesquisas realizadas

(JUSTO; NASCIMENTO, 2000; JUSTO, 2005). Para verificar a diferença de percepção de tempo entre pessoas em situação de rua e andarilhos de estrada, durante a pesquisa realizou-se a aplicação do Inventário de Perspectiva temporal de Zimbardo, mostrando que os andarilhos de estrada e trecheiros têm pontuações menores do que as das pessoas em situação de rua urbanas, em relação que a perspectiva de tempo passado, presente e futuro. A amostra utilizada tem pouca representatividade estatística em relação a quantidade indeterminada absoluta desses sujeitos. Andarilhos de estrada e pessoas em situação de rua urbanas têm modos de subjetivação heterogêneos, pois os primeiros não vivem em território algum, raramente entram no perímetro urbano, pouco têm contato com terceiros e estão sempre caminhando.

Caso o inventário fosse aplicado em uma amostra de diferente região, os scores comparativos poderiam ser diferentes. Mesmo tendo sido escrito em 2015, alguns termos usados nesse artigo estão em desuso e conotam um significado pejorativo, como por exemplo, a qualidade de “retardo mental” (p.83). O artigo defendeu a reestruturação desses laços como solução para que os sujeitos não comecem a suas vidas itinerantes. Esse é outro ponto problemático acerca das singularidades do sujeito. Resultar apenas que andarilhos de estrada necessitam estabelecer laços com familiares é uma resposta pronta, mal formulada e que não corresponde à realidade específica do passado de cada sujeito que está na errância. Pode haver casos sucessivos de reestruturação de laços, como pode haver casos que a família já é inexistente ou responsável por maus-tratos e sofrimento psíquico e físico desses sujeitos.

Por sua vez, os quatro artigos de Peres foram feitos com sujeitos em um albergue em São Carlos. Apesar do autor chamá-los de andarilhos, suas características, também, são como a de trecheiros ou mesmo pessoas em situação de rua, a começar por estarem alojados em albergues. Acreditamos que em seus artigos os sujeitos participantes foram dos mais variados.

Na tentativa de compreender a personalidade dos sujeitos que estavam no albergue em São Carlos, Peres (2002) aplicou o “Desenho da figura humana de Machover”. O próprio autor diz que esses testes são os mais valiosos do método clínico em psicologia (p.83).

Peres afirma que “a comunicação verbal desses sujeitos é, extremamente, estereotipada e marcada pela insinceridade, pela tendência a fazer-se de vítima perante o interlocutor e pela evasão e desconfiança” (p.85). Para validar esse discurso, ele cita seu artigo anterior (PERES, 2001), que foi escrito relatando os mesmos sujeitos albergados apresentados nessa pesquisa.

Em nenhum momento o autor se questionou se a fala desses sujeitos é da maneira que ele descreve justamente por estarem institucionalizados. A partir do momento que há um pesquisador dentro de um albergue dizendo para os sujeitos institucionalizados passarem por

procedimentos estranhos a rotina (entrevistas, testes, desenhos), já há do que desconfiar. Como esse ambiente não é como o das ruas, aceitar e obedecer são atos para conseguir conviver em um estabelecimento institucional. Dentro desses estabelecimentos, o pesquisador incorpora a instituição, faz parte dela, como um funcionário que exerce poder dela.

Mesmo que a pesquisa ou o ato sem sentido para um homem adulto de desenhar figuras humanas seja voluntário, participar desses procedimentos pode ser um sinal de obediência e forma de agrado para que o sujeito consiga ficar mais tempo no albergue e visto como alguém de bom comportamento. A fala desses sujeitos e a confiança no pesquisador é influenciada pelo ambiente em que se encontram. Não há porque caracterizar e estereotipar a comunicação desses sujeitos dessa maneira. Como o próprio autor diz, existem defesas em suas falas, então para conseguir compreender suas verdades foi utilizado os testes de desenhos.

Como não ter uma fala desconfiada mediante esta situação? Peres assim procura reforçar com os resultados dos testes características como evasão de relacionamentos pessoais, egocentrismo, falta de confiança nos contatos sociais, conflitos com o controle social, possível evasão da realidade, dificuldade de relacionamento, isolamento, solidão e até mesmo, o rompimento com o mundo. Fora as questões sexuais averiguadas, que concluem que os sujeitos pesquisados têm necessidade de afirmação sexual, atitudes ambivalentes em relação a ambos os sexos, e sentimento de perda de virilidade. Também foi constatado pelo aplicador dos desenhos, que os sujeitos têm fantasias como mecanismo de defesa para enfrentar a realidade e constatou que quanto maior o tempo nas ruas, maior a desorganização do desenho.

E outro artigo de Peres, intitulado “Tão longe, tão perto: andarilhos de estrada e a vivência do distanciamento familiar” (2002b), o autor expôs os sentimentos desses sujeitos albergados acerca da família e o papel que ocupam e nela utilizando uma bateria de técnicas compostas pelo Desenho da família, desenho da figura humana e House-Tree-Pearson para compreender as relações desses sujeitos em relação às famílias. Por meio da análise dos desenhos, resultados apontaram que o distanciamento familiar é conflituoso, problemático e ambivalente, pois os sujeitos apresentaram certa agressividade concomitante ao desejo de reaproximação com seus familiares. Dentre alguns dos resultados específicos, o trabalho expôs os conflitos com os progenitores; maiores afetos, sejam negativos ou positivos, com a figura paterna e distanciamento familiar.

O próprio autor expõe falhas em relação à confiabilidade dos testes, à pequena amostra de sujeitos, à falta de outros trabalhos similares e à falta de padronização dos testes projetivos

com desenhos de famílias. Assim, ele se contradiz ao final do artigo ao afirmar que “a sensibilidade e agudez clínica do instrumento são incontestáveis” (p. 12).

No artigo intitulado “Contribuições das técnicas projetivas gráficas para a compreensão da personalidade de andarilhos de estrada” (PERES; JUSTO, 2005) também se incluiu a personalidade como um fator em comum entre os sujeitos que estão albergados. Este artigo faz parte da mesma pesquisa que os outros de Peres (2001, 2002a, 2002b). Aplicou os testes nos mesmos sujeitos albergados. Relatou que aplicou os testes já citados, mas dá ênfase neste artigo nos Grafismos de Hammer, utilizado para compreender a personalidade desses sujeitos. Os resultados também indicam questões de isolamento, conflito familiar, fantasias, distância da realidade, alguns traços infantis, de imaturidade e insegurança em relação ao meio que estão inseridos.

Em nossa busca, também encontramos dois artigos que citam andarilhos de estrada por causa do documentário “O andarilho” (2006), de Cao Guimarães. O filme apresenta a vida de três andarilhos que estão fazendo movimentos errantes pelas estradas do Brasil. O documentário foca nos diálogos, movimentações e atos desses personagens. Existem dois artigos científicos sobre crítica de cinema que, brevemente, falam sobre andarilhos de estrada por conta desse documentário. Souza (2014) apresentou um artigo sobre personagens que estão em diferentes formas de deslocamento em documentários brasileiros. Enquanto Altmann (2015) focou em seu artigo as questões artísticas e metafóricas de tal documentário. Ambos artigos apareceram como resultados de pesquisa quando procuramos pelo termo “andarilho de estrada”.

2.1.4 Problemas com termo “Andarilho de estrada”

Como apresentado no tópico anterior, os trabalhos mais antigos têm um problema de similaridade de termos, trocando-os, erroneamente, ou utilizando-os como sinônimos. Essas primeiras pesquisas sobre andarilhos de estrada e “trecheiros” não os separavam como sujeitos distintos ou, por alguns momentos, os distinguiram de modo nebuloso.

Por se tratar de uma área de pesquisa pequena, ela ainda é pouco criticada no que se refere ao rigor terminológico. Abranger demais a designação do termo “andarilho de estrada” é um problema que atrapalha as pesquisas com esses sujeitos e impede seu progresso. Confundir ou mesmo incluir os andarilhos de estrada com pessoas em situação de rua urbanas, também, impede que eles tenham políticas públicas em saúde e assistência social específicas.

Para Nascimento et al (2016), as resoluções do SUAS não contemplam andarilhos de estrada por não habitarem um território fixo e nem mesmo se enquadrarem como migrantes, pois estes estabelecem territórios que desejam ir e se fixarem. Pessoas em situação de rua têm reconhecimentos nas diretrizes assistenciais, na mídia e na academia, os andarilhos de estrada, ao contrário, não são reconhecidos e são negligenciados (NASCIMENTO et al, 2016). Andarilhos de estrada não são incluídos pelos pesquisadores como um subgrupo da população em situação de rua (JUSTO, 2011; JUSTO; NASCIMENTO, 2012; LEITE; ALVES, 2015), pois os primeiros têm como ponto central em suas vidas, a errância. Trata-se de pessoas com modo de vida e necessidades muito distintas.

Em contraponto, Anderson Miranda, liderança e cofundador do Movimento Nacional da População de Rua (MNPR) afirmou em entrevista dada para nós, incluída no diário de campo, que eles fazem distinção entre andarilhos de estrada e outras pessoas em situação de rua, mas os consideram como parte integrante da população em situação de rua. Pois desse modo, os andarilhos de estrada podem ter acesso aos serviços assistenciais destinados às demais pessoas em situação de rua, mesmo que as instituições sejam homogeneizantes e não considerem singularidades dos sujeitos que as usufruem.

Apesar de terem semelhanças, as próprias pessoas em situações de rua e os andarilhos de estrada não se confundem entre si (NASCIMENTO et al 2016). Em sua cultura, os próprios itinerantes criam nomeações entre eles para diferenciar-se uns dos outros (JUSTO, 2011). Há andarilhos e “trecheiros” que se identificam como tal com orgulho (JUSTO 2011; ESPÓSITO, 2017).

2.1.5 Andarilhos de estrada e “trecheiros”

Andarilhos de estrada e “trecheiros” são sujeitos que afirmam “estarem no trecho”³, porém com diferenças na forma de viver e habitá-lo. O trecho pode ser um fragmento de um percurso ou mesmo um espaço existencial em que o andarilho de estrada ou o “trecheiro” se encontram. “Estar no trecho” é habitar um território existencial, é estar vivendo uma vida errante.

³ É notável como andarilhos e “trecheiros” se reportam à vida no trecho. A expressão “estou no trecho” é utilizada recorrentemente. O verbo estar indica uma condição de passagem, uma localização provisória ou um estado de efemeridade, enquanto o trecho, conforme foi dito, sugere o sentido de lugar algum ou de um espaço vazio, de trânsito ou também de passagem.

Embora o termo ‘trecho’ designe uma parte de um todo ou um intervalo, conforme consta no dicionário, ele carrega certa imprecisão porque não indica exatamente de qual parte se trata. Pode ser uma parte qualquer e de qualquer tamanho. Quando se refere ao espaço, pode estar em qualquer lugar do todo e, se estiver referida a tempo, pode ser uma fração longa, curta, inicial ou final. Tal imprecisão parece constituir o sentido principal desse nome utilizado pelo andarilho e trecheiro. Quando utilizam a palavra ‘trecho’, é para produzir um efeito de sentido de vazio, algo sem bordas definidas, sem início e fim. Embora seja uma parte do caminho, o trecho pode designar qualquer dessas partes, além do que o termo ‘caminho’ é absolutamente indeterminado, imprevisível, construído a cada momento ao longo da caminhada ou ao sabor da vontade das entidades que concedem os passes de viagem (JUSTO, 2011, p.117).

Andarilhos de estrada e “trecheiros”, à primeira vista assemelham-se e até mesmo eram estudados como sendo semelhantes em alguns trabalhos sobre a temática, como percebemos em Peres (2001a, 2001b) e em França (2007). Porém, se compararmos os estudos mais recentes, perceberemos que os modos de agir no trecho, seus objetivos, modos de vida, relações familiares, estratégias no trecho, motivos para a errância, questões de saúde mental, necessidades pessoais e outros fatores não citados são muito distintos.

Dentre os fatores mais significativos que diferenciam os andarilhos de estrada dos “trecheiros” é o contato que estes mantêm com as instituições sociais, com as pessoas em situações de rua fixas, com outros itinerantes e tentam oportunidades de conseguirem melhores condições de transporte por meio de passagens de ônibus dadas pela assistência social (NASCIMENTO; JUSTO; FRANÇA, 2009; JUSTO, 2012; ESPÓSITO, 2017) ou mesmo compradas por eles ou doadas (ESPÓSITO, 2017).

“Trecheiros” também intercalam o trecho com curtas permanências na cidade e transitam menos a pé do que os andarilhos de estrada (NASCIMENTO; JUSTO, 2015). O “trecheiro” é cidadão (NASCIMENTO; JUSTO, 2015). Quando chegam em alguma cidade por via rodoviária, procuram informações com outros “trecheiros” sobre a situação de outras cidades em relação à assistência social e violência ou sobre trabalhos temporários em lavouras (ESPÓSITO, 2017). Costumam praticar o “manguêio”, tal como chamam o ato de pedir auxílio, com esperteza, tentando sensibilizar as pessoas que abordam para receber dinheiro ou comida, segundo eles mesmos afirmam (ESPÓSITO, Ibidem). “Trecheiro” é um termo êmico, ou seja, eles se autodenominam desse modo (ESPÓSITO, Ibidem). Podem ser incluídos na questão do risco de atropelamentos, junto aos andarilhos de estrada, porque também transitam a pé pelos acostamentos das rodovias, embora com menor frequência. Há relatos de “trecheiros” que, mesmo permanecendo nas cidades durante o dia, preferem pousar na área externa de estabelecimentos de rodovias ou matagais para evitar violência policial ou

mesmo a violência e maus-tratos oriundos da ira preconceituosa de moradores da cidade (ESPÓSITO, 2017).

Andarilhos de estrada fazem o trecho, exclusivamente, a pé (JUSTO, 2012). Raramente entram na zona urbana das cidades. Não costumam procurar qualquer ajuda da assistência social ou filantrópica. Muitos são delirantes que dizem ter uma missão nas rodovias (JUSTO; NASCIMENTO, 2005).

Não existem políticas públicas para andarilhos de estrada e “trecheiros” (FREITAS, 2014; JUSTO et al, 2016). Como consequência são ignoradas suas demandas específicas de saúde, segurança e assistência. A única pequena menção sobre “trecheiros” em um documento do Governo Federal está na **Política Nacional para Inclusão da População em Situação de Rua**.

São diversos os grupos de pessoas que estão nas ruas: imigrantes, desempregados, egressos dos sistemas penitenciário e psiquiátrico, entre outros, que constituem uma enorme gama de pessoas vivendo o cotidiano das ruas. Ressalte-se ainda a presença dos chamados ‘trecheiros’: pessoas que transitam de uma cidade a outra (na maioria das vezes, caminhando a pé pelas estradas, pedindo carona ou se deslocando com passes de viagem concedidos por entidades assistenciais) (BRASIL, 2008b, p.8).

Não há qualquer estatística ou estimativa do número de andarilhos de estrada, mais ainda, não há qualquer tipo de registro deles em documentos oficiais do Governo, tanto federal, quanto estadual. Quanto aos “trecheiros”, no máximo, acabam sendo incluídos na contagem de população de rua, porém, sem qualquer distinção.

Parte dos andarilhos e “trecheiros” declara que abandonariam o trecho e voltaria à vida sedentária, se tivessem uma oportunidade. Existem relatos em que “trecheiros” afirmam não gostar da vida do trecho ou que preferem a vida sedentária (PERES, 2001a). Eles relatam o quanto é humilhante viver no trecho. Estudos apontam que existem “trecheiros” que querem voltar a ter uma vida sedentária (ESPÓSITO, 2017). Enquanto há aqueles que desejam viver fazendo movimentos errantes (JUSTO, 2005, 2012; ESPÓSITO, 2017). Percebe-se, qualitativamente, que os “trecheiros” têm maior vontade de se sedentarizar do que os andarilhos de estrada. É bem provável que pelo menos alguns, adeririam a programas de reinserção no trabalho, de vinculação a moradias fixas e territórios existenciais estáveis. No entanto, políticas públicas amplas e consistentes dessa natureza não existem, a não ser por iniciativa isolada de algum município.

Contudo outra parte de andarilhos e trecheiros declara que prefere viver como errante, no trecho, do que retornar à forma de vida anterior (JUSTO, 2011; NASCIMENTO; JUSTO; FRANÇA, 2009). Não se trata, nesse caso, de se tentar formular políticas públicas que tenham

como objetivo estacionar a vida desses sujeitos enclausurando-os em instituições, ou mesmo, obrigando-os a se estabelecerem em locais indesejados, mesmo que seja junto a seus familiares. Trata-se, isto sim, conforme assinala Justo (2011) de respeitar e fortalecer esse tipo de vida, assegurando direitos de andar, de ir e vir e de viajar com a maior segurança.

Admitir esse modo de vida, como um dos possíveis, é fundamental, dentre outros tantos modos de subjetivação da mobilidade, e incorporá-lo como parte da diversidade humana e da sociedade como um todo. Nesse sentido, mais do que tentar gerir esse modo de vida, trata-se de assegurar condições mínimas para que ele possa se realizar e se fortalecer no conjunto das possibilidades das formas de se viver, sobretudo, num mundo em que a movimentação se acentua pela permeabilização de fronteiras espaciais e pela aceleração do tempo.

Peres (2001) também afirmou que os “trecheiros” só procuram uma aproximação com outros sujeitos em situações de necessidade extrema. Justo (2011) afirmou que é raro eles andarem em dupla. Relatos mostraram que os “trecheiros” costumam fazer trocas de informações sobre municípios e locais de trabalho, compartilhar comida e cachaça, arranjar parcerias temporárias para viajar e etc. Outras pesquisas apontam que sempre costumam fazer trechos em comum com outros “trecheiros”, o que faz com que não andem sempre sozinhos (ESPÓSITO, 2017). As configurações no trecho podem ter mudado dos anos de pesquisas para outra, o que faz com que mude a forma de fazer o trecho. A pesquisa mais recente citada mostrou que o crack, a violência policial e roubos entre os próprios “trecheiros” estão mais intensos, o que justificaria estarem, mais constantemente, andando em duplas (ESPÓSITO, 2017).

Para Justo (2011), os andarilhos também podem ser distinguidos dos “trecheiros” pela sua solidão. Os “trecheiros” se reúnem em praças da cidade que estão de passagem para compartilhar cachaça e informações entre si e com pessoas em situação de rua. Andarilhos estão sempre sozinhos, evitando até mesmo a companhia com outros semelhantes. Na vida dos andarilhos há um clima de persecutoriedade, por conta dos perigos das estradas, o que os faz ter desconfiança e temor de quem se aproxima e em diversas situações em suas trajetórias (JUSTO, 2011). Desse modo, contato com outros sujeitos é breve e superficial (JUSTO, 2011). Essa solidão representa um dos principais pontos de ruptura entre os andarilhos e os espaços sociais, pois para o autor, ela representa, também, uma deserção psicossocial. O autor também afirmou que se surpreendeu ao ouvir dos andarilhos que não sentem nenhuma dor ou sofrimento por estarem sós e que não teriam nenhuma parceria em suas caminhadas, porque podem atrapalhá-los.

Andarilhos de estrada têm velocidades e tempos distintos de “trecheiros”. Os andarilhos gastam dias ou semanas para cruzar de uma cidade a outra, e passam dias sem conversar com ninguém. “Trecheiros” passam por algumas cidades em apenas um dia por usarem ônibus interurbanos e têm contato com muitas pessoas nas rodoviárias e nas ruas.

Desta maneira, andarilhos de estrada e “trecheiros” têm em comum o deslocamento constante, porém, guardam especificidades importantes (NASCIMENTO; JUSTO, 2015). Percebemos, ainda, que até mesmo a diferença entre a produção acadêmica sobre andarilhos e “trecheiros” é, qualitativamente, diferente. Existe uma produção bem menor acerca do primeiro do que o segundo.

2.2. Mobilidade, errância e suas características

A mobilidade é um fenômeno multifacetado estudado de modo transdisciplinar, presente em todas as áreas do conhecimento, e analisada, por exemplo, desde cálculos referentes à locomoção até nas relações internacionais para discutir as fronteiras. Na área da Psicologia, o manual com as principais diretrizes sobre a mobilidade humana no Brasil são as **Referências técnicas para a atuação de psicólogos (os) em políticas públicas de mobilidade humana e trânsito** (CFP, 2018) distribuído, gratuitamente, pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) em parceria com o Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP). Apesar de apresentar algumas considerações sobre a mobilidade em geral, seu principal foco é o trânsito. Por conta de sua transdisciplinariedade, o manual parte da diretriz de que a mobilidade é um termo de difícil conceituação, não sendo fechado ou estrito, conforme reafirma em Macedo:

Mobilidade como atributo humano desengana aos afoitos por sinônimos. O termo também está ‘entre’. Não é trânsito, mas faz parte dele, não é deslocamento, mas o compõe, associa-se à locomoção, mas ainda não é exatamente isso. Longe dos conceitos e de jargões panfletários ou estigmatizadores das normas, de sinônimos equivocados e de definições padronizadas, mobilidade é também evasão e pode ser vista a um só tempo como possibilidade e como ação, como desejo e reparação, como lugar e não-lugar, como itinerância e modo de subjetivação (MACÊDO, 2010, p. 207 apud CFP, 2018, p. 42).

As mobilidades geográficas e psicossociais tendem a se intensificar na atualidade. São muitos os autores que, de várias perspectivas teóricas e disciplinas científicas, enfatizam a condição de mobilidade que afeta a constituição do sujeito e os processos de subjetivação no mundo atual. Augé (1994) caracteriza a hipermodernidade, tal como ele denomina a contemporaneidade, como produtora de “não lugares”, isto é, produtora de espaços de

passagem, de trânsito, espaços não identitários, dessubjetivantes, propulsores do anonimato e fortemente administrados por uma racionalidade e por controles que dispensam interações, ações autônomas e tomadas de decisão por partes daquele que neles circulam.

Virilio (1996), considera a velocidade, a agilidade nos deslocamentos, o elemento constituinte fundamental das sociedades contemporâneas. Por isso, utilizou o radical grego “Dromo”, que significa corrida, velocidade, como núcleo conceitual de suas reflexões e análises sociais e políticas. Derivou do radical “dromos” termos tais como dromopolítica, dromopoder, dromologia, e outros para enfatizar sua tônica na mobilidade e velocidade como lógica de organização da sociedade, da política, da economia e até das estratégias de guerra.

Para Maffesoli (2001) o movimento é um fenômeno intrínseco à existência humana. Segundo ele, o ser humano é movido por uma “pulsão à errância” que o incita ao nomadismo, a procurar incessantemente outros lugares, a buscar o desconhecido, a se lançar às aventuras e explorar outras formas de vida e lugares para se viver. Baudrillard (1991) enfatiza a figura do simulacro, um ser desencarnado, desenraizado, sem qualquer referencialidade, que poderíamos entender como o ser da possibilidade de movimentações radicais geográficas, sociais, culturais e psicológicas.

Levy (1996) conecta o homem contemporâneo às tecnologias de virtualização da realidade, retirando-o de uma existência atual, presente, material, para colocá-lo num estado de potência capaz de renová-lo a cada aparição. O homem virtual, enquanto força, enquanto potência, pode ser entendido como o extremo de um ser flutuante, errante, desterritorializado e circulante pelas redes de comunicação.

Castells (1999) é outro autor que ao enfatizar a importância das tecnologias de informação e de comunicação na atualidade, sugere a imagem de um homem circulante pelas redes, um caminhante que se faz e que é ao mesmo tempo governado, mediante rotas pelas quais transita no mundo informacional digitalizado. Harvey (1992) destaca a condição de compressão tempo-espaco construída pela humanidade, como sendo produtora experiências de instantaneidade, de vidas em trânsito, aceleradas, capazes de circularem por espacialidades e temporalidades distintas e remotas, no entanto, ao alcance de cada um.

Hall (2016), discutindo a constituição da identidade cultural na pós-modernidade, tal como ele denomina o contemporâneo, acentua que as identidades atuais são múltiplas e flexíveis podendo resultar em condutas díspares e contrastantes entre si ou até mesmo incoerentes, diferentemente da clássica identidade una e estável, tal como ocorreu em outros momentos da história da civilização ocidental. Sendo assim, poderíamos pensar em identidades nômades ou em trânsitos do sujeito por núcleos de identificações diversos.

Numa perspectiva semelhante, Braidotti (2000), questionando as identidades de gênero, dentro de uma perspectiva pós-estruturalista e do movimento feminista, propõe uma total ruptura com epistemologias e modelos teóricos que aprisionam a subjetividade em normatividades totalizantes e cristalizadoras e a abertura para saberes nômades capazes de apreender a emergência, nos tempos atuais, de nomadismos existenciais ou de sujeitos nômades. Baseando na obra dessa autora, Palaisi (2018) entende o sujeito nômade, enquanto sujeito epistêmico, como aquele capaz de transitar por diferentes áreas do conhecimento e saberes, produzindo descentramentos e criando contra-espços (cognitivos, sociais, afetivos, geográficos) em relação aos espaços instituídos e estabilizados.

Enfim, o que é comum a esses e outros tantos autores é o acento que colocam na contemporaneidade como um mundo que incita a movimentação, a deambulação, deslocamentos, buscas incessantes de outros lugares, desejos e sensações, tornando o ser humano um *Homo viator*, conforme assinala Maffesoli (2001, p. 87). Segundo as próprias palavras desse autor:

A fim de domesticar o termo, foi possível falar de mobilidade. Essa mobilidade é feita das migrações diárias: as do trabalho ou as do consumo. São também as migrações sazonais: do turismo e das viagens, sobre as quais é possível prever um importante desenvolvimento. É ainda a mobilidade social ou os deslocamentos maciços de populações induzidas pelas disparidades econômicas. (MAFFESOLI, Ibidem, p.29).

Nesta complexidade, as diferentes formas de mobilidade humana se manifestam em uma grande variedade, e são caracterizadas e nomeadas conforme seu tipo de movimento, sua representação e sua prática (CRESSWELL, 2010). “A mobilidade faz dos seres humanos detentores da arte de se movimentar: instalam-se, mudam, viajam, peregrinam, exilam-se, fazem movimentos pendulares, fazem trabalho volante, praticam turismo, fogem, aventuram-se, guerreiam e assim por diante”. (ESPÓSITO, 2017, p. 16).

Dentre diversas formas de viver a mobilidade ou subjetivá-la, a errância é a forma de mobilidade que subjetiva os andarilhos de estrada. Ela é um caminhar aleatório, sem rumo, sem trajetória, sem planejamento, sem ponto de chegada ou destino específico (JUSTO; NASCIMENTO, 2005; JUSTO, 2005, 2011; BLAIR, 2019). Possui pouca visibilidade, tanto social quanto científica, porém, a radicalidade levanta muitas interrogações e possibilita uma compreensão profunda da lógica da mobilidade, do nomadismo ou da dromologia que opera intensamente na atualidade.

Apesar de parecer livre e aleatória em suas vontades, também está sujeita às políticas de mobilidade, que segundo Cresswell (2010) agem como forças de controle do ritmo,

velocidade, atrito, etc. A mobilidade acessada como recurso de modo diferente conforme poder monetário, também está sujeita às influências de classe social, simbólica e ideológica. Os andarilhos de estrada e trecheiros vão “na contramão” das formas sedentarizadas da vida (JUSTO, 2011). Essa forma de movimento opera resistência contra as ordens hegemônicas de poder e culturas instituídas (BLAIR, 2019). Para Almeida (2018), a errância vai em contraponto às formas sedentarizadas do discurso tecnocientífico colonizador e possibilita diferentes formas de se habitar a língua.

Até mesmo a mobilidade desenfreada, como a errância, pode ser considerada como um agravante ligado a transtornos mentais. No DSM-V (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014), o diagnóstico é dado como complementar de algum transtorno mental, e afirma como sintomas desde as ações desastrosas de um sujeito que não percebe os obstáculos à sua frente, ao desejo de sair/fugir de uma instituição na qual se encontra o sujeito, ou até mesmo efeitos colaterais de medicamentos.

V40.31 (Z91.83) Perambulação Associada a Algum Transtorno Mental

Esta categoria é usada para indivíduos com algum transtorno mental cujo desejo de vagar leva a preocupações de controle clínico ou de segurança significativas. Por exemplo, pessoas com transtornos neurocognitivos maiores ou transtornos do neurodesenvolvimento podem ter uma tendência de perambular sem rumo que as coloca em risco de quedas, e a abandonar locais supervisionados sem o acompanhamento necessário. Esta categoria exclui indivíduos cuja intenção é fugir de alguma situação de abrigo indesejada (p. ex., crianças que fogem de casa, pacientes que não desejam mais permanecer no hospital) ou aqueles que caminham ou andam de um lado a outro em consequência de acatisia induzida por medicamento.

Nota para codificação: Codificar primeiro o transtorno mental associado (p. ex., transtorno neurocognitivo maior, transtorno do espectro autista) para, então, codificar V40.31 (Z91.83) perambulação associada a [transtornomental específico]. (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p.727).

Sabendo como as estruturas dessas instituições são apresentadas por Foucault (2014) e Goffman (2017) como espaços prisionais e disciplinadores, até a reação oprimida de fugir, desertar e escapar está no clivo da medicalização da vida. Segundo os resultados de pesquisa de Justo (2011, p.193), a errância traz alívio do sofrimento psíquico aos andarilhos de estrada, contrapondo à ordem estabelecida de cuidado à saúde mental baseada em um enclausuramento da lógica hospitalar e psiquiátrica. Nascimento (2012) expõe que diversas instituições de acolhimento no Brasil estão ligadas às formas de controle da circulação de andarilhos de estrada, restringindo-a, mas permitindo-a em certos limites para fins de poder, como veremos a seguir.

2.3. Instituições: Assistência Social, Saúde e Normalização do Social

Além das pesquisas apresentarem os andarilhos de estrada e suas características culturais, muitos artigos focam em mostrar suas relações com diferentes instituições. Mesmo sendo desertores sociais, estando longe das áreas urbanas e sem muito contato com outros sujeitos, os andarilhos de estrada sofrem grande influência das instituições em suas vidas. A tese de Nascimento (2012) apresenta que as ações normalizadoras efetivadas por estabelecimentos institucionais sobre os corpos dos andarilhos são responsáveis pela manutenção de sua errância e caminhadas pelas rodovias, já que nas estradas não apresentariam perigo ao status quo social vigente. Esta tese também serviu de base para a publicação de diferentes artigos que estão detalhados ao longo desse texto.

O título “Assistência social e práticas institucionais no atendimento a andarilhos de estrada” (NASCIMENTO; JUSTO, 2014a) aborda o tratamento recebido por pessoas que querem se albergar em instituições que funcionam como casa de passagem, ou seja, oferecem abrigo, pernoite, higiene e comida a esses sujeitos por um número pequeno de dias. Andarilhos de estrada raramente recorrem a esse tipo de serviço assistencial, mas o procuram em caso de extrema necessidade (JUSTO, 2011; JUSTO; NASCIMENTO, 2012). Independentemente de serem andarilhos de estrada, pessoas em situação de rua ou itinerantes, os candidatos a uma vaga para se albergarem nesses estabelecimentos institucionais precisam se submeter a regras de obediência e de vistorias aos seus corpos e pertences. A pesquisa que promoveu o artigo foi feita em 4 estabelecimentos institucionais em cidades distintas que funcionam como casa de passagem, 2 de funcionamento municipal e 2 mantidos por entidades filantrópicas. Foram feitas entrevistas semiestruturadas aos diligentes desses lugares. A pesquisa apontou que, apesar de serem instituições que não têm ligação uma com a outra, funcionam de modo similar, por meio da disciplina que regula o tempo, o espaço e ações de seus usuários. Todas impedem que o usuário tenha em seus pertences bebidas, armas e instrumentos que possam ser perigosos. Mesmo após tais objetos serem jogados fora, todos os outros pertences dos usuários ficam sob domínio do estabelecimento e são devolvidos depois que estiverem saídos do ambiente institucional. Eles têm regras de horários para cumprir dentro da instituição. Precisam estar em determinados locais para atividades específicas conforme a hora e são impostas diferentes regras de silêncio concordante instituição.

Os autores apontam essas ações sobre os corpos desses usuários como forma de normalizar suas vidas e entendem que até mesmo o ato de fazer andarilhos de estrada circularem seja uma estratégia de controle a eles.

No caso específico dos andarilhos de estrada, isso significa dizer que a ação normalizadora opera nessa lógica de funcionalidade e os coloca em movimentação pelas rodovias por ser um lugar onde não oferecem perigo ao status quo social, ainda mais quando podem ser inspecionados, periodicamente, pelas instituições que lhes prestam assistência temporária. A errância, aliás, representa aqui a efetividade da norma, pois, no processo normativo o que ocorre é uma equiparação entre coisas contrastantes e esse procedimento possibilita o trabalho de homogeneização e uniformização das heterogeneidades, garantindo sua continuidade (Nascimento et al., 2009). É nesse sentido que o biopoder expande sua ação nos programas de bem-estar social, profissionalizando o serviço assistencial para servir de ferramenta de manobra aos interesses políticos do Estado, no sentido de manter as estratégias de controle e administração dos corpos na vida em sociedade (NASCIMENTO; JUSTO, 2014a, p.575).

No artigo intitulado “Entidades filantrópicas e religiosidade na compreensão da errância no contemporâneo” (NASCIMENTO; JUSTO, 2014b) parte integrante da mesma pesquisa do artigo anterior, os mesmos autores focam em saber qual é a interpretação dos dois estabelecimentos institucionais filantrópicos religiosos sobre os andarilhos de estrada. Um deles é um albergue espírita kardecista e o outro é católico apostólico romano. As interpretações religiosas acerca dos andarilhos de estrada em ambas religiões estão pautadas em uma missão de ordem divina que precisam fazer pela Terra.

A visão espírita, segundo os entrevistados, acredita que essa condição está relacionada às vidas passadas. Durante a vida anterior, o sujeito que hoje é um andarilho teria sido alguém um rico que abusou dos prazeres, das riquezas e fez mal aos outros. Nesta vida, ele tem que pagar pelo mal que fez na anterior. Na visão católica, segundo o entrevistado do artigo, os andarilhos são o resultado de uma má distribuição de renda, e por meio da religião é possível aceitar sua condição e aliviar seu sofrimento. Ambas visões têm certo conformismo sobre as condições de vida dos andarilhos e acreditam que ela deve ser mantida por ser uma vontade divina.

Na entidade filantrópica espírita, há uma oração noturna professada por kardecistas praticantes como forma de purificação dos albergados. Acreditam que quando chegam alcoolizados ou em outras condições, podem estar cheios de “encostos”. Após a oração, os entrevistados desse espaço dizem que os sujeitos se sentem melhores porque ficam livres desses espíritos que os acompanhavam.

Os autores se baseiam no que Foucault (2008) chama de poder pastoral, responsável por conduzir os sujeitos à obediência e conformidade ao bom caminho de Deus, para que eles

possam seguir adiante com suas vidas e fazer sua missão na Terra dentro da vontade divina. A entidade filantrópica católica pesquisada abre espaço para outras religiões se reunirem e para fazerem cultos ecumênicos. Esses cultos propõem que, apesar de sofrerem por questões de desigualdade social, o sujeito precisa se manter firme na fé cristã para que após sua morte possa ser recompensado ao invés de receber sofrimento eterno. Ambos os espaços têm como objetivo aliviar o sofrimento imediato dos seus usuários e colocá-los em direção divina. Tais estabelecimentos institucionais não se preocupam em dar promoção social aos albergados que por lá passam, nem mesmo ajudá-los com outras formas de mudança de modos de vida. Estão focados em manter o poder pastoral de ajudá-los em sua missão na Terra para que um dia possam ser bem amparados na vida após a morte.

Nascimento e Justo discutem em “ Andarilhos de estrada e os serviços sociais de assistência” (2014c) que os serviços prestados aos albergados por esses mesmos quatro estabelecimentos institucionais são apenas paliativos e de ajuda imediata. Separaram a análise temática em dois eixos: serviços básicos, relacionados à alimentação, higiene e estada, e serviços alternativos, relacionados a cuidados paliativos de saúde, como triagens psicológicas, terapia ocupacional e encaminhamentos ao pronto-socorro e outros serviços da cidade.

Nascimento e Justo fazem uma crítica radial a essas instituições que, ao servirem apenas ajuda paliativa e imediata, e não construírem medidas singulares para melhorar os atendimentos e se atentarem às reais necessidades desses sujeitos, acabam por contribuir para a manutenção da miséria. Afirmam também que essas unidades assistenciais são estratégicas para os interesses do Estado, que só consegue manter o status quo vigente fazendo a manutenção dessa miséria e atuando no controle dos corpos desses sujeitos. Por meio de práticas disciplinares, esses estabelecimentos atuam na normalização social desses corpos a fim de diminuir os riscos que representam. Fazê-los continuar suas vidas nas estradas diminui a probabilidade do risco de estarem representando incômodos ou perigos para residentes da cidade nas praças e em demais localidades urbanas e faz com que o gasto com esses sujeitos seja mínimo, pois é mais barato dar-lhes um pernoite do que institucionalizá-los em estabelecimentos de longa permanência, como asilos ou hospitais psiquiátricos ou albergues de acolhimento permanente.

Em “Andarilhos de estrada segundo os relatos de trabalhadores assistenciais” (NASCIMENTO; JUSTO, 2015), os autores mostram a visão de dirigentes, voluntários e profissionais das instituições estudadas sobre os andarilhos de estrada. O objetivo foi mostrar como esses sujeitos inseridos nessas instituições compreendem o fenômeno da errância. Os

autores utilizaram entrevista semiestruturada com sete participantes que trabalhavam nos espaços institucionais já citados nos outros artigos.

Os resultados mostraram que os entrevistados associam o modo de vida dos andarilhos de estrada à vagabundagem, doença mental e desestruturação familiar. Eles têm visões homogeneizantes e pré-determinadas, que os fazem tratar todos de modo similares sem se atentarem para as necessidades de cada um. Além de compreenderem ou ignorarem os motivos singulares que levam os andarilhos de estrada para a errância. Ignoram as diferenças entre pessoas em situação de rua e os andarilhos de estrada. Mesmo sendo pessoas que trabalham com sujeitos específicos, elas têm compreensões baseadas no senso comum e visões simplistas. Também não aceitam o estilo de vida dos andarilhos de estrada. Como estes não seguem um padrão de vida normativo, eles prediagnosticam os sujeitos como loucos, alcoolistas ou usuários de outras drogas. Creem que, por saírem de sistemas prisionais e outras instituições, sejam vagabundos que não querem trabalhar. Acreditam que a ruptura familiar como um dos principais motivos de desencadeamento da errância. Os autores afirmam que, se os funcionários fossem capazes de ouvir e compreender de fato a vida dos andarilhos de estrada, seguramente saberiam que o retorno a família ou a busca pelo trabalho fixo não solucionaria a complexidade da problemática desses sujeitos. Assim, os dirigentes ficam em uma zona de conforto onde oferecem apenas ajudas imediatas. Os autores propõem que esses estabelecimentos institucionais sejam repensados para serem menos homogêneos, e que assim, os sujeitos sejam de fato atendidos em suas reais necessidades. O artigo se torna importante texto para repensar práticas endereçadas aos atuais e futuros profissionais da assistência que irão atuar em instituições similares as que estão presentes na pesquisa desses artigos.

Em “Andarilhos de estrada e acesso institucional” (NASCIMENTO, JUSTO; 2016) é apresentado como é dado o acesso de andarilhos de estrada aos estabelecimentos institucionais conhecidos como albergues ou casas de passagem. Como já dito, andarilhos de estrada só adentram as cidades em casos de muita necessidade, como por exemplo, casos estejam feridos, precisem tratar alguma doença, em casos de muita fome ou mesmo precisando de mudas de roupas. Os andarilhos de estrada são encaminhados aos albergues de distintas formas: ou chegam por vontade própria pedindo informações sobre onde fica o albergue nas cidades ou são encaminhados por rondas da polícia militar ou da guarda municipal, ou ainda as próprias concessionárias das rodovias os levam aos locais. Em alguns casos, os albergues os acolhem em trocas de certos favores ou trabalhos de manutenção do

próprio local, fazendo-os trabalhar de graça. Depois de um pernoite ou dois dias institucionalizados, os andarilhos de estrada costumam voltar para as rodovias.

Andarilhos de estrada caminham por diversas rodovias pedagiadas. Nascimento e Justo (2018) analisaram em “Concessionária de rodovia e estratégias de controle: o caso dos andarilhos de estrada” as formas de tratamento dadas aos andarilhos de estrada pelas concessionárias que administram essas rodovias. Constataram que elas elaboraram diferentes estratégias complementares para controlar o fluxo deles e assim fazer gestão dos riscos que podem representar aos motoristas que viajam nessas estradas. Por meio de câmeras, funcionários da concessionária monitoram todos os trechos da rodovia e a detectam ações que estão acontecendo na estrada. Em muitos casos, um funcionário da equipe vai averiguar o andarilho de estrada, registrando seu nome para saber a frequência que ele anda naquela região, e para saber se o sujeito não está em condições para continuar a fazer sua caminhada. Os autores acreditam que essas práticas de anotar os andarilhos que passam seja uma forma de fazer um dossiê sobre suas verdades e assim poder fazer ações mais efetivas sobre eles. Separa-os entre normais que podem caminhar pelas estradas depois de averiguados e anormais que precisam ser encaminhados para serviços da assistência social da cidade mais próxima de onde foi encontrado.

Para esses autores, esses estabelecimentos institucionais tendem a normatizar os modos de vida que não são sedentários. A partir das leituras de Foucault (1985), Debord (1991) e Castel (1998), Nascimento et al (2009) apontam que, apesar de todos os sujeitos serem disciplinados de alguma forma, os andarilhos escapam de sutis processos de normalização. A normalização social possibilita a diminuição dos perigos causados àquele e por aquele sujeito, os torna produtivos, eficazes e fixa os errantes (NASCIMENTO; JUSTO; FRANÇA, 2009). Eles são desfiliaados sociais, errantes que não querem moradia fixa. Sua aparência e performance são negativas e estão o desinstitucionalizados de diversas instituições (longe da família, trabalho, moradia, assistência social, etc.).

Sobre os andarilhos escaparem de práticas de normalização do social, Freitas et al (2018) fazem aproximações entre seus modos de vida e as práticas queering. Os autores fazem esse comparativo, alegando que os andarilhos de estrada e trecheiros não reproduzem um padrão sexual estabelecido porque praticam seus atos sexuais em espaços públicos, muitas vezes imundos, e não executam as assepsias prévias e posteriores ao sexo, nem mesmo os atos de higiene diários. Afirmções que foram feitas sem pesquisas sobre, utilizando de um imaginário do senso comum acerca da questão.

Neste artigo percebemos uma questão muito delicada no que se refere a andarilhos de estrada e trecheiros: uma estereotipização e generalização (até mesmo uma padronização) de comportamentos que foram deduzidos. Os próprios autores padronizam práticas como características desses sujeitos, estabelecendo o contrário de um dos objetivos do que queriam fazer, que seria desconstruir visões estereotipadas a partir da teoria Queer. O próprio artigo aponta que tais questões de sexualidade em andarilhos de estrada nunca foram estudadas, o que torna o trabalho escrito especulativo.

No campo da Saúde, “Errância e Delírio em Andarilhos de Estrada” (JUSTO; NASCIMENTO, 2005) é um artigo que trata, particularmente, de questões psicossociais relacionadas aos andarilhos de estrada. Discute, especificamente, a relação entre loucura e a ida para as estradas e aponta que muitos dos delirantes são egressos de hospitais psiquiátricos, ou que saíram de suas casas por questões de delírios para vagar sem rumo. Os autores explicam que os andarilhos como verdadeiros dromomanes, nome dado aos desertores do antigo regime francês e que em psiquiatria significa mania deambulatória (dromomania). Também afirmam que muitos andarilhos de estrada estão há um longo período de isolamento nas rodovias. Por conta disso não é incomum serem encontrados com manifestações de persecutoriedade, delírios, ou agravantes destes por conta do consumo abusivo de álcool. Dentre os entrevistados pelos autores, há andarilhos que acreditam ter recebido uma missão divina e vagam para que ela possa se cumprir. Os autores fazem um comparativo da ação de realizar movimentos errantes com a loucura, se baseando em Calligaris (1989) que diz que a psicose é como uma errância subjetiva. Afirmam, também, que nas manifestações psicóticas mais agudas, as sensações e pensamentos são dominados pelo delírio, sendo este um sintoma também interpretado como manifestação inconsciente do sujeito. Aborda seus desejos e, segundo os autores, tem uma função restauradora do mundo interno. Mostram pelos relatos de pesquisa que os andarilhos vivem melhor com seus delírios nas estradas do que institucionalizados em hospitais psiquiátricos ou trancados em outras instituições.

Em “Saúde mental em trânsito: Loucura e a condição de itinerância na sociedade contemporânea” (JUSTO, 2000) é discutido o modelo manicomial e como ele não funciona para proporcionar qualidade de vida aos seus usuários. Explica que o modelo manicomial não cobre uma demanda do contemporâneo pois a mobilidade é acentuada nele. Apresenta que os tradicionais estabelecimentos institucionais não comportam a vida em trânsito. Aponta que o contemporâneo é formado no trânsito, diferente de uma sociedade disciplinar pautada na vida focada em estabelecimentos institucionais, bem estabelecida em locais bem determinados. Esse texto aponta que existe uma incompatibilidade das atuais formas de saúde mental com a

demanda do contemporâneo de estar em constante trânsito. Além do mais, o artigo aponta depoimentos de dois andarilhos de estrada, Senhor Felipe e Dona Quitéria, que tem manifestações típicas de psicoses, como delírios. Ambos disseram viver muito bem no trecho, que conseguem prover alimentação e vestimentas. Dona Quitéria ainda afirmou que vive melhor no trecho do que quando vivia como empregada doméstica.

Há outro artigo que, apesar de não abordar a questão dos andarilhos de estrada, o intitulado “ ‘Batman’: Um andarilho dardejante e a Atenção Psicossocial” (MUNIZ et al, 2017) sinaliza algumas dimensões da esfera do cuidado com pessoas que fazem movimentos errantes. O texto apresenta o relato de caso de um usuário de um CAPS 24 horas do Rio de Janeiro chamado de “Batman”, que está começando a fazer movimentos errantes e tem vontade de sair andando aleatoriamente. Ele é um jovem de 20 anos que, constantemente, perambula sem rumo pela cidade e comumente tem dificuldades de achar o caminho de volta para sua casa. Similar aos andarilhos de estrada de nossos estudos e levantamentos bibliográficos, “Batman” também tem delírios de grandeza, acreditando ser um super-herói. Em outro ponto, as autoras relatam que este sujeito tem uma mãe com esquizofrenia que matou seu pai. Problematicam que seus movimentos errantes podem ser formas de se ausentar do seu imaginário familiar de violência, da morte do seu pai e da loucura de sua mãe. A diferença entre “Batman” e nossos sujeitos de pesquisa é que ele faz movimentos errantes dentro da própria cidade. Não tem desejo de ir andar nas estradas, mas pensa em um dia ir a São Paulo.

As autoras partem do pressuposto, tal como a reforma psiquiátrica italiana, de que a “produção de vida” é o instrumento dos profissionais de saúde. O desafio que este artigo expõe é de como oferecer cuidado sem impedir a autonomia do sujeito, sem aprisioná-lo e sem limitar que ele possa andar, livremente, pela cidade quando desejar. Os trabalhadores do CAPS construíram junto a esse usuário pequenas medidas, como avisar alguém previamente a direção que está indo, carregar consigo seus documentos e mostrar para ele outros aparelhos que ele possa acessar conseguindo seus medicamentos quando estiver longe de casa. A equipe, como sinaliza as autoras, trabalha sua segurança sem ser responsável por ela, caso contrário tiraria a autonomia desse sujeito. Este artigo assim nos faz refletir que se “Batman” não tivesse o cuidado do CAPS, ele seria um andarilho de estrada pelas rodovias do Brasil? Quando entramos em contato com Muniz por e-mail, ela nos relatou que a última notícia que ficou sabendo de “Batman” é a de que ele foi vagar pelas estradas.

2.4. Risco, modernidade e andarilhos de estrada

O conceito de risco é uma noção moderna de que certas ações podem gerar consequências indesejadas pela atuação humana ou da natureza no mundo físico (GIDDENS, 1991; SPINK, 2001, 2002; BECK, 2015; DUTRA, 2015). Na pré-modernidade, acreditava-se que essas consequências eram decorrentes do destino, de vontades divinas ou da própria sorte (GIDDENS, 1991; SPINK, 2001; BECK, 2015; DUTRA, 2015).

Na modernidade, os riscos foram identificados em todas as áreas da vida. Beck (2015) chama nossa sociedade de *Sociedade dos Riscos*, enquanto Castel (2005) diz que podemos chamá-la de *Sociedade Securitária*. Giddens (1991) explica que a definição de risco e o desenvolvimento de sistemas peritos capazes de miná-los são consequências da modernidade. Para Le Breton (2009), nas sociedades ocidentais a organização cultural busca criar diferentes códigos de conduta para promover segurança. As instituições modernas tentam cumprir um papel de mitigação dos riscos (GIDDENS, 1991; CASTEL, 2005). Esses teóricos citados apresentam que os riscos são um tema central para a discussão da Modernidade.

Conforme acentua Dutra (2015), o termo “risco” traz consigo várias concepções que são associadas ao sentido de probabilidade e incerteza. Antecipam, como um alerta, a possibilidade de ocorrência de um evento ou acontecimento, normalmente tido como nocivo, prejudicial ou devastador. No campo das preocupações socioambientais, assolado pelas ocorrências de grandes acidentes e desastres produzidos pela natureza, pelo ser humano ou numa mescla de ambos, predomina uma visão objetivista de risco e perigo voltada para a produção de cálculos probabilísticos precisos e para a tomada de medidas preventivas capazes de reduzir o risco próximo à zero.

A *percepção dos riscos e perigos* na modernidade tem grande enfoque nos fenômenos ecológicos, econômicos, nas ameaças terroristas e nas guerras (GIDDENS, 1991; BECK, 2015), sendo relacionado a perigo, probabilidade e prevenção envolvendo violências, doenças, economia e meio-ambiente (SPINK, 2001, 2002).

Quando uma catástrofe relacionada a estes fenômenos ocorre em alguma parte do globo, ela atinge a vida em escala global. Podemos dar como exemplo os casos da alta da gasolina provocados por uma crise no Oriente Médio, o alerta preocupante de derretimento de calotas polares causado pelas mudanças climáticas, ou mesmo a sensação de terror em sujeitos em todo parte do mundo em decorrência a um ataque terrorista, mesmo que em um local ou alvo específico.

Para Giddens (1991) a modernidade produz de *desencaixes*, isto é, relações sociais que são retiradas de seu local de origem e transportadas para outros, fenômeno esse que se acentua com a globalização. Ele pontua que tais desencaixes favorecem o aparecimento de riscos, perigos e de sentimentos como desconfiança e insegurança. Conforme o autor: “Por desencaixe me refiro ao ‘deslocamento’ das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço” (p.29).

No processo de desencaixe, aquilo que é proveniente de um lugar específico gera incertezas, desconfiança e sensações de risco e perigo. Por isso, os sujeitos precisam de alguma chancela capaz de ultrapassar espaços e tempos locais e produzirem credibilidade em espacialidades e temporalidades distantes entre si. Tais chancelas, Giddens (1991) chama de “fichas simbólicas”, emitidas por “sistemas peritos” encarregados de dar as garantias àquilo que circula um lugar a outro.

Certificados, selos, diplomas e tantos outros documentos emitidos por entidades especializadas são exemplos de tais fichas. As agências de classificação de risco de crédito, tão respeitadas no mercado financeiro, são outro grande exemplo de sistemas peritos na atualidade. Os diplomas de profissionais pendurados em paredes de consultórios e de escritórios de trabalho são outro exemplo bastante presente no cotidiano. A garantia de segurança gerada por esses sistemas peritos são responsáveis a confiança que os leigos depositam em diferentes campos da vida.

A *segurança* é a mitigação ou anulação dos riscos. A *confiança*, por sua vez, se diferencia da noção de crença, pois ao contrário de uma fé cega depositada nesses sistemas, na modernidade, os sujeitos sabem, implicitamente, que há um risco a se correr. Ou seja, a crença está relacionada a acreditar em uma certeza que algo vai acontecer sem nem mesmo avaliar os riscos. Na confiança o sujeito analisa e reconhece os riscos de se estar confiando.

A confiança está projetada em peritos que calculam a mitigação de diferentes riscos. Ela está presente desde o ato de sentar em uma cadeira desconhecida sabendo que ela não irá quebrar, até na ação de se fazer uma viagem em um carro revisado por especialistas em uma rodovia controlada por uma concessionária. A mitigação dos riscos, também, dependerá de fatores do acaso e da destreza dos gestores destes. Assim, os padrões dos riscos são institucionalizados, ou seja, fica a cargo dos estabelecimentos institucionais saberem como classificá-los e mitigá-los para prover segurança e confiança aos leigos.

Risco e confiança se entrelaçam, a confiança normalmente servindo para reduzir ou minimizar os perigos aos quais estão sujeitos tipos específicos de atividade. Há certas circunstâncias nas quais os padrões de risco são institucionalizados, no

interior de estruturas abrangentes de confiança (investimentos no mercado de ações, esportes fisicamente perigosos). Aqui a destreza e o acaso são fatores de limitação sobre o risco, mas normalmente o risco é conscientemente calculado. Em todos os cenários de risco, o risco aceitável fica sob o tópico ‘conhecimento indutivo fraco’, e há virtualmente sempre um equilíbrio entre confiança e o cálculo do risco neste sentido. O que é visto como risco ‘aceitável’ — a minimização do perigo — varia em diferentes contextos, mas é geralmente central na manutenção da confiança. Assim, viajar pelo ar pode parecer uma atividade inerentemente perigosa, dado que o avião parece desafiar as leis da gravidade. As pessoas envolvidas com o funcionamento das linhas aéreas respondem a isto demonstrando estatisticamente o quão baixos são os riscos da viagem aérea, conforme medidos pelo número de mortes por mil passageiros. (GIDDENS, 1991, pp. 36-37)

Peritos e leigos reagem de diferentes modos sobre os riscos. Dentre eles, Giddens destaca quatro *reações de adaptação* que atores sociais envolvidos direta ou indiretamente nos sistemas peritos apresentam perante os altos riscos e perigos que identificam: *a aceitação pragmática, o otimismo sustentado, o pessimismo cínico e o engajamento radical*.

A *aceitação pragmática* é uma reação de adaptação em que se aceita que há diversos fatores de risco fora de controle e sabe-se que o que pode ser planejado ou projetado é efêmero, momentâneo e em curto prazo. O autor aponta que “A aceitação pragmática não é desprovida de custos psicológicos, por razões já mencionadas. Ela implica um entorpecimento que com frequência reflete uma profunda ansiedade subjacente, que em alguns indivíduos emerge conscientemente repetidas vezes”. (p.121).

O *otimismo sustentado* está ligado à noção positiva de progresso na mitigação dos riscos com bases ideológicas que podem ser sustentadas desde pressupostos científicos a crenças religiosas. Acredita-se que a segurança pode ser mantida com pressuposto de um histórico de sucessos, relatórios que apresentados ou mesmo na fé de que nada irá dar errado.

O *pessimismo cínico* é uma reação de adaptação em que, independente da ação perante um alto risco, pensa-se que ela dará errado. Mas, como forma de expor as ansiedades de modo a tentar a suavizar o desespero, há uma resposta humorada, cínica, perante o risco. Para o autor:

O cinismo é um modo de amortecer o impacto emocional das ansiedades através de uma resposta ou humorística ou enfastiada com o mundo (...) O pessimismo não é uma fórmula para a ação, e numa forma extrema leva apenas à depressão paralisante. Combinado ao cinismo, contudo, ele proporciona uma perspectiva com implicações práticas. O cinismo tira a aspereza do pessimismo, por causa de sua natureza emocionalmente neutralizante e de seu potencial para o humor. (GIDDENS, 1991, p.122).

Enquanto, o *engajamento radical* é uma reação de adaptação em que mesmo que os riscos e perigos sejam altos e que as ações possíveis tenham alta probabilidade de fracasso é preciso que haja intensa mobilização de enfrentamento para que se possa tentar mitigá-los.

Para o autor é uma reação otimista, mas de ação contestatória e prática engajada pelo movimento social.

O mesmo autor também chama de *segurança ontológica* a crença que a maioria dos sujeitos tem na preservação de sua auto identidade e na manutenção dos ambientes a sua volta. O risco de ameaça à identidade ou a algum aspecto dela gera incerteza e insegurança nos sujeitos.

Segundo Beck (2015), pela capacidade estatística de prevenção, o risco não é gerido de modo individualizado, pois está associado ao sistema. O autor exemplifica ao mencionar as doenças de trabalho que não são atribuídas pela falta de saúde do funcionário, mas sim pela falta de organização empresarial ou falta de prevenção, etc. Do mesmo modo que, em nossa pesquisa um atropelamento, por exemplo, não fica individualizado à vítima que estava embriagada, mas é registrada como uma falha do sistema de segurança da rodovia.

As instituições disciplinares são responsáveis por gerir os riscos individuais que representam o sujeito, ou por minimizá-los para ele (SPINK, 2002). Elas atuam de forma a dar proteção aos sujeitos e/ou contê-los para que terceiros sejam protegidos deles. Elas fazem uma tentativa de transformar o sujeito de potencialmente perigoso a disciplinado, de frágil à economicamente útil. Assim, noção de risco, ainda é produzida socialmente e utilizada para fins políticos e econômicos, conforme os interesses e forças que atuam no Estado e no Mercado (CASTEL, 1987; SPINK, 2001; DUTRA, 2015; BECK, 2015).

As noções de risco, perigo e vulnerabilidade têm sido bastante desenvolvidas conceitualmente e utilizadas na justificativa e formulação de políticas públicas. No contemporâneo, os riscos são vistos como sendo produzidos em todos os campos da vida e as tentativas minimizá-los constituem importantes ferramentas de poder e gestão (SPINK, 2001). Castel (1987) apresenta que as novas estratégias de descentralização dos serviços de saúde e assistência para a ramificação em diferentes territórios a partir da segunda metade do século XX pretendem identificar e prevenir riscos. Os riscos não são o resultado de um perigo preciso trazido por sujeitos ou grupos. Eles são identificados previamente sob a análise ou cálculo estatístico de inúmeros fatores correlacionados.

As novas estratégias médico-psicológicas e sociais se pretendem sobretudo preventivas, e a prevenção moderna que, antes de tudo, rastreadora dos riscos. Um risco não resulta da presença de um perigo preciso, trazido por uma pessoa ou um grupo de indivíduos, mas da colocação em relação de dados gerais impessoais ou fatores (de riscos) que tornam mais ou menos provável o aparecimento de comportamentos indesejáveis. Pode haver aí associações de risco, quer dizer, correlações de fatores independentes (p. 125).

Risco e perigo são noções associadas a sentimentos que, juntos, possuem bastante força e poder para influenciar condutas e relações sociais. Por isso são utilizadas e manejadas de várias maneiras dentro de jogos de poder, o que precisa ser levado em consideração e reconhecido, inclusive nas pesquisas. Podemos entender a gestão dos riscos como instrumento de dominação ou de resistência, dependendo de como, por quem e com qual propósito é conduzida.

A partir da noção de que risco é um conceito que emerge para possibilitar algum controle sobre o futuro, Spink (2001, 2002) o apresenta em duas vertentes: a *prevenção* e a *aposta*. A primeira é ligada ao mecanismo de controle da norma definida estatisticamente. A segunda, ao comportamento de tomada de decisão. Esta última está ligada ao que a autora define por *risco-aventura*, a capacidade individual correr riscos por vontade própria, como por exemplo, ao apostar, fazer aplicações financeiras de alto risco, praticar esportes radicais, aventurar-se, etc.

Le Breton (2009) critica teóricos como Giddens e Beck por apenas associarem o risco como fator negativo, presença de perigo, medo e catástrofe. O autor apresenta que os sujeitos fazem condutas de riscos em um jogo com a morte para que o sentido de vida seja reestabelecido ou potencializado. Dá como exemplo os sujeitos se aventuram, praticam esportes radicais e até cometem atos extremos de alto risco de morte para que haja um novo sentido de viver.

Apresenta também as condutas de risco como um rito ordálico ou um rito de passagem para se adentrarem a grupos ou para serem vistos de forma diferentes na sociedade. O autor dá como exemplo os jovens que, como ato simbólico para se sentirem adultos, maduros ou valorizados fazem diferentes atos de risco como correr em alta velocidade, usar drogas, praticar furtos e etc. Esses atos perigosos os colocam frente a frente com o risco para que, caso obtenham êxito, não se sintam mais como imaturos ou adolescentes.

Ao apresentar essas condutas, o mesmo autor mostra que para os sujeitos o risco é subjetivo e cultural. Em diferentes situações ou condutas de risco, a racionalidade está em segundo plano diante dos afetos e desejos.

Para Cooper (2003) risco é, essencialmente, a construção subjetiva que se refere a possibilidade de prejuízo ou perda em situações particulares. As percepções pessoais dos riscos são determinadas por muitos fatores, incluindo a personalidade, comportamentos, atitudes, predisposições, vivências anteriores e pelos grupos que os sujeitos estão inseridos. Como cada sujeito é singular, ele não, necessariamente, perceberá e/ou analisará um risco do mesmo modo que os outros. Quando o risco é identificado, os sujeitos podem ter reações

diferentes a ele. Podem, por exemplo, ignorá-lo, ter a ilusão de controle em relação a situações que são incontroláveis, ou mesmo outros podem achar no risco um fator estimulante para testar suas habilidades e experiências.

Para o mesmo autor, há aqueles que não percebem o risco por falta de conhecimento prévio sobre a existência deles. A percepção é um mecanismo que o sujeito desenvolve, conforme seu envolvimento com o meio externo. Em conjunto a sua personalidade, disposição, atitudes e experiências prévias, a percepção determina uma resposta comportamental. Desse modo, a percepção é vital para os instintos de sobrevivência.

Sentimentos de risco e perigo se alastram fazendo com que todos se percebam expostos a riscos específicos no cotidiano, relacionados ao trabalho, vida amorosa e sexual, a atividades de lazer e esportivas, dentre tantas outras. Para os propósitos da presente pesquisa interessam os sentimentos de risco e de perigo decorrentes das atuais condições de mobilidade.

O que interessa destacar é que a mobilidade e os desencaixes estão, intrinsecamente, relacionados com a produção de sentimentos de risco e de perigo. Os andarilhos de estrada vivem, praticamente, desencaixados. Abandonaram a vida sedentária, estabelecida das cidades, para se lançarem a movimentações errantes sem se assentarem novamente em outro lugar. Além disso, não portam qualquer ficha simbólica – em muitos casos sequer os documentos pessoais – e nem têm acesso e conhecimento das fichas daqueles com os quais se relacionam nas estradas. Nesse sentido, estão, radicalmente, expostos a riscos e perigos da mobilidade, tendo que enfrentá-los sem qualquer garantia e apoio de sistemas peritos.

Em muitos espaços rodoviários vivenciados pelos andarilhos a gestão é feita pelas concessionárias de rodovias e pelas polícias rodoviárias (estaduais e federal) que adotam estratégias de prevenção para conter os riscos de acidentes de trânsito. Ao analisar a BR 163 no Mato Grosso, Almeida et al (2009) apontam que os acidentes de trânsito estão relacionados a um conjunto de fatores de riscos correlacionados que podem ocasioná-los. Esses fatores são tanto de questões de ações humanas quanto de condições ambientais.

Os acidentes de trânsito, mesmo que se configurem como eventos não intencionais, são permeados por diversos fatores que muitas vezes condicionam sua ocorrência e sua gravidade. A complexidade dos fatores associados à ocorrência de acidentes de trânsito reside no fato de se referirem a um conjunto de circunstâncias e fatores logísticos e ambientais ligados não somente ao condutor, mas também ao veículo, à via pública, além da estrutura da fiscalização, distribuição de movimentação de pessoas e mercadorias, entre outras, muito embora, no campo do senso comum, o comportamento do motorista (ações ou omissões humanas) tem sido privilegiado entre os fatores contribuintes para o acidente, sendo estes denominados de imprudência, falha humana, ou ato inseguro do condutor (p.311).

Para Lima et al (2008), os acidentes de trânsito podem ocorrer por imprudência mútua do motorista e da vítima. Dentre as imprudências de motoristas, Mattos e Albano (2007) apontam que as causas de acidentes envolvendo veículos de cargas são múltiplas, mas pode-se afirmar que são provenientes do não cumprimento de regras estabelecidas no CTB. Afirmam ainda que quase sempre há uma infração de trânsito antes de um acidente e que suas causas raramente ocorrem de forma isolada, havendo a combinação de dois ou mais fatores nos envolvendo caminhões, tais como excesso de peso, excesso de velocidade, ingestão de bebidas alcoólicas, viagem noturna, viagem na chuva, veículo incompatível com a geometria da via, idade média da frota muito alta, motoristas sem experiência e fadiga dos condutores (BRASIL, 2015b).

Sobre acidentes envolvendo pedestres, Lima et al (2008) mostram que entre 2004 e 2005 três tipos de acidentes geraram mais de 50% das vítimas fatais, os atropelamentos de pedestres, as colisões frontais e as colisões laterais. Os mesmos autores apresentam que os atropelamentos com pedestres representam apenas 3,6% do total de 13% dos acidentes com vítimas feridas ou mortas. Mas, apesar da porcentagem pequena, esse tipo de acidente corresponde a 19% do total de mortes por acidentes em estradas e rodovias.

Em relatório mais recente (BRASIL, 2015b), em 2014, o atropelamento de pedestres foi responsável por 1204 óbitos, 14,6% do total de 8,227. Embora corresponda a apenas 2,5% do total de acidentes, a sua letalidade é a segunda maior, atrás apenas das colisões frontais. A cada 100 acidentes envolvendo pedestres, cerca de 29 vieram a óbito.

Os pedestres apresentam maiores riscos de mortalidade no trânsito em decorrência a sua vulnerabilidade em relação aos veículos (BRASIL, 2015b; BARROSO JÚNIOR et al, 2019). Entre os agravantes mais comuns desses acidentes estão a caminhada e a travessia de pistas no período noturno, a necessidade de monitorar os dois lados do fluxo de veículos em pistas simples, estar alcoolizado, a falta de infraestruturas direcionadas a pedestres, etc. (LIMA et al, 2008; BRASIL, 2015b).

As pistas estudadas por Lima et al (2008), por exemplo, apresentaram grande desfalque para a locomoção de pedestres, principalmente, no que se refere a travessia. Para os mesmos autores, melhorias na infraestrutura da pista seriam capazes de evitar acidentes graves, mesmo sem mudar o comportamento dos usuários (LIMA et al, 2008).

O número de pedestres e ciclistas como usuários de rodovias é crescente (BRASIL, 2010; BRASIL, 2015b). Recomenda-se que as rodovias devem ser planejadas, construídas, operadas e conservadas considerando as necessidades e o uso de pedestres e ciclistas

(BRASIL, 2010), e que haja melhoria na infraestrutura em rodovias em áreas urbanas, com projetos que visem a segurança desses usuários, como passarelas e iluminação pública (BRASIL, 2015b). Um fator importante é a atualidade e a demanda da pista. Além das áreas de pouco acostamento, apesar das estradas e rodovias serem arquitetadas para automóveis, a geometria de muitas estradas e rodovias não está adequada ao crescimento de veículos muito longos como o rodotrem e o bitrem, o que pode influenciar nos acidentes das rodovias (MATTOS; ALBANO, 2007).

Barroso Júnior et al (2019), ao analisarem nos registros da PRF os acidentes de trânsito ocorridos em 2016 nas rodovias federais, apontaram que faltam dados sobre diferentes especificações acerca dos acidentes e das vítimas nos registros da Polícia Rodoviária Federal⁴.

Ao fazermos uma pesquisa nessa base de dados, pudemos constatar que não há como saber quais acidentes envolviam andarilhos de estrada, vendedores de beira de asfalto, moradores locais, etc., desconsiderando suas particularidades. Todos são caracterizados como “pedestres” de forma generalizada. Dessa forma, os estudos sobre acidentes os envolvendo andarilhos de estrada e demais pedestres são escassos e há a dificuldades de se fazer análises deles.

A caracterização estatística sobre acidentes com andarilhos de estrada é escassa, quase inexistente. Lima et al (2008), no texto de discussão direcionado ao IPEA, intitulado “*Fatores condicionantes da gravidade dos acidentes de trânsito nas rodovias brasileiras*” apresentam em uma curta frase, que a presença de andarilhos de estrada está entre as situações prováveis de acidentes com pedestres. Enquanto o relatório intitulado “*Acidentes de trânsito nas rodovias federais brasileiras: caracterização, tendências e custos para a sociedade*” (BRASIL, 2015b), mais recente, também do IPEA em parceria com a PRF, nem se quer chegam a citar andarilhos de estrada em acidentes nas rodovias.

Os únicos dados contabilizados sobre acidentes com andarilhos de estrada foi um levantamento regional da Polícia Rodoviária Federal (PRF) do Paraná (SCREMIN; FREITAS JÚNIOR, 2019a). Segundo os dados apresentados, dentre os 90 acidentes envolvendo pedestres contabilizados no Sistema de Informação Gerenciais (SIGER) da Circunscrição da Delegacia da PRF de Ponta Grossa-PR entre os dias de 1º de janeiro de 2017 e o dia 30 de junho de 2018, 19 eram andarilhos. Dentre os 37 óbitos ocorridos em decorrência a esses acidentes, 12 (63,15%) deles correspondiam a essa mesma classe. Entre esses 19 acidentes os envolvendo,

⁴ <https://portal.prf.gov.br/dados-abertos-acidentes>

10 foram no período do dia e 9 pela noite. 18 acidentes ocorreram em via de traçado reto e apenas 1 em curva. Em relação ao gênero, dos 19 andarilhos de estrada, 1 era mulher. O levantamento apontou que a letalidade dos acidentes é maior no período noturno. Afirmou, também, que andarilhos com mais de 50 anos são vítimas mais frequentes em atropelamentos.

Devido a esses levantamentos, a Polícia Rodoviária Federal do Paraná pode desenvolver melhor suas diretrizes para o projeto “Vidas na estrada” que consiste em dar assistência e proventos a andarilhos de estrada pelas rodovias e estradas, iniciado na região de Ponta Grossa-PR e replicado para outras localidades do Brasil.

Para Marín e Queiroz (2000), torna-se necessário aperfeiçoar os sistemas de informação sobre acidentes de trânsito para promover um sistema de vigilância mais eficiente e que proporcione melhor segurança.

Para além dos acidentes de trânsito, ao analisar a condição de vida dos andarilhos de estrada e trecheiros, Justo (2011) aponta os riscos específicos que os sujeitos errantes são expostos nas rodovias e nos centros urbanos:

Os andarilhos e os trecheiros acentuam os perigos e riscos que enfrentam nas estradas ou mesmos nas instituições que os acolhem nas cidades. Afirmam que entre eles existem roubos, brigas, agressões e até homicídios; que são vítimas de atropelamento nas estradas, ataques de animais domésticos - cachorros principalmente – ou selvagens; que sofrem espancamentos e intimidações praticados pela polícia ou por outros agentes repressivos, vinculados ao poder público dos municípios; que são vítimas de preconceitos da população e assim por diante. Apresentam seu universo de vida como hostil, ameaçador e violento, diferentemente do que poderíamos imaginar à distância, vendo um caminhante solitário, com aquele seu andar compassado pelo acostamento de uma rodovia. (pp. 72-73)

As considerações do que se constitui como risco são subjetivas e culturais (BECK, 2015; LE BRETON, 2009). O que nos interessa é saber quais são as percepções subjetivas dos riscos dos andarilhos de estrada para além da visão institucional do senso comum e das instituições. No caso deles, riscos e perigos decorrentes do tráfego nas rodovias constituem a parte mais visível e objetiva do problema. Interessa-nos saber quais os riscos que mais causam preocupação na vida no trecho e como fazem para mitigá-los.

3. OBJETIVOS

3.1 Geral:

O objetivo geral da pesquisa é levantar e compreender os principais riscos que os andarilhos de estrada assinalam em suas experiências no trecho.

3.2 Específicos:

- 1 - Verificar como é a vida dos andarilhos no trecho;
- 2 - Identificar os principais riscos e as condições de vulnerabilidade enfrentadas por eles no trecho;
- 3 - Compreender quais ações práticas que os andarilhos adotam para se protegerem no trecho;

4. MÉTODO

A pesquisa com andarilhos coloca desafios metodológicos difíceis de serem enfrentados e equacionados. O trabalho de campo é complexo e exigente. Diferente de situações comuns de pesquisa nas quais o local é estabelecido e delimitado, o contato com participantes pode ser agendado e a situação pode ser, relativamente, controlada, com os andarilhos de estrada nada disso é possível. Mesmo contendo experiências de pesquisas anteriores por meio das quais é possível se orientar por algumas previsões, há a predominância da incerteza. Não há outra maneira de se contatar com os andarilhos nas estradas a não ser sair em busca deles, sem a garantia de se encontrar algum ou mesmo em se encontrando saber se a abordagem será bem-sucedida. Assim como a vida dos andarilhos é errante, a pesquisa também tem que ser realizada de forma parecida, ou seja, por caminhos relativamente incertos. Cabe bem, no caso, os conhecidos versos de Antônio Machado (1999): *“caminhante no hay caminho, se hace camino al andar”*.

Contudo, as experiências de pesquisas anteriores dão boas guias ou indicam alguns caminhos, por exemplo, horários mais propícios, trechos e rodovias de maior fluxo de andarilhos, forma de abordagem e assim por diante (JUSTO, 2005). As experiências de pesquisa com andarilhos foram demonstrando que a etnografia combinada com método da deriva responde melhor às condições dadas e é um caminho para a investigação. Em artigo publicado em coautoria com o orientador (ESPÓSITO; JUSTO, 2017) apresentamos e fundamentamos a articulação da etnografia com a deriva e suas possibilidades na investigação da errância. Basicamente, a etnografia indica o caminho da busca do encontro com o outro, radicalmente diferente, e o mergulho em universos e em formas de vida desconhecidos e que causam estranhamento para procurar compreender e decodificar simbologias e práticas não familiares. A deriva, por sua vez, indica um caminhar sem rumo, um deslizamento pelo campo capaz de se defrontar e captar o inesperado e o inusitado. Juntas, tais perspectivas metodológicas parecem as mais apropriadas para a pesquisa com andarilhos.

4.1 Características da pesquisa de campo

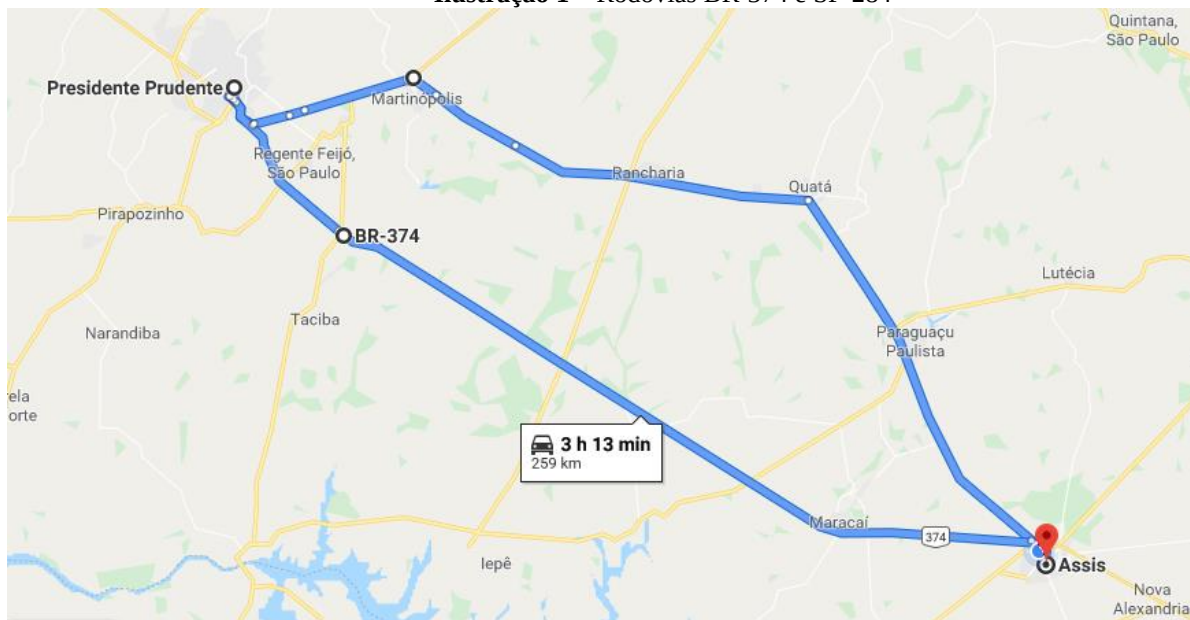
Como já vimos na revisão teórica, andarilhos de estrada dificilmente estão em áreas urbanas, e mesmo que as adentrem, não há um local específico para encontrá-los. Salvo casos de internação hospitalar, suas estadas nas cidades são muito breves. Eles vivem em trânsito pelas rodovias e é somente transitando por elas em automóveis foi possível localizá-los e

fazer as abordagens. Portanto, para entrevistá-los, percorremos trechos de rodovias e visitamos postos de serviços, onde, ocasionalmente fazem paradas para descanso, refeições ou pernoites.

As viagens foram feitas em dupla, orientador e orientando. Fazer o trabalho de campo dessa maneira foi necessário para maior segurança aos próprios pesquisadores e aos entrevistados, enquanto eram entrevistados, pois sempre estávamos sujeitos a riscos em função do trânsito de veículos nas rodovias, e também para obter o melhor aproveitamento possível da entrevista.

Fizemos trajetos entre 200 km e 800 km para localizá-los, abordá-los e entrevistá-los. Percorremos, de carro, diversos trechos de rodovias paulistas para a localização e contato com andarilhos de estrada nos acostamentos. Transitamos pelas rodovias Raposo Tavares (BR-270), Marechal Rondon (SP-300), Comandante João Ribeiro de Barros (SP-294), Castelo Branco (SP-280/BR-374), o trecho Assis-Marília (SP-333) e o trecho Assis-Paraguaçu Paulista-Quatá-Rancharia-Martinópolis (SP-284). Fizemos percursos que variavam entre 160 km a 546 km. Não necessariamente encontramos andarilhos de estrada nas viagens maiores. Eles eram mais avistados em algumas rodovias específicas.

Ilustração 1 – Rodovias BR-374 e SP-284



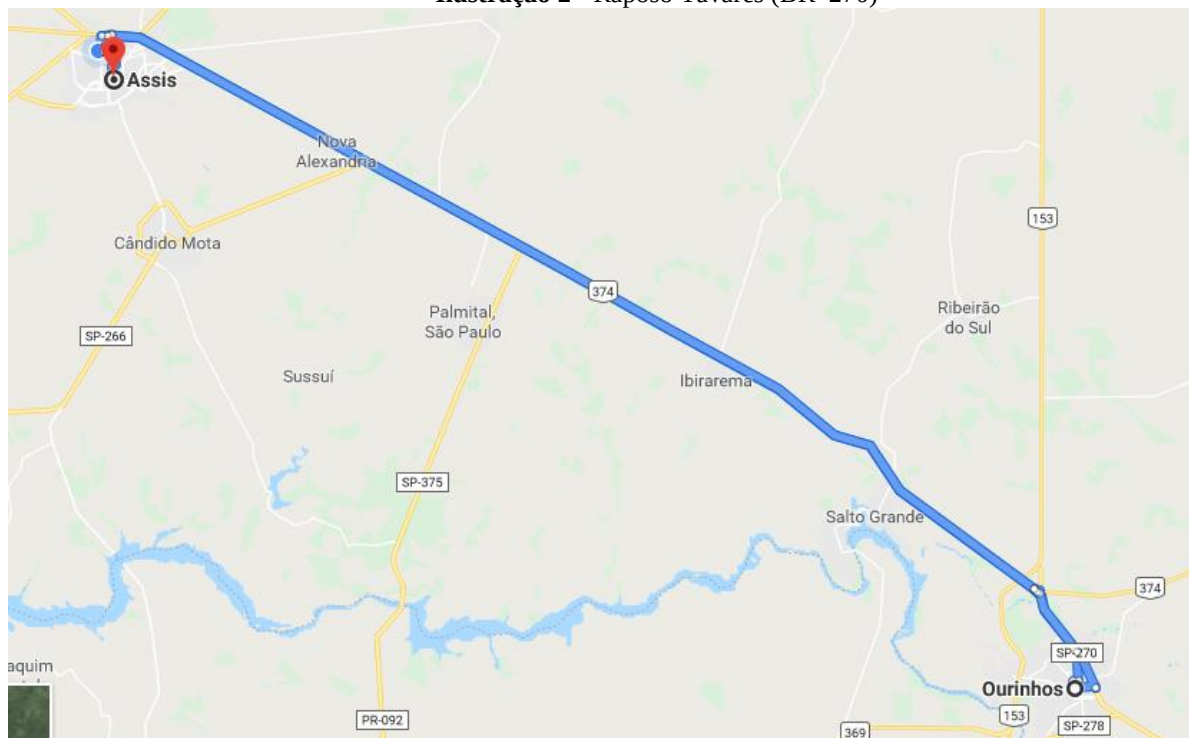
Fonte: Google Maps, 2019

Foi na rodovia Raposo Tavares (BR-270) que fizemos boa parte de nossa coleta de dados porque nela tivemos maior sucesso em encontrar os participantes. Essa rodovia se converteu numa importante rota de interligação entre os Estados de São Paulo, Paraná e Mato Grosso do Sul. O trecho totaliza, aproximadamente, 654 km, possui os principais

entroncamentos rodoviários formado pela interligação entre os referidos estados e é um dos corredores de passagem de andarilhos de estrada (JUSTO, 2012). Posteriormente, descobrimos por meio de nossas pesquisas que como há muitos postos de combustíveis nesta rodovia é mais seguro para um andarilho achar um espaço para poder descansar, fazer algum bico, colher materiais recicláveis e etc.

O trecho acima citado foi percorrido semanalmente de carro, em dias diferentes, no período da manhã e tarde, a partir da cidade de Assis-SP que é a cidade sede da pesquisa. Ela se localiza às margens dessa rodovia e está a 75 km de Ourinhos e a 126 Km de Presidente Prudente. A cada dia as direções foram alternadas entre leste e oeste da rodovia e o percurso foi realizado até a cidade limite ou até quando houve o encontro de um andarilho e uma abordagem bem-sucedida. Em algumas ocasiões o trecho se prolongou pela rodovia Castelo Branco (SP-280) ou pela Rodovia São João Baptista Cabral Rennó (SP-225), entre as cidades de Santa Cruz do Rio Pardo e Bauru.

Ilustração 2 - Raposo Tavares (BR-270)



Fonte: Google Maps, 2019.

Para a realização da pesquisa foram observados todos os preceitos éticos, conforme o estabelecido pelo Conselho Nacional de Ética na Pesquisa (CONEP). O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNESP-Campus de Assis (CAAE 12544119.0.0000.5401, Parecer número 3.386.087).

A pesquisa de campo foi iniciada no primeiro semestre de 2019 e finalizada no segundo semestre deste mesmo ano, conforme o cronograma. O critério para o número de participantes e duração do trabalho de campo foi estabelecido pelo critério da saturação, bastante utilizado em pesquisas qualitativas, quando a mostra é delimitada à posteriori ou quando o número de participantes é encerrado com a repetição das informações que estão sendo geradas, sem a ocorrência de novidades (MINAYO, 2017).

Minayo e Costa (2019) chamam de “ilusão de principiante” achar que as fases de pesquisa de campo e levantamento bibliográfico sejam mais fáceis ou tranquilas do que a análise de dados. Segundo os autores em tela, o sucesso da pesquisa depende da riqueza do trabalho de campo e de uma boa construção teórica. Só assim, a análise também será sucessiva, pois essas três partes da pesquisa estão interconectadas.

Nós percebíamos que uma pessoa que estava à beira da rodovia era um andarilho pela forma de andar a pé devagar nos acostamentos e por conta dos objetos carregados. Algumas vezes eram grandes mochilas improvisadas nas costas, em outros puxavam uma carrocinha ou uma bicicleta cargueira cheia de objetos para sobreviver, ou mesmo apenas um saco de estopa nas costas.

4.2 Instrumentos

O principal instrumento de coleta de informações junto aos andarilhos foi o diário de campo. Sua utilização aumentou o leque de material coletado, além de incluir as entrevistas semiestruturadas no relato, também registrou os acontecimentos e ações nas cenas que ocorreram no momento das entrevistas com os andarilhos de estrada. Nele foram registrados os atos como gestos, interações entre o entrevistado, pesquisadores e outros sujeitos que podem aparecer durante conversa, além dos acontecimentos inesperados que podem ser muito importantes para a pesquisa. Há o fato de poder interpretar o momento de nossos encontros como um todo e não apenas as falas de perguntas e respostas. Todas as interações possíveis entre sujeitos de pesquisa, pesquisador e ambiente foram registradas e podem ser analisadas para que a análise fosse mais rica e completa.

A exemplo, temos em nossos relatos de campo de um andarilho de estrada que não quis conversar conosco. Observamos que ele rapidamente atravessava a rodovia para não ter contato com os trabalhadores no canto da via, não querendo contato com nenhum ser humano. A observação e descrição dessas cenas se constituíram em dados importantes para os objetivos da pesquisa.

Em alguns casos, também utilizamos recursos fotográficos e imagens para registrar certos materiais utilizados pelos andarilhos de estrada.

Nas primeiras vezes que fizemos os trajetos, colocamos o tamanho do percurso em quilômetros e, em algumas vezes, sua imagem para que se tenha noção sobre eles. Em alguns outros casos, quando possível, tiramos fotos de objetos diferentes dos andarilhos de estrada para que, eventualmente, pudessem ser usadas na pesquisa.

As entrevistas semiestruturadas registradas no diário de campo foram realizadas nos próprios acostamentos das rodovias. Após a abordagem e o estabelecimento de um *rapport* mínimo inicial, necessário para criar um clima de descontração e confiança, e esclarecer o motivo do contato, expondo, resumidamente, do que se tratava a pesquisa e a destinação das informações obtidas. Conforme expressa Minayo e Costa (2019), a pesquisa qualitativa produz conhecimento por meio de relatos de experiências pessoais dos participantes. Ao mesmo tempo em que nos contam sobre suas vivências específicas, eles também representam as realidades de sujeitos em situações semelhantes, de mesmo grupo, de classe social, etc. No caso da presente pesquisa, cada um expressou suas vivências e experiências específicas no trecho, ao mesmo tempo que seus relatos também são realidades semelhantes de muitos outros andarilhos de estrada.

Nós tivemos conversas descontraídas com nossos participantes para que houvesse maior espontaneidade nos relatos e também para não os fazer se sentirem pressionados a entrar em um jogo de perguntas e respostas que poderiam ser agressivas a eles. Seguimos um roteiro temático sobre as questões de vivências, histórico, família, riscos, acidentes e medos e outros temas que fazem parte de nosso objetivo de pesquisa em conversas descontraídas, onde até ríamos juntos, aproximando pesquisadores e andarilhos de estrada para poder atendê-los, confortavelmente, do melhor modo possível. Todo o relatório de campo está no apêndice, seguindo o princípio de transparência para que todos conheçam os dados, conforme indica Yin (2016).

Todas as entrevistas com os andarilhos foram feitas a partir do aceite dos próprios, registrado em áudio. Tivemos que mudar da assinatura escrita para a declaração em áudio pelo fato de muitos não saberem ler ou escrever. Apenas um andarilho não quis ser

entrevistado, não parecia gostar de chegar perto de ninguém e parecia muito incomodado com pessoas trabalhando no acostamento, além de nossa presença. Também refletimos seus atos para relacioná-los às questões de proteção contra riscos e perigos nas estradas. Os outros andarilhos de estrada foram muito receptivos com nossa presença, aceitaram ser entrevistados e, além de outras questões, explicaram suas formas de proteção aos riscos que acham mais perigosos.

Quando não foi possível a gravação, foi realizado um registro cursivo posterior da entrevista. As gravações foram transcritas e toda a informação obtida foi submetida a uma Análise de Conteúdo, conforme a proposta de Bardin (2016). Os resultados foram discutidos levando-se em consideração outras pesquisas relacionadas ao assunto e teorias que tratam da produção de subjetividade, principalmente, percepções de riscos e perigos vivenciados em situações de mobilidade, deslocamento ou de desencaixe.

Um acontecimento inusitado nas práticas correntes de pesquisa, que vale registrar e incluir como parte da metodologia aqui adotada, configurou-se no trânsito do pesquisador junto com o orientador, durante o trabalho de campo. Quando estávamos viajando ou mesmo fazendo alguma parada para nos alimentarmos, nós, orientador e orientando, fizemos discussões sobre a mobilidade, a errância, sobre andarilhos de estrada e trecheiros e contemporaneidade, bem como discussões acerca do projeto. Podemos dizer que parte das discussões e orientações também ocorreram em trânsito.

Conforme íamos a campo, fomos aprimorando a forma de coleta de dados, avaliando e analisando melhores formas de obter os dados, de evitar gravações ruins e os modos de se fazer perguntas. Há trechos no próprio Relatório de Campo que comentamos e analisamos a nossa forma de trabalhar. Conforme indica Yin (2016), o pesquisador é, também, o principal instrumento da própria pesquisa, conduzindo-a de acordo sua forma de interação, preparação e adaptação ao campo com uma postura ética e agradável àqueles que participaram da pesquisa.

Estávamos habituados com as entrevistas com trecheiros e pensávamos serem parecidas com as dos andarilhos antes de ir a campo. Logo no segundo dia do trabalho de campo, como apresentadas em nossa revisão teórica, nós percebemos como andarilhos e trecheiros são sujeitos de vivências muito diferentes. Eles têm modos de conversar muito distintos. Na terceira vez que fomos a campo já estávamos mais preparados com materiais, modos de abordagem, jeito de perguntar e aprimoramento de outros detalhes. Aprendemos, por exemplo, caso percebêssemos que o áudio estava muito baixo, durante a entrevista, tínhamos que repetir a informação que o entrevistado falou para compreender se disse isso

mesmo e para que no áudio, caso não saísse nítido, conseguíssemos identificar o que disse. Então, graças a essa técnica, as entrevistas ficaram mais completas e sem muitas falhas, pois muitos andarilhos falam em baixo tom.

4.3 Procedimentos

Para realizar os objetivos, utilizamos Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016) para analisar, organizar e apresentar os resultados obtidos em campo. Segundo Franco (2018), o objeto da Análise de Conteúdo é a mensagem verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada. Essas mensagens expressam sentidos e significados, representações sociais e as subjetividades dos sujeitos no campo social. Nós nos atentamos às mensagens orais, gestuais e silenciosas que foram transcritas em um documento com mais de 120 páginas para compreender quais os riscos que estão presentes na vida dos andarilhos de estrada. Chamamos este documento de Relatório de Campo. Ao contrário de um jornal, revista ou livro, conteúdos prontos ou feitos por terceiros, como já dito, nós mesmos elaboramos nosso próprio material de análise ao transcrever as entrevistas, descrever ações dos andarilhos de estrada e os acontecimentos que ocorreram em campo.

Seguindo as diretrizes de Bardin (2016) e Franco (2018), a primeira etapa que fizemos para a análise foi a “leitura flutuante” dos dados. Trata-se de um exercício de leitura relaxado e tranquilo, sem propriamente analisar ou categorizar nada. Ela é uma leitura lúdica como se fosse ler um livro para conhecer, saborear e ter uma primeira aproximação com o material a ser futuramente analisado. Esta foi a primeira leitura do trabalho, e posteriormente foram feitas outras para análise e elaboração dos resultados.

Depois de todo o material compilado em um relatório de campo e feita a leitura flutuante dele, codificamos seu conteúdo em diferentes temas para a possibilidade de análise e interpretação desses dados. Para isto, utilizamos o software QDA Miner Lite para decompor todos os dados nas temáticas desejadas, possibilitando nosso procedimento de interpretação. Também foi possível por meio dele compreender quais foram os temas mais recorrentes, fazer comparações entre vivências e levantar hipóteses necessárias para a pesquisa.

Conforme indica Yin (2016), depois de compilar e codificar os dados na pesquisa qualitativa há o processo de decomposição e rearranjo deles para que haja a possibilidade de interpretá-los. Após interpretação do material coletado, os resultados foram apresentados nas temáticas analisadas, conforme indica nosso método empregado (BARDIN, 2016; FRANCO, 2018).

5. RESULTADO DA DISCUSSÃO

5.1. Participantes

Neste tópico, fizemos uma breve apresentação dos participantes da pesquisa contendo seus históricos de vida e motivos para estarem no trecho. Dentre os 16 andarilhos de estrada encontrados pelas rodovias que transitamos, 15 deles participaram de nossa pesquisa. Apresentamos no Quadro 1 abaixo algumas de suas características gerais. Seus apelidos foram mantidos por conta do enredo os envolvendo, mas seus nomes de registro foram trocados por questões éticas. Nossos diálogos sobre diferentes temas estão expostos e analisados nas seções temáticas.

Quadro 1 – Características gerais dos participantes da pesquisa

Participante	Cor de pele/etnia	Tempo no trecho	Motivador principal da ida ao trecho
Clemente	Preta	sem informação	Ruptura familiar
Donivaldo	Preta	40 anos	Sem informações
Ruivo	Branca	3 anos	Busca por trabalho
O NADA	Preta	sem informação	Aventura/missão
Herói Brigadeiro	Branca	45 anos	Ruptura familiar - Morte precoce da mãe
Cigano	Preta	“desde jovem”	Aventura/missão
Luís	Preta	20 anos	Busca por trabalho
Murilo	Branca	5 dias	Sem informações
Alberto	Preta	15 anos	Busca por trabalho
Ari	Preta	5 anos	Ruptura familiar – Luto
Zé Tavares	Branca	3 semanas	Ruptura familiar – Traição
Luísinho	Indígena	Não sabe dizer	Ruptura familiar – Álcool
Seu José	Branca	60 anos de trecho	Ruptura familiar - Morte precoce da mãe
Geraldo	Branca	20 anos	Ruptura familiar – Álcool
Jonathan	Preta	4 meses	Aventura/missão

Fonte: Espósito (2019)

5.1.1 Clemente⁵

Clemente tinha 47 anos e estava com duas sacolas e usando chinelos quando o encontramos. Quando ele nos viu pela primeira vez parou abruptamente de caminhar e desconfiou, se erámos amigos ou inimigos. Posteriormente, ele nos disse que naquele momento ficou pensando se era alguém, que poderia mais uma vez roubá-lo.

Ele estava indo para Assis-SP até um posto de combustíveis. Acreditamos que seja um posto de combustível que costuma deixar algumas pessoas em situação de rua, andarilhos e trecheiros usarem o banheiro e descansar por lá.

Ele vaga muito no sentido de Assis-SP, Paraguaçu Paulista-SP e Presidente Prudente-SP, cidades situadas no centro-oeste paulista. Disse que não vai até o estado do Mato Grosso por questão de segurança. Já foi até Santa Catarina, mas não costuma mais sair muito do estado. Do mesmo modo que não vai para o Mato Grosso Sul, devido à falta de segurança, falta de trabalho e até mesmo por conta do Rio Paranapanema e seus perigos, principalmente os animais.

Percebemos assim que no caso dele, existem muitas limitações de estado para serem atravessados por falta de segurança. Essa percepção do risco que pode encontrar para além da fronteira do estado de São Paulo o faz ficar apenas em seu próprio estado, vagando por ele e se limitando a certos espaços.

Afirmou que Marília-SP era bom por conta da colheita do café, mas que agora não há mais esse emprego para ser feito lá. Meu orientador me disse, posteriormente, que uma empresa fez uma máquina para colher café e isso afetou os poucos empregos temporários o campo que ainda existiam no país. Clemente afirma que o Paraná era bom como antes. Isso se deve a diferentes motivos, como o avanço do capitalismo no campo, a mecanização da lavoura e a substituição de culturas na região.

Não relatou de onde era ou há quanto tempo está no trecho. Foi para casa por cerca de um ano e tem duas filhas. Nós interrompemos o assunto sobre família porque ele começou a chorar bastante quando havia sido perguntado. Depois de se despedir, disse: “Cansa mais andar do que trabalhar...”, olhou para o acostamento e voltou a andar em fluxo.

⁵ Infelizmente, devido a nossa primeira experiência em campo, o áudio dessa entrevista ficou com muitos ruídos, provenientes de caminhões, carros e o forte vento, a ponto de não entendermos muitas frases neles. Os relatos sobre Clemente são apenas das anotações registradas em diário de campo. Conseguimos corrigir os erros dos ruídos posteriormente aprimorando a proteção do gravador contra esses ruídos.

5.1.2 Donivaldo

Donivaldo tinha cerca de 70 anos. Assim como Clemente, usava chinelos. Tinha dois sacos de estopa, um para roupas e outro para mantimentos, todos encontrados nas latas de lixo. Ele tinha poucos dentes. Era muito difícil entendê-lo, pois falava balbuciante e sussurrando. Em alguns momentos, precisávamos pedir para ele repetir a informação.

Ele está nas estradas desde 1980. Afirmou que o motivo para a ida ao trecho foi porque um dia resolveu andar. Quando começou no trecho tinha cerca de 40 anos. Isso nos levou a um cálculo controverso sobre ele ter cerca de 80 anos, porém disse ter 70.

O senhor está aqui andando desde 1980? (ALEXANDRE)

É, desde 1980. (DONIVALDO)

Como começou isso? (ALEXANDRE)

(Uma frase incompreensível). Ela sai de casa e resolvi andar. (DONIVALDO)

Quantos anos o senhor tinha quando saiu de casa? (ALEXANDRE)

Ah, uns quarente, uns quarenta anos. (DONIVALDO)

Alexandre: O senhor tinha 40 anos? (ALEXANDRE)

Tinha quarenta anos... (DONIVALDO)

Então, o senhor tem agora 70 anos. Nossa... Qual foi a motivação para sair? (ALEXANDRE)

Ah, sai. (DONIVALDO)

Alexandre: Saiu? (ALEXANDRE)

Sai. (DONIVALDO)

Nunca foi casado, nem tinha filhos. Ele era natural de Cascavel-PR. Estava indo na direção de Ourinhos e, pelo que relatou, costuma andar mais pelos estados de São Paulo e Norte do Paraná.

O senhor era casado, tinha filho...como é que era? (JUSTO)

Não, não. Eu nunca casei não. (DONIVALDO)

Ah, não casou... (JUSTO)

Não casei não. (DONIVALDO)

Quando o senhor saiu assim...deu vontade de sair? (Alexandre)

É, eu vontade de saiu, foi. (DONIVALDO)

Uma vontade bem forte assim de andar por ai a pé? (ALEXANDRE)

É, é...andar por aí a pé. Sai por lá de Cianorte lá e (frase incompreensível)...vou lá amanhã... (DONIVALDO)

O senhor saiu da onde? (ALEXANDRE)

(frase incompreensível). (DONIVALDO)

Alexandre: Como? (ALEXANDRE)

Eu nasci em Cascavel. (DONIVALDO)

Em Cascavel? O senhor é de Cascavel. (ALEXANDRE)

É... (DONIVALDO)

Você anda muito longe de Cascavel hoje em dia? (ALEXANDRE)

Eu ando mais por ali até em Presidente Prudente. Mas (frase incompreensível) de Assis para o Paraná... (DONIVALDO)

Você trabalhava antes de... (ALEXANDRE)

Trabalhava na roça... (DONIVALDO)

Alexandre: Trabalhava na roça antes de sair de casa... (ALEXANDRE)

Isso... (DONIVALDO)

Ele tinha características muito diferentes dos outros participantes da pesquisa, principalmente no que se refere em não parar em postos de serviço, dormir em qualquer lugar sem preocupação e se alimentar de restos que foram descartados. Não entrou no posto de combustíveis logo a nossa frente ao final da entrevista, apenas se despediu e seguiu viagem.

5.1.3 Márcio, o ruivo

Ruivo não se surpreendeu quando paramos o carro próximo a ele. Nós o cumprimentamos, falamos da entrevista e ele aceitou sem nenhuma hesitação. Ele estava há três anos no trecho, morava em Itapetininga - SP e trabalhava em uma lavoura antes de deixar sua cidade. Afirmou que resolveu começar a andar e já estava há três anos no trecho quando o entrevistamos. Relatou também que anda 30 quilômetros por dia. Estava querendo chegar até Ourinhos-SP naquele dia, mesmo sem saber exatamente como é que se faz para chegar até lá.

Você trabalhava em que mesmo? (JUSTO)

Eu trabalhava numa lavoura. (RUIVO)

Faz três anos que você está andando? (ALEXANDRE)

Sim. (RUIVO)

Você morava onde? (JUSTO)

Eu morava em Itapetininga. (RUIVO)

E como é que foi? Um bom dia, de uma hora para outra você resolveu “vou largar tudo isso”? Foi assim? (JUSTO)

Foi, foi isso mesmo. (RUIVO)

Quanto quilômetros você acha que você caminha mais ou menos assim por dia? Você tem ideia? (JUSTO)

Ruivo: *Eu caminho 30 quilômetros. (...) Eu quero ir para Ourinhos, não sei como faz. (RUIVO)*

Ele considera sua vida normal e disse que não há nada de bom no trecho além do vento no cabelo.

E você acha boa a sua vida? (JUSTO)

Bem, mais ou menos, né? Eu tenho uma vida normal. (RUIVO)

Quais são as coisas boas de viver caminhando na estrada? (JUSTO)

A única coisa boa é nada. Só caminhada normal mesmo. O vento no cabelo. (RUIVO)

Ao final da entrevista, apenas confirmou conosco se estava indo na direção certa para Ourinhos. Confirmamos que sim e seguimos viagem em direção oposta, ele indo a Ourinhos-SP, e nós para Assis-SP.

5.1.4 O NADA

Nada nos deu um encontro muito especial, quando o encontramos. Assim que passamos de carro por ele gritamos “Oi!”, ele logo deu meia volta e respondeu “Ou!”. Chegou perto de nós bem aberto para conversar.

Quem é você? (ALEXANDRE)

Não, eu não sou nada. Plenamente que a eletricidade me deu vida, magnetiza. Ao falar em magnetismo é o que? Pedra de ravena e safeno. Tá aqui nos meus peitos, é o ponto. Pontiagudo. Vai, continua. (NADA)

Mas qual é o teu nome? (ALEXANDRE)

Meu nome? Meu nome também é nada mano. É mais a insatisfação da vida. Insatisfação da vida. A, B, Nada... (NADA)

Para onde você está indo? (ALEXANDRE)

Tem a instituição aqui que fica vendo e revendo. Aí eu existo, mano. Que o ser humano criou na minha vida aqui e habitou na minha rocha e na minha vida. Tem um câmbio metalúrgico e tem umas levoisse. Certo, mano? É o seguinte mano. O zero tá tampando... (NADA)

Quanto tempo faz que você está andando por aí? (ALEXANDRE)

Eu tô vendo uma transgressão. Transgressão do ser humano sendo banido. Então, pra nós conversar, tem que ser banido. O ser humano sendo banido numa transgressão de vida, de operador. Tipo você, paixão. Tem a situação aqui, a situação é sua mesmo. Certo? E através de umas leis e batisfério e sai fora. Onde era uma situação de ir de lá pra cá e era tipo um teletransporte. Tipo santuário de o que? Portuário de um ser humano é o santuário. (NADA)

Natural de Osasco, ele apresentava uma fala abstrata e simbolicamente particular. Além das questões sobre riscos, acidentes e perigos nas rodovias, conversamos com o Nada sobre sua percepção da vida relacionada ao modo de viver e ser errantes. Ele também nos apresentou uma definição muito interessante do que é o trânsito.

O trânsito é um reposicionamento da vida. Quer dizer, você. Ai se não acha você em lugar nenhum, você está no trânsito, mano. Aí é o trânsito. Transito é um sarcófago com baita interligação. (NADA)

Essa definição nos associou ao significado dado ao termo “*trecho*” por se tratar de não estar em lugar algum. Ao mencionar que é “um sarcófago com baita interligação” nos remete ao fato de que estar em trânsito é como se estivesse morto por não habitar lugar nenhum, mas com muitas possibilidades de vivência.

A entrevista terminou depois que perguntamos sobre a sensação de liberdade no trecho. Interpretamos que ele nos disse que aquilo que fazia era sua expedição, independente de terceiros ou circunstâncias.

E andar na estrada é um jeito de estar mais livre? Como é que é isso? (JUSTO)

É minha expedição, mano. Independente do ser humano e a minha rocha sendo deflagrada mais aberta e as profundezas deflagrando essa rocha. Que é de rubi, pedra, cristal e esmeralda. Que é de a de eldorado. Eu estou averiguando que está ali surgindo tudo multiplicando tipo umas águas multiplicadas. Vou embora mano! **(NADA)**

Ele se despediu sorridente e continuou a sua caminhada.

5.1.5 Herói Brigadeiro

Nós encontramos Herói Brigadeiro andando na mesma mão que os carros. Carregava uma mochila de camping cheia de cabaças, garrafas e algumas quinquilharias, como uma faca de tamanho médio e um walktalk que parecia quebrado.

Ele nos disse que usava esse walktalk para fazer comunicações. Em suas mãos havia um arpão improvisado para se defender, ajudar na locomoção e alcançar algum objeto de difícil acesso, como latinhas jogadas pelas estradas. Ele estava indo para São Paulo, onde tem “um barraco”.

Qual o nome do senhor? (ALEXANDRE)

Herói Brigadeiro. (HERÓI BRIGADEIRO)

Como? (ALEXANDRE)

Herói Brigadeiro. (HERÓI BRIGADEIRO)

Herói Brigadeiro. Tá. Faz muito tempo que o senhor está andando nas estradas? (ALEXANDRE)

Desde os cinco anos. (HERÓI BRIGADEIRO)

Desde os cinco anos andando nas estradas? (ALEXANDRE)

Na estrada já tem uns 45 anos. (HERÓI BRIGADEIRO)

45 anos na estrada? (JUSTO)

Quantos anos o senhor tem? (ALEXANDRE)

57. (HERÓI BRIGADEIRO)

Justo: E por que você foi para a estrada? O que aconteceu na vida que o senhor resolveu ir para a estrada? (JUSTO)

Eu trabalhava para a rainha dos caminhoneiros anteriormente. (HERÓI BRIGADEIRO)

Justo: A rainha dos caminhoneiros? (JUSTO)

É! Eu perdi o emprego e agora eu sou juntador de lata, olha. (HERÓI BRIGADEIRO)

Ele afirmou que foi para o trecho porque trabalhava para a rainha dos caminhoneiros. Algumas falas dele eram delirantes e desencontrou com algumas informações. Afirmou estar no trecho há 45 anos, ter iniciado aos cinco e tem 57 anos de idade.

Ilustração 3 – Mochila de Herói Brigadeiro



Fonte: Compilação do autor

Quando fizemos a última pergunta, ele mesmo terminou a entrevista, subitamente se despediu e voltou a caminhar.

Tu tenha um bom dia. Eu lhe peço licença e vou adiante! (HERÓI BRIGADEIRO)
Com certeza. Muito obrigado pela sua entrevista. (ALEXANDRE)
Você fica com Deus. (HERÓI BRIGADEIRO)
Vá com Ele também. (ALEXANDRE)

Fato curioso é que os policiais da comissão de direitos humanos da PRF-PR nos relataram que também o entrevistaram quando ele estava no Paraná.

5.1.6 Cigano

Em uma de nossas viagens paramos para abastecer em um posto de combustível. Começamos a conversar com o frentista sobre andarilhos de estrada. Ele nos disse que por lá passam de dois a quatro andarilhos de estrada por dia. O frentista apontou na estrada para o

Justo e disse: “Aquele cara ali mesmo é um andarilho, ele vai entrar no posto! ” Ele também contou a história de um andarilho que achou o banheiro do posto muito sujo e pediu um rodo e produtos de limpeza para limpá-lo.

Fomos até o local em que o andarilho de estrada estava. Era um espaço em um canto do posto que continha uma torneira e um tanque de lavar roupas.

Então, eu vou gravar entrevista. Tudo bem? Eu posso gravar a entrevista, então?
(ALEXANDRE)

Pode! (CIGANO)

Qual o nome do senhor? (ALEXANDRE)

Geraldo. (CIGANO)

E você tem algum apelido? (ALEXANDRE)

Ah rapaz, meu apelido se chama Cigano. Aqui no Mato Grosso, Goiás e pelo uns punhado de motorista chama “Cigano”. “chega ae, Pernambuco, chega aí! Tudo beleza, tranquilo: Tudo de bom!” (CIGANO)

Geraldo, então você anda de bicicleta pelas estradas aí? (ALEXANDRE)

Graças a Deus. Eu ando sim. O brasil inteiro aí. (CIGANO)

O Brasil inteiro! Onde você já foi de bicicleta? (ALEXANDRE)

Eu já fui a Porto Velho, eu já fui a Rondônia, já fui para O Belém do Pará, já fui Alagoas, Pernambuco, Paraíba, já fui também lá em... é... em Goiás, Minas.. Já cortei aqui pro Paraná também. Aqui no estado de São Paulo já corri de uma... aqui no estado de São Paulo já corri uns dois anos só correndo de uma rodovia pra lá e pra cá. Eu conheço bastante aí. (CIGANO)

Justo: E agora tá indo pra onde?

Eu tô indo pro Guarujá. (CIGANO)

Guarujá? (ALEXANDRE)

É Guarujá dá mais ou menos uns quinhentos quilômetro ainda, entendeu? É baixada santista. (CIGANO)

Quantos dias? (ALEXANDRE)

Ah, daqui até lá, eu vou gastar mais uma semana uma semana mais ou menos. (CIGANO)

Uma semana até o Guarujá, que legal! (ALEXANDRE)

Que de Ita(?) até aqui já vem gastando mais de mês já. Já andei mais de mil e setecentos quilômetros até aqui. (CIGANO)

Justo: E por que você decidiu ir para o Guarujá? O que que tem lá?

Não porque é... decidi porque minha irmã já mora há dez anos. Ele mora no centro de Carvalho, na rua do Adubo, lá no Itapeba. Aí tô indo lá porque minha irmã que mora lá. Aí fiquei de Paraíba pra esse... fiquei uns três meses aí. Ao lado de Tangará, Nova Olímpia...pra frente de Cuiabá, duzentos e setenta quilômetros. (CIGANO)

Ao longo de nossa entrevista, Cigano foi contando todo um panorama dos lugares diferentes lugares que percorreu. Ele pedala por cerca de oito horas por dia. Ele pedala até 80 km por dia em uma bicicleta cargueira lotada de utensílios. Ele fuma quando pedala, mas bebe apenas quando está em pontos de parada.

Você pedala bastante. Então, quantos quilômetros você acha que pedala por dia? (ALEXANDRE)

Oitenta quilômetros. (CIGANO)

Oitenta quilômetros por dia? (ALEXANDRE)

Oitenta quilômetros por dia. O máximo é oitenta quilômetros. Eu não tiro mais do que isso. Aí, dá a hora de eu parar e não ando a noite. Três horas, quatro horas. Aí, eu já dou uma parada e não anda à noite de jeito nenhum. **(CIGANO)**

Você falou que anda oitenta quilômetros por dia. Aí tem que ter bastante fôlego, né? (ALEXANDRE)

Cigano: Não, mas eu vou parando. Na subida eu vou empurrando, na baixada eu vou montado. Na descida bota pra descer que vai. **(CIGANO)**

Mas aí que tá, você fuma? (ALEXANDRE)

Fumo. **(CIGANO)**

E mesmo fumando, dá pra pedalar. **(ALEXANDRE)**

Fumando e bebendo e dá pra pedalar. Fumando e pedalando oito horas! Tem vez que eu começo cinco horas da manhã, assim que o dia amanhece, e vou até seis horas da tarde. A hora que para, Graças à Deus, eu não sofro de nada. Graças ao bom Deus. Até hoje. Tenho quarenta e cinco anos. E graças a Deus. Sou de Pernambuco. De Quipapá, ao lado de Garanhuns. Entendeu? Já fui pra lá de bicicleta também. Lá daqueles lados lá. Saí daqui do Mato Grosso. De lá de Nova Olímpia pro Nordeste, eu gastei quatro meses. Lá em Maceió. Fui parando. Tem uns que oferece carona e eu digo que não. Não tem pressa. Eu não tenho pressa de jeito nenhum. Eu vou devagarzinho. “Passei muitos carros de tal canto lá e voltei e você está aí”. “Graças à Deus, meu querido”. **(CIGANO)**

Agora, você usa também uma cachacinha também para pedalar ou não? (JUSTO)

Ah! A, água de boa! Essa aqui, essa aqui! **(CIGANO)**

O combustível do ciclista. **(JUSTO)**

Eu volto atrás. Essa daqui é a pinga Jamel. É Jamel. Eu vou pedalando, eu não bebo. A hora que eu paro, que nem essas horas assim, a hora que eu paro...Só vou embora amanhã... Aí, estou sossegado. Aí, vou tomar um banho. “Por que você anda limpo?” Ah, cada um é cada um, né? Tem pia, tem rio, tem represa pra lavar! Mas eu não discrimino ninguém, eu sou igual eles, entendeu? Mas eu tô de boa. **(CIGANO)**

Mas agora ainda não são nem três horas da tarde, você vai ainda parar ou por hoje já deu? (ALEXANDRE)

Hoje eu não ando mais, de jeito nenhum. Se fosse pra andar mais... aqui eu conheço. Tem rodovia que eu conheço. Aí pronto. Hoje eu não ando mais não. Só amanhã. Aí pronto. **(CIGANO)**

Ele sempre anda de roupas limpas, bem lavadas. Por andar de bicicleta, consegue chegar todos os dias até um posto de combustíveis e ter tempo para tomar banho e fazer outras atividades, como fazer borrachas para lonas utilizando câmeras de ar abandonadas para vender.

Ele tinha 45 anos e estava no trecho desde os 12 anos. Ele estava indo para o Guarujá passar uma semana com a irmã vendendo cocos para ela. Não sabe ler ou escrever, mas conhece bem diversas estradas do Brasil.

Eu não sei ler, hein moço. Não sei ler. É não sei ler. Eu pergunto, me informo, entendeu? Eu conheço vários cantos já e muitos anos de BR já, mas de vezes em quando, se eu não conheço, eu pergunto para os motoristas. “Que rodovia que é essa? Pra onde é que vai?” Aí eu me informo, eu pergunto. Mas tem muitos que andam com mapa. Eu não ando com mapa. **(CIGANO)**

Ah é? Tem? (JUSTO)

Tem muitos, tem muitos, vários. Conheci um lá no Maranhão que anda só com mapa só. O rei da mula. É cada nome (risos). Dá a volta ao mundo, anda com a bandeira do Brasil bem grandona assim. **(CIGANO)**

Ilustração 4 – Bicicleta de Cigano



Fonte: Compilação do autor

Ele começou a ter admiração pelo tio ser um trecheiro, um aventureiro que anda centenas de quilômetros até a estátua do padre Cícero. Livre para andar e conhecer o Brasil todo. Foi desejando esse modo de viver que Cigano virou andarilho de estrada.

Eram por volta das 17h quando nos despedimos. Fomos embora do posto enquanto ele continuou seus afazeres para descansar. Iria dar uma manutenção na bicicleta, tomar um banho, comprar algo no posto, cozinhar e descansar.

5.1.7 Luís

Luís tem 53 anos e começou a andar pelas estradas depois que se separou da esposa. Começou a arranjar empregos temporários em borracharias cada vez mais distantes de sua casa. Quando voltou para a casa da mãe pela última vez, ele se sentiu atacado pelo que lhe disse e resolveu ir embora para não mais voltar. Foi ficando com vergonha de voltar até se acostumar com o modo de vida no trecho.

Que nem eu falei, voltar pra casa eu não volto, de jeito nenhum. Aí, você vai indo. Mais longe, mais longe. E aí você fica com vergonha de voltar e vai acostumando... Foi aos poucos. Separei, voltei pra casa da minha mãe. Tem um irmão lá. Aí chego lá e falou pra mim 'você voltou pra casa escondido?' Aí foi um tapa na minha cara. O dinheirinho que eu ganhava nem dava pra me manter. Aí deu um ano e deu certinho, em vez de eu voltar, eu fui embora. Aí depois você não volta mais, aí cabou. **(LUÍS)**

Apesar de estar andando nas estradas a pé, Luís se considera um trecheiro. Ele faz uma diferenciação com andarilho de estrada e trecheiro por meio do mundo do trabalho, do modo de se relacionar com os outros de mesma condição e a forma de andar. Para ele, os andarilhos estão andando na estrada “à toa”, enquanto os trecheiros tentam arranjar algum serviço temporário. Também relata que andarilhos de estrada mal conversam contigo nas estradas e só andam a pé. Os trecheiros pegam carona de vez em quando.

E Luís, o que é ser um trecheiro? O andarilho e o trecheiro, tem diferença? (JUSTO)

Tem. O andarilho, eu sei que só anda à toa. Agora, o trecheiro acha um servicinho, trabalha e se não der certo, sai de novo, né. Eu saí de casa agora e volta derrubado...agora, tem servicinho aqui e ali. (LUÍS)

O trecheiro, de vez enquanto ele para e tal, trabalha, pega na estrada. Dá uma parada de uma cidade para outra. Agora, o andarilho não. (JUSTO)

O andarilho vai indo assim e às vezes nem para conversar com a gente. Às vezes a gente mesmo para na estrada e encontra um, cumprimenta e ele baixa cabeça e nem cumprimenta. (Luís)

Nas pesquisas apresentadas (JUSTO, 2012; ESPOSITO 2017), trecheiros fazem trajetos de ônibus e a pé. Luís foi o único participante que se considera um trecheiro. Eles geralmente têm preferências por viajar de ônibus e buscam empregos temporários pelo trecho. Luís nos deu uma definição muito interessante sobre as diferenças entre andarilhos de estrada e trecheiros.

Sua definição aponta que os andarilhos vivem em situação de muito maior isolamento, não querem ter contato com outros sujeitos errantes e que não querem ser incomodados. Caso muito parecido com o único andarilho de estrada que não quis ser entrevistado (6.1.16).

Depois que um caminhão passou buzinando em tom de cumprimento, ele se deu conta que já estava há muito tempo parado conversando conosco e que era hora de voltar a andar.

É. Deixa eu caminhar que se não, não chega! (Risos). (LUÍS)

Nós nos despedimos de Luís e Justo quis tirar uma foto⁶ com ele de recordação. Ele seguiu viagem.

⁶ Essa foto não foi apresentada na tese por se tratar de uma foto de uso pessoal e sem autorização de imagem. As fotos que divulgamos na tese são apenas aquelas tiradas de alguns objetos que os andarilhos carregam.

Ilustração 5 - Saco de estopa utilizado como mochila por Luís.



Fonte: Compilação do autor

5.1.8 Murilo

Murilo tem 22 anos e está há 5 dias no trecho. Nós o encontramos sentado em uma mureta na estrada. Durante nossa comunicação, ele parecia abatido, apático, não falava muito

e apesar de ter aceitado a gravação e nossa entrevista, ficava um pouco quieto com as perguntas ou simplesmente não as respondia direito.

Como que é seu nome, afinal? (JUSTO)

Murilo. (MURILO)

Murilo. Meu nome é Zé. José. E ele é Alexandre. Quantos anos você tem, Murilo? (JUSTO)

22 anos. (MURILO)

E quanto tempo você está vivendo na estrada? (JUSTO)

Cinco dias... (MURILO)

Ahn? (JUSTO)

Cinco dias. (MURILO)

O que aconteceu para você ir para a estrada? (JUSTO)

Peguei o coletivo errado. (MURILO)

Pegou o coletivo errado? Você estava indo para onde? (JUSTO)

... (MURILO)

Manteve-se sentado enquanto conversávamos e mal tirava o olhar da direção do chão. Ele disse que estar na estrada, porque pegou o coletivo errado, estava há 48 horas sem comer e que o seu próximo local de parada seria uma sorveteria. Quando perguntamos o que carregava, Murilo abriu a mochila e foi mostrando tudo o que tinha. Algumas roupas. Cobertor fino, tênis e chinelo. Nenhuma água.

E você está indo para onde? (JUSTO)

Estou indo para lá na cidade... (MURILO)

Você dormiu onde? (JUSTO)

Eu dormi naquele posto ali. (MURILO)

E como você está fazendo para comer? (JUSTO)

Estou sem comer até agora. (MURILO)

Desde quando você está sem comer? (JUSTO)

Desde 48 horas. (MURILO)

O que você pretende fazer na próxima cidade? Você vai para algum lugar ou pretende continuar caminhando? (JUSTO)

Sorveteria. (MURILO)

E você acha perigoso andar na estrada? (JUSTO)

Não... (MURILO)

Tem alguma coisa que você teme de andar na estrada? (ALEXANDRE)

Bicicleta... (MURILO)

Por que bicicleta? (ALEXANDRE)

(fala muito baixa...) (MURILO)

O que você leva na mochila? (JUSTO)

Roupa, cobertor.. Frio, né? Tênis, chinelo... Água você não leva? Não precisa levar uma aguinha? (JUSTO)

Precisa... (MURILO)

Então tá, ó. A gente agradece você ter conversado com a gente e desejamos uma boa sobre para você aí na estrada.... (JUSTO)

Neste momento, Murilo abriu a mochila e foi mostrando tudo o que tem. Parecia que tinha nos confundido com policiais, pois só de perguntarmos o que ele levava ele já rapidamente foi abrindo a mochila para nos mostrar tudo o que havia dentro. Nesse momento

tínhamos percebido que era a hora de terminar a entrevista por razões de desconforto do entrevistado.

5.1.9 Alberto

Alberto é um andarilho de estrada que foi entrevistado por nós duas vezes. Na primeira vez, eu havia sido convidado para dar uma aula de etnografia na disciplina de metodologia, no semestre que foi ministrada pelo professor Abílio Rezende Macedo. No final da aula, uma estudante, Karen Akemi Kikuchi, se interessou pela pesquisa e a convidamos para ir a campo conosco. No caminho encontramos Alberto. Após aceitar participar da pesquisa, começamos a entrevista com ele.

Então, nós estamos entrevistando as pessoas que andam pelas estradas. E você está andando há quanto tempo mais ou menos? (ALEXANDRE)

Uns 15 anos na frente. Parando um pouquinho. (ALBERTO)

Já está há 15 anos andando? (ALEXANDRE)

Aham. Parando um pouquinho. Fiquei uns 20 dias em Rancharia antes de voltar a andar, né. Tenho família lá, né. Ah, tem a minha irmã lá em São Miguel⁷. (ALBERTO)

Ah é? São Miguel Paulista? (ALEXANDRE)

É, São Miguel Paulista. (ALBERTO)

Ah, que legal! (ALEXANDRE)

Uhum. E a gente vai levando, né? (ALBERTO)

Eu morava perto do São Miguel Paulista! Ali do Jr. Helena! (ALEXANDRE)

Ali, né? Vila Mara, Jr. Helena, ali. Oliveira Freire, ali? (ALBERTO)

Você conhece os Pimentas também? (ALEXANDRE)

Não. Eu tive lá era final de ano que ela me chamou para passar o natal com ela. Fiquei uns 30 dias lá, né. Ali na Oliveira Freire, Rotativa ali. Fica bem na saída pro Rio de Janeiro pra lá. Fica na Dutra. É mais ou menos isso aí. Mas eu fiquei um tempo longe, né. Eu era de Santos. Perdi muita coisa para lá... (ALBERTO)

Você era de Santos e quinze anos atrás você decidiu andar? (ALEXANDRE)

Eu tinha uma casinha, vendi a casa, algumas coisas, perdi meus pais, minha irmã queria ir para um outro lado, né. E aí, a gente decidiu vender essa casa para separar o dinheiro e a gente decidiu andar para frente. (ALBERTO)

E esse é o motivo pelo qual você anda nas estradas? (ALEXANDRE)

Alberto: Caiu um pouquinho, né? Depois que meus pais ir pra frente, eu era muito garoto ainda e eu caí um pouquinho. (ALBERTO)

Está há quinze anos no trecho aí. Você anda só a pé, Alberto? (ALEXANDRE)

Mais ou menos. Eu poderia ter uma bicicletinha, né? Eles me liberaram o fundo de garantia, o PIS. Eu poderia ter uma bicicletinha, mas estou devagar, guardei um pouco de dinheiro. Estou ainda precisando de amadurecer um pouquinho. (ALBERTO)

Você está pensando em parar de andar no trecho? (ALEXANDRE)

Alberto: Uhum, também isso aí, né. (ALBERTO)

Alexandre: E onde você pararia para...para onde você iria?

Alberto: Por enquanto, eu paro aqui em Rancharia. Mas eu posso parar em Pompéia ou outra cidadezinha. (ALBERTO)

Alexandre: O que você sente mais falta nessa vida do trecho? (ALEXANDRE)

⁷ Bairro no extremo leste de São Paulo – SP.

Alberto: *Eu até me acostumei com a vida. Eu deixei muita coisa de lado, né. Acostumei e fui levando. Não dei por conta, né? Comecei a contar há um tempo atrás. É complicado, né? A gente vai levando. (ALBERTO)*

Você falou assim que começou a acordar? (ALEXANDRE)

Você saiu como uma Lua, uma estrela andando pela vida, né? Viajando por uma cidade ou outra. Um município, uma cidade, um lugarzinho, conhecendo aqui e ali. E assim a vida vai levando. Quando eu fui acordar assim já era tarde. Já estava acostumado com a vida, né? (ALBERTO)

Mas tem coisas boas? Quais são as vantagens de ter uma vida... (ALEXANDRE)

É você estar sempre em paz com você mesmo, né. Não se preocupar com a família, com essas coisas. Isso ajuda um pouco. É que você não perde. Não ganha, não perde. Acredito que é uma explicação. Sempre em paz com você mesmo. Longe de criar atrito com família e tudo mais, não é? Ajuda, não é? (ALBERTO)

Nesses quinze anos, você tem uma rotina? Você para todo dia um pouquinho?

Quanto tempo você anda? Você sabe mais ou menos? (ALEXANDRE)

De 30 à 40km. Tanto feriado, de sábado, de domingo...A não ser quando chove. (ALBERTO)

Meses depois, em uma rota pela rodovia, encontramos Alberto novamente. Justo achou que seria interessante pararmos, apenas para ter uma conversa amistosa. Fizemos um relato cursivo.

Ele havia acabado de sair de uma unidade de atendimento do usuário de uma concessionária de pedágios, ganhou alguma comida e recebeu um colete com refletores que a própria está distribuindo para os andarilhos de estrada usarem. Já havíamos discutido sobre esses coletes com outros andarilhos de estrada e com os membros do Movimento Nacional das Pessoas da Rua. Alberto confirmou a opinião de outros sobre esses coletes, já que andarilhos de estrada não costumam andar pela noite.

Eu recebi um colete. (ALBERTO)

E você não está usando o colete? (ALEXANDRE)

Ele é para ser usado à noite. (ALBERTO)

Alexandre: E você anda pela noite? (ALEXANDRE)

Não. Eu não ando não. (ALBERTO)

Andarilhos de estrada não costumam andar pela noite e não usariam esse colete de dia, o que o faz uma peça de proteção pensada somente por parte da empresa e não discutida com eles.

Alberto está pensando em parar o trecho. Logo irá se estacionar em algum espaço próximo como Rancharia e pensa em voltar ao trabalho. Pensa em seu fundo de garantia que irá sair e com esse dinheiro poderá se reerguer. Conversamos com ele de modo informal, sem nenhuma entrevista porque preferimos estar mais descontraídos. O que foi interessante, pois Alberto nos mostrou seu celular. Ele utilizava um smartphone para se comunicar por ligações e até mesmo por WhatsApp com seus familiares e amigos. Consegue dinheiro catando latinhas à beira da rodovia e coloca crédito nos postos de combustíveis sempre que possível.

Nós trocamos os números de telefone. Ele sabe mexer em algumas poucas funções. Adicionei meu número no celular dele e vice-versa. Às vezes me manda mensagens falando do trecho ou mesmo, liga sem querer. Outro dia, ele parou no final de semana em Rancharia e um amigo dele que o acolheu mandou uma mensagem de apresentação. Às vezes, Alberto também me ligava sem querer.

Além de usar o celular para comunicação, Alberto o usa para sintonizar na rádio. Ele costuma sintonizar em uma rádio de MPB, estilo musical que mais aprecia. Gosta muito de escutar Djavan, Caetano Veloso e Zeca Pagodinho.

Ficamos bastante tempo conversando. Ele também nos disse sobre seus contatos com a irmã e alguns sobrinhos. Fomos embora quando ele disse que precisava seguir caminho. Neste dia não encontramos nenhum outro andarilho de estrada.

Nós conseguimos entrar em contato com ele algumas vezes em que ele nos ligou e quando mandou uma foto visitando a casa de um amigo. Depois de um tempo, não tivemos mais contato com ele e sua foto sumiu do aplicativo.

Ilustração 6 - Alberto mostrando as músicas que gosta de ouvir em seu celular.



Fonte: Compilação do autor.

5.1.10 Ari

Encontramos Ari embaixo de um viaduto comento um pão doado e coberto com uma manta fina e suja. Por ser dado como desaparecido em sua cidade de origem, perguntou se a entrevista seria gravada ou filmada. Dissemos que só nós gravamos o áudio e ele aceitou participar. Ele era técnico em mecânica. Bem empregado, com carros, casa e plano de saúde. Toda sua vida mudou quando sua esposa ficou doente. Só de começar a falar nela já começa a chorar. Ele vendeu o carro, usou o plano de saúde, fez todos os cuidados paliativos, mas sua esposa não resistiu. Ela estava tão debilitada que ele conseguia levá-la nos braços sem o menor esforço. Assim que ela morreu, seu luto e desespero foram tão grandes que resolveu largar tudo o que tinha para caminhar sem rumo pelas rodovias. Ele está no trecho há cerca de cinco anos, desde quando a esposa morreu.

Só a voz pode ou não? (JUSTO)

Pode, pode. O meu é Ari. Eu falo assim porque eu sou dado como desaparecido. Depois que minha esposa morreu, eu sou de Campinas... (ARI)

Você era casado, tinha filhos? (JUSTO)

Era casado... trabalhava em empresa boa, empresa boa. (ARI)

Trabalhava no que? (JUSTO)

Eu era operador de máquina. Mas tinha, tinha...era técnico de mecânica. Eu trabalhei na Mercedes Bens de Campinas, Trabalhei na 3M, na Bosch. Só empresa boa, hein? (ARI)

E isso que época que foi? Que ano que foi isso mais ou menos? (JUSTO)

Ah...faz uns 5, 5...6 anos que ela morreu. Aí ela ficou doente na época que eu estava na Bosch. Eu tinha três carros, três terrenos e uma casa grande. Aí, ela ficou doente e eu sabia? E leva tenta fazer é... A Bosch tinha um convênio da UNIMED, né? Mas mesmo assim não consegui. Aí, eu vendi os três carros, vendi os três terrenos, colocaram na fila de transplante...E os empréstimos monstro do banco...Ou trabalhava na Bosch, eu tinha na época oito anos de Bosch, Ah, o banco liberava na hora... (ARI)

Quantos anos que ela ficou lidando com a doença? (JUSTO)

Ficou 5 anos. Ó, quando ela pegou a doença, ela pesava nada, nada uns 60 quilos. Quando ela faleceu, eu carregava ela no braço. Eu tive que fazer a limpeza higiênica dela. Aí, eu lá em Campinas, passei lá o natal e aí meus filhos, meus netos, falaram: 'Ó pai fica, aqui' ... (ARI)

Ela morreu...foi isso? Você... (JUSTO)

Foi...É porque o dinheiro que eu peguei na rescisão, o que eu fiz, paguei o banco, lógico, tem que pagar o banco. Sobrou um dinheirinho, a casa que eu tenho lá em Campinas é grande. Aí meu filho mais velho casou... foi o seguinte o dinheiro que eu tenho... dividi a casa no meio 'aí você mora de um lado com a sua esposa e o meu rapaz e a outra menina mora em outro canto.' Eu fiz assim. Aí eu fui morar com meu irmão. Que era meu irmão... Por que era? Porque era porque que era viciado em crack e mataram ele (solução de choro). Eu fui morar com ele e não tinha jeito não, não tinha jeito não...Viciado em crack, nossa. Para você ter ideia a casa não tinha nem água. Abandonada. Aí eu pensei eu vou partir mas volta e meia... (ARI)

Como foi que você decidiu em cair na estrada aí? (JUSTO)

Porque é o seguinte: Quando eu volto para minha casa, a minha casa não, a casa do meus filhos, né? Eu fico lembrando o que eu sofri sabe? Então dá uma agonia, dá até uma depressão sabe? Aí eu falei 'ah não...' Daí eu acho um servicinho aqui, um servicinho ali. Quando eu arrumo um dinheiro bom... eu tava em Avaré. Lá

trabalhei um ano, trabalhei um ano lá. Em Avaré em um ferro velho. Eu trabalhei um ano lá. O dinheiro que eu recebia, eu mandava para o meu neto, para meu neto. Eu tenho o número da conta dele, né. Depositava na caixa, na lotérica. Mandava para ele meu filho mais velho ele está desempregado e é segurança e eu falo para você... (ARI)

Mesmo, segundo ele, sendo dado como desaparecido e não querendo mais voltar para casa devido dor da morte da esposa, ele não desamparou a família ao ajudá-los com moradia e ainda continuava a ajudar seu neto sempre que possível.

No final da entrevista ele fez uma brincadeira comparando orientador e orientando a Jedis⁸, mestre e o aprendiz.

Ah você tem um professor muito bom! (ARI)
 É. ele é um cara legal demais, nossa. (ALEXANDRE)
 E quando você se formar você, vai ser professor também, sabia? (ARI)
 Sim. (ALEXANDRE)
 Você vai ser professor também. Aí você vai aprendendo com ele. (ARI)
 Sim é isso que ele faz. Ele vai me ensinando as coisas. (ALEXANDRE)
 Como é que é.... Jedi e Jedi. Mestre Jedi e o aprendiz. (ARI)

Nós nos despedimos. Ele continuou descansando no viaduto, e nós continuamos viagem até a sede de uma concessionária de pedágios para uma reunião com a assistência social da empresa.

5.1.11 Zé Tavares

Foi um dia atípico para nossa pesquisa porque encontramos um andarilho de estrada por acaso. Não estávamos fazendo pesquisa no momento em que o encontramos. Eu estava indo na rodoviária buscar minha namorada, a também psicóloga Alexia Rodrigues Ruiz, e como moro por perto subimos a pé até minha casa. Atravessando a rua da rodoviária até a FEMA (Fundação de Ensino do Município de Assis), um senhor que estava andando para até o caminho na estrada nos parou. No momento, ele queria saber qual seria a direção que iria ter que tomar para ir até Ourinhos a pé. Em menos de dez minutos de conversa antes da entrevista, falamos a ele sobre nossa pesquisa e se ele gostaria de participar. Ficou muito animado e concordou, imediatamente, em participar. Ele ter pedido informação, justamente, para mim foi uma coincidência muito interessante naquele momento. Ele apresentava sinais de embriaguez, como olhos vermelhos, falas arrastadas, andava cambaleando e tinha repentinas mudanças de humor.

⁸ Jedi é uma classe de guardiões da paz e justiça presente do universo da obra de ficção Star Wars.

Bom, seu José Tavares, meu nome é Alexandre Espósito e eu sou doutorando na Unesp de Assis. Eu faço pesquisa com andarilhos de estrada e trecheiros...
(ALEXANDRE)

Sim! Do jeito que eu gosto! De conversar com um povo desses! (ZÉ TAVARES)

A minha pesquisa é sobre a questão dos riscos e perigos na estrada.
(ALEXANDRE)

Na estrada. (ZÉ TAVARES)

Isso. O senhor aceita participar da minha pesquisa? (ALEXANDRE)

Sim, uai. (ZÉ TAVARES)

Seu Zé Tavares, quanto tempo faz que o senhor está no trecho? (ALEXANDRE)

Esses dias que eu larguei da mulher agora. (Risos) (ZÉ TAVARES)

Tá brincando?! Quantos dias faz? (ALEXANDRE)

Esses dias agora. Zé Tavares. Aí, você pode buscar agora, quer ver?
(ALEXANDRE)

Ele tinha iniciado sua caminhada no trecho há poucas semanas. Logo após deixar sua mulher por ter sido vítima de uma traição. Zé Tavares buscava vingança. Durante a conversa ele repetiu várias vezes sobre querer matar a ex-esposa e o amante dela. “Encher a cara dele de tiros.” Ao mesmo tempo, ele estava andando cada vez mais distante do Paraná. Estava indo para Minas Gerais. Disse que seu plano era voltar para matá-los.

Calma, vamos acalmar. Pra não matar ninguém, foi para a vida no trecho? Pra não correr o risco de ir numa cadeia, pra não matar ninguém, foi pro trecho?
(ALEXANDRE)

Não, peraí. Eu já vou contar outra história pra você. Pra não correr o risco dele ter matado eu... Eu vou contar a história pra você certinho...E pra senhora. Então, eu não corri o risco, porque ele me perdeu. Agora, eu vou lá e mato ele! (Risos). (ZÉ TAVARES)

Mas o senhor quer mesmo fazer isso? (ALEXANDRE)

Eu quero! Um homem daquele tem que morrer. (Risos). (ZÉ TAVARES)

Mas onde ele está? (ALEXIA)

No Paraná. (ZÉ TAVARES)

Mas o senhor está indo para o lado contrário. O senhor está indo para Belo Horizonte. (ALEXANDRE)

Não, não, não. Mas eu vou voltar! (Risos). (ZÉ TAVARES)

Vai ter uma hora que o senhor vai acabar vendo que tudo isso não tem nada a ver.
(ALEXANDRE)

Não é. Treinar 18 tiros na cara dele! (Risos). Já era. E nunca mais atentar eu, não é? (...) Fio, você é um homem experiente. A senhora é uma mulher experiente. Sabe o que eu vou fazer? Eu vou esfriar a cabeça! (Risos). E depois eu volto e corto ele no chumbo, porque não presta! Uai. Quem não presta tem que morrer, uai. (Risos).
(ZÉ TAVARES)

Quando estávamos nos despedindo, de repente ele disse que era evangélico da Assembleia de Deus e começou a chorar. Afirmou ser o maior pregador do mundo e nos pediu oração. Antes de voltar a sua caminhada, havia entendido que eramos religiosos e disse um verso bíblico.

Um grande abraço para você. Bom trecho para você, beleza? (ALEXANDRE)

Beleza! Fia, fique com Deus! (ZÉ TAVARES)

Tchau, boa sorte. Só esfria a cabeça, não precisa voltar. (ALEXIA)

Esfria a cabeça... (ALEXANDRE)

A primeira coisa que você fala, você fala pra mim: Ora! Você fala pra mim: Reza! Pra mim...conseguir essa história depois que a minha história já está pronta. (ZÉ TAVARES)

A gente vai orar por você, seu Zé Tavares. Aproveita a informação e vai lá.

Porque eu, de toda a minha vida. A minha vida é Assembleia de Deus de missão. O maior pregador do mundo! Assembleia de Deus de missão. Você sabe, né? O homem mais pregador do mundo. Você é católico? Você é evangélico? (ZÉ TAVARES)

Não, seu Zé Tavares. (ALEXANDRE)

O senhor é evangélico também! Vou te contar uma história! No livro do Apocalipse, capítulo 3.20 diz: “Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz, eu entrarei na tua casa”. (ele começou a chorar e rir. Disse algumas coisas que não compreendi). (ZÉ TAVARES)

Depois dessas falas, ele se despediu novamente e voltou a andar.

5.1.12 Luisinho

Luisinho tinha uma mochila e um saco de latinhas. Paramos o carro para perguntar a ele se gostaria de participar da pesquisa e ele aceitou. O problema da gravação da entrevista era que sua fala era muito rouca e baixa. Ela era de difícil compreensão. Não pronunciava alguns “R” de algumas sílabas. Optamos por escrever como ele fala e entre parênteses colocar palavra com a grafia correta. Às vezes, também não pronunciava alguns artigos e preposições. Natural de Corumbá, viveu em Campo Grande, Estrela do Norte e estava indo para Jaú. Ele tinha saído do trecho por alguns anos, mas havia voltado há algumas semanas, depois de escutar a família falar dele.

Você concorda então fazer a nossa entrevista? (ALEXANDRE)

Aham. Ah eu...estou no ‘techo’ (trecho). Ah, eu tava morando com meu ‘sobrinho’ (sobrinho). (LUIZINHO)

Sua sobrinha? (ALEXANDRE)

Meu ‘sobrinho’ (sobrinho)... Depois, eu escutei...eu escutei...fala mal de mim. Eu escutei. Eu não gosto (de) arrumar confusão meu (minha) família. Bigar (brigar) com minha família. Então, eu peguei e saí e não falei para ninguém. Nem “pa” (para) ele não falei. Saí. Agora eu tô indo lá...São Paulo e Jaú. (LUIZINHO)

Ah, você está indo para o lado de Jaú. (ALEXANDRE)

Luís: Em Jaú. (LUIZINHO)

Justo: Quando você saiu, você morava onde? Em que cidade que era?

Campo ‘Gande’ (Grande). Estela (Estrela) do Sul (MG?). Estela (Estrela) do Sul...morava com ele. (LUIZINHO)

Quanto tempo faz isso? (ALEXANDRE)

Morei com ele? Faz tempo já. (LUIZINHO)

E quanto tempo faz que você saiu da casa dele? (ALEXANDRE)

Faz...Sábado... (LUIZINHO)

Ah, foi sábado? (ALEXANDRE)

Retrasado... (LUIZINHO)

Alexandre: Onde que era? Que cidade que era? (ALEXANDRE)

Ahn? Cidade de Campo 'Gande' (Grande). (LUIZINHO)

Ah, Campo Grande. Sábado retrasado? (ALEXANDRE)

Luís: Aham, sábado retrasado. (LUIZINHO)

Mas pegou carona para vir para cá? Como é que foi? (ALEXANDRE)

Eu tô andando...Tô andando... (LUIZINHO)

Só a pé? (ALEXANDRE)

Só a pé. Consegui 'calora' (carona) , né... (Se) consegui "calona" (carona), eu vou. (LUIZINHO)

Você conseguiu carona? (ALEXANDRE)

Consegui. 'Agola' (Agora), tô vindo 'pa' (para) cá...não sei se vou consegui 'calona' (carona) mais. Eu tô indo...cidade. (LUIZINHO)

Alexandre: Então, faz aí umas duas semanas que você está no trecho?

Aham. (LUIZINHO)

Uma de suas características marcantes era ter alguns traços indígenas e ser alcoolista, como ele mesmo disse, a ponto de não conseguir comer nada e só ingerir cachaça e água. Ele tinha um irmão que apresentava a mesma condição, chegando a falecer quando estava embriagado em um galpão. Luisinho também não tinha a menor noção da idade, isso devido a um acidente que teve quando criança.

Então já faz um tempo que você não consegue comer nada praticamente? (ALEXANDRE)

Não, só bebida. (LUIZINHO)

Se te oferecerem comida, você não consegue? (ALEXANDRE)

Não consigo. (LUIZINHO)

Você pretende ainda continuar vivendo na estrada ou se tiver algum jeito de sair, você sairia? (JUSTO)

Eu quero...caminhar mais. (LUIZINHO)

Depois de São Paulo você caminhar mais? (ALEXANDRE)

São Paulo, eu fico por lá mesmo. (LUIZINHO)

E por que São Paulo? Por que você quer ficar por lá mesmo? (ALEXANDRE)

Minha irmã mora lá também. (LUIZINHO)

Então, você está indo visitar ela praticamente? (ALEXANDRE)

Eu tô indo ver ela. Falo "pa" (para) ela "seu irmão tá vivo, não tá morto não". (...) "Outo" (Outro) meu irmão bebeu tanto que morreu. Não comia. (LUIZINHO)

Também não comia? (ALEXANDRE)

Não, não comia nada. Morreu "dento" (dentro) do barracão. "Tabaia" (Trabalhava) de "pedeo" (pedreiro), servente de "pedeo" (pedreiro). (LUIZINHO)

Ele nos disse não ter noção de tempo e não ter memória de eventos, muito antigos, de sua vida. E isso são sequelas de um atropelamento que sofreu na infância. Não tinha noção da idade que tinha.

Que idade você tem, afinal? (JUSTO)

Que idade eu tenho? Não sei. Faz tempo, minha mãe viva...caminhão pegou eu, bateu minha cabeça...não consigo "lembar" (lembrar) não. Minha bexiga é de plástico. Faz tempo... (LUIZINHO)

Então, você teve um acidente e por conta disso você não sabe exatamente quantos anos você tem? (ALEXANDRE)

Não. (LUIZINHO)

Depois de terminarmos a entrevista, ele nos pediu uma carona até a cidade mais próxima. Nós demos carona até o posto de serviço mais perto, próximo a cidade que ele queria estar. Luisinho disse ter fé em Deus, para chegar até onde ele quer ir.

Foi a primeira vez em quase 30 anos de pesquisa que um andarilho aceitou ou pediu carona para o Justo.

5.1.13 Seu José

Nós havíamos avistado uma dupla andando no acostamento. Captamos bem o momento em que se separaram para andar em rodovias distintas. Encontramos ambos em diferentes trechos da rodovia. Quando encontramos Seu José, ele estava descendo uma rampa de acesso para outra rodovia.

Assim como no caso de Clemente, nós conseguimos fazer apenas um relato escrito de nosso encontro devido às dificuldades de captar o som desse dia. O vento estava muito forte e seu José contava algumas histórias se movimentando, o que dificultava a gravação. Boa parte do áudio ficou inaudível, cheio de ruídos. Mas graças ao recurso cursivo do diário de campo conseguimos descrever boa parte do que foi conversado entre nós.

Seu José é um mineiro que já andou o Brasil todo a pé. Já andou do Rio Grande do Sul até a Bahia, local onde disse ter um ótimo samba para curtir. Tem setenta e cinco anos, “sou nascido no dia 08 de abril de 1944”. Relatou que saiu de sua casa depois da morte da mãe, quando ele tinha apenas oito anos de idade. Ele disse que está no trecho há mais de 60 anos. Talvez, não há 60 anos nas rodovias, mas chama de trecho todo o período que viveu desde que saiu da casa da família.

Carregava consigo uma carrocinha. Era uma geladeira velha que foi transformada em um carinho improvisado com rodas que ganhou de uma doação. Para protegê-lo, ele dorme dentro dele. Isso o protege de alguma violência em área urbana por estar camuflado e também evita furtos contra seus objetos e o próprio carrinho. Uma proteção mútua entre carroceiro e carrinho. Dentro de seu carrinho havia um saco de latinhas e de outras peças metálicas que recolhe nas rodovias para vender.

Ele só anda sozinho, mas quando o encontramos, ele estava se despedindo de alguém. Geraldo, outro andarilho de estrada, havia proposto de andar com ele, mas seu José não gostou de certas atitudes do colega e disse para escolher uma estrada. Se Geraldo fosse por uma, ele iria para a outra. Seu José explicou que Geraldo bebia muito e viu o colega mexendo com mulheres. Ele desaprovou tais ações, motivo da separação. Ele também não costuma

beber, não quer pessoas bebendo perto dele, pode ser perigoso e se meter em confusões por causa delas. Gosta apenas de fumar cigarros.

O que nos chocou foi sua capacidade de gesticular, fazendo imitações quando falava dos outros e de modo a ir cada vez mais para o centro da pista, totalmente despreocupado e com a possibilidade de aparecer um veículo e atropelá-lo. Ele diz que a estrada é mais segura que as cidades e que quase não há perigos nela, porque nunca aconteceu nada com ele, nesses anos todos. Porém, já viu uma família inteira morrer na estrada por causa de um acidente.

Ilustração 7 - Momento em que Seu José e Geraldo tomam rumos diferentes.



Fonte: Compilação do autor.

Ilustração 8 - Carrinho de seu José, uma carcaça de geladeira improvisada com rodas.



Fonte: Compilação do autor

Ele anda na mesma mão dos carros, porque diz que é o correto para quem está andando com um carinho de mão, mas não liga muito para o perigo de ser atropelado, pois acredita que não seja tão perigoso assim.

Terminamos a entrevista com ele, fizemos o retorno e entramos de novo na pista, para nos encontrarmos com Geraldo.

5.1.14 Geraldo

Depois de entrevistar seu José, fomos atrás do outro andarilho de estrada que estava com ele. Geraldo tem 50 anos e está há 20 anos no trecho. Explicou que começou a andar por causa do alcoolismo. Tem um filho já em idade adulta que não sabe, exatamente, a idade.

Qual seu nome? (ALEXANDRE)

Geraldo. (GERALDO)

Meu nome é José, é Zé. O nome dele é Alexandre. (JUSTO)

Prazer. (ALEXANDRE)

Quantos anos você tem? (JUSTO)

50 anos. (GERALDO)

Quanto tempo faz que você está no trecho? (ALEXANDRE)

20 anos. (GERALDO)

E por que você foi para a estrada? (JUSTO)

Por causa de bebida. (GERALDO)

Você trabalhava? Tinha família? (JUSTO)

Eu tenho um filho. (GERALDO)

Que idade tem seu filho? (JUSTO)

Eu não sei que idade ele tem agora, mas era pequeno quando eu saí. (GERALDO)

Alexandre: É, faz 20 anos que você está no trecho. (ALEXANDRE)

Ele nos disse que já andou na rodovia em que estávamos, a Raposo Tavares, e que já foi há diversos lugares, mas sem especificá-los. Assim como a realidade dos outros andarilhos de estrada, Geraldo afirmou que não estava indo a lugar nenhum, enquanto anda.

Você conhece esse trecho aqui ou não? (JUSTO)

Já, já andei aqui já. (GERALDO)

Por onde você já andou? (ALEXANDRE)

Eu já fui pra um monte de lugar, né. (GERALDO)

Agora você está pensando em ir para algum lugar assim ou não? (JUSTO)

Agora eu não tenho onde ir não. Eu vou andando... (GERALDO)

A entrevista foi bem sucinta. Depois que perguntamos sobre outras questões no trecho, referentes aos objetivos da pesquisa, quando estávamos nos despedindo, Justo perguntou para ele se a vida sedentária era melhor ou pior do que a vida atual.

Está legal, nós agradecemos muito pela conversa para poder saber como que se vive dessa forma. Comparando assim do jeito que você vive hoje e do jeito que você vivia com a sua mulher, qual você acha que era melhor? (JUSTO)

Geraldo: Lá era melhor. Era melhor.

Mas tá legal, muito obrigado! (JUSTO)

Muito obrigado! (Alexandre)

Depois da despedida, seguimos viagem.

5.1.15 Jonathan

Natural do Rio de Janeiro, do bairro de Jacarezinho, Jonathan estava há quatro meses no trecho. Disse não conseguir dar muitos detalhes por não conseguir se lembrar bem deles. Ele carregava uma mochila nas costas e outra no peito.

Primeiramente, qual o seu nome? (ALEXANDRE)

Jonathan. (JONATHAN)

Há quanto tempo você está no trecho? (ALEXANDRE)

Há quatro meses. (JONATHAN)

Da onde que você é? (ALEXANDRE)

Sou natural do Rio de Janeiro. (JONATHAN)

Da onde no Rio de Janeiro? (ALEXANDRE)

Jacarezinho (bairro). Eu tenho também alguns problemas de memória. Eu consigo me lembrar do mais importante assim, dos detalhes eu não consigo me lembrar. (JONATHAN)

Ele nos relatou que foi para o trecho porque era assim, “mais da selva, mais da rua”. Era ex-usuário de cocaína e foi diagnosticado com esquizofrenia. Ele disse que se sente perseguido, mas às vezes percebe que está paranoico. Em alguns momentos ele me olhava com desconfiança por estarmos alongando o braço e chegou a perguntar porque eu estava fazendo aquilo. Eu disse que estava com dores no braço. Por conta de sua desconfiança, achamos melhor apenas o Justo entrevistá-lo.

O que aconteceu na sua vida que você... Antes você morava em uma casa, morava com família, tinha trabalho, essas coisas? Como é que você vivia? (JUSTO)

Na realidade...Desde sempre, desde sempre eu sempre fui assim é..devido alguns problemas que eu tive assim em relação a droga, essas coisas...Cocaína, droga pesada. E..Sempre fui assim, mais da selva, mais da rua, né. (JONATHAN)

Desde que idade que você... (JUSTO)

Desde quando me conheço por gente na realidade. (JONATHAN)

Não tem uma situação em que tentam te tirar da estrada ou coisa assim? (JUSTO)

Não, não. O que eu disse para o senhor. Eu já nasci com esse problema de esquizofrenia que a droga só aumentou isso aí. Isso fica me incomodando. Às vezes eu olho para a pessoa e acho que a pessoa está me perseguindo, não tem nada a ver. Mas às vezes assim, bem relativamente assim...claro tem um ou outro que vai querer tirar o cara assim do sério. Vai olhar assim...Que nem eu fui no restaurante ali...Claro, ninguém é obrigado a me dar nada, uma comida, nada. Nem um pãozinho ou assim... (JONATHAN)

Ele afirmou que em quatro meses de trecho já chegou ir do Rio de Janeiro para São Paulo e para Bahia. Disse ser bem raro andar utilizando algum meio de transporte. Quando perguntado sobre quantos quilômetros ele anda por dia, ele não respondeu à pergunta, mas disse que antigamente existia mais assistência, referindo-se a falta de ajuda atualmente.

Depois que você saiu, você já andou por quais cidades? (JUSTO)

Eu já passei por São Paulo, Bahia... Já faz uns três meses, quatro meses não. Bahia já passei, Pernambuco. São Paulo. (JONATHAN)

E você está andando mais a pé ou às vezes você anda também de carona, de ônibus? (JUSTO)

Bem raro de ônibus ou alguma coisa assim. Bem raro, muito raro. (JONATHAN)

Quantos quilômetros você anda mais ou menos? (JUSTO)

As coisas estão diminuindo, antes tinha uma assistência. Agora é bem raro. (JONATHAN)

Quando íamos nos despedir depois de ter feito todas as perguntas que precisávamos, ele puxou diversos assuntos com o Justo. Ele perguntou ao Justo o que é a emoção, a raiva, os sentimentos de modo geral. Sentiu-se grato por poder entender que tem que administrar sua paranoia e entender que às vezes, algumas coisas podem ser ilusões. Terminamos a conversa com ele e seguimos viagem. Não encontrando mais ninguém neste dia. Este foi o último andarilho que entrevistamos.

5.1.16 O encontro com o único andarilho que não aceitou ser entrevistado

Apenas um andarilho de estrada não quis gravar entrevistas. Mas sem dizer uma só palavra sobre quais seriam os riscos e perigos no trecho, mostrou a resposta por meio de suas ações de segurança e de seus medos de chegar perto de outros seres humanos. Seus receios, precauções e cuidados a ter distanciamento de nós e dos trabalhadores do acostamento nos fez compreender que aqueles que estão nas rodovias representam um risco para ele. Nós tínhamos o avistado na mesma direção que nosso veículo. Estacionamos há cerca de 50 metros de distância dele e o esperamos passar para cumprimentá-lo. Porém, quando ele percebeu nossa presença, deu meia volta. Ele deu seis passos para trás na direção contrária à nossa, mas deu meia volta de novo e voltou ao trajeto que estava fazendo. Deu mais alguns passos em nossa direção, mas voltou a dar meia volta. Repetiu esse processo de andar contra nossa direção, repensar e voltar ao trajeto várias vezes. Dava cerca de seis passos em nossa direção, dava meia volta, dava passos no sentido contrário e dava meia volta de novo. Até o momento em que ele decidiu ir até nossa direção, pois afinal, era a direção que estava andando e querendo

seguir. Ficou na dúvida se atravessava, pois, no outro lado da pista havia uma obra com muitos homens trabalhando. Já havia desviado deles, motivo pelo qual estava andando na mesma mão que os carros. Fui logo à frente do Justo, meu orientador para cumprimentar o andarilho enquanto Justo pegava a câmera. Quando passou por mim, eu lhe dei um “bom dia”. Ele me ignorou e continuou a andar. Mais à frente, Justo tentou, também, abordá-lo. Deu-lhe a mão para cumprimentá-lo. O andarilho parou e começou a escutar o que Justo tinha a dizer. Fixou o olhar para baixo na direção oposta de meu orientador, retraindo pescoço e ombros. Disse apenas que “estava só indo ali comprar...”. Falamos “tchau” a ele, e seguimos viagem. Observamos que depois ele atravessou a estrada, pois já era um trecho que não tinha ninguém trabalhando. Mais à frente, havia outro grupo de homens trabalhando à beira da estrada também em obras. Para também não passar em frente deles, atravessou, novamente, para a via que estávamos, e caminhou na mesma direção que a dos carros. Passando pelos homens, atravessou novamente para a via de contramão, pois é mais seguro ver que os carros estão se aproximando do que ficar de costas para eles, mas a presença humana representa muito mais perigo para ele.

5.2. Instituições, empresas, movimentos sociais e informantes que participaram de nossa pesquisa.

Durante nossa pesquisa, nós fizemos algumas reuniões ou entrevistas com representantes de instituições de diferentes seguimentos que têm projetos e propostas de segurança para andarilhos de estrada.

Durante o percurso do trabalho de campo, os funcionários de concessionárias e postos de combustíveis, ajudaram-nos bastante com informações relevantes à pesquisa. Eles nos relataram sobre a frequência que os andarilhos de estrada costumam passar em seus locais de trabalho, certos pontos em que dormem, dentre outras informações. Além das informações dadas, um dos frentistas foi o responsável por nos mostrar o Cigano, que estava entrando no posto de combustível quando abastecíamos o carro.

5.2.1 A Comissão de Direitos Humanos da Polícia Rodoviária Federal do Paraná (PRF-PR)

Na quarta-feira do dia 02 de outubro de 2019, nós, orientador e orientando, recebemos a visita de dois policiais rodoviários federais membros da Comissão de Direitos Humanos da PRF do Paraná. Ambos vieram de Ponta Grossa-PR para discutir conosco sobre um pré-

projeto de intervenção e assistência aos andarilhos de estrada, de iniciativa da polícia rodoviária federal chamado “VIDAS NA ESTRADA: andarilhos e trecheiros”.

Nós o lemos, corrigimos e fizemos sugestões para que seja transformado em um projeto coeso e estar pronto para ser executado. Resumidamente, o pré-projeto propõe dar ajuda assistencial e promover maior bem-estar e segurança aos andarilhos de estrada por meio de parcerias público-privadas para fortalecer e criar ações para com os andarilhos de estrada, doações de roupas com refletores e materiais básicos de higiene e proteção. Cabe ressaltar que em momento algum pensam em tirá-los das rodovias e estrada, respeitando o direito de ir e vir, mas deixando suas trajetórias no trecho mais seguras.

Os policiais, também, nos enviaram dois relatórios que foram apresentados em eventos da Polícia Rodoviária Federal (PRF) não especificados, e deles foi transformado em capítulo de livro (SCREMIN, FREITAS JÚNIOR, 2019a). Estes documentos foram importantes para nossa troca mútua de conhecimento e para obter dados sobre acidentes com andarilhos.

5.2.2 A Concessionária de pedágios

No dia 26 de junho fizemos uma visita a uma concessionária de pedágios que tem atuação no estado de São Paulo. Fomos convidados pela assistência social dessa empresa que, apesar de não ter registrado nenhum óbito em um ano, apresentou-se estar preocupada com os a segurança dos andarilhos de estradas nas rodovias e que pretendia fazer um acordo de cooperação conosco para pensar em alternativas para que os riscos fossem mitigados.

Segundo ela a concessionária entende que os andarilhos têm direitos de ir e vir pelas estradas, conforme suas vontades e não têm interesses de retirá-los. Apenas pretende diminuir os óbitos e deixar as estradas mais seguras. Por enquanto, em alguns postos de serviços de atendimento ao usuário (SAU) oferecem comida e dão aos andarilhos um colete com refletores para que os carros consigam vê-los pelo caminho. Existe a intenção de ampliar esses atendimentos e contam com uma cooperação com a Polícia Militar Rodoviária do estado de São Paulo para conscientizar os motoristas sobre a presença de pessoas andando à beira da estrada. Nessa cooperação conosco seriam compartilhados dados mutualmente para a elaboração de campanhas de prevenção de atropelamentos e mortes.

5.2.3 O Movimento Nacional da População em Situação de Rua (MNPR)

Durante o III Seminário Regional sobre a População em situação de rua realizado, no dia 14 de agosto de 2019, em Ourinhos, nós entrevistamos Edvaldo Gonsalves de Souza e Anderson Lopes Miranda, dois membros do Movimento Nacional da População em Situação de Rua (MNPR) focando nas questões de risco e segurança dos andarilhos de estrada nas rodovias e as principais resoluções que poderiam ser feitas para eles. Edvaldo era o atual coordenador estadual do MNPR, e Anderson é coordenador municipal do MNPR na cidade de São Paulo, já foi assessor do vereador Eduardo Suplicy (2017-2018), e é um dos fundadores do MNPR.

Ambos já foram trecheiros e tiveram contato com andarilhos de estrada antes de integrarem o movimento. Hoje militam pelo movimento nacional da população de rua na garantia de direitos. Eles são politizados com relação às questões do trecho e, durante a entrevista, elaboraram sugestões para que houvesse uma melhor qualidade de vida para os andarilhos de estrada e trecheiros.

5.2.4 Possíveis mitigações de riscos dos andarilhos de estrada dadas por representantes de instituições.

A assistente social da concessionária de pedágios, os policiais rodoviários federais e os representantes do MNPR nos indicaram seus planos de atuação para reduzir os riscos dos andarilhos de estrada.

Tanto a assistente social da concessionária de pedágios, quanto os policiais focaram em apresentar a minimização dos riscos envolvendo acidentes de trânsito. Para tanto, eles têm programas esporádicos de entrega de material refletor para os andarilhos de estrada. Concessionária havia iniciado uma campanha para distribuição de coletes àqueles que estão andando a pé pelos acostamentos. Enquanto os policiais tinham planos de distribuir o antigo uniforme deles, com a intenção de descaracterizá-lo de refletores colados nele. Durante nossa pesquisa encontramos andarilhos de estrada que receberam o colete da concessionária, mas não estavam usando por não ter costume ou não ver sentido na peça.

Quando perguntamos qual seria a contribuição do MNPR para os andarilhos de estrada, Anderson, representante do MNPR nos disse que é importante que as concessionárias discutam com eles sobre quais seriam as melhores medidas para os andarilhos de estrada. Pois criticaram essa medida do colete, colocada sem a discussão com as pessoas que estão andando

a pé nas rodovias. Os representantes da MNPR, que já foram trecheiros, também sugeriram algumas criações, como fazer acostamentos mais largos e de construir um espaço à beira das rodovias que pudesse oferecer acolhimento para que os andarilhos de estrada possam descansar.

A gente vê que os andarilhos estão mais longe (dos centros urbanos), eles nunca pegam uma passagem de ônibus, só vivem ali na beira de estrada. Como que o movimento poderia ajudar também essas pessoas que estão ali que nem chegam perto da cidade? (ALEXANDRE)

Eu acho que é a discussão. A discussão com as concessionárias, discussão que o poder público, a discussão com os pedágios. Muitas vezes você faz ruas só para carro e esquece que tem um ser humano que faz caminhadas. Então, eu acho que alargar um pouco onde? O acostamento. E o acostamento também ter como você trabalhar. Eu não ando no mesmo sentido do carro, eu ando ao contrário. Então, ao contrário você também pode fazer explicando para as pessoas 'tomem cuidado', 'preste mais atenção', faixas de coisas. Então, para a concessionária isso é muito importante. Não adianta você dar colete com refletor se ele anda mais de dia do que a noite. E a noite era importante nesses locais de muito, onde a concessionária está, espaço para acolhê-los. Não é para dormir, é para ele montar barraquinha dele, deitar lá, dormir e no outro dia embora. (ANDERSON)

Geralmente, quem faz isso são alguns postos de gasolina de caminhoneiro. (ALEXANDRE)

Isso, os de caminhoneiros. (ANDERSON)

Os de caminhoneiros. (EDVALDO)

Não as grandes redes. (ALEXANDRE)

Não, não! (EDVALDO)

Eles expulsou muitas vezes. As de concessionárias né. Então acho que esse diálogo, essa discussão é fundamental e importante. A partir do momento que uma concessionária monte, não precisa ser muita coisa. Uma marquise maior, um teto maior e um banheiro. Ele (o andarilho de estrada) entra, toma um banho, monta uma barraquinha ou o papelão dele lá. Deita lá, dorme e no outro dia ele pega o trecho e vai embora. É segurança, é proteção. (ANDERSON)

Como um centro campis, de campo. (EDVALDO)

Os estabelecimentos que hoje em dia deixam os andarilhos de estrada descansarem são postos de combustíveis destinados a caminhoneiros. Aqueles de grandes marcas, geralmente, os expulsam.

A proteção que os peritos das rodovias tentaram dar aos andarilhos de estrada seria um sinalizado de uso constante, enquanto a sugestão dada pelos membros da MNPR foram os alargamentos de alguns acostamentos e espaços de descanso, algo momentâneo, como um espaço especial para que andarilhos de estrada pudessem descansar, já pensando também na proteção ao roubo, além de garantir uma melhor condição de descanso para os mesmos.

5.3. A vida no trecho

Conforme proposto nos objetivos, este tópico apresenta a vida cotidiana dos andarilhos de estrada divididos por temáticas que foram apresentadas pelos participantes da pesquisa. Eles estão divididos em questões de saúde mental, relações familiares, como conseguem alimentos e outros recursos e o consumo de bebidas alcoólicas.

5.3.1. Convivendo com a loucura

Para o senso comum é corrente se ouvir das pessoas que a vida nas estradas está altamente relacionada a algum problema mental ou transtorno psicológico. Poucos participantes da pesquisa nos relataram sobre diagnósticos recebidos ou sintomas relacionados a transtornos mentais. Dentre eles, apenas um nos contou que foi diagnosticado e relatou como seu sintoma influencia, incomoda ou interfere no seu bem-estar no trecho. Como pesquisadores, nosso propósito não é traçar um diagnóstico ou perfil sobre os participantes da pesquisa, mas apresentar os relatos ditos por eles.

Jonathan é um participante que foi diagnosticado com esquizofrenia e era ex-usuário de cocaína. Ele nos relatou que a cocaína intensificou sua condição de saúde mental e que sofre com delírios persecutórios no trecho. Há momentos em que se sente perseguido por pessoas que se aproximam dele, apesar de às vezes perceber que está delirando.

Não, não. O que eu disse para o senhor. Eu já nasci com esse problema de esquizofrenia que a droga só aumentou isso aí. Isso fica me incomodando. Às vezes eu olho para a pessoa e acho que a pessoa está me perseguindo, não tem nada a ver. Mas às vezes, assim, bem relativamente assim...claro tem um ou outro que vai querer tirar o cara assim do sério. Vai olhar assim...Que nem eu fui no restaurante ali...Claro, ninguém é obrigado a me dar nada, uma comida, nada. Nem um pãozinho ou assim... (JONATHAN).

Ele reconhece a necessidade dos remédios. Já parou de tomá-los e queria retornar para, segundo ele, “fica mais de boa”. A condição ao acesso a medicamento na errância é escassa, pois é de compromisso tanto dos serviços de saúde, quanto os de assistência fornecerem medicamento para quem está em um território estabelecido, seja com endereço, ou pelo menos, afirmar estar em situação de rua nos arredores urbanos. Ser um andarilho de estrada faz com que o acesso a qualquer serviço de saúde mental seja restrito, seja pelo fato de não habitar um território para acessar serviços gratuitos ou por não dispor de capital para marcar uma consulta particular. Os serviços de saúde e dos serviços de assistência garantem atendimento aos andarilhos de estrada, mas o fato de não estarem em lugar algum causa um

choque burocrático nos sistemas de atendimento focados em territórios. O andarilho de estrada fica à mercê de equipes que podem ou não aprovar seus atendimentos.

Por viver em um Estado racista, o fato de Jonathan ser negro e já ter sofrido diferentes discriminações ao longo de sua vida, também, faz com que ele se sinta acuado em certas situações em que pode ser vítima novamente. Ele relatou que se sentiu desprezado e incomodado com as perguntas do médico (ou da equipe) que o atendeu. Não há como saber se o médico estava querendo compreender, detalhadamente, sobre a vida de Jonathan ou se ele estava sendo desprezado no serviço de saúde. O fato de se sentir perseguido dificulta muito a sua vida no trecho quando vai ao encontro de qualquer estabelecimento, que compreende desde quando vai a um serviço de saúde tentar adquirir medicamentos, até a um restaurante em um posto de combustível pedir comida.

Você toma algum remédio? (JUSTO)

Assim, o médico tinha até me indicado...tá certo, eu parei de tomar e blablabla....últimamente, desde sempre, normalmente o cara vai medicar alguma coisa...eles não me deram uma atenção. O doutor...os caras me desprezando porque sou preto. Mas tipo assim, trocar ideia com o cara e ali é de boa. E eu tomo remédio para ficar mais de boa. Ah, o cara ficava querendo saber os detalhes da minha vida 'ah, que cor de cueca você usa?' Claro que ele não queria saber a cor da cueca que eu uso, mas começou a perguntar demais. Eu não gosto desse negócio de ficar sabendo da vida dos outros. O negócio é coisa de psicologia, da mente, da loucura. Agora, que que tem a ver, uma com a outra? 'Que cor da tua meia? Está indo para onde? Ahn?' Não tem nexo. O bagulho é coisa de remédio, remédio. O médico quando dá um laudo para o cara e fala 'tu tem isso e acha que os outros tá perseguindo e pá'. Conteúdo mastigável. Aí eu peguei e sai fora. Eu queria algum remédio e os caras começaram a me tirar 'pá, o médico ainda não chegou'. Se não tem médico, não tem como eles...Claro, eu sei como é que é. Eles têm que me conhecer, eles têm que me conhecer primeiro, saber como é a vida. Mas mesmo assim, muito estranho. Parecia que o cara tava dando em cima de mim, na real. Fingi que não estava vendo. E deu para ver... (JONATHAN)

Conforme suas experiências e vivências⁹, Jonathan aponta sobre como é o acesso a serviços de saúde mental para ele. Ele tem ciência de que no sistema capitalista o acesso a esses serviços é proporcional a renda e classe a que pertence.

Aqui no interior, a coisa muito fechada, muito mesquinha. Se for algo maior, Salvador, Bahia. É tipo tropa de Elite...Sistema, sistema. Se eu tiver dinheiro, eles vão dar o remédio, se eu não tiver, eles não vão. (JONATHAN)

O acesso a serviços de saúde mental nas condições sociais dos sujeitos pesquisados sempre foi escasso, mesmo quando eram sedentarizados. Seja por indisponibilidade de

⁹ Segundo Minayo e Costa (2019) “a vivência é produto da reflexão pessoal sobre a experiência. Embora a experiência possa ser a mesma para vários indivíduos (irmãos de uma mesma família, um conjunto de pessoas que presencia um fato, por exemplo) cada um elabora de forma diferente o que vivenciou de modo singular” (p.10).

serviço, dificuldade a ir ao encontro deles, ou por desinformação e desconhecimento, muitas vezes não divulgados por serem de atenção secundária. Enfatizando que muitos desses sujeitos mal frequentavam a atenção primária. Estar localizado em um território, seja uma residência ou em situação de rua nos arredores urbanos, ainda, é um pré-requisito para ter acesso a diferentes serviços, seja de saúde, saúde mental ou assistência social. Fato que dificulta a vida dos andarilhos de estrada que querem suprir suas necessidades de saúde e bem-estar.

Por conta de seus delírios o trecho pode ser mais perigoso e desagradável aos olhos de Jonathan. Ele pode ser hostil e se sentir ameaçado àqueles que querem ajudá-lo de alguma maneira. Ter delírios persecutórios intensifica a sensação de insegurança no trecho (JUSTO, 2000; JUSTO; NASCIMENTO, 2005). Isso faz com que Jonathan e outros sujeitos na mesma condição sejam mais cautelosos ao se aproximarem de pessoas que avistam, mas ao mesmo tempo, podem fugir, distraírem-se e se distanciar por medo, sem dar atenção às vias por onde transitam. Podemos tomar, como exemplo, o caso do único andarilho de estrada que não quis ser entrevistado. Chegou a mudar a direção de sua caminhada várias vezes. Parecia que não sabia se voltava o caminho ou se prosseguia. Ele não atravessou a via, porque alguns homens estavam trabalhando do outro lado. Resolveu passar na nossa frente, mas não quis conversar, apavorou-se quando chegou perto de nós. Percebemos que ele atravessou a via diversas vezes para evitar passar próximo a outras pessoas. Ele foge de possíveis perseguidores, mas para isso atravessa a rodovia, constantemente, de modo apressado e desatento aos veículos. Segundo Justo e Nascimento (2005), por conta de alguns andarilhos de estrada ficarem muito tempo sozinhos nas rodovias, não é incomum que haja aqueles que apresentem pensamentos persecutórios ou delírios.

Há ainda outros andarilhos de estrada que apresentaram algumas falas delirantes, como no caso de Herói Brigadeiro, Nada e Murilo. Podemos mostrar, como exemplo, que logo no início da entrevista com o Nada a forma em que ele se apresentou. “Nada” não é o nome ou apelido que ele se identifica, mas sim uma negação dele.

Não, eu não sou nada. Plenamente que a eletricidade me deu vida, magnetiza. Ao falar em magnetismo é o que? Pedra de ravena e safeno. Tá aqui nos meus peitos, é o ponto. Pontagudo. Vai, continua. **(NADA)**

Alexandre: Mas qual é o teu nome? (ALEXANDRE)

Nada: Meu nome? Meu nome também é nada mano. É mais a insatisfação da vida. Insatisfação da vida. A, B, Nada... **(NADA)**

Alexandre: Para onde você está indo? (ALEXANDRE)

Tem a instituição aqui que fica vendo e revendo. Aí eu existo, mano. Que o ser humano criou na minha vida aqui e habitou na minha rocha e na minha vida. Tem

um câmbio metalúrgico e tem umas levoisse. Certo, mano? É o seguinte mano. O zero tá tampando... **(NADA)**

Quase que a totalidade da fala de Nada era dessa maneira. Diferente dele, o Herói Brigadeiro respondia as questões de modo claro, mas afirmava que seu nome era esse mesmo. Também falava que estava na estrada, porque trabalhava para a rainha dos caminhoneiros, que perdeu o emprego, mas agora era catador de latas nos acostamentos.

Eu trabalhava para a rainha dos caminhoneiros anteriormente. (HERÓI BRIGADEIRO)

Justo: A rainha dos caminhoneiros? (JUSTO)

É! Eu perdi o emprego e agora eu sou juntador de lata, olha. (HERÓI BRIGADEIRO)

Mudou seu discurso demais ao afirmar que era trabalhador da prefeitura.

Que é mais fácil, ter uma casa, um emprego... (JUSTO)

Eu tenho um emprego. Eu trabalho para a prefeitura. **(HERÓI BRIGADEIRO)**

Enquanto Murilo respondia com uma palavra algumas de nossas questões, como por exemplo, afirmou que bicicleta era o maior perigo das estradas e disse estar a caminho da sorveteria.

O que você pretende fazer na próxima cidade? Você vai para algum lugar ou pretende continuar caminhando? (JUSTO)

Sorveteria. **(MURILO)**

Ruivo também é um caso que apresentou questões sobre o convívio com a loucura. Ele não apresentava fala incoerente ou delirante, quando nos deu a entrevista. Porém, há pelo menos oito meses ele começou a ter alucinações envolvendo vozes e algumas imagens de pessoas. Elas aparecem com mais frequência, quando está caminhando. Algumas dessas vozes são reconhecidas por ele, outras não. Afirmou que elas se identificam para ele quando aparecem, chegando até a falar seus endereços. Nunca pediram ou deram ordens para que ele fizesse alguma ação. Elas acabam desaparecendo com o tempo. Afirmou também não temê-las, pois diz não representar perigos a ele.

Mas está legal então. Foi muito bom a conversa com a gente. Aprendemos com vocês um pouco mais como é a na estrada, como vocês andam. (JUSTO)

Alguns gostam, mas alguns não gostam, né? Caminhar e refrescar, né? Eu vejo alucinação às vezes. Já há uns oito meses. **(RUIVO)**

Verdade? E acontece enquanto você está caminhando? Ou mais pela noite quando está dormindo e parado? (JUSTO)

Mais caminhando mesmo. Às vezes param. **(RUIVO)**

Fazem três anos que você está caminhando no trecho, mas há 8 meses que você tem alucinação? E como que elas são? (ALEXANDRE)

É uma voz bonita. (RUIVO)

Como? Uma voz bonita. O que ela fala para você? (ALEXANDRE)

Fala o nome, se identifica. (RUIVO)

Nunca pediu para você fazer alguma coisa? (ALEXANDRE)

Isso ela não diz não. Fala um o, a rua de casa e passa assim. Ai é diferente, a pessoa fala o nome e... (RUIVO)

Nessas alucinações você vê pessoas? (JUSTO)

De vez em quando acontece. (RUIVO)

Depois some? (ALEXANDRE)

Some. (RUIVO)

São pessoas que você conhece? (JUSTO)

Muitas pessoas eu conheço, outras não. (RUIVO)

Quando te dá essas alucinações, você fica assustado ou preocupado? (JUSTO)

Eu não fico preocupado. (RUIVO)

Justo: Você não sente medo de ter alucinação? (JUSTO)

Ruivo: Não. (RUIVO)

E tudo bem? Você não fica com medo? (JUSTO)

Não. (RUIVO)

Você sente medo de alguma coisa? (JUSTO)

Eu tenho medo de (algo) ser perigoso. De ser atacado. De tipo que bateram aquele rapaz ali. (RUIVO)

Pelo menos, até o momento da entrevista ele consegue conviver com essas vozes. Afirmou não se preocupar com elas. Ruivo também nos apresentou que tem medo mesmo do que é real para ele, de ser atacado e violentado, como ouviu acontecer com um rapaz que conheceu. Também mostrou que sabe que ouve vozes, que fazem parte de uma alucinação, como o próprio mesmo disse. Isso apresenta que ele compreende a origem das vozes, e não as qualifica como místicas.

Conforme Justo (2000), o modelo manicomial não comporta a vida em trânsito do contemporâneo. Porém, nem mesmo o atual modelo de atenção psicossocial consegue comportar por estar pautado em atendimentos focados no território em que vive seus usuários. Essa é uma dificuldade para que Jonathan consiga medicamentos, pois, mesmo diagnosticado e fazendo algum acompanhamento, teria que pegar sua medicação em farmácias populares de seu território. Vimos em “ ‘Batman’: Um andarilho dardejante e a Atenção Psicossocial” (MUNIZ et al, 2017) que uma equipe de saúde teve que fazer toda uma produção de cuidado para um sujeito que errava pela cidade do Rio de Janeiro. Assim, prepararam diferentes estratégias para que ele conseguisse arranjar medicamentos e outros cuidados em diferentes pontos da cidade. Porém, esse caso especial é de foco territorial bem menor do que pensar que para os andarilhos de estrada essa busca de cuidado poderia ser feita em qualquer lugar do Brasil. Mesmo que o SUS tenha valores universais e que um andarilho vá até um serviço primário de saúde, ele teria que apresentar um lugar como residência para continuar um tratamento de ordem psicossocial para ser acompanhado por uma equipe multidisciplinar.

Assim, nenhum desses modelos de cuidado, tanto na saúde mental quanto na assistência social não comporta o atendimento de quem vive uma vida desterritorializada e em constante trânsito. Desse modo, Jonathan teria que, constantemente, voltar ao território que foi ou é atendido para fazer receber um cuidado. Ainda mais, o atual Governo que compõe retrocessos e se pauta cada vez mais na volta dos manicômios e no surgimento comunidades terapêuticas cuja a forma de trabalho apresenta métodos não científicos, como a severa abstinência, não foca a qualidade de vida e exclui o bem-estar tanto daqueles que estão dentro desses retrógrados estabelecimentos quanto daqueles que estão em trânsito.

Mas contrário do que se pode pensar, sintomas que podem chegar a diagnósticos de transtornos mentais entre os andarilhos de estrada não foram tão constantes em nossa pesquisa. Diferente do que é apontado em “Saúde mental em trânsito: Loucura e a condição de itinerância na sociedade contemporânea” (JUSTO, 2000), ao afirmar que boa parte dos andarilhos era formada por egressos de hospitais psiquiátricos, que estavam em processo de reforma psiquiátrica. Percebemos, assim, uma mudança de configuração dos sujeitos no trecho, pois a pesquisa desse artigo foi feita ainda no final dos anos 90, quando a reforma psiquiátrica estava se intensificando no Brasil (YASUI, 2010). Percebemos em nossos participantes que há muitos motivos para irem ao trecho, que vão desde questões de trabalho, rompimento de vínculos familiares e até mesmo a vontade de conhecer diferentes partes do Brasil.

A vontade e ida para o trecho não está apenas relacionada a transtornos mentais ou aos seus sintomas. Ela está atrelada a um emaranhado de diferentes condições socioeconômicas, psicossociais, culturais e subjetivas (JUSTO; NASCIMENTO, 2012). Torna-se importante saber que muitos andarilhos de estrada não têm transtornos mentais, problemas cognitivos, ou problemas neurológicos e que, muitos sujeitos que os apresentam não têm vontades de sair para a errância.

5.3.2 Espectros das relações familiares

As relações familiares, também, podem influenciar o modo que os andarilhos de estrada vivem no trecho e até mesmo estarem relacionadas aos motivos de iniciarem esse modo de vida errante. Alguns participantes da pesquisa sofreram rompimentos familiares de diferentes tipos, enquanto outros têm fortes ligações com a família. Ao contrário do que se pode pensar, até os participantes que tiveram perdas ou desentendimentos com algum familiar são ligados a outros, por quem tem lembranças, carinho e saudades. Conforme apresenta o

Quadro 2, alguns andarilhos de estrada de nossa pesquisa visitam seus familiares esporadicamente.

Quadro 2 – Relações familiares

Participante	Motivo da ida ao trecho	Visita familiares esporadicamente?	Tem filhos?
Clemente	Ruptura familiar	Não	Sim
Donivaldo	Sem informações	Não	Não
Ruivo	Busca por trabalho	Sim	Não
O NADA	Aventura/missão	Sem informações	Sem informações
Herói			
Brigadeiro	Aventura/missão	Não	Não
Cigano	Aventura/missão	Sim	Não
Luís	Busca por trabalho	Não	Sim
Murilo	Sem informações	Sem informações	Sem informações
Alberto	Busca por trabalho	Sim	Não
Ari	Ruptura familiar – Luto	Não	Sim
Zé Tavares	Ruptura familiar – Traição	Não	Sim
Luisinho	Ruptura familiar – Álcool	Sim	Não
Seu José	Sem informações	Não	Não
Geraldo	Ruptura familiar – Álcool	Não	Sim
Jonathan	Aventura/missão	Não	Não

Fonte: Espósito, 2019

Os rompimentos familiares que alguns andarilhos de estrada tiveram estão relacionados aos sofrimentos psíquicos que enfrentam no trecho, conforme já indicado em pesquisas anteriores (JUSTO, 2005, 2011; JUSTO; NASCIMENTO, 2012). Dentre os participantes, Ari, por exemplo, iniciou sua vida no trecho depois que sua esposa morreu de uma doença terminal. Ele largou emprego, casa, carro e a companhia da família após o fato ocorrido. Na entrevista, ele nos contou sobre como era sua vida antes de sua perda e explicou

que não conseguiu superar o luto pela morte da esposa. Quando a mencionou, imediatamente, começou a chorar a ponto de soluçar.

Eu era operador de máquina. Mas tinha, tinha...era técnico de mecânica. Eu trabalhei na Mercedes Bens de Campinas, Trabalhei na 3M, na Bosch. Só empresa boa, hein? Ah...faz uns 5, 5...6 anos que ela morreu. Aí ela ficou doente na época que eu estava na Bosch. Eu tinha três carros, três terrenos e uma casa grande. Aí, ela ficou doente e eu sabia? E leva tenta fazer é... A Bosch tinha um convênio da UNIMED, né? Mas mesmo assim não consegui. Aí, eu vendi os três carros, vendi os três terrenos, colocaram na fila de transplante...E os empréstimos monstro do banco...Ou trabalhava na Bosch, eu tinha na época oito anos de Bosch, Ah, o banco liberava na hora... Ficou 5 anos. Ó, quando ela pegou a doença, ela pesava nada, nada uns 60 quilos. Quando ela faleceu, eu carregava ela no braço. Eu tive que fazer a limpeza higiênica dela. Aí, eu lá em Campinas, passei lá o natal e aí meus filhos, meus netos, falaram: 'Ô pai fica, aqui.' ... (ARI)

Após a morte da esposa, ele largou seu emprego, pagou todas suas dívidas e procurou ajudar com o necessário seus filhos, noras e irmão. Apesar da vontade de fugir e de se distanciar o mais longe possível de sua cidade, ele ainda mostra sua importância para com seus familiares de diferentes modos. Deixou a sua casa disponível para seus filhos morarem e, quando possível, deposita algum dinheiro que ganha com a venda de latinhas na conta de seu neto. Ele já tentou voltar para sua casa, mas mesmo com a insistência de seus filhos, as lembranças e as dores de estarem no local o incomodam e o faz voltar ao trecho.

Foi...É porque o dinheiro que eu peguei na rescisão, o que eu fiz, paguei o banco, lógico, tem que pagar o banco. Sobrou um dinheirinho, a casa que eu tenho lá em Campinas é grande. Aí meu filho mais velho casou... foi o seguinte o dinheiro que eu tenho... dividi a casa no meio 'aí você mora de um lado com a sua esposa e o meu rapaz e a outra menina mora em outro canto.' Eu fiz assim. Aí eu fui morar com meu irmão. Que era meu irmão... Por que era? Porque era porque que era viciado em crack e mataram ele (solução de choro). Eu fui morar com ele e não tinha jeito não, não tinha jeito não...Viciado em crack, nossa. Para você ter ideia a casa não tinha nem água. Abandonada. Aí eu pensei eu vou partir mas volta e meia... Porque é o seguinte: Quando eu volto para minha casa, a minha casa não, a casa do meus filhos, né? Eu fico lembrando o que eu sofri sabe? Então dá uma agonia, dá até uma depressão sabe? Aí eu falei 'ah não...' Daí eu acho um servicinho aqui, um servicinho ali. Quando eu arrumo um dinheiro bom... eu tava em Avaré. Lá trabalhei um ano, trabalhei um ano lá. Em Avaré em um ferro velho. Eu trabalhei um ano lá. O dinheiro que eu recebia, eu mandava para o meu neto, para meu neto. Eu tenho o número da conta dele, né. Depositava na caixa, na lotérica. Mandava para ele meu filho mais velho ele está desempregado e é segurança e eu falo para você... (ARI)

Vimos que Ari também sofreu outra perda. Depois da morte de sua esposa, tentou morar e ajudar o irmão por alguns meses. Ele era usuário de crack e foi assassinado. Ari já não conseguia se estabelecer e, mesmo com a insistência de seus familiares para que ficasse em casa e tentasse reerguer sua vida econômica e emocional, foi embora de vez para o trecho.

Em outra situação de rompimento familiar, Zé Tavares relatou que começou a vida no trecho depois que sua esposa o traiu com um colega. Ele saiu da casa onde morava e, novo no trecho, começou a ir em direção oposta à sua cidade. Seu ódio e dor eram nítidos quando começou a contar sua história. Ele chorava pelo ocorrido e ria ao contar seu plano: matar a ex-esposa e seu amante. Relatou ser uma pessoa ruim e vingativa que iria dar fim ao seu sofrimento ao matá-los. Logo em seguida, começou a chorar e se descreveu como evangélico e membro da igreja Assembleia de Deus, alegando ser o maior pregador do mundo. A traição em sua vida o deixou desorganizado. Começou a ingerir álcool depois que saiu de casa e entra em conflitos morais em um jogo de forças entre ser um assassino vingativo e o “maior pregador do mundo”. Vive um conflito moral de matar e se vingar ou ser um bom pai, avô, pregador e cristão. Sem muito saber do que fazer, foi parar no trecho e andando em direção oposta a sua residência. Ele vivia na região de Ponta Grossa e estava indo até Belo Horizonte, sua cidade natal. Disse, também, que não se interessa por mais nada e apresentava sinais de embriaguez por estar com a fala arrastada, olhos vermelhos, odor de álcool, falta de coordenação e rápidas mudanças de humor.

Eu já vou contar outra história pra você. Pra não correr o risco dele ter matado eu... Eu vou contar a história pra você certinho...E pra senhora. Então, eu não corri o risco, porque ele me perdeu. Agora, eu vou lá e mato ele! (Risos). (...) Treinar 18 tiros na cara dele! (Risos). Já era. E nunca mais atentar eu, não é? (...). Eu sou pai! Eu tenho sete filhos, né fia? (Choro). Mas eu tenho que ir atrás dele. (Risos). Eu estou indo esfriar a cabeça pro lado contrário. Vou pro estado de Minas meu, vou esfriar a cabeça. E aí eu chego e (gesto de morte). (...). Sabe o que eu vou fazer? Eu vou esfriar a cabeça! (Risos). E depois eu volto e corto ele no chumbo, porque não presta! Uai. Quem não presta tem que morrer, uai. (Risos). (...). A primeira coisa que você fala, você fala pra mim: Ora! Você fala pra mim: Reza! Pra mim...conseguir essa história depois que a minha história já está pronta. (...) Porque eu, de toda a minha vida. A minha vida é Assembleia de Deus de missão. O maior pregador do mundo! Assembleia de Deus de missão. Você sabe, né? O homem mais pregador do mundo. (ZÉ TAVARES).

O rompimento com a ex-esposa o fez ir até o trecho, mas ele mantém profundos afetos com seus filhos e netos. Ele se descreveu como bom pai e avô. Disse que mantém contato com os familiares e que iria visitá-los, pois todos gostam dele, com exceção de sua ex-esposa, a qual insistiu em afirmar que irá assassiná-la junto ao amante.

Eu sou de família, filho, você é de família. (...). Você sabe de uma coisa? Eu tenho cinco filha e três homens (segurou choro). Eu tenho catorze netos! (Risos). Tenho contato (risos). (...). Tudo gosta de mim! Quem não gosta de mim é a minha ex. Porque a minha ex arrumou pra minha cabeça. Eu vou falar uma história pro cê, vou falar pra tua muié... Arrumou confusão pra minha cabeça... Eu tenho que ir lá só matar ele (risos). (ZÉ TAVARES)

Nada, outro participante da pesquisa, nos disse que tinha uma esposa. Ao mencionar sobre, ele fez sinal de chifres na testa. Apesar de ter dito que morava com a Gabriele, não sabemos se ela a sua esposa. Ele nos apresentou uma série de signos e significados particulares em relação ao seu relacionamento com terceiros, na tentativa de nos explicar, o que cada uma das pessoas que citava representava em sua vida.

Leomar, Leandro. Leandro é o que? Leandro é o sacramento, mano. O sacramento. Aí você pode viver tranquilo, só de pensar. (NADA)

O Leandro é o sacramento. E a Gabriele? (ALEXANDRE)

A Gabriele, mano... é situação a situação do nome dela realmente... Ela fala da situação do Preste e o Brian. E o Eli e o passa e o batistério também. Tem uma situação que é o que ingere (ou indigério) na frente do ateliê, mano. Essa daqui não, é besteira. Eu deixo ela para o ateliê, mano. É o dicionário precário e tudo e eu parado no widget e tudo. E de vez em quando eu vou lá no ateliê.... (Bateu um forte vendo e não deu para escutar a última frase). Vamos falar do Mega Drive da Dynavision. Ela é porque...e agora ela está no ateliê. (NADA)

Você falou que é estilo Mega Drive Dynavision? (ALEXANDRE)

Para José a morte de sua mãe foi um fator determinante para o início do trecho. Sem ter para aonde ir, ainda era criança, quando ficaram em situação de rua e começaram a andar pelas estradas e rodovias tempos depois. Ele disse estar há 60 anos no trecho, mas não faz distinção entre o tempo em que estão em situação de rua e o tempo em que estão no trecho. Essa distinção não faz muita diferença para ele.

Quando que você foi para o trecho? (ALEXANDRE)

Com oito anos. Depois que a minha mãe morreu. (JOSÉ)

Em caso semelhante, Herói Brigadeiro também foi para o trecho muito jovem. Apesar da conta não bater, afirmou ter saído de casa com cerca de 5 anos de idade, sem família, saiu de sua casa para as ruas. Com 57 anos, afirmou estar no trecho há 45.

Herói Brigadeiro. Tá. Faz muito tempo que o senhor está andando nas estradas? (ALEXANDRE)

Desde os cinco anos. (HERÓI BRIGADEIRO)

Desde os cinco anos andando nas estradas? (ALEXANDRE)

Na estrada já tem uns 45 anos. (HERÓI BRIGADEIRO)

Quantos anos o senhor tem? (ALEXANDRE)

57. (HERÓI BRIGADEIRO)

Sobre Clemente, não sabemos se o rompimento familiar foi um determinante para ele iniciar a sua vida no trecho. Ele foi casado e tem duas filhas, e separou porque a esposa era muito ciumenta. Interrompemos o assunto sobre sua família porque depois que contou isso começou a chorar a ponto de soluçar.

Em alguns casos, o rompimento de laços familiares, desavenças ou brigas podem não ser o motivo para estarem no trecho, mas as relações interpessoais dessa natureza influenciaram suas decisões de estarem ou voltarem à errância. Luís, por exemplo, se inseriu no trecho aos poucos. Depois que o trabalho com familiares não deu certo, começou a trabalhar em borracharias. De borracharia em borracharia foi vagando pelas estradas, foi cada vez mais longe de sua casa. Quando se divorciou, foi para a casa de sua mãe. Um único comentário provocativo de seu irmão foi o suficiente para ir de uma vez para trecho.

Primeiro eu trabalhava em loja. Eu saí e comecei a trabalhar com uns parentes meus, mas não deu certo com os parentes meus. Aí não deu certo com os parentes meu e daí voltei pra loja de novo e daí virei borracheiro. (Risos). Aí você trabalha num canto, borracheiro não registra, eles pagam por comissão, né? É 50%, outros pagam 40. Trabalha num cantinho. Também não tá muito bom, cê não tá ganhando nada, aí você tem que procurar outro. Que nem eu falei, voltar pra casa eu não volto, de jeito nenhum. Aí, você vai indo. Mais longe, mais longe. E aí você fica com vergonha de voltar e vai acostumando... Foi aos poucos. Separei, voltei pra casa da minha mãe. Tem um irmão lá. Aí chego lá e falaram pra mim 'você voltou pra casa escondido?' Aí foi um tapa na minha cara. O dinheirinho que eu ganhava nem dava pra me manter. Aí deu um ano e deu certinho, em vez de eu voltar, eu fui embora. Aí depois você não volta mais, aí cabou. (LUÍS).

Luís se chateou com frase dita por seu familiar. Não era de cunho extremamente ofensivo, ameaças ou violência extrema, mas se importou tanto com o que o irmão pôde achar dele que poucas palavras já foram o suficiente para se afastar sem dar notícias. Detalhe importante, também, no caso de Luisinho, outro participante da pesquisa que estava no trecho por diferentes motivos quando tentou retornar a casa de familiares. Na casa de seu sobrinho, ele os escutou falando mal dele. Para não brigar, resolveu voltar para o trecho. Tem mágoas de sua família e acredita que se ela fosse boa para ele, não o deixaria sair assim de casa sem rumo. Porém, quando o encontramos, ele estava indo para a casa de um sobrinho em Jaú. Ele havia retornado há cerca de duas ou três semanas para o trecho. Não sabemos se ele saiu e retornou para a mesma casa ou se está visitando outro sobrinho. Mas traçou uma rota até Jaú e depois para São Paulo, para ver seus familiares.

Meu 'sobrinho'(sobrinho)... Depois, eu escutei...eu escutei...fala mal de mim. Eu escutei. Eu não gosto (de) arrumar confusão meu (minha) família. Bigar (brigar) com minha família. Então, eu peguei e saí e não falei para ninguém. Nem "pa" (para) ele não falei. Saí. Agora eu tô indo lá...(para) São Paulo e Jaú. (...)Se meu família fosse bom 'pa' mim, não deixava eu andar. Não deixava. O senhor fala 'pa' 'mia família' assim que o que diz a 'mia' família é tudo mentira. Eu tô falando verdade. Eu fico, sei lá eu...eu não gosto de 'biga' com 'mia' família, nem fala mal dele. Eu pego estada 'pa' não 'biga' com o mundo. (LUISINHO)

Descrevemos os passos dos andarilhos de estrada no trecho como sendo sem rumo, proporcionando um movimento típico da errância. Geralmente, os participantes de nossa pesquisa andam, exatamente, dessa maneira. Eles não fazem planejamentos de trajetos e não têm objetivos de chegarem a local nenhum. Mas, muitos daqueles que têm boas relações com algum familiar costumam ter o objetivo de visitá-lo quando necessário ou quando sentem saudades, como vemos em alguns casos citados acima.

Ruivo afirmou visitar dentre seus familiares, visita apenas os pais de vez em quando e que seus documentos ficam com sua família. Porém, também disse que nem sabe o nome da cidade em que eles se encontram.

E você tem documento? (JUSTO)

Não, comigo eu não carrego não, só com a minha família. (RUIVO)

Aí quando a polícia para você, você diz pra ela ‘vai pegar com a minha família’.
(Risos). E você visita sua família de vez em quando? (JUSTO)

Não visito não. Eu visito só meus pais...uma vez por semana, uma vez por mês.
(RUIVO)

Cigano, outro participante, pedala o Brasil todo de bicicleta. Geralmente, faz longas viagens entre pontos extremos sem objetivos definidos. Mas quando o encontramos, ele estava indo até o litoral para visitar a irmã. Ele tem o costume de ficar na casa dela por cerca de uma semana e, durante esse período, a ajuda em seu negócio de venda de cocos na praia. Ao contrário dos casos citados, Cigano foi influenciado a ir ao trecho não por rompimento ou desavença familiar, mas por influência de seu tio que era trecheiro. Ele tinha admiração pela forma que seu tio vivia, andava descalço e fazia procissões até a estátua do Padre Cícero. Certa vez, resolveu perguntar ao seu tio, por que ele andava daquela maneira. Começou também a querer ter aquele modo de vida viajante e aventureiro.

O que me levo no trecho? Agora, eu vou lhe dizer agora certinho. O que me levou no trecho, sabe quem foi? Foi através do finado tio meu. Tio João Belo. Que ele fazia romaria. Saía do Pernambuco para o Padre Cícero lá que tem uma romaria lá no Pernambuco. A pé, descalço...tio João! A alma dele já morreu há muitos anos. Eu tinha mais ou menos uns sete anos, eu me lembro como hoje. Uns oito... ‘O Tio João, como é que você anda no mundo assim, igual mendigo?’ ‘Não sou mendigo não, sou trecheiro, rapaz!’ ‘Aqui não tem espinho, não uso chinelo nem nada.’ E andava com um saco nas costas também. Aí chegava em casa, trabalha na fazenda, meu pai era o administrado e eu disse: ‘Ô pai, por que o tio João só vive no mundo?’ ‘Ah, porque ele gosta, ué.’ Entendeu? Aí sumia. Depois aparecia de novo. Depois de três mês, um ano, voltava de novo. É igual eu também. Já fiquei uns dois anos sem ir no Norte. Voltei ver uns parentes lá também, sempre eu fui. Igual ano passado eu fui, sabe? Só que eu fui de bicicleta também, essa vez que eu fui igual o ano passado. (CIGANO).

E aí você se inspirou nesse tio? (JUSTO)

Aí pronto. (CIGANO)

Você achou que era legal esse jeito de viver? (JUSTO)

Aham. É o jeito de viver. Aí eu fui lá e comecei a andar no mundo de novo. Entendeu? Depois de um tempo, minha mãe morreu, meu pai morreu. Aí foi morrendo meus parentes. E sabe os únicos que restou? Uma irmã que está agora no Guarujá, um irmão no Pernambuco e só primo e prima, o resto não tem mais nada. (CIGANO)

Apesar de diferentes motivos para a errância, percebemos que o desejo pelo trecho ou mesmo a situação psicossocial de alguns participantes, intensificou-se depois da morte da mãe ou de ambos os pais, como mostra o relato de Cigano. Outros participantes, como Luís, seu José e Alberto, também relataram influências semelhantes. No caso de Alberto, a vida foi se transformando, gradativamente, depois que seus pais faleceram.

Você era de Santos e quinze anos atrás você decidiu andar? (ALEXANDRE)

Eu tinha uma casinha, vendi a casa, algumas coisas, perdi meus pais, minha irmã queria ir para um outro lado, né. E aí, a gente decidiu vender essa casa para separar o dinheiro e a gente decidiu andar para frente. (Alberto)

E esse é o motivo pelo qual você anda nas estradas? (ALEXANDRE)

Caiu um pouquinho, né? Depois que meus pais ir pra frente, eu era muito garoto ainda e eu cai um pouquinho. (ALBERTO)

Boa parte dos participantes de nossa pesquisa, mesmo aqueles que não tiveram desentendimentos, deixaram seus familiares para iniciar a vida no trecho. Alguns deles iniciaram suas vidas no trecho por complicações de ordem de saúde mental ou mesmo por conta do alto consumo de álcool, mas tiveram rompimentos familiares como consequência desses outros fatores. Geraldo, por exemplo iniciou sua vida no trecho, segundo ele, por conta do excesso de consumo de álcool. Esse motivo o afastou cada vez mais de seus familiares e, mesmo sabendo onde mora seu filho, não tem contato direto com ele há mais de vinte anos, não sabendo exatamente a idade de seu filho.

Quanto tempo faz que você está no trecho? (ALEXANDRE)

20 anos. (GERALDO)

E por que você foi para a estrada? (JUSTO)

Por causa de bebida. (GERALDO)

Você trabalhava? Tinha família? (JUSTO)

Eu tenho um filho. (GERALDO)

Que idade tem seu filho? (JUSTO)

Eu não sei que idade ele tem agora, mas era pequeno quando eu saí. (GERALDO)

A ida para o trecho, por diferentes razões, consequentemente, gerou o afastamento dos participantes da pesquisa de suas famílias. Mas outros agravantes atrelados aos motivos de estarem no trecho, também, iniciaram seus desentendimentos ainda dentro de suas próprias casas, como a questão do álcool no caso de Geraldo e Luisinho, ou de saúde mental, como no caso de Nada e Jonathan. Além disso, as perdas, como o luto complicado vivido por Ari ou

casos de traição de cônjuges, como no caso de Zé Tavares, faz diversos sujeitos iniciarem suas vidas no trecho, a ingerir álcool excessivamente e até mesmo pensar em suicídio, como relataram os andarilhos de estrada citados em tela. Mesmo esses andarilhos de estrada que tiveram rompimentos familiares com um dos membros de suas famílias têm a vontade de ir visitar outros integrantes da família quando possível e até pensam em ajudá-los de alguma forma, financeiramente como no caso de Ari para com seus netos, ajudando no trabalho como relata Cigano, ou mesmo agradando-os com uma simples visita como seus Zé Tavares e Alberto.

Eles são desprendidos de territórios físicos, mas não de territórios afetivos. Quando se trata de rever seus familiares, não fazem movimentos errantes, traçam uma pequena rota até a casa deles e, depois que a visita de alguns dias ou poucas semanas termina, voltam para o trecho. As famílias podem influenciar na caminhada, mas ao contrário do que se pode pensar, ver seus familiares não é o início de uma retomada a vida sedentária ou desejo de se sedentarizar. Assim que matam suas saudades, voltam a andar no trecho, seja por uma dromonamia, aventura, fuga, etc.

5.3.3 Sobrevivendo no trecho

As formas de se conseguir alimentos e outros recursos estão, diretamente, ligados às experiências e os modos de se viver no trecho. Geralmente, os andarilhos de estrada conseguem se alimentar por meio de doações recebidas em postos de combustíveis para caminhoneiros, em concessionárias e em outros espaços de trabalho nas rodovias. Dificilmente almoçam, pois durante a manhã estão em caminhada.

Nem sempre há a disponibilidade dessas ajudas e, muitas vezes, elas não são o suficiente. Desse modo, alguns deles tomam diferentes estratégias para conseguir outros recursos. Pela condição da errância os andarilhos de estrada não têm empregos fixos e não procuram por um. As oportunidades de achar algum trabalho temporário nas rodovias, também, são escassas. Cada andarilho de estrada tem seu modo particular de conseguir algum dinheiro para suas pequenas despesas, como alimentação, roupas, produtos de higiene e bebidas alcoólicas, conforme apresentado no Quadro 3.

Quadro 3 – Como conseguem recursos no trecho

Participante	Como conseguem recursos no trecho
Clemente	Donativos em postos de combustíveis; Trabalho em lavouras

Donivaldo	Procura alimentos e utensílios, exclusivamente, do lixo
Ruivo	Donativos em postos de combustíveis
O NADA	Sem informação
Herói Brigadeiro	Coleta de recicláveis à beira da estrada
Cigano	Donativos em postos de combustíveis; Vendas de tiras para lonas para caminhoneiros; Trabalho esporádico para a irmã
Luís	Donativos em postos de combustíveis; Trabalho temporário como borracheiro
Murilo	Sem informação
Alberto	Donativos em postos de combustíveis e coleta de recicláveis à beira da estrada
Ari	Donativos em postos de combustíveis
Zé Tavares	Sem informação
Luisinho	Donativos em postos de combustíveis
Seu José	Coleta de recicláveis à beira da estrada
Geraldo	Donativos em postos de combustíveis; coleta de recicláveis à beira da estrada
Jonathan	Donativos em postos de combustíveis

Fonte: Espósito, 2019

Muitos andarilhos coletam latinhas e outros materiais recicláveis jogados por motoristas nas beiras de rodovias e estradas. Dentre os participantes de nossa pesquisa, Geraldo, Alberto, seu José, Herói Brigadeiro e Ruivo estavam com até dois sacos cheios de latinhas, quando os encontramos. Ruivo relatou que, ainda, utiliza o saco de latinhas como travesseiro.

Eu junto latinha, né? Então, serve de travesseiro. Essas latinhas aqui, serve também para dormir. **(RUIVO)**

É! Eu perdi o emprego e agora eu sou juntador de lata, olha. **(HERÓI BRIGADEIRO)**

Eu cato lata **(JOSÉ)**

Eu estou vendo que você está carregando umas latinhas. **(JUSTO)**

Eu carrego. Eu vendo... **(GERALDO)**

Seu José tem um carrinho que o auxilia a carregar uma grande quantidade de materiais. Quando o encontramos, ele carregava até um pedaço de para-choque de um veículo para vender. Geraldo também tinha um carrinho, mas foi roubado. No momento de nossa entrevista, ele estava com dois sacos de estopa que continham latinhas. Disse que a experiência com um carrinho no trecho é muito melhor para conseguir carregar melhor suas coisas.

Já fui roubado. Levaram meu carrinho. Roubaram todas minhas coisas ali, na rodoviária. (GERALDO)

Justo: É melhor ter um carrinho na estrada ou levar as coisas na mão? (JUSTO)

O carrinho rapaz, o carrinho seria bom, né? Para levar bastante coisa não tem como levar, né? (GERALDO)

Faz tempo que roubaram seu carrinho ou não? (JUSTO)

Seis meses. (GERALDO)

Alguns andarilhos de estrada podem e também fazem pequenos trabalhos temporários (JUSTO, 2011, 2012). Sazonalmente, Cigano vai visitar a irmã e a ajuda a vender cocos na praia. Com a mesma faca que utiliza para cozinhar e se defender, ele corta câmaras de ar descartadas em postos de combustíveis, em pequenas tiras, vende-as aos caminhoneiros que as utilizam para prender os lonas.

Eu corto umas borrachinha também. Essas borrachinhas para lona aí. É que eu não tenho delas agora. (CIGANO)

Como é que é? Você corta borrachinha? (JUSTO)

Corto. Corto essas borrachas, entendeu? É dessas câmara de ar. Aí eu corto assim, ó. Vou tirar um aqui para você ver. Não fique com medo não. Veja só... É porque não tem câmara de trator, de caminhão aqui. Mas eu tiro as câmara de ar tudo certinha, entendeu? Eu vou tirar as tiras desse tipo aqui. Eu vou tirando miudinha assim, ó. É que não tem a de caminhão. Se tivesse a de caminhão...Eu vendi lá pra trás. Dá pra minha sobrevivência. (CIGANO)

E quanto mais ou menos que o pessoal paga aí? (JUSTO)

Cigano: *Eles paga. Eu boto vinte e cinco borrachinha, paga vinte e cinco reais.*

Vinte e cinco por cinco reais? (JUSTO)

Isso! Vinte e cinco borrachinha por cinco. (CIGANO)

Ah, tá um precinho bom. (JUSTO)

Aí as borrachinha...tem umas de trator. As de trator é grande e as de caminhão também. Aí eu boto vinte e cinco borrachinha dessa aqui. Aí, eles paga cinco reais, entendeu? É que não está tendo agora, se tivesse... (CIGANO)

Porque para eles é muito útil, né? (JUSTO)

É. Exatamente. É dessas aqui ó (mostrou três borrachas cortadas). (JUSTO)

E eles usam bastante porque quebra muito e tal. (JUSTO)

Usam bastante. As que eu tinha eu vendi, mas é dessas aqui, ó (mostrou três delas amarradas). Essas aqui são de caminhão. Tem só um pouquinho aqui porque eu vendi. Essas daqui são as borrachas que eu vendo. Mas só que é o significado. Elas são aqui ó,. Vou amarrando desse tamanhinho assim, ó. Aí eu boto vinte e cinco borrachinha dessa, faço um feixe e é cinco real. Aí dá pra mim tirar o dia à dia, sabe? (CIGANO)

Aí vai amarrando uma na outra e eles vão tirando na medida em que precisam. (JUSTO)

Isso, vai, vai. Eles usa na medida que precisa. Mais cumprida também porque eles usa mais pra lona. Aí pronto, desse jeito. (CIGANO)

E como você começou? Como você teve a ideia de fazer isso? (JUSTO)

Cigano: *Isso aqui foi um amigo meu, um amigo meu que eu conheci lá em Paulínia. Aí ele começou a cortar borracha. (CIGANO)*

Lá em Paulínia? (ALEXANDRE)

É, Paulínia interior de São Paulo. Uns oitos anos atrás. Dessas borrachinhas aqui. Aí eu boto vinte e cinco borrachas dessas aqui por cinco reais. Aí eu vendo para os motoristas e tiro as despesas do dia a dia. (CIGANO)

Padrãozinho. Tudo certinho. (ALEXANDRE)

Tudo do mesmo tamanho, tudo do mesmo tamanho. É que eu não tenho aqui, mas tem vez que eu tenho. Aí pego na borracharia, o borracheiro me dá, daí eu vou e

tiro. E é assim desse jeito. E vai, e vai que vai. Carrego uma garrafa d'água também. (CIGANO)

Foi com o dinheiro desses pequenos trabalhos que Cigano comprou sua bicicleta cargueira para melhorar suas viagens e conseguir carregar mais coisas consigo. Nela, ele carrega alimentos, roupas, ferramentas, uma rede, vara de pescar e produtos de higiene.

Mesmo no trecho, Cigano tem uma rotina de trabalho e serviços domésticos. Ele sempre está com roupas limpas e lavadas assim que chega em algum posto de combustível. Também faz sua própria refeição utilizando um fogãozinho improvisado.

E aí, como é que você faz para ir se virando e tal? Você tem alguma fonte de... (JUSTO)

Recurso? (CIGANO)

Justo: *Recurso e tal.*

Não não, não tem não. Cê vai se virando. Aí tu vem e arruma umas borrachas e corta, entendeu? E vende para os caminhoneiros e vai tirando as despesas. Aí carrega uma panela, carrega um arroz também que ficam aqui pra mim fazer. Um álcool. Faço uma comida também no álcool. (CIGANO)

Você faz, é? (JUSTO)

Faço também. (CIGANO)

E é bom cozinheiro? (JUSTO)

É mais ou menos, sabe? Nada que não vai. (CIGANO)

Que comida você bem? (JUSTO)

Faço um arroz, você entendeu? Uma sardinha. Sardinha coqueiro também que já vem pronta e pronto, e é disso aí que nós vive. (CIGANO)

Você usa até a latinha da sardinha para cozinhar também, né? (ALEXANDRE)

É, nois faz, exatamente. Aí da latinha, nois faz um fogão. Bota dois tijolinhos um do lado do outro e dá pra fazer, entendeu? (CIGANO)

Legal essa técnica da latinha. E faz o próprio arroz na latinha também. (ALEXANDRE)

É, é. E quando acaba ali o álcool ali, eu boto mais um pouco de álcool de novo. Aí acaba de cozinhar. Aí carrego uma rede... (CIGANO)

Ahn? Ah, você carrega uma rede. (JUSTO)

Carrego uma rede, carrego uma lona. Aí carrego umas capas de chuva. (CIGANO)

Que nem aqui cabe uma rede? (apontando para um espaço). (JUSTO)

É exatamente. Aí fica descasado, entendeu? (CIGANO)

Aliás, um posto como esse aqui é uma mão na roda, né? (JUSTO)

É, é tranquilo. (CIGANO)

Você lava uma roupa também? (JUSTO)

Lavo também aí. Foi igual agora que eu cheguei ali no posto Ipiranga ali na frente ali e aí o gerente falou assim “ó parceiro, andando limpo desse jeito? Você não tá no trecho não”. Aí eu disse “vê minhas coisas para você ver como é que eu não tô no trecho”. Cada um é cada um, né moço? Cada um pode andar do jeito que for. Tem tanque para lavar roupa, tem rio. Os caras andam assim porque quer. Eu não discrimino ninguém. Sou igual eles. Entendeu? É igual eu falei pro gerente lá. Sou igual a eles também. Só que tem muita gente que anda que não tem condições de entrar num estabelecimento para tomar um café daquele tipo lá, como encontro muita gente por aí, sabe? Eu sou igual eles a mesma coisa. (CIGANO)

Sobre arranjar trabalho no trecho, Clemente, outro participante da pesquisa, nos afirmou que, antigamente, tinha mais serviços sazonais em lavouras para ele. Ficava algumas semanas trabalhando nelas e depois seguia viagem. Era explorado por um trabalho mal

remunerado e sem carteira assinada. Depois da chegada da mecanização nas safras de café não arranhou mais nenhum serviço assim.

Outra opção de trabalho no trecho foi encontrada por Luís. Ele faz serviços temporários, em borracharias localizadas, à beira de estradas. Ele nos relata que há diferentes tipos de acordo, conforme o combinado com o proprietário. Há serviços que pagam mais sem dar um almoço, aqueles que pagam menos com marmita garantida e aqueles que, infelizmente, dão “calote”.

E os bicos que você arruma é mais em borracharia? (JUSTO)

É mais em borracharia. (LUÍS)

Você já foi borracheiro. (ALEXANDRE)

A gente gosta de mexer também porque a gente gosta, né? Porque borracharia é o seguinte: Você trabalha em uma chácara aí, você vai trabalhar o mês inteiro. Chega no dia de pagar e já viu. O cara me deu calote de quinze dias de serviço. Com borracharia já levei também, mas borracharia é comissão. Vamos por, se você combinar com o cara, trabalhou hoje, chegou de tarde e reparte, o seu tá aqui e o do patrão está aí. Aí, o dia que você quiser ir embora, você leva o teu. Tem uns que marcam em um caderno, mas borracharia é porcentagem. Chegou no dia ou final de semana, já acerta. (LUÍS)

E aí, normalmente você já dorme, já fica na borracharia também? (JUSTO)

Você combina assim com eles. Tem uns que te pagam 50% e tem comida que não tá pronta, né. Ou tem fogão e prepara lá. Ou se não, eles pagam uns 40% e te dá comida. Pra gente é melhor você pegar 40% e pegar comida. Porque vai que tem um dia que não dá serviço? E outra, tem que ir no mercado, comprar as coisas. Tem borracharia que dá 30%, 40%... (LUÍS)

E tem alguma dessas borracharias que você já ficou mais tempo? (JUSTO)

Tem uma que eu fiquei um ano. (LUÍS)

Enquanto você estava no trecho? Parou no trecho? (ALEXANDRE)

Onde que era? (JUSTO)

Eu parei. Lá em Carmo da Cachoeira. Carmo da Cachoeira. (LUÍS)

Em Minas? (ALEXANDRE)

É. Perto de Perdões, (cidade que eu não entendi por conta do vento), Três Corações. Era de um cara que tinha um ferro velho, sabe? Aí ele alugou a borracharia para o irmão dele. Aí eu falei “Seu irmão não sabe nem o que é pneu” (áudio com muito ruído sobre ele ter recebido muito pouco depois que trocou de dono e ter saído do emprego). Essa eu fiquei um ano. (LUÍS)

Mas se não fosse isso (de mudar de direção), você teria ficado? (JUSTO)

Teria ficado. Lá estava bom, era uma borracharia que tinha 40%. Tinha mais caminhão. Era bonzinho. O irmão dele chegou lá, veio de São Paulo, já cresceu o “zoio”.... (LUÍS)

Você sabe para onde está indo agora? (ALEXANDRE)

Eu vou descer para o Mato Grosso aí. (LUÍS)

Interessante pensar que no imaginário popular o andarilho de estrada é alguém sujo, isolado, pouco comunicativo e que não sabe se cuidar. Mas é justamente ao estabelecer certos cuidados, que eles conseguem viver no trecho. Se não se comunicassem, por exemplo, não saberiam qual rota pegar ou mesmo não teriam comida ou trabalho temporário. Se não soubessem se proteger, não iriam conseguir viver tanto tempo andando por estradas e rodovias.

O que percebemos em nossa pesquisa é que, de modo geral, a maioria dos andarilhos de estrada vive de doações de estabelecimentos localizados em estradas e rodovias, conforme alguns exemplos abaixo, e também relatados em pesquisas anteriores (JUSTO, 2005; 2011).

E o pessoal dos postos de gasolina? Eles também dão uma ajuda, alguma coisa, comida? Como é que é? (JUSTO)

A maioria dá. E nem esse ali, perguntei se tinha um buraco pra tampar ali, alguma coisa... as vezes dá servicinho pra você fazer, sabe? Ai o rapaz falou "Não, rapaz. Os caras terceirizados fazem isso. Mas vai no restaurante e conversa com o rapaz. Você já tomou um café, meu amigo? " Ai, eles ajudam a gente sim. (LUISINHO)

Aí você fez o serviço lá para eles? (ALEXANDRE)

Não, não fiz. Porque é terceirizado o serviço. Aí fui lá no restaurante lá e deu as coisas. Mas tem uns que você chega cedo e é só um cafezinho e tem uns que nem dá nada pra gente (risos). (LUÍSINHO)

Isso no posto? (ALEXANDRE)

É, no posto. (LUISINHO)

Mas tem posto que nem aceita você chegar perto? (ALEXANDRE)

Tem uns que você chega assim e você pega uma água e alguma coisa e tem uns que deixa você pousar. Mas tem uns que não. Sabe que que é? Tem uns que passa também e apronta. Fica dois, três dias e só metendo confusão. Aí os caras não deixa. Fica pedindo pros freguês, fica na porta ali e os caras não deixa nem pousar a noite. Eu carrego minha rede, minha cobertinha ali... (LUISINHO)

Tem dia que é melhorzinho um pouquinho e tem dia não. Se você está trabalhando, tem um cantinho, chega de tarde, você tem alguém para conversar, você vai comer, tem um lugarzinho para você ficar. E isso vai estar no mesmo lugar. Não é que nem eu, pousei no posto. Mas você está em um servicinho, num lugar para você ficar, para ter coisas para fazer... (LUÍS)

E você encontra muitas pessoas assim como você, que vivem no trecho? (ALEXANDRE)

Sim, geralmente. Eu encontrei um rapazinho em situação pior, no posto aqui de cima, onde eu acordei hoje. Ele também estava indo para Marília, numa situação muito pior do que a da gente, mas... (ALBERTO)

Ali no posto, você fala? Tem muita gente que dorme lá também? Você encontra um pessoal lá? (ALEXANDRE)

Tem, tem. O pessoal encosta muito ali. Cidade de divisa, né? Divisa de São Paulo, Paraná. Aí o pessoal encosta por ali. (ALBERTO)

Geralmente você costuma dormir só nos postos de gasolina? (ALEXANDRE)

É, um pouquinho, né? A gente não gosta de ficar muito afastado assim, né? Principalmente agora que está frio, né. (ALBERTO)

E agora que está frio, às vezes acontece de você dormir no mato? (ALEXANDRE)

Sempre procura um lugar fechado, uma sombra, ponte. (ALBERTO)

Para você, essa questão da proteção, por exemplo, é mais protegido você dormir no posto de gasolina, é melhor? (ALEXANDRE)

É melhor porque você acorda, você pode tomar banho, alimentação, tem abrigo para você ficar. Isso ajuda bem, né? É só isso aí. (ALBERTO)

Você come bem? (JUSTO)

Como bem. (GERALDO)

E os funcionários da rodovia? O pessoal do pedágio, eles ajudam? (JUSTO)

Não ajudam muito não. (GERALDO)

Quem é que mais ajuda? (ALEXANDRE)

Quem mais ajuda são os caminhoneiros do posto. (GERALDO)

Edvaldo do MNPR também comentou como era sua vida no trecho quando era trecheiro, explicou a diferença de tratamento entre os postos de combustíveis destinados a caminhoneiros e aqueles de grandes franquias.

Quando eu chegava nos postos de gasolina, dos caminhoneiros, eu chegava na churrasceria, eu comia churrasco. Era servido isso pra mim. Até lugar para tomar banho tinha. Eles não chegavam discriminando a gente. **(EDVALDO)**
 Isso nos postos de gasolina de caminhoneiro? **(ALEXANDRE)**
 De caminhoneiro. **(EDVALDO)**
 Esses de marcas... **(ALEXANDRE)**
 Esses de marcas, nem pensar, nem pensar! São aqueles postos de gasolina de caminhoneiro, pequenininho, quase caindo aos pedaços, com aquela história de que não é nada de luxo. **(EDVALDO)**

Por essa razão, a escolha das rotas que vão tomar para suas caminhadas é, intimamente, ligada às condições da estrada. Postos de combustíveis e outros possíveis pontos de parada que existem durante o caminho podem garantir a sobrevivência dos que estão andando a pé nas rodovias e estradas. Rotas sem estabelecimentos não são atrativas a muitos andarilhos

Um exemplo curioso foi quando estávamos fazendo nossa pesquisa viajando pela rodovia de Botucatu-SP até Marília-SP. Uma das características desse trecho é não ter postos de combustíveis. Em horas de viagem de carro não havíamos encontrado um andarilho de estrada sequer passando pelo local. Quando estávamos saindo da rodovia, encontramos Herói Brigadeiro. No meio da entrevista, um funcionário da concessionária parou no local, porque recebeu um aviso de que alguém poderia estar deitado na beira da estrada. Ele nos relatou que naquele trecho é muito difícil ver algum andarilho de estrada.

A menos que eles, os andarilhos, sejam desavisados ou insistam em pegá-las por alguma razão particular, as rotas que não têm condições mínimas de alimentação e descanso são pouco utilizadas por andarilhos de estrada. Essas rodovias podem ser perigosas por não oferecerem nenhuma condição de alimentação ou abrigo em uma distância de centenas de quilômetros. Pegar a rota errada pode significar dias sem achar um local para descansar ou até mesmo dias sem comer. Para a manutenção de suas viagens, torna-se necessário caminhar por onde possam se alimentar e ter descanso.

5.3.4 O uso de bebidas alcoólicas

O uso de bebidas alcoólicas no trecho é comum e popular entre andarilhos de estrada e trecheiros (NASCIMENTO, 2008). No caso de nossa pesquisa, nove dos quinze participantes

afirmaram beber regularmente, conforme Quadro 4. Dentre os participantes, apenas Geraldo afirmou que o álcool é o principal motivo por estar no trecho.

Muitos andarilhos de estrada bebem por consequência de algum episódio traumático ou mesmo por hábito. As bebidas alcoólicas são, comumente, compartilhadas entre andarilhos e trecheiros, e seu consumo envolvem questões culturais da masculinidade e da vida no trecho, também sendo uma forma de entrosamento entre eles (NASCIMENTO, 2008; ESPOSITO, 2017).

Quadro 4 – O uso de bebidas alcoólicas

Participantes	Bebe?	Tempo de Trecho
Clemente	Sim	Sem informação
Donivaldo	Sim	40 anos
Ruivo	Não	3 anos
Nada	Não	Sem informação
Herói Brigadeiro	Sim	45 anos
Cigano	Sim	“desde jovem”
Luisinho	Sim	20 anos
Murilo	Não se sabe	5 dias
Alberto	Sim	15 anos
Ari	Sim	5 anos
Zé Tavares	Sim	3 semanas
Luisinho	Sim	Não sabe dizer ¹⁰
Seu José	Não	60 anos
Geraldo	Sim	20 anos
Jonathan	Não se sabe	4 meses

Fonte: Espósito, 2019.

Não perguntamos aos participantes sobre o uso de tabaco, apesar de muitos fumarem. Focamos no uso do álcool por alterar a percepção e os comportamento no tráfego e ser, fortemente, correlacionado aos acidentes de trânsito.

Há uma correlação evidente entre o uso de álcool e a ocorrência de acidentes de trânsito, que independe do grau de desenvolvimento do país ou região; a presença do álcool aumenta a morbidade dos acidentes, assim como a consequente mortalidade; no Brasil essa relação se agrava ainda mais pela quantidade de vítimas fatais. (LEYTON et al 2015, pp. 13-14).

¹⁰ Luisinho não tem noção de tempo porque, segundo ele, bateu a cabeça quando era criança

Segundo Abreu et al (2010), a concentração de 0,6g/l¹¹ de álcool no sangue pode ser o suficiente para provocar essas alterações neurofuncionais e pode intensificar a probabilidade de acidentes de trânsito. Damacena et al (2016) aponta sobre essas diferentes alterações que agem na perda da capacidade dirigir.

Em pequenas quantidades, a ingestão de bebidas alcoólicas causa um estado de euforia e desinibição. Porém, grandes concentrações de álcool no sangue provocam a diminuição da atenção, falsa percepção da velocidade, euforia, aumento no tempo de reação, sonolência, redução da visão periférica, além de alterações neuromotoras, que em diferentes gradações, resultam na perda da capacidade de conduzir veículos motorizados tornando-se uma importante causa específica de morte entre as vítimas de acidentes de trânsito (p. 377).

O álcool, geralmente, é associado a acidentes de trânsito devido ao seu consumo por parte dos condutores. Mas os riscos de atropelamento, também, podem se intensificar mediante ao abusivo de álcool por parte dos pedestres, como no caso dos andarilhos de estrada. Scremin e Freitas Junior (2019b), analisaram o nível de concentração de álcool dos andarilhos de estrada que tiveram óbito nas rodovias federais da região dos Campos Gerais, no ano de 2017 e no primeiro semestre de 2018, catalogados pelo Instituto Médico Legal (IML). Dentre os 19 andarilhos acidentados nesse período, 12 vieram a óbito. Destes, 8 apresentavam altas taxas de álcool no sangue, que variavam entre 13,3 dg/l e 32,3 dg/l. Foi constatado pelos autores em tela, que os motivos dos atropelamentos realizados pela falta de atenção das vítimas ao atravessar a pista de rolamento das rodovias, tiveram forte correlação com o fato de estarem embriagados.

No caso específico de nossa pesquisa, quase todos participantes que consomem álcool afirmaram que, por questão de segurança, só bebem quando já estão descansando em algum lugar. Alguns deles comentaram o quanto pode ser perigoso ser atropelado por andar alcoolizado nas rodovias. Por isso não bebem enquanto andam e não andam alcoolizados.

Pelas suas experiências e conhecimentos sobre o tema, Edvaldo Gonsalves de Souza e Anderson Lopes Miranda do Movimento Nacional da População em Situação de Rua (MNPR) também nos relataram que, quem está no trecho costuma beber pela noite, em momentos de parada e descanso. Mesmo Geraldo, que afirmou estar no trecho por conta do consumo excessivo de bebidas alcoólicas, disse que não bebe todos os dias e só faz uso de álcool quando já está recolhido no local que irá dormir.

E você bebe no trecho? Como é que é? (JUSTO)

¹¹ Equivalente a 6 dg/l.

Ah, eu bebo uma pinga, bebo bem. Não é todo dia porque é ruim, né? Pegue estrada a pé, é perigoso. Eu paro em um posto e bebo. Para andar eu não bebo. (GERALDO).

(...)

A bebida mesmo tem que comprar, né? Bebida é difícil o pessoal dar? (JUSTO)

Bebida é difícil. (GERALDO)

Qual que você compra? Aquela de corote? (JUSTO)

É corote, corote. (GERALDO)

É melhor beber quando está parado? (ALEXANDRE)

Quando está parado, eu paro e aí bebo. Na hora do descanso. (GERALDO)

Você leva um corotinho ou não? (JUSTO)

Agora só estou com água. (GERALDO)

Luisinho, outro participante, também nos contou sobre a sua relação com as bebidas alcoólicas. Ele não as carrega consigo e só as consome nos momentos de parada. Ele nos informou que é muito difícil achar locais que vendam bebidas nas rodovias e as compra em bares nos municípios, perto das entradas das cidades.

Seu irmão, falecido por conta de um incêndio no barracão que dormia, não conseguia se alimentar por conta de seu alcoolismo. Luisinho sofre dessa mesma causa. Quando alguém lhe oferece comida, acaba sendo sincero, pois não consegue se alimentar. Seus “trocadinhos” são todos gastos em bebidas alcoólicas.

Geralmente na estrada, ou quando você para em um posto da concessionária, do pedágio, ou da polícia, o pessoal te ajuda ou não? (ALEXANDRE)

Eu peço toca.. “trocadinho” (trocadinho) também. (LUISINHO)

Eles te ajudam? (ALEXANDRE)

Ele ajuda pouco, não ajuda muito não. (LUISINHO)

Nem com comida eles ajudam? (ALEXANDRE)

Eles falam “pa” mim “dinheiro não tenho, tem comida”. E eu falo a verdade “pa” ele: “Eu bebo demais e não consigo comer, eu bebo demais”. “Onde você está indo?” “Tô indo São Paulo e Jaú”. “Dinheiro não tenho, tenho comida”. “Eu bebo demais, eu não como”. (LUISINHO)

Ah, você fala para ele direto, então? E o pessoal do pedágio também faz isso? (ALEXANDRE)

Eu não peço lá. Eu peço água. (LUISINHO)

Você anda bêbado para cá ou não? (ALEXANDRE)

Luís: Não.

Alexandre: Só quando para mesmo?

Só. (LUISINHO)

É mais seguro? (ALEXANDRE)

Mais seguro. Levo água...beber no caminho. (LUISINHO)

Você pegou carona de Campo Grande para esses lados, né? (ALEXANDRE)

Eu peguei...Comecei a andar de Campo até outra cidade. Difícil pegar carona... (LUISINHO)

É muito difícil pegar carona. (JUSTO)

Graças a Deus...que sou...Deus colocou pessoas...caminho. “Onde você tá indo...rapaz. “Qual é seu nome?” “Luís *****”. “Tô indo lá São Paulo e Jaú”. “Então monta aí, eu levo você até “tal” cidade e depois você...vai pegar carona?” “Você bebe?” “Se chegar cidade de pouquinho, eu tomo uma. Anda caminho, eu não tomo não.” É difícil pegar bebida caminho. (LUISINHO)

No caminho? (JUSTO)

É difícil. Só cidade mesmo. (LUISINHO)

Você bebe há muito tempo ou você começou a beber depois que foi para o trecho?

(ALEXANDRE)

Faz tempo (que) eu bebo. (LUISINHO)

Ah é? Todo dia? (ALEXANDRE)

Todo dia. (LUISINHO)

Geralmente é uma cachacinha? (ALEXANDRE)

Cachaça mesmo que você bebe? (JUSTO)

Cachaça... (LUISINHO)

Essa de corote ou qual que é? (JUSTO)

Ah..corote...eu bebi em “bazinho” (barzinho). “Bazinho” (barzinho). Se der vontade, eu jogo sinuca. Ou o rapaz fala “você é bom pessoa, você não é ruim não. Vamos sentar aí, pago bebida “pa” (para) você também”... (LUISINHO)

Diferente dos casos apresentados e dentre todos os andarilhos de estrada, seu Zé Tavares é o segundo mais recente e inexperiente no trecho. No momento em que a entrevista foi realizada, ele estava há poucos meses no trecho. Quando perguntamos sobre o que é mais perigoso no trecho, ele respondeu que era a pista e disse: “Bebe umas pinga aí e cai na pista...” Não negou ou afirmou ter bebido, mas dentre todos os participantes da pesquisa, ele foi o único que aparentava estar alcoolizado quando o entrevistamos. O próprio sabe das consequências, ele mesmo nos relatou o que pode ocorrer em sua resposta.

Nossa hipótese é que são casos como o de Zé Tavares podem ter maior risco de acidentes de atropelamentos nas rodovias, como nas pesquisas apontadas por Scremin e Freitas Junior (2019b). Ele começou a beber, exageradamente, em decorrência ao rompimento familiar que teve, motivo pelo qual foi para o trecho, apresentado no tópico a seguir. Há a cultura de que se bebe para “esquecer” e tentar superar traumas, usando a bebida alcoólica como mecanismo de fuga e associado a outras questões psicossociais enfrentadas por aqueles que estão no trecho (NASCIMENTO; JUSTO, 2000). Nas rodovias, andar embriagado pode acabar em óbitos. O alcoolismo também pode estar relacionado a sintomas de depressão e ideação suicida (CARLINI-COTRIM et al, 1998; LIMA et al, 2010. KING et al, 2006), e estar nessas condições nas rodovias pode, também, gerar o ato de se jogar, propositalmente, na frente de um veículo.

Há aqueles andarilhos que sabem das consequências de andar alcoolizado e aqueles que mesmo assim, o fazem. Beber, excessivamente, no trecho pode estar associado a outras questões psicossociais. Estar alcoolizado também pode ser um facilitador para ser roubado, principalmente se o andarilho de estrada precisar dormir aos arredores urbanos. A bebida alcoólica, dificulta sua atenção e aumenta seu tempo de reflexo. Para viver no trecho é preciso atento ao que ocorre a sua volta.

5.3.5 Nota sobre Andarilhos de estrada e o distanciamento social durante a pandemia de covid-19¹²

Devido à pandemia de COVID-19, torna-se importante a discussão sobre andarilhos de estrada e os riscos que correm com esta pandemia. Ainda não tivemos a oportunidade de voltar ao campo, mediante a questões de segurança, porém, temos alguns indicativos sobre como está sendo para eles passar por esta pandemia.

Além da população em situação de rua das cidades, que correm grande risco de exposição por conta da pandemia por estarem precariamente isoladas, há também os andarilhos de estrada e “trecheiros” que andam a pé pelos acostamentos das rodovias e estradas do país. Eles fazem movimentos sem rumo, sem objetivo e sem planejamento de um dia se sedentarizar. Essa forma de movimento é chamada de errância (BRAIR, 2019). Os andarilhos de estrada são sujeitos que andam a pé, enquanto os “trecheiros” viajam de ônibus e outros meios de transporte, pedem passagens na assistência social dos municípios que transitam ou fazem arrecadações monetárias dadas por terceiros. Por essa razão, os “trecheiros” conversam com uma grande quantidade de pessoas para conseguir diferentes informações todos os dias, enquanto andarilhos de estrada podem ficar semanas sem conversar, ou mesmo, se aproximar de alguém.

“Trecheiros” costumavam ficar em casas de passagens por poucos dias à procura de descanso, alimentação e higiene para, em seguida, voltar a viajar. Em tempos de pandemia, muitas casas de passagem estão fechadas para aqueles que não são pessoas em situação de rua do município. Para evitar que “trecheiros” apareçam, diversas cidades não estão emitindo passagens para lugar nenhum. Eles ficam sabendo sobre essas diferentes condições, quando trocam informações entre si ou com pessoas em situação de rua do município. Por estarem em constante mobilidade, são representados com um perigo para as pessoas em situação de rua que estão em albergues, acolhimentos e casas de passagem. Correm maior de risco de contaminação por pegar muitos ônibus de empresas que ignoram restrições de lotação, ou mesmo em estadas superlotadas que os aceitam.

Os andarilhos de estrada passam o dia sozinhos andando pelos acostamentos. Pela noite, tentam encontrar algum lugar para descansar. Algumas vezes pernoitam nas plantações ou matagais, mas também tentam achar um posto de combustíveis para dormir em algum canto escondido, onde ninguém os incomode. Eles já faziam isolamento social antes da

¹² Parte desse texto já foi publicado no artigo “Morar na rua na Pandemia é possível?” DOI: <https://doi.org/10.23900/2359-1552-cidade-pandemia-v2n1-2021-1>

pandemia. O que chama atenção é que não estão reclusos em casas ou instituições, fazem isolamento social por estarem em constantes movimentos fora das cidades, em vias que, majoritariamente, são ocupadas por veículos. A segurança deles está em continuar suas caminhadas. Quando precisam parar nos postos de combustíveis estão em maior risco contágio. Não enfrentam situações de aglomeração, mas tem contato com outras pessoas que podem lhes dar alimentos. Mesmo assim, a menos que seja para tomar um banho, raramente adentram em espaços fechados. Nesta situação, andarilhos de estrada estão reclusos da cidade, enquanto os trecheiros visitam mais de uma por dia.

Temos poucas informações sobre a situação de andarilhos de estrada durante a pandemia de COVID-19, mas sabemos que algumas campanhas de doação de máscaras junto a outros utensílios têm sido feitas por concessionárias em parcerias com alguns postos de polícias rodoviárias. Além disso, sabemos que como eles ficam dias sem nem ao menos chegar perto de alguém, continuam a caminhar.

Segundos dados de um levantamento interno informado pela Polícia Rodoviária Federal do Paraná, em 2020, durante a campanha de doação de máscaras e donativos, um questionário foi aplicado aos andarilhos de estrada sobre a COVID-19. Os dados apontam que 61,2% dos 85 andarilhos atendidos ainda não tinham sido informados sobre a COVID-19 e suas formas de prevenção.

Portanto, não sabemos se eles sentiram muito o impacto da pandemia ou mesmo se ela passou quase despercebida. Apenas com futuras pesquisas conseguiremos compreender como um dos fenômenos mais marcantes do século XXI foi sentido pelos sujeitos com uma das formas de mobilidade mais extrema do contemporâneo.

5.4. Análise de conteúdo das entrevistas sobre os riscos no trecho

Os principais riscos que os andarilhos de estrada correm no trecho foram organizados em três categorias: “Atropelamentos e outros riscos envolvendo veículos”; “Situações de roubo e violência”, e “Os riscos sobre os animais”. Nas categorias, os participantes da pesquisa apresentam suas percepções sobre os riscos, diferentes situações de perigo, como fazem para se prevenirem, entre outros fatores relacionados.

5.4.1 Atropelamentos e outros riscos envolvendo veículos

O primeiro assunto que nos vem à mente quando pensamos nos riscos e perigos das estradas e rodovias são os acidentes de trânsito. Como moradores estabelecidos e estacionados em territórios urbanos e rurais, temos receio e cuidado ao trafegar pelas estradas e rodovias, seja de carro, caminhão, moto, bicicleta ou mesmo a pé. Sobre este último modo citado, para muitos de nós, pensar em andar a pé à beira de uma rodovia é considerado uma loucura, principalmente pela falta de segurança para pedestres. As rodovias foram arquitetadas para a locomoção de veículos automotores. Elas não dispõem de espaços exclusivos para pedestres, salvo as pontes e passarelas para se fazer travessias.

Os andarilhos de estrada vivem, constantemente, com os pés no asfalto, ocupam um ínfimo espaço da rodovia e compartilham o “trecho” com milhares de veículos todos os dias. Quando perguntamos aos participantes da pesquisa quais seriam os maiores riscos no “trecho” a expectativa de que falassem sobre aqueles envolvendo os veículos era alta. Mas eles não foram elencados como os maiores perigos no “trecho” para a maioria dos participantes da pesquisa. Vários deles tiveram diferentes respostas a essa pergunta. Muitos relataram sobre roubos, violência ou mesmo situações muito particulares. Alguns participantes nem chegaram a comentar sobre o perigo dos acidentes com veículos. Desse modo, perguntamos para eles o que achavam sobre os perigos de serem atropelados e quais seriam as medidas de prevenção que tomam para evitá-los.

Nas estradas e rodovias, ao andar a pé, os andarilhos de estrada são caracterizados como pedestres e trafegam pelos acostamentos. 14 dos 15 participantes da pesquisa foram entrevistados em acostamentos¹³ nas rodovias, a maioria andando em via contrária aos veículos para se prevenirem de possíveis acidentes, característica também apresentada sobre andarilhos de estrada em outras pesquisas (JUSTO, 2005, 2011). Mesmo sem saber, eles estão de acordo as diretrizes para estes casos. Conforme, o capítulo V do Código de Trânsito Brasileiro (CTB), para os devidos fins, os pedestres devem andar nos acostamentos, enfileirados e em via de contramão dos veículos (BRASIL, 2008a). Dessa maneira, o pedestre tem maior percepção da direção dos veículos que passam por ele.

Alguns participantes relataram que as condições de atenção e vigília dos motoristas no volante podem ser um agravante para os atropelamentos na rodovia. Além de perceber à longa distância o comportamento dos motoristas, Luiz afirmou que caminhar na contramão ele pode ver e, rapidamente, conseguir se desviar de cargas que podem se soltar de veículos.

¹³ Motivo pelo qual, muitas de nossas gravações têm intenso ruído, gerados pelos ventos e por veículos.

Isso é fato, eu ando aqui, o senhor viu que eu estava andando só na contramão aqui. Esses motoristas estão dirigindo e estão só no celular aqui, ó. Se jogar um pouco pro lado de cá, o caminhão vem comendo fácil. Aí, se você está aqui, você tem que correr. Um outro perigo é de um pneu desses estourar. De pegar em mim assim não. Mas depois do caminhão passar de mim assim, depois de passar você vê o baruío de pneu assim. E não pegar assim, graças a Deus. Ou um pedaço de ferro assim. Um paralama... se pegar na gente, na perna... (LUÍS)

Assim, os riscos causados pelos automóveis não são associados apenas aos atropelamentos, também há o receio de um pneu estourar com o veículo em movimento, como relatou Luís, ou alguma carga ou outro objeto pode se soltar e acertá-los, como afirmou Alberto. Para conseguir ver esses objetos que podem se soltar, Alberto ainda afirmou que é melhor andar na luz do dia.

É muito comum uma roda abrir ou estourar uma roda, né. Solta as costas, solta toda aquela sujeira da frente. Isso é coisa muito rara, né. Por isso andar de dia, no claro é sempre bom, é melhor. (ALBERTO)

Entre os nossos entrevistados, inclusive há casos que afirmaram que quase foram atropelados, mas conseguiram desviar do veículo por estarem na contramão. Clemente, por exemplo, ainda costuma andar na contramão para ter maior visibilidade dos carros e caminhões que estão passando. Ele nos relatou que quase foi atropelado por um carro que veio na direção dele porque o motorista aparentava estar cochilando ao volante. Foi para cima dele no acostamento, mas conseguiu desviar a tempo.

Em caso semelhante, Ari assim nos relatou que quase foi atropelado, mas conseguiu se jogar para além do acostamento a tempo. Ele também anda na contramão para ter percepção sobre os veículos. Percebemos em seu relato que ele estava em uma pista simples de mão dupla, característica de estradas com maior índice de acidentes (Lima et al, 2008; BRASIL, 2015b).

Eu passei um aperto na Raposo Tavares mesmo. Depois de Ourinhos acaba o acostamento. Tem um ponto sem acostamento, cheguei lá ando na mão contrária para a gente ver quem está vindo para cima de você e o cara buzinando “pam, pam, pam, pam, pam, pam!” Quase que algo me falou “pula”. Ainda bem que pulei. Rapaz, uma carreta ultrapassando a outra. (ARI)

Mesmo quase sendo atropelado, o maior medo de Ari no trecho são os roubos e as violências que podem ocorrer com ele. De relato similar, Ruivo, que também quase foi atropelado, acredita que os maiores perigos no trecho são o sol e alguém possa lhe fazer algum mal.

E você já teve alguma situação que você quase foi atropelado? (JUSTO)

Já. Uma vez só quando eu tava...eu não sei nem onde eu tava... (RUIVO)

***Você quase foi atropelado uma vez e você nem sabia onde você estava?
(ALEXANDRE)***

Foi em rodovia. (RUIVO)

Geraldo, outro participante, já foi atropelado de raspão uma vez, e em vinte anos de trecho já ficou sabendo de diferentes acidentes, mas nunca foi testemunha de um.

Alguma vez você já sofreu acidente na estrada? Já chegou a ser atropelado ou não? (JUSTO)

Só uma vez, só uma vez. Eu estava vindo de Conchal ... (GERALDO)

Você já viu ou soube de alguém que já foi atropelado? (JUSTO)

Não vi não, mas já fiquei sabendo sim. (GERALDO)

Para ele, o maior perigo, conforme descreveu, são “as pessoas estranhas na rua”, que podem violentá-lo e roubá-lo, fato que já aconteceu quando perdeu o carrinho que usava para coletar material reciclável na beira da estrada.

Sobre atropelamentos, o que você acha perigoso na estrada? Além de atropelamentos, alguma coisa pode acontecer? O que é perigoso na beira do trecho? (ALEXANDRE)

É pessoa estranha na rua, né? Pessoa estranha. (GERALDO)

Pessoa estranha na rua? (ALEXANDRE)

É pessoa estranha que você não conhece quem é, né. Porque é perigoso, né?

Perigoso, né por causa de drogas. Pode ser perigoso, aí eu não paro ali. Paro longe.

Aí, eu ando sozinho, eu não ando com ninguém não, né cara? (GERALDO)

No caso específico de Clemente, por exemplo, os carros que param próximos a ele podem representar o risco de ser roubado. Ele já teve a experiência de ter seus pertences roubados por um casal parou o carro próximo dele. Quando ele nos viu estacionar o carro no acostamento próximo a ele para convidá-lo a participar da pesquisa, estando na contramão, parou de andar e ficou apreensivo. “*Vocês não viram que quando vocês aproximaram, eu até fiquei parado espantado?*” Ele pensou que poderia ser roubado de novo.

Os outros participantes da pesquisa não relataram que os veículos representam um risco de serem roubados. Porém, ser roubado e violentado no trecho é um grande medo. Quando um andarilho de estrada vê outra pessoa desabrigada, segundo nossos relatos, seja ela outro andarilho, trecheiro ou pessoa em situação de rua urbana, sua preocupação é grande. Ela pode ser um “pardal¹⁴” querendo roubá-lo. Desse modo, nem toda precaução que pode tomar é capaz de evitar um roubo ou um ato de violência.

¹⁴ Termo usado pelos andarilhos de estrada e trecheiro para designar sujeitos que fazer pequenos trechos entre cidades vizinhas. Os participantes da pesquisa os temem por praticarem roubos a outras pessoas no trecho.

Em nossa pesquisa encontramos alguns andarilhos de estrada que estavam andando na mesma mão que os veículos. Cada um deles tem um motivo pelo qual andam desta maneira. Luisinho, por exemplo, foi o único andarilho de estrada que aceitou carona de nosso orientador em trinta anos que pesquisa com andarilhos de estrada. Ele anda na mesma mão que os veículos para ter chances de pedir carona aos que passam.

E assim, do jeito que você está andando, não é perigoso um caminhão te atropelar não? Eles estão passando aqui. (JUSTO)

Eu vou indo mais “pa” (para) lá (apontou para a grama após o acostamento). (LUISINHO)

Você não prefere andar na contramão do caminhão? (ALEXANDRE)

Luís: Não. (LUISINHO)

Você acha melhor assim? (ALEXANDRE)

Melhor assim. Oportunidade de dar carona “pa” (para) mim. (LUISINHO)

Ruivo, seu José e Herói Brigadeiro andam na mesma mão que os veículos porque acreditam que devem seguir as mesmas regras que eles. Ruivo a chama de “mão oficial” e prefere andar nela, mas não vê problemas em andar na contramão.

A gente achou curioso que você está andando na mesma mão dos carros. O pessoal costuma andar na contramão deles. (ALEXANDRE)

Do lado de lá, né? Pois eu ando por aqui que é meio que é a minha mão oficial. Mas eu posso andar na outra rua ali também. (RUIVO)

Mas você prefere andar na mesma direção que os carros? (ALEXANDRE)

Aham. (RUIVO)

Para seu José, só poderia andar na contramão se não tivesse o seu carrinho, que usa para carregar seus pertences, coletar material reciclável à beira da rodovia e para dormir.

Essa é a mão que eu tenho que andar (JOSÉ)

Por que o senhor está com um carrinho? (ALEXANDRE)

É. (JOSÉ)

Enquanto Herói Brigadeiro anda na mesma mão que os veículos porque acredita ser sua via de direito, onde ninguém pode tirá-lo se estiver andando corretamente no que o próprio chama de “lugar ideal” e “estrada ideal”.

Geralmente, o pessoal que está andando na estrada segue pela contramão. O senhor está na mesma direção que os veículos. O senhor acha melhor andar assim? (ALEXANDRE)

Estou indo no meu lugar ideal. Estou na minha estrada ideal, então não pode parar e me impedir aqui. (HERÓI BRIGADEIRO)

Alexandre: Mas é melhor andar desse lado do que do outro lado? (ALEXANDRE)

É que nem eu estou citando, é o meu lugar ideal. (HERÓI BRIGADEIRO)

Todos os outros participantes da pesquisa andavam na contramão. Em algumas circunstâncias, alguns participantes afirmaram andar na mesma mão dos veículos. Como por exemplo, Geraldo e Alberto afirmaram mudar de via caso haja sombra do outro lado da rodovia em dias ensolarados.

Você prefere andar na mesma direção que os carros? (ALEXANDRE)

Eu estou indo aqui agora para virar aqui e por causa do sol. Agora é melhor aqui agora. (GERALDO)

Não, é que a gente está acostumado a anda por um lado. Este lado aqui é sombra, né? Você vê que vai pegando sombra aqui até o posto ali. Agora, pra cá, sai de lá e só vai pegando sol. Já acorda com o sol para lá. (ALBERTO)

Então, não faz diferença estar andando na contramão dos carros ou não para você? (ALEXANDRE)

Não, não. Geralmente não. O problema é acostamento. Você está no acostamento e você está vendo. Geralmente, você olha de frente o que vem, atrás você não olha, né. Você vem de costa, você não olha pra trás. O caminhão vem, como que está pensando, né? (ALBERTO)

Alguns andarilhos de estrada, também, acabam por não ter tanto medo de atropelamentos porque nunca presenciaram, viram poucos deles em suas vidas no trecho, ou mesmo, nunca se atentaram a eles. Ruivo, por exemplo, disse que viu dois acidentes em três anos.

Você já viu muito atropelamento? (JUSTO)

Não vi muito não. Eu vi uns dois, só. (RUIVO)

Dois em três anos? (ALEXANDRE)

Dois em três anos. (RUIVO)

Enquanto Alberto acredita que é muito difícil alguém se acidentar no trecho por atropelamento, mas pode se prejudicar de outros modos, como por exemplo, ficar doente.

Você vê muito acidente com pessoas que são andarilhos na estrada? (ALEXANDRE)

Não, não. Você vê na rodovia carro, caminhão. Esse pessoal da faixa, eles não se acidentam. É muito difícil. Às vezes fica doente, né. Você cai com uma vida pro chão, família, essas coisas. Mas acidente é só na rodovia mesmo. Difícil, né. (ALBERTO)

Donivaldo, com cerca de 40 anos no trecho, disse que nunca viu, nem ouviu falar de nenhum acidente. Mesmo assim, costuma andar na contramão como medida de segurança.

Você está andando assim na contramão por segurança, né? (ALEXANDRE)

É. (DONIVALDO)

É mais seguro andar assim? (ALEXANDRE)

É. (risos). (DONIVALDO)

Você andando assim percebe a noção do perigo das coisas? (ALEXANDRE)

É muito perigoso aí. (DONIVALDO)

Você acha muito perigoso andar aqui nessa lateralzinha aqui? (ALEXANDRE)

É... Ah é. (DONIVALDO)

E você já foi acidentado? (ALEXANDRE)

Não. Nunca fui acidentado não. (DONIVALDO)

Alguma vez você já viu algum acidente com algum colega seu?

Não, não. (DONIVALDO)

Também não? Nem ficou sabendo? (ALEXANDRE)

Nem fiquei sabendo não. (DONIVALDO)

No caso dele, acreditamos que não foi de seu interesse se atentar aos acidentes ou mesmo lembrá-los para nos contar. Mesmo assim, ele estava andando com os cuidados necessários, e estava ciente que certos espaços de passagem são mais perigosos que outros.

Outros andarilhos de estrada são muito despreocupados com a possibilidade de atropelamentos, conforme demonstra uma situação ocorrida na entrevista com seu José. Ele tem quase 60 anos de trecho, e nos deixou aflitos ao contar uma de suas anedotas, não pelo conteúdo, mas pelo local que estava ao contá-la. Quando começou a relatar algumas histórias descontraídas, andava cada vez mais para o centro do asfalto enquanto gesticulava. Essa entrevista foi realizada numa alça de acesso de um trevo que interligava duas rodovias. O movimento de veículos é mais lento e sua frequência é menor do que nas rodovias. A qualquer momento, um carro poderia fazer a curva, mas muito provavelmente seu José percebia um risco menor e ficou mais à vontade. Começamos a chamá-lo de volta ao acostamento, “vem aqui pro acostamento, seu José! ”... “Venha aqui para a grama, melhor estar aqui na grama seu José, cuidado com o lugar onde o senhor está!” Parecia não ligar em estar ali em um momento de distração, já que o local parecia estar sem veículos à vista. Não nos lembramos das histórias divertidas, pois em nossa mente só restou a aflição de uma probabilidade trágica.

Apenas Cigano, Murilo e Zé Tavares citaram os veículos como primeira resposta, quando perguntamos qual seria o maior perigo nas estradas.

Cigano foi o único participante da pesquisa que não foi entrevistado em um acostamento. Quando perguntamos ao frentista do posto de combustível sobre andarilhos de estrada, ele apontou para Cigano, que estava entrando no local para descansar. Ele é um andarilho que faz o trecho de bicicleta, tem uma forma de locomoção diferente dos demais participantes da pesquisa.

O que eu acho mais perigo é o seguinte. Eu sempre ando na contramão para ver os carros de lá pra cá. Porque eu estou vendo os carros que tá vindo. Eu não ando nessa mão de cá porque eu não estou vendo os carros que vem nas minhas costas. Entendeu? Aí o cara vem dormindo aí e passa por debaixo que nois nem vê. Aí eu

ando do outro lado de lá, ó. Do outro lado da outra contramão que eu estou vendo os carros que estão vindo. Aí pronto, eu vou seguindo. (CIGANO)

No caso de Cigano, com uma bicicleta cargueira pesada com todos seus pertences, ele só consegue pedalar no asfalto. Não consegue subir à beira do pasto, elevações, ou similares para se proteger melhor. Por isso, afirma que segue em segurança ao pedalar na contramão, pois consegue perceber motoristas que podem estar dormindo ao volante e tem maior tempo de resposta caso o veículo esteja indo em sua direção.

No caso de Murilo, ele tinha cerca de cinco dias de trecho. Parecia abalado e falava de modo monossilábico. Ao relatar qual seria o perigo das estradas, ele respondeu “bicicleta”. Interrompemos a entrevista por sentirmos que estava desconfortável.

Tem alguma coisa que você teme de andar na estrada? (ALEXANDRE)
Bicicleta... (MURILO)

Enquanto Zé Tavares tinha pouco mais de um mês de trecho. Quando fizemos a pergunta a ele, respondeu em tom de obviedade:

E seu Zé Tavares, agora que o senhor começou a andar, o que o senhor acha que é perigoso? (ALEXANDRE)
Perigoso só a pista, né? (ZÉ TAVARES)
A pista é perigosa? (ALEXANDRE)
Bebe umas pinga aí e cai na pista... (ZÉ TAVARES)

Nesta frase, percebemos um agravante psicossocial relacionado aos atropelamentos, a questão de andar alcoolizado e ser atropelado em consequência de uma queda no meio da rodovia.

Cigano e Zé Tavares apresentaram perspectivas diferentes em relação os riscos de atropelamentos. O primeiro considera que um motorista pode estar dormindo ao volante, enquanto Zé Tavares aponta que pode se embriagar e cair na pista de rolamento. Cigano apresentou a imprudência dos motoristas, enquanto Zé Tavares expôs a sua própria imprudência como um pedestre da pista.

Uma prevenção contra os atropelamentos apresentados pelos participantes da pesquisa é: “o estabelecimento de ter algum controle sobre a hora e o local para beber bebidas alcoólicas”. Com exceção de seu José, que não é usuário de álcool, e Zé Tavares, que parecia estar alcoolizado, os outros participantes da pesquisa, assim como andarilhos de estrada apresentados em pesquisas anteriores (JUSTO, 2005, 2011) afirmaram que: “só bebem

bebidas alcoólicas, quando param de andar a partir do fim da tarde para evitar atropelamentos e outros perigos que podem ser agravados pela falta de reflexo ao estarem alcoolizados”.

Eles afirmaram que bebem quando acham um lugar para descansar. Além desse cuidado, os outros andarilhos da pesquisa também afirmaram não andar pela noite, como precaução aos atropelamentos e porque precisam descansar. Boa parte deles não portava bebidas.

Em uma situação típica dos entrevistados, Cigano, por exemplo, bebe todos os dias, porém apenas quando está abrigado ou acampado em algum posto de combustível, zona rural ou florestal com as devidas seguranças.

Agora, você usa também uma cachacinha também para pedalar ou não? (JUSTO)
Ah! A, água de boa! Essa aqui, essa aqui! (CIGANO)
O combustível do ciclista (risos). (JUSTO)
Eu volto atrás. Essa daqui é a pinga Jamel. É Jamel. Quando eu vou pedalando, eu não bebo.(...) Carrego uma garrafa d’água também. (CIGANO)

Para ele, muitas precauções são tomadas antes de escolher um local para descansar. Até porque faz o trecho de bicicleta. Ele precisa sempre arranjar um espaço seguro para que a bicicleta não seja roubada.

Além da bebida, identificamos outro fator psicossocial presente em uma das falas de um participante. Ari nos relatou que presenciou o suicídio de um andarilho de estrada quando estava no trecho. Ele nos disse que também tinha ideias suicidas no trecho, até o momento em que conheceu Silas, um trecheiro experiente que o animou a seguir em frente ao dizer para ele que é o trecho que o escolheu e que grandes figuras bíblicas, tanto Jesus, quanto os apóstolos, eram trecheiros.

Rapaz, eu estava lá em... Como é que chama aquela cidade...Ixi, a gente anda tanto... Lá em Goiás. E eu desci num matinho, deitei e estou dormindo lá. Aí, de manhã cedo veio um veinho com a sacola nas costas, a bolsa na mão, catou e parou. E na época, eu estava com um espelhinho, aquele espelhinho laranjinha, escova de dentes, pasta de dente e dei tudo pra ele. Aí, ele falava assim para mim “Se eu for para Brasília, estou pistola, vou Catalão, me arrebento”. E rapaz,. Eu falei pra ele... Eu sai de lá de Campo Alegre e quando cheguei em Cristalina, eu fiquei sabendo que ele viu uma carreta e se jogou na frente de uma carreta. Aí, pra você ter uma ideia, a concessionária teve que pegar ele com pá. Com uma pá. Mas ele não falava coisa com coisa pra mim. Ele falava “Se eu for pra Brasília, estou lascado, se eu for para Catalão, estou lascado.” Aí ele se matou. (...) Eu tava lá em... Deixa eu lembrar o nome da cidade... Não lembro o nome dela agora. Na Anhanguera, na Anhanguera. Choveu, choveu, choveu, choveu, choveu demais. Choveu demais. Uma chuva! Aí eu catei e sai do posto de gasolina. Aí eu tô subindo assim nesse posto, a quase a divisa de Minas com São Paulo e uma barraca... Uma barraca armada o cara batendo um induzido (?) de cobre... “Esse cara não é caminhoneiro não. ” Silas o nome dele. Silas. Rapaz, naquele dia, eu estava pensando até em suicídio. Em suicídio. Tudo molhado, tudo... Aí eu encontrei com o

Silas. E o Silas é espírita, ele não é católico, nem evangélico. Ai ele falou “rapaz, você está desanimado, né?” “Tô. Tô desanimado. ” Ai ele falou “o trecho...você não escolhe o trecho, o trecho escolhe você! ” Isso é sina. Silas era trecheiro também. Pedro, Paulo, até Cristo era trecheiro. Rapaz, naquele dia, ele me animou, me animou.(ARI)

Para além dos riscos intensificados pela ação humana, ainda há pontos de maior tensão e precaução nas estradas e rodovias para os andarilhos de estrada. Assim como no relato de Ari, as partes das rodovias sem acostamento ou de acostamento curto são agravantes para o risco de ser atropelado. Essas são áreas que por diversas razões não foram aptas a tê-los. Esses pontos são muito perigosos para pedestres que estiverem transitando pela rodovia. A atividade fim de um acostamento é a possibilidade de estacionar rapidamente um veículo em caso de alguma necessidade envolvendo veículo, motorista ou passageiros. O acostamento foi arquitetado para veículos. Ter a possibilidade de andar sobre ele é uma apropriação permitida aos pedestres.

Os acostamentos estabelecem o mínimo de segurança aos andarilhos de estrada. Anderson e Edvaldo, participantes da pesquisa representando o Movimento Nacional da População em Situação de Rua (MNPR), afirmaram que o aumento das áreas com acostamento poderia ser uma forma dar maior segurança aos andarilhos de estrada. Como no caso de Ari, um pedestre acaba andando na mesma pista de rolamento dos veículos nos trechos sem acostamento.

Também há pontes de rodovias que não têm espaço para transitar a pé, carrinho ou bicicleta por não possuírem uma calçada para pedestres e não ter acostamento. Cigano nos respondeu que pontes podem ser perigosas por isso, mas também disse já foi escoltado para conseguir atravessar uma.

E isso é o mais perigoso? Não tem outras coisas na estrada? (ALEXANDRE)

A ponte. A ponte porque é estreitinha. Que nem tem umas pontes que a gente passa em umas barragens e aí tem uns caras das barracas lá e lá eles corta e vai atrás, sabe? Nois tá de bicicleta, tem eu e tem muitos também. Aí vão atrás para gente passar até a ponte. Aí passou a ponte e pode ir embora de novo. (CIGANO)

Que? Quem faz essa escolta? (JUSTO)

É os caras da barragem. O pessoal da barragem que fica ali. É os funcionários ali. Não pode passar, entendeu? Lá em três lagos tem isso também. Aqui em Bataguçu não tem não. Aqui em Bataguçu e Epitácio são 28km...18km de ponte e ali não tem não. Tem acostamento e aí você pode andar à vontade, pode e ir embora. Aí chega lá em Venceslau e aí pronto. (CIGANO)

Apenas garantindo proteção conseguem atravessar em espaços assim. Em situação semelhante encontrada em nossa pesquisa de mestrado (ESPOSITO, 2017), um andarilho de estrada chamado de “Pai Natureza” não teve a ajuda de uma escolta. Desse modo foi impossibilitado de cruzar a ponte sobre o rio Paraná porque ela era bem comprida e não tinha

qualquer acostamento. Ele carregava um carrinho bem grande onde havia até uma bicicleta dentro dele.

5.4.2 Situações de roubo, violência e outros riscos envolvendo terceiros

Dentre os riscos no trecho, os assuntos relacionados sobre roubos e violência foram muito comentados entre os participantes da pesquisa. Quando perguntamos qual era o maior risco ou perigo no trecho, dentre os quinze participantes, cinco deles deram respostas relacionadas ao tema. Até aqueles que responderam sobre outros riscos como sendo os mais perigosos no trecho ainda compartilharam suas histórias e medos sobre os roubos e as violências que estão expostos. Tanto para roubo quanto para agressões, as precauções são as mesmas. Eles são inter-relacionados, pois em muitos casos, um é seguido do outro.

Os espaços mais comuns que ocorreram situações de roubo e violência com nossos participantes foram locais de parada, no período da noite e localizados, principalmente, nas zonas urbanas. Assim como em pesquisas anteriores (JUSTO, 2005, 2011; ESPOSITO, 2017, 2019), os participantes de nossa pesquisa ainda afirmaram que eles são cometidos por “pardais”, caracterizados como pessoas desabrigadas que circulam entre cidades vizinhas, realizando mangueios e pequenos furtos. Não necessariamente aqueles que roubam os andarilhos de estrada têm essas características, mas são chamados dessa forma por eles. Ou seja, pode acontecer desse “pardal” ser na verdade outro andarilho, um trecheiro, ou uma pessoa em situação de rua.

Ari, por exemplo, respondeu que o maior perigo no trecho são os “pardais” que podem agredi-lo e roubá-lo. Ele nos relatou sobre a violência que sofreu em um dia de forte chuva, quando estava em uma área urbana, e contou quais os locais mais seguros para se proteger. O relato de Ari mostra que ele aprendeu da pior maneira os espaços que não se deve dormir.

Eu aprendi que dormir embaixo de passarela não pode. Porque ele sabe onde você está dentro. Na cidade também não dá para dormir não. Não. Ou eu durmo no meio do mato ou em posto de gasolina. Posto de gasolina ou no meio do mato é mais seguro. Eu estava em Atibaia, Atibaia. Estava chovendo, chovendo, chovendo, chovendo, chovendo, chovendo. Achei um ponto de ônibus e falei “vou ficar um pouquinho mais aqui. “ Fiquei no ponto de ônibus. Veio um cara com cabo de aço e me laçou o pescoço. Aí fui me debatendo e ele largou de mim. Ele é meio louco. Aí eu saí assim, achei um posto de gasolina perto de um segurança. “Não, pode deitar ali. Deita ali, rapaz. ” Dormir na cidade não presta. Passarela não presta. Pontilhão menos ainda. Bom é aquela ponte que tem uma ruela assim sabe? Aí você deita ali e ninguém te acha. (ARI)

Os andarilhos de estrada que puxam carrinhos/carrocinhas ou têm bicicletas também nos relataram de suas experiências de roubo e modos de proteção nas zonas urbanas, pois carregam objetos chamativos por terem valor e praticidade. Geraldo nos disse que é bem melhor fazer o trecho de carrinho para poder pegar materiais recicláveis na beira das estradas. Ele teve um carrinho roubado quando parou em uma cidade. Não sabe como ou quando conseguirá outro.

Geraldo, também não tem a questão de às vezes estar bebendo muito e alguém poder se aproveitar e pegar alguma coisa sua? (ALEXANDRE)

Já fui roubado. Levaram meu carrinho. Roubaram todas minhas coisas ali, na rodoviária. (GERALDO)

É melhor ter um carrinho na estrada ou levar as coisas na mão? (JUSTO)

O carrinho rapaz, o carrinho seria bom, né? Para levar bastante coisa não tem como levar, né? (GERALDO)

Faz tempo que roubaram seu carrinho ou não? (JUSTO)

Seis meses. (GERALDO)

Para evitar esse tipo de roubo, seu José nos relatou que dorme dentro de seu carrinho como medida de segurança. Assim, ninguém consegue roubá-lo, sorrateiramente, enquanto dorme e camufla sua presença daqueles que podem violentá-lo por não conseguirem avistá-lo à longa distância.

Na entrevista com Anderson e Edvaldo, do Movimento Nacional da População de Rua, eles nos explicaram as diferenças entre a violência nos centros urbanos e nas rodovias. Eles afirmaram que o espaço urbano é muito criminalizado por ter diferentes formas de violência, porque uma pessoa em situação de rua pode sofrer violência institucional, por parte dos comerciantes, da polícia e até entre outras pessoas na mesma situação. Enquanto, para eles, o trecho é um espaço de alívio de toda essa perigosa exposição.

Quais seriam, os piores perigos e diferenças desses perigos em viver no espaço urbano e viver no trecho ou às beiras das estradas? Quais são os piores perigos de cada lugar? (ALEXANDRE)

O espaço urbano é muito criminalizado. No trecho você não tem essa violência institucional. No trecho você caminha, caminha, você é trecheiro, andarilho, você caminha. Você vai em busca de alguma coisa que você muitas vezes não encontra. Mas tem vez que você encontra. Mas o trecho é para ele se aliviar. Urbano é muita violência. Violência policial, violência no comércio, violência institucional. (ANDERSON)

E ainda tem violência interna. (EDVALDO)

Entre nós mesmos. O cara não vai com a tua cara, te dá uma facada, te bate, te agride. Você chegou num espaço dele. Então, a gente precisa trabalhar nisso. (ANDERSON)

Nessa entrevista, nós aproveitamos para perguntar sobre os “pardais”, pois muitos andarilhos de estrada já haviam nos afirmado que eles representavam o maior perigo no

trecho. Eles nos explicaram que nos centros urbanos as pessoas em situação de rua chamam os “pardais” de “ratos de mocó”. Apesar do andarilho no trecho não ter problemas com diferentes modos de violência, os pardais representam esses riscos de roubos.

No centro da cidade, a gente chama de rato de mocó. (Risos). No centro da cidade, a gente chama de rato de mocó. E o “pardal” é nas estradas. “Pardal” é o que faz acontecer e se manda. Não fica. (EDVALDO)

O trecho pode servir de proteção contra as intensas e diferentes formas de violência urbana. Existem casos de violência nas rodovias, mesmo que esporádicos e em menor proporção, como os roubos realizados por “pardais” ou por pessoas que querem, intencionalmente, apropriar-se de algum pertence de um andarilho de estrada ou causar-lhes algum prejuízo. Dentre os participantes que caracterizaram suas experiências sobre os riscos de roubo e violência, apenas Clemente relatou ter vivenciado uma situação diferente. Ele já foi roubado enquanto estava andando na beira de uma rodovia por um casal em um carro. Quando o viram, reduziram a velocidade, arrancaram os seus pertences pelo vidro do passageiro da frente e seguiram viagem. Nesse caso, os ladrões não o roubaram para ficar com seus poucos pertences, mas para humilhá-lo e prejudicá-lo. O mesmo participante também afirmou que até as prostitutas presentes em postos de combustíveis podem roubá-lo caso haja algo algum momento oportuno. Desde então, Clemente fica apreensivo sempre que vê um carro se aproximar devagar. Por essa razão ele relatou que sentiu medo quando nos viu estacionar o carro não muito longe dele, quando fomos chamá-lo para a entrevista.

Cigano, outro participante da pesquisa, nos relatou que certa vez encontrou uma dupla de “pardais” que tentaram roubá-lo em conjunto. Ele estava pedalando quando dois jovens a pé na estrada gritaram para ele perguntando se tinha algum cigarro. Ele não parou a bicicleta, continuou pedalando, e em uma distância segura, respondeu que não tinha. Depois disso, ele escutou um rapaz dizendo para outro que ele era esperto. Cigano contou que, se ele tivesse parado, poderia ser roubado e violentado.

Tem uns aí que anda em dois e é só pra isso, entendeu? “Ou, você para aí”, sei lá o que “você fuma? Você toma uma? ” Para conversar para roubar, sabe? Andam em dois, um do lado de cá e outro do lado de lá. Já tudo combinado. Combinado os dois. Aí, quando vê uma pessoa assim igual eu que anda sozinho, “ou para aí, não sei o que! ” Se você para para dar atenção, eles querem até me matar para levar o que você tem, sabe? Você já não tem nada. Aí pronto. É isso aí só... Aí anda em dois só pra...Entendeu? Quando vê eu ou muito, o que já aconteceu com os tiozinhos também e fala “aí rapaz, fui roubado e levaram as minhas coisas tudinho. E já não tinha nada. Eu estava no posto parado, mas não aconteceu comigo não. Mas tem uns pilantra ali pro lado da Várzea Grande que já quis me roubar. Em dois de bicicleta. Aí, eu tive que apelar e disse “moço, se tu vier pra cá, eu vou dar umas

(não entendi o termo), não vem querer me roubar não, já estou no trecho, no sofrimento e querem levar as minhas coisas, as poucas coisas que eu tenho?” (...) Aí, eu voltando ao assunto, essa molecada que está começando agora no trecho que anda em dois é só pra roubar nois. Que nem, eu subindo a serra e vinha dois, um do lado de lá e um do lado de cá. “Ao tiozinho, para aí, você não tem fósforo ou isqueiro?” “Não, não tem não, eu mal fumo”. (Risos). Aí ele disse (pro outro) “Aí ô, tá vendo? O tiozinho é esperto” Ele falou lá, eu escutei. “O tiozinho lá é esperto, não parou não, hein?” E eu digo, bota por cima pra ver. E o facão já está no jeito já. Eu paguei 400 conto nessa bicicleta. A bicicleta já tá com mais de 800 palitos. Eu vou arrumando, e arrumando, arrumando. Se levar meu carrinho velho aqui, como é que eu vou ficar? Eu vou ficar paisano...Aí não tem nada. Tem as coisinhas ali. Tem os documentos, tem tudo. Minhas panelas, minha rede, minha coberta. Aí fica pior do que eles. Fica igualzinho a eles de novo. Aí tem que ter cuidado. (CIGANO)

Quando se sente ameaçado, Cigano mostrou que tem um facão para se proteger. O mesmo usado para cozinhar, cortar lenha, pescar e cortar câmaras de ar descartadas em borrachas para vender. Ele, que já foi roubado no trecho, relata que toma todo cuidado possível, e que até em horas de descanso é preciso estar atento a sua bicicleta com todos seus pertences. Ele também disse que consegue dormir se entrar em algum matagal para descansar.

Eu tenho mais de vinte anos de trecho. Então, tem uns caras que vixi. Se não tiver um facão desse aí que eu carrego com a vara de pescar no rio, os caras leva as suas coisas. Você já não tem nada. Os caras leva memo, moço! Tô falando pra você. (CIGANO)

Nem na estrada você pode ficar sossegado, né? (JUSTO)

A hora que você vai armar rede aqui, o senhor coloca a sua bicicletinha do lado ali, bota a bicicleta no cadeado e não durma não. É sono de passarinho porque os caras vêm em dois e agarra ela com tudo. Aí o senhor tem que ficar alerta. Aí o sono tem que estar leve. Aí, quando não dá para chegar num posto, aí para na beira de um rio, numa ponte e você dorme sossegado, não tem ninguém. Carrega uma lanterna. (CIGANO)

Cigano ainda nos contou que consegue diferenciar pardais, andarilhos de estrada e trecheiros quando se aproximam dele. Quando o sujeito que se aproxima dele é um andarilho de estrada ou trecheiro, eles conversam, trocam informações, cachaça e fumo.

Tem uns andarilhos igual eu e muitos trecheiros que tem um saco nas costas e eles vem, traz umas pinga pra gente tomar, um cigarrinho de fumo para o paieiro e vem conversar, trocar ideia. Conversar de cidade, cidade de cana e tal. Qual região que ele passou, do estado que ele é e aí começa a prosear. Aí fica tranquilo. (CIGANO)

A desconfiança, a precaução e os cuidados nas aproximações humanas fazem parte de rotina típica dos andarilhos de estrada. Quando avista alguém, que também esteja na rodovia a pé ao horizonte, procura não habitar o mesmo local. Para achar um lugar para pousar ou mesmo para tomar banho, analisa se as outras pessoas do local representam algum perigo. Ele está sempre pensando no roubo e na violência provocada por pessoas, que de forma pejorativa, inclusive as chama de “pardais”.

Um dos principais motivos, pelos quais, os andarilhos de estrada se preocupam mais com roubos e violência é a maior garantia de poder prevenir um acidente de trânsito do que um roubo. Um andarilho sabe que, dificilmente, será atropelado se estiver andando em um acostamento. Para se prevenir de motoristas bêbados, distraídos, mal-intencionados ou de cargas que podem se soltar de caminhões, eles costumam andar na contramão. Mas os roubos e as violências são inevitáveis, independentes de se protegerem ou não. Mesmo acontecendo em frequências muito baixas. Alberto, Seu José, Donivaldo, Ruivo, Nada e Luisinho, por exemplo, não apresentaram nenhum relato de violência no trecho.

Dentre todos os participantes, Nada foi o único que quando perguntado sobre quais os perigos no trecho deu respostas fora do padrão, que foi apresentado, nos tópicos acima. Até mesmo as suas respostas estão relacionadas às relações humanas.

O perigo é aquilo que tentam implantar em você, mano. Caos. É toda a situação de arremesso, de medo. Certamente, mano. Meramente, isso é referente a minha esposa numa coisa que faz a mente e basicamente a situação...(barulho de vento muito forte que cortou a fala)... (NADA)

Ao ser perguntado sobre qual seria o maior risco contra a vida, ele nos respondeu que é a palavra.

É a palavra. (NADA)

O que? (JUSTO)

É a palavra. É a palavra, paixão. A Palavra. Tem que saber mais o que falar um para pro outro. A palavra. Primeiro tem que averiguar. Cada palavra, averiguada. A hora de falar mais de 300 vidas, registro. Tudo tem registro. Decompõe toda situação que se você não entendeu, pode falar o que quiser e não é à toa e sentido da vida. (NADA)

A palavra então é mais perigosa que os carros aqui? Ela pode ferir mais... (JUSTO)

Lógico, lógico. A palavra decepa. Que nem solda também. E me insulta também, me insulta também. A palavra é o ser humano que contém. Os outros tava à par e só favoreço. Não sou favorecido em nada e não quero nada em troca para cultivar. (NADA)

Apesar de não apresentar situações de roubos, violência ou atropelamentos, a “aquilo que tentam implantar em você” e a “palavra” inclusive são provenientes das relações humanas de estranhamento. No trecho, essas relações são mais frágeis, pois, além de não pertencerem a nenhum grupo e estarem sozinhos no trecho, os andarilhos de estrada lidam com, constantes, situações de estranhamento com terceiros, em suas relações humanas, como apresentado em pesquisas anteriores (JUSTO, 2005, 2011). Nos casos de Jonathan, o pensamento persecutório é uma forma, exagerada, de proteção contra o potencial risco que “o outro” causa nas rodovias.

Além dos roubos que podem sofrer por parte dos “pardais”, alguns andarilhos de estrada relataram já ter sofrido violência por parte da polícia militar quando estavam em ambientes urbanos. Mas quase todos os participantes afirmaram que as polícias rodoviárias, tanto a militar quanto a federal, trata-os de modo solícito e que até chegam a ajudá-los em diferentes situações.

Herói Brigadeiro, por exemplo, relatou-nos sobre a violência que sofreu quando perguntávamos a ele se não tem medo de ataques de animais ao dormir em matagais. Ele afirmou que não, pois na verdade existem pessoas muito piores do que cobra e que fazem mal para os outros. Não sabemos, exatamente, que tipo de violência ele sofreu, se foi apenas verbal, ou se também violência física. Por causa do que sofreu, ele detesta Curitiba, a cidade em que estava quando foi violentado. Ainda nos relatou que ama o estado de São Paulo e estava indo a capital, onde disse ter um “barraco”. Assim, gosta quando está caminhando em seu território, afirmando não ser tratado mal nele.

E quando você arruma o seu lugar para dormir, você tem medo de algum bicho, cobra, algum animal? (JUSTO)

Não tenho medo. Cobra não faz mal. Deus não me deixa chegar em mim. Deus não me deixa, passa por cima de mim e não o mal. (HERÓI BRIGADEIRO)

Deus te protege, então? (JUSTO)

É protege. As cobra passa por cima de mim, eu pouso por cima e ela não me veem. (HERÓI BRIGADEIRO)

E andando assim, tem gente que incomoda? (JUSTO)

Tem bastante. Tem uma boa parte que é pior do que cobra. Tem uma boa parte de gente que é pior do que cobra, que fazem o mal para os outros. É um veneno amaldiçoado uma boa parte do público com nome de gente. Na época que nós estamos, a maior parte são pior do que cobra. É um veneno amaldiçoado a maior parte do povo. (HERÓI BRIGADEIRO)

E na estrada você encontra muita gente assim? Muita gente ruim? (JUSTO)

Em qualquer lugar. Mesmo os país ricos você encontra o demônio por tudo. (HERÓI BRIGADEIRO)

Quer dizer, então, que hoje o senhor acha quer as próprias pessoas representam um perigo maior do que bicho? (JUSTO)

A boa parte é pior do que a cobra. A cobra passa por cima de mim e não me faz um mal. Eu piso em cima e não me atinge. E muitos me atinge, é pior do que a cobra. (HERÓI BRIGADEIRO)

E o senhor já foi atingido? (ALEXANDRE)

Pela cobra nunca. (HERÓI BRIGADEIRO)

E por pessoas? (ALEXANDRE)

Por quantos me faz um mal. Por isso eu olho dos dois lado e julgo como que se fosse Deus. Uma parte é pior do que a cobra. É um veneno amaldiçoado e uma boa parte com nome de gente. Deus falou que vinha para a terra o Diabo em forma de gente. E hoje tem. Uma boa parte é o Diabo em forma de gente. (HERÓI BRIGADEIRO)

Que é mais fácil, ter uma casa, um emprego... (JUSTO)

Eu tenho um emprego. Eu trabalho para a prefeitura. (HERÓI BRIGADEIRO)

O que aconteceu na vida do senhor que o senhor resolveu sair para estrada? (JUSTO)

Faz uns par de mês que sai. Eu estava em Curitiba de uns mês pra cá. (HERÓI BRIGADEIRO)

Ah, você estava em Curitiba? Gostou de lá? Como é que é? (JUSTO)

Fui mais humilhado do que cachorro de lixo por tudo quanto é bandido que me roubou. (HERÓI BRIGADEIRO)

O que? Como é que foi? Lá em Curitiba foi ruim? (JUSTO)

Todos os tipos de bandido que me roubou e me humilhou. (HERÓI BRIGADEIRO)

Em Curitiba foi isso? (JUSTO)

É, é. Um dos estados mais ricos do país. Me roubou e depois me humilhou e veio atrás de mim. (HERÓI BRIGADEIRO)

E você saiu de lá? (JUSTO)

E onde que eu vou querer ir? Pro meu barraco. Tem um lá em São Paulo, capital. Fique com sua riqueza e eu vou para o meu barraco. E me ofertou aquele estágio e eu não quis. (HERÓI BRIGADEIRO)

Ao continuar o diálogo, ele explicou que essa violência era de origem militar. Ele afirmou que as pessoas, de modo geral, não incomodam, mas que quem o perturba são os militares. Ele tem uma fala delirante ao dizer que roubou todo o poder deles e que militar é o Diabo em forma de gente. Não sabemos ao certo se foram militares do exército ou a polícia militar que maltratou Herói Brigadeiro, mas ele apontou que o roubaram e o humilharam em Curitiba. Quando perguntamos o que um militar faz, ele respondeu de modo imperativo, utilizando verbos no presente, como se fosse um ataque constante desses militares contra ele.

Vindo de lá pra cá, o senhor se lembra por quais cidades o senhor passou? (JUSTO)

Por todas (HERÓI BRIGADEIRO)

E aqui no estado de São Paulo ninguém te humilhou? (JUSTO)

É o estado que eu amo no país. É São Paulo. É porque o Diabo nos acompanha aí para nos incomodar. O estado que eu mais que eu amo. (HERÓI BRIGADEIRO)

: Por que é o lugar que você mais ama? (ALEXANDRE)

É o lugar mais que eu gosto é esse estado. É porque tudo quanté Diabo me acompanha e ia me perturbar. É o estado ia perturbar a mim. Veneno maldito. Com nome de militar. Porque o povo não me incomoda, quem me incomoda é militar. (HERÓI BRIGADEIRO)

O que militar faz? (ALEXANDRE)

Vive roubando, vive me humilhando, vive me executando. E me roubou e me atacam. Então, militar é o Diabo em forma de gente. Falo sim. Tomei o poder de tudo quanto é militar... Tomei o poder de tudo o quanto é militar! (HERÓI BRIGADEIRO)

Em outro relato, Ari nos contou que já foi tratado, violentamente, pela polícia militar quando estava de passagem pela cidade. Um dos policiais sem motivo algum o humilhou. Eles só o deixaram ir porque estava com seus documentos e não apresentava antecedentes criminais. Neste caso Ari sofreu violência do próprio Estado.

É, polícia, mas polícia de cidade. Polícia rodoviária não incomoda a gente não. Não. Até ajuda. Mas a da cidade incomoda. Eu estava andando em Taquaritinga. Era um domingo e eu estava com uma blusa vermelha, blusa vermelha. Ele já chegou e disse “para, para aí!” O cara com uma pistola na mão, outro com fuzil. “Que é essa saco aí?” Aí eu falei “é roupa”. “Abre pra eu ver!” Eu peguei e joguei tudo para o chão. Pra você ver. Aí chegou aquela ROTAM, viatura ROTAM. Aquela Hilux, né? Com quatro. E disse “Não, vamos ir lá, pode ir embora, pode ir embora!”

Vamos lá, vamo lá” Aí, puxaram meu DVC, que a turma chama de Capivara, né. Meu DVC nada consta, graças a Deus. Aí falou pra mim, o cara do fuzil. “Pô, mas você está na merda e que não sei o que, que não sei o que, que não sei o que.” Aí eu falei, ó, amigo: “A boa conduta fala o seguinte: Eu não posso ir com fardado...” Ele estava com o fuzil na mão. “Estou liberado? Estou liberado? Guarda o seu fuzil e deixa ele em casa. (ARI)

Os participantes relataram que, raramente, a polícia os chama para alguma averiguação enquanto estão nas estradas e rodovias. Para se prevenirem de eventuais problemas com a polícia, a maioria dos andarilhos carregam seus documentos para diferentes fins, como por exemplo, provar que não cometeu nenhum crime e até mesmo se proteger de violência institucional. Alguns outros não se preocupam com isso.

Ruivo é um exemplo de quem parece não se importar em carregá-los. Mesmo sem documentos, nunca foi apreendido, destrutado ou desrespeitado pela polícia rodoviária, que averigua sua identidade, ocasionalmente. Disse, ainda, que todos seus documentos estão com sua família e que nunca foi violentado no trecho.

Alexandre: E a polícia que para você? Eles ajudam ou não? (ALEXANDRE)
Não, só pergunta o nome. Se tem documento ou não, e vão embora. (RUIVO)
Eles pedem documento? (JUSTO)
Pede. (RUIVO)
E você tem documento? (JUSTO)
Não, comigo eu não carrego não, só com a minha família. (RUIVO)
Aí quando a polícia para você, você diz pra ela “vai pegar com a minha família”.
(Risos). (JUSTO)

Em outro caso, para provar que sua bicicleta não é roubada, Cigano colocou vários adesivos da bicicletaria que a vendeu.

Porque faz uns trinta dias que eu saí de Nova Olímpia e tinha uns dois meses que eu comprei ela lá. Tem o número de telefone, tem tudo aí. Se quiser ligar aí, pode ligar. (CIGANO)

Se algum policial perguntar sobre onde arranhou sua bicicleta, ele diz que é só ligar para o local em que a comprou. Nunca ocorreu de perguntarem sobre onde arranhou sua bicicleta, mas ele se antecipou se prevenindo desta maneira.

Sobre essa diferença de ambientes entre as estradas e rodovias e os espaços urbanos, Anderson, do MNPR, explicou-nos que no trecho o olhar dos trabalhadores é humanizado em relação aos andarilhos de estrada. Fator que não ocorre nos centros urbanos em relação a aqueles que estão nas ruas.

Ele (o andarilho) não vê a violência institucional. Como você vê nas grandes cidades. Então ali, a humanização de quem está olhando pra um trecheiro, para um

andarilho nas rodovias é muito maior do que você que está na cidade que você não enxerga esse ser humano. A gente é excluído ainda, a gente é invisibilizado. E muitas vezes na grande rodovia não, você é visibilizado. “Olha lá está andando o morador de rua, está andando um trecheiro, vamos perguntar se ele quer alguma coisa. Ou quer uma água, quer isso, quer aquilo, uma caroninha e tal?” Então, você tem essa sensibilização. (ANDERSON)

Não é de se surpreender que os participantes de nossa pesquisa se sintam bem mais seguros no trecho. A violência urbana é muito mais intensa e mais diversificada do que nas rodovias e estradas. Conseguir se distanciar ou achar um local que considera seguro, mesmo que no meio de um matagal ou plantação, é mais fácil na rodovia do que nas cidades. O trecho, também, proporciona ao andarilho de estrada muitos dias de solidão. Para Luís, por exemplo, é muito comum ficar cinco dias sem conversar com ninguém. Seu contato é mínimo e efêmero. Passa no posto de combustível para cumprimentar quem está por lá e pegar água. Enquanto uma pessoa em situação de rua, dificilmente, consegue ficar sozinha em um centro urbano.

Você sente muita falta de pessoas para conversar? Como é que é no trecho? (JUSTO)

A gente fica cinco dias sem conversar com ninguém. Você passa pegar água, você cumprimenta no posto e só. Na estrada você passa e não tem ninguém. Aí a cabeça vai indo e você vai remoendo aquelas coisas todas ruins. Se não tiver Deus no coração, vou falar para você, não é fácil não. (LUÍS)

Os casos de violência que ocorreram com andarilhos de estrada são esporádicos. Aqueles que já foram violentados, roubados por pardais ou maltratados pela polícia relataram apenas um episódio que lhes ocorreram em anos de trecho, em sua maioria, enquanto estavam em áreas urbanas.

5.4.3 Riscos envolvendo animais

Em pesquisa anterior sobre andarilhos de estrada, Justo (2011) sinalizou sobre o risco dos animais domésticos e selvagens aos andarilhos de estrada. Apresenta em sua pesquisa o caso de Dona Quitéria carregava consigo um bastão para se proteger dos “leões”, o modo de como ela denominava os cachorros nas proximidades de sítios. Ela andava muito por estradas de terra. Nossos participantes de pesquisa, quando perguntamos “o que é mais perigoso na estrada” ou “o que você tem medo nas estradas”, o tema sobre os animais não foi citado de imediato. O risco de ser atacado por eles, em qualquer ponto de seus trajetos, só era discutido quando perguntávamos, especificamente, sobre. O único que se lembrou dos animais como segundo maior medo foi Ari. Depois de nos explicar os perigos dos “pardais”, nós lhe

perguntamos o que mais poderia ser perigoso no trecho além dos “pardais”. Ele nos lembrou uma história.

Ah, Ah! Eu estava lá em Frutal, Frutal. Na minha, né? Dormindo no meio do mato. Aí de repente veio me cheirando um lobo-guará! É, um lobo. (ARI)

Para Ari, o maior perigo são os “pardais”, depois um lobo-guará. Ambos são os medos que já sentiu no trecho presentes à sua frente. Eles são terceiros que tocaram sua pele sem sua permissão, e que o deixaram em completo estado de impotência, totalmente indefeso. A maior personificação do medo e do perigo para ele são os “pardais”. Já o agrediram e o roubaram mais de uma vez. Eles podem estar em todos os espaços que ele, também, estiver e pegá-lo de surpresa.

A segunda maior representação de medo e perigo em sua memória é um animal que só relatou quando retomamos a pergunta “Fora isso (o medo dos pardais) o que mais tem, assim, um perigo? Risco...”. Um lobo-guará, tipicamente, encontrado no cerrado (CIOCHETI, 2007. JÁCOMO, 199), e inexistente no ambiente em que estávamos. Nunca o atacou, mas sua inédita presença e o ato de encostar o focinho nele o deixou em alerta.

Dos “pardais”, Ari já foi vítima várias vezes. Já foi espancado, roubado e até quase enforcado com correntes. Enquanto o segundo o encontrou na mata, o cheirou e saiu de sua presença. Ari só comentou sobre quase ter sido atropelado quando perguntamos, especificamente, sobre os veículos.

Alguns andarilhos de estrada falaram de certos animais que nunca viram, mas que poderiam ser, extremamente, perigosos, segundo as informações que já tiveram. Outros disseram como fazem para se proteger deles, caso precisem. Em diferentes momentos de nossa conversa, Clemente nos relatou dos perigos com animais. Disse que não dorme muito próximo a alguns lugares de mata fechada, porque a qualquer momento um tamanduá pode prendê-lo com suas garras e encostar a boca nele. Já quase pisou em cobra jiboia pela noite certa vez. Essa virou uma das razões pelas quais não gosta de andar no escuro. Ele utiliza alho como um repelente para afastar animais, quando precisa dormir ou parar em matagais e plantações.

Carrego dente de alho para afastar bicho do mato. Mastigo e depois jogo envolta. Bicho nenhum chega perto de você. (CLEMENTE)

Também mastiga o alho para ficar com o corpo imune a doenças e mosquitos. Sobre os animais em zonas rurais, ele respondeu que os cães apenas latem, mais por estarem com fome do que por possibilidade de ataque.

Do mesmo modo que Clemente, seu Zé nunca viu um tamanduá. Mas ainda tem medo de encontrar um. Segundo as histórias que ouviu, similares às contadas à Clemente por outros andarilhos, os tamanduás que podem usar as garras e a língua para matar um ser humano. Por essa razão, raramente vai até as estradas do Mato Grosso ou do Mato Grosso do Sul.

Em contraste, Donivaldo nunca entra em postos de combustíveis para descansar, dorme, exclusivamente, em matagais e plantações, sem a menor preocupação. Os chama de “beira”, que pode ser qualquer espaço à beira da estrada. Ele afirmou que não há animal nenhum neles.

E para dormir? **(ALEXANDRE)**

Ah...pega uma beira aí... **(DONIVALDO)**

Pega um mato? (ALEXANDRE)

É, é. (risos). Lugar que nem aquele ali (apontou para uma plantação). **(DONIVALDO)**

Bem no canteirinho o senhor dorme? Mas não tem bicho? (ALEXANDRE)

Tem nada. **(DONIVALDO)**

Não? Nada? Tranquilo? (ALEXANDRE)

Não. Nada. Tranquilo. **(DONIVALDO)**

Em alguns casos, a presença desses animais à beira de estrada pode ser tão intensa que a presença humana nelas se mostra um risco para eles. Cigano é um andarilho de estrada que faz percursos por bicicleta. Ele estava contando sobre o quanto que pedala por dia, e começou a relatar sobre a enorme quantidade de cobras à beira da estrada próxima a uma represa. Às vezes, consegue desviar, mas em outros momentos, atropelar as cobras é inevitável. Ainda explicou de sua técnica particular para conseguir dormir em áreas silvestres, fazendo uma fogueira.

*Rapaz do céu, trinta mesmo já é puxado. Eu conheço umas ruas aqui. Eu dou km descendo aí, moço. Só subida que eu vou empurrando e no plano eu vou à vontade. Pra tirar oitenta quilômetros, oxi. Eu saí de Bataguáçu, o duzentos e dez são noventa quilômetros que eu não tiro de jeito nenhum. Eu tenho que parar. Eu vi atrás da fazenda, faltavam uns dez quilômetros, aí eu não é cedo, não vou mais. Aí pode passar umas cobras, passa por cima das cobras. O que tem de cobra na beira da represa. Cascavel... **(CIGANO)***

Você tem como se prevenir dessas cobras também? É um perigo para você? Como é que é? (ALEXANDRE)

*Rapaz, aí eu ando de dia, o que eu já vi assim eu desvio, entendeu? Eu já vi muito, entendeu? Aquela que chama coral também, aquela outra lá, a boipeba, vixi Maria... Eu já vi muita na beira da pista. **(CIGANO)***

Você falou que dorme às vezes no meio do mato, que de vez em quando rola. Você tenta se proteger desses bichos? Como você faz? (ALEXANDRE)

Aí é o seguinte: Eu faço um litreiro assim e faço um fogo. Aí no canto que der pra mim fazer um fogo, eu faço um fogo. Eu limpo e faço um fogo assim e não chega os bichos de jeito nenhum. (CIGANO)

Com o fogo ali feito não chega? (ALEXANDRE)

É. Aí arma uma rede alta e pronto. Aí fica alto também por causa das onça também, né? Lá pro lado do Pará tem onça. A transamazônica mesmo é a região que tem onça ali. Pro lado de Garantã, Peixoto, Matucá, Tairã, Carro Velho, Santarém. A região que eu tive lá pro ano retrasado também, que eu sai lá perto do Maranhão. Aí é boa também. (CIGANO)

E a onça? Como é que faz com a onça? (JUSTO)

Ah, ah não. Aí você tendo um fogo, aí pronto. Ela não chega. Ela anda por longe, mas não vem de jeito nenhum. Fez um fogo, ela não vem de jeito nenhum. (CIGANO)

Por ser um andarilho de bicicleta que percorre todo o Brasil, a realidade de Cigano é diferente daqueles que só andam pelas rodovias do estado de São Paulo. Nelas há muitos postos de combustíveis de caminhoneiros para descansar, e a necessidade de entrar em matagais é bem menor. Assim há muitas zonas rurais tomadas por monoculturas, o que faz o número de animais ser bem reduzido em relação às áreas silvestres. Geraldo está há cerca de 20 anos no trecho. Nunca teve problemas com animais, nem com silvestres, nem com os rurais.

Já teve problemas com animais, bichos? (ALEXANDRE)

Não tive não. Tem no Mato Grosso, tem cobra. (GERALDO)

Algum cachorro bravo de sítio, fazenda? Nunca aconteceu? (JUSTO)

Nunca aconteceu, nunca aconteceu não. (GERALDO)

Essa é uma realidade também diferente daqueles que andam muito em zonas rurais.

Do mesmo modo que muitos estão nas rodovias, porque as cidades são perigosas, os animais são um dos motivos pelos quais os andarilhos preferem ir para as vias rurais pavimentadas ao invés de cortar caminho por matagais, florestas ou similares. Adentram esses espaços para dormir, quando não há melhor opção, ou para utilizar o rio em atividades de pesca e higiene pessoal. Razão que os torna diferentes dos eremitas, que fogem para os espaços silvestres e vivem, exclusivamente, reclusos neles. Andar nas rodovias, além de ser um contínuo de espaço, similarmente, sem fim e de presença humana bem reduzida, inclusive é quase ausente de animais.

Herói Brigadeiro nos disse que dorme no meio do capim “igual boi”. Quando perguntamos se não tem medo de algum animal atacá-lo, já apresentado no relato da seção anterior, ele mostrou que sua preocupação com cobras não é nada perto de sua preocupação com a presença humana. Já idoso e com quase quarenta anos de trecho, nunca foi atacado por animais. Mas nos centros urbanos já sofreu violência policial. Ele fez uma comparação do pior tipo de veneno para ele, aquele cujo portador é o Diabo em forma de gente.

Quer dizer então que hoje o senhor acha que as próprias pessoas representam um perigo maior do que bicho? (JUSTO)

A boa parte é pior do que a cobra. A cobra passa por cima de mim e não me faz um mal. Eu piso em cima e não me atinge. E muitos me atinge, é pior do que a cobra. (HERÓI BRIGADEIRO)

E o senhor já foi atingido? (ALEXANDRE)

Pela cobra nunca. (HERÓI BRIGADEIRO)

E por pessoas? (ALEXANDRE)

Por quantos me faz um mal. Por isso eu olho dos dois lado e julgo como que se fosse Deus. Uma parte é pior do que a cobra. É um veneno amaldiçoado e uma boa parte com nome de gente. Deus falou que vinha para a terra o Diabo em forma de gente. E hoje tem. Uma boa parte é o Diabo em forma de gente. (HERÓI BRIGADEIRO)

Muitos daqueles que precisam dormir em matagais de vez em quando têm a crença de que os animais não irão feri-los. Além de se prevenirem, sabem que a chance de um animal os atacar é menor do que sofrerem violência em áreas urbanas. Tomam as suas precauções, pois cada um tem uma técnica particular para espantar os bichos, como o alho de Clemente, ou a fogueira de Cigano. Mesmo que as técnicas de algum andarilho de estrada sejam, cientificamente, ineficazes, elas são como um ritual para que os próprios aumentem a sensação de segurança ao abitar espaços silvestres.

Eles preferem transitar pelas rodovias e as paradas nos postos de combustíveis, que lhes passam o mínimo de segurança e por estarem bem vazios ou bem vigiados a outros ambientes. Mas de qualquer modo, ainda ficam mais em paz dormindo em áreas silvestres e rurais do que nos centros urbanos. Inclusive, entram em matagais para dormir, porque se camuflam e se protegem das violências de origem humana. Não chegam adentrar muito nesses espaços, e só têm contato com eles próximo às rodovias e estradas. O foco do medo nunca foram os animais, eles preferem encará-los para poder dormir com segurança do que ser vítima da ação humana.

6. Discussão

A presente pesquisa visou identificar os principais riscos decorrentes do trecho na perspectiva dos andarilhos de estrada. Os resultados apresentaram que os roubos e a violência foram os riscos que os participantes da pesquisa mais se atentam em seus cotidianos. Isso aponta que o atropelamento não é o único ou principal risco para eles, como pensam as instituições ligadas às rodovias ou mesmo o senso comum.

No levantamento sobre riscos nas estradas e rodovias, por exemplo, o que apareceu na busca foi a questão dos acidentes no trânsito. Os roubos não são mencionados como risco, ainda menos notados em um contexto de trânsito de alta velocidade. Mas é uma realidade para aqueles que vivem no trecho, como os andarilhos de estrada, ou mesmo os caminhoneiros, que precisam vigiar suas cargas.

Este trabalho, também, confirmou características psicossociais dos andarilhos de estrada apresentadas em pesquisas anteriores (JUSTO, 2005, 2011, 2012), tais como a relação deles com seus familiares, o uso de bebidas alcoólicas, os locais de descanso, as formas que conseguem se manterem no trecho e as características relacionadas ao delírio no trecho.

Andarilhos de estrada entrevistados têm noções dos riscos que ocorrem nas rodovias, conforme o tempo que estão no trecho. Cada sujeito percebe os riscos pessoais de modo singular (COOPER, 2003). A percepção que cada andarilho de estrada tem está relacionada à suas personalidades, vivências, experiências, aprendizados trazidos por terceiros, e a forma que fazem o “trecho”. Poderíamos até acrescentar o fator da sorte como uma variável de percepção do risco, já que alguns andarilhos depois de tantos anos no trecho nunca foram roubados ou violentados. Cada um deles vai se prevenir de modo diferente aos riscos que conseguem perceber no momento em que estarão diante deles. Não pensam de forma unanime, mas conforme suas experiências vão aprendendo diferentes modos de se cuidar.

Os participantes da pesquisa ainda apresentaram ter noções de proteção e prevenção de acidentes, violências, roubos e ataques de animais. A maioria deles anda na contramão, não bebe enquanto estão caminhando, faz o trecho, preferencialmente, no período do dia, entra nas cidades somente em caso de muita necessidade, evita o contato com outras pessoas no trecho, e quando se deitam em matagais, conferem o local ou fazem medidas de segurança antes. Características que do mesmo modo foram apresentadas em pesquisas anteriores (JUSTO, 2005, 2011).

Alguns andarilhos não chegaram a comentar os atropelamentos como um risco em suas respostas. Esse fato se deve, porque muitos dos entrevistados já incorporaram as devidas

precauções para andar nas rodovias. Giddens (1991) aponta que a sensação de segurança do sujeito e a rotina estão, intimamente, ligadas por meio do hábito. O atropelamento não foi considerado como um grande risco para boa parte dos andarilhos de estrada, porque os veículos, a rodovia e as medidas de segurança fazem parte da rotina deles.

Quando um andarilho de estrada vê um veículo não o considera como fator de risco, desde que o condutor esteja dirigindo, corretamente, na pista de rolamento. Como caminha na contramão, ele o vê se aproximando, percebe, rapidamente, se não há nada de estranho e continua a andar sem medo de ser atropelado. Ele vê centenas de veículos passando por ele todos os dias.

Os veículos são menos preocupantes, quando seus riscos são mitigados tanto pelas suas ações de proteção pessoal e quanto pelas rodovias de melhor infraestrutura. Pontos onde não há acostamentos ou pouca área para que possam andar os fazem ter maior preocupação com os atropelamentos.

Os andarilhos de estrada apresentaram menor preocupação desses riscos, quando estão em rodovias com maior infraestrutura. Ainda encontramos maior incidência de andarilhos de estrada em trechos com postos de combustíveis para poder descansar, como por exemplo, na Rodovia Raposo Tavares.

Conforme apresenta Lima et al (2008), diferentes pistas de rolamento apresentam desfalques para o número crescente de pedestres. Principalmente em áreas de travessia, como falta de espaço em pontes ou ausência de passarelas entre os lados da pista. Esses trechos podem ser bem perigosos para os andarilhos de estrada. Para os mesmos autores, os acidentes nas rodovias podem ocorrer por mútuos fatores de imprudência do motorista e do pedestre. Por exemplo, se Clemente ou Ari estivessem alcoolizados, quando quase foram atropelados ou estivessem andando na mesma direção que os caminhões, provavelmente eles não escapariam a tempo.

A pesquisa apontou que, além dos atropelamentos, os veículos também podem ser perigosos devido a cargas ou pedaços dos veículos que podem se soltar e atingi-los. Mas quando tomam precauções necessárias, os andarilhos de estrada não estão expostos a altos riscos, ou seja, aqueles de grande probabilidade de causarem danos.

Acidentes envolvendo andarilhos de estrada e outros pedestres ainda podem ter agravantes psicossociais relacionados. Diversas são as causas associadas aos acidentes de trânsito (BRASIL, 2015a), elas se agravam em decorrência de diferentes fatores psicossociais, além da distração de motoristas e pedestres, como por exemplo, o suicídio de sujeitos que se

jogam em frente a veículos. Sobre esse fato, Ari nos relatou que conheceu um andarilho de estrada que se suicidou horas depois de ter uma conversa com ele.

Como apresentou Zé Tavares que disse que pode acabar bebendo demais e caindo na pista de rolamento, não é por desinformação ou inocência que podem estar andando alcoolizados. É preciso compreender que há outras questões associadas ao atropelamento, como a falta de estabilidade emocional ou a vontade de aliviar o sofrimento psíquico como exemplificados na história de Ari.

Estar embriagado ou na errância pode apresentar o sentimento de alívio ao sofrimento. Percebemos que, se os andarilhos não pensam em nada quando caminham, também querer esquecer o sofrimento quando estão parados, por isso muitos recorrem a bebida. Tentam encontrar no trecho ou na bebida a fuga necessária para estabilizar-se ou reencontrar-se. Mas esse ato se repete dia após dia.

Os condutores em alta velocidade ou mesmo embriagados representam um risco que pode ser prevenido ao andar na contramão da direção dos veículos. Mas a aproximação de veículos em baixa velocidade, de outras pessoas a pé, ou mesmo vivendo no trecho, como eles, podem ser motivos de medo. Enquanto estão nas estradas e rodovias, seus temores não estão tão presentes. A presença do medo está em locais urbanos por conta de quem possam encontrar.

Os roubos e violências que podem acontecer nos pontos que precisam parar para descansar são mais preocupantes por apresentarem uma imprevisibilidade bem maior, do que os riscos envolvendo veículos. Como pudemos apresentar, alguns participantes da pesquisa afirmaram que quase foram atropelados, mas responderam que os roubos e violência representam maiores riscos para eles. A maioria dos relatos de roubo ocorreu em áreas urbanas, espaços que só entram quando necessário.

Essa é uma diferença importante entre a vida no trecho e nas ruas. Nos centros urbanos existe uma violência sistemática que é alimentada por criminosos e polícias militares. No trecho não há essa sistematização da violência. Mesmo aqueles que já foram violentados, roubados ou maltratados pela polícia relataram apenas um episódio que lhes ocorreram em anos de trecho, em sua maioria, enquanto estavam em áreas urbanas.

Para Chesnais (1999), há múltiplos fatores que geram violência no Brasil e ela se encontra, principalmente, nas cidades. Existe uma grande desigualdade social, falta infraestrutura adequada e intenso crescimento demográfico não controlado, que gera desempregos, falta de acesso a serviços públicos e aumento da criminalidade. Nesses centros urbanos há o alto índice de roubos, assassinatos e tráfico de drogas. As instituições, que

deveriam atuar na prevenção da violência, acabam por contribuírem com ela por conta de suas estruturas deficitárias.

O mesmo autor também apresenta que nas grandes cidades há uma obsessão pela insegurança. Por conta da violência presente no cotidiano e fortemente apresentada pelas mídias, os cidadãos vivem, constantemente, em um clima coletivo de insegurança e de desconfiança em relação aos desconhecidos. Outros autores apresentam forte relação entre a violência e a instituição da polícia militar (ALMEIDA, 2007), o jogo de forças entre facções criminosas e o Estado (SANJURJO; FELTRAN, 2015) ou até mesmo, o próprio Estado como terrorista gerador de violências (MARTINS; LACERDA, 2014). Esses autores mostram que o Estado tem práticas sistemáticas de violência que se repetem, continuamente, entre os agressores, vítimas e espectadores.

No universo dos andarilhos de estrada não há uma sistematização da violência do Estado e nem uma sistematização da prática da violência, de leis ou relações entre os andarilhos, pois eles nem constituem alguma sociabilidade. A violência sofrida por eles é imprevista e de pouca incidência. Diferentemente, do que ocorre no cenário da cidade, não existem gangs organizadas para assaltar andarilhos nas estradas ou tráfico de drogas, que trazem consigo a violência. Trata-se de ocorrências de assaltos ou de brigas e desavenças ocasionais e dentro da margem de imprevisibilidade da própria condição de viver e, particularmente, da vida em trânsito.

Essa violência de Estado sistematizada não chega aos andarilhos de estrada. O que pode acontecer são os atos de violência e roubo com outras pessoas que estão no trecho ou em situação de rua que são chamadas de “pardais”. Eles podem ficar apreensivos, quando avistam outros andarilhos. Ficam mais tensos avistando pessoas como eles do que outros sujeitos do trecho, como funcionários de concessionárias ou policiais. Essa presença diminuída do Estado, por um lado protege os andarilhos dessa violência praticada pelas instituições, mas por outro lado os expõe aos arbítrios dos relacionamentos entre eles e terceiros.

Os cuidados nas relações interpessoais são ações que os andarilhos de estrada participantes da pesquisa se atentam. Não há previsibilidade do que esperar das pessoas que os abordam durante o trecho. Os participantes relacionaram os riscos com fatores de origem humana, seja ele o atropelamento, por descuido ou má intenção de motoristas, ou por situações de roubo e violência. Só nos apresentaram questões sobre os riscos com animais, porque perguntamos especificamente sobre elas.

Para Giddens: “Uma falta de confiança elementar na possível intenção dos outros leva o indivíduo a evitar cruzar olhares, o que poderia precipitar um envolvimento potencialmente

hostil” (1991, p.75). Podemos relacionar essa afirmação à desconfiança entre andarilhos. Quando se cruzam, mal se cumprimentam ou se olham, pois sentem em seus semelhantes potencial perigo. Aquele que está cruzando o seu caminho pode ser um “pardal” disposto a violentá-lo ou persuadi-lo para roubá-lo.

Não houve na literatura ou em nossa pesquisa atos de violência relatados entre concessionárias e policiais com andarilhos de estrada. Pelo contrário, conforme pudemos analisar, há certa convivência de ajuda informal advinda dos agentes desses estabelecimentos. As trabalhadoras e trabalhadores das diferentes polícias militar rodoviária e rodoviária federal e concessionárias costumam doar donativos, alimentos e até dinheiro para os andarilhos de estrada.

Boa parte da ajuda que os andarilhos de estrada recebem não é proveniente das instituições, mas sim da boa vontade de seus trabalhadores em forma de doações de caridade, não como política pública.

Existem poucos programas da polícia rodoviária para ajudar andarilhos de estrada. Não há uma sistematização dessas ajudas dadas a eles, salvo campanhas temporárias, experimentais e implantadas a nível local, como por exemplo, a campanha de doação de mantimentos da PRF da região de Ponta Grossa-PR.

Os participantes de nossa pesquisa relataram que o tratamento dado pela polícia rodoviária é mais humanizado e alguns já sofreram violência verbal da polícia militar quando estava nas cidades. Por conta da violência urbana, de diferentes origens e agentes, os andarilhos de estrada se sentem mais seguros ao caminhar em rodovias e estradas.

Alguns andarilhos de estrada utilizam fichas simbólicas contra a violência da polícia militar e garantem direitos, como o uso de estabelecimentos do Sistema Único de Saúde e do Sistema Único de Assistência social. Essa questão dos documentos é dividida, metade deles o carregava, enquanto outra, não se importava. Ari, por exemplo, utilizou seus documentos quando a polícia militar o parou. Mostrou que seu DVC não constava antecedentes criminais. Outros não se importam carregar nenhum documento, como no caso de Ruivo, que os deixa com a família.

Os andarilhos de estrada apresentaram que as violências que sofreram foram em sua maioria em espaços urbanos. Mesmo assim, os que relataram já terem sido roubados, violentados ou maltratados pela polícia sofreram tais atos apenas uma única vez.

Nem mesmo as notícias sobre violência fazem parte do cotidiano dos andarilhos de estrada. Dificilmente ficam sabendo de crimes ocorrerem, pois essas informações que circulam de modo abrangente nas cidades, graças à mídia, pouco chegam a eles. Podemos

tomar o caso da pandemia de COVID-19, como exemplo. Em um questionário aplicado pela PRF de Paraná em 2020, dos 85 andarilhos de estrada participantes, 61,2% ainda não sabiam sobre a COVID-19.

Contra a violência e até mesmo a fome e o inesperado dos ambientes urbanos, os andarilhos de estrada encontram proteção no trecho. Nesse sentido, eles mitigam os riscos encontrados nas cidades indo para o trecho. Nele também há proteção contra as dores encontradas no cotidiano de suas vidas sedentárias. Por exemplo, Luís e Luisinho voltaram ao trecho para não brigar com seus familiares, Zé Tavares para não matar a esposa, Ari para não sentir a dor de um luto que não conseguiu superar.

Sobre os riscos com os animais silvestres e rurais, os andarilhos de estrada relataram que não apresentam grandes riscos no trecho e são, raramente, vistos. Esse tema só foi discutido, porque levantamos a questão para aqueles que disseram entrar em matas e zonas rurais.

Alguns dos que dormem em matagais fazem diferentes preparos antes de se deitarem. Independente de repelirem os animais ou não, alguns rituais, como jogar alho envolto ao leito feito por Clemente, aumenta a sensação de segurança para dormir.

Não foi levantada a discussão dos fatores de mudança de tempo repentino nas rodovias, mesmo sendo um fator que pode intensificar os riscos nas mesmas.

Apesar de existir a percepção e a reação pessoal de cada um, os riscos não são fenômenos individuais. Há diferentes locais que necessitam de medidas de segurança para mitigá-los (GIDDENS, 1991; BECK, 2015). As estradas e rodovias têm seus sistemas peritos que fazem este papel, atribuídos às concessionárias, polícia rodoviária federal e polícia militar rodoviária. Os sujeitos pensam o risco de modo subjetivo, enquanto as instituições, de modo objetivo. Por isso é importante detalharmos a diferença de perspectiva sobre os riscos entre os andarilhos de estrada e as instituições vigilantes das estradas e rodovias.

Para as concessionárias e as polícias, a preocupação sobre os andarilhos de estrada está centrada nos riscos estatísticos envolvendo os atropelamentos. Essas instituições são sistemas peritos em segurança das estradas e rodovias. Ou seja, são elas que detêm conhecimento e técnicas de gerir os riscos e perigos dentro de sua especialidade (GIDDENS, 1991).

O objetivo fim dessas instituições é produzir segurança, o que para Giddens (1991) significa promover neutralização ou mitigação dos riscos. Conforme, a entrevista de um administrador de uma concessionária dada a Nascimento e Justo (2018), por meio de técnicas de monitoramento, a finalidade das concessionárias perante os andarilhos de estrada é observá-los e orientá-los sobre os acidentes nas estradas.

Dessa maneira concessionárias e a polícia exercem certo controle de segurança aos passos dos andarilhos. Esses peritos não os interceptam, a menos que estejam fazendo movimentos considerados “anormais”, como por exemplo, andar de modo ébrio pela estrada. Ou seja, eles permitem que os andarilhos andem nas estradas e rodovias, desde que não envolvam riscos para si e a terceiros.

Tais estabelecimentos institucionais trabalham de acordo com a prerrogativa de os riscos são fatores que existem independente de estarmos cientes deles ou não (BECK, 2015). Esses sistemas peritos têm uma visão objetivista dos riscos, conforme apontada por Dutra (2015). Suas estratégias de mitigação são baseadas em cálculos estatísticos e atentam ao que é irregular ou incomum nas rodovias, como por exemplo, os próprios andarilhos de estrada andando em espaços que, tecnicamente, foram feitos para veículos em alta velocidade.

Durante nossa pesquisa fomos chamados para reuniões com uma concessionária e com membros da PRF, por sermos pesquisadores. Essas instituições tinham o propósito de conseguir novas informações para produzirem segurança, ou seja, mitigar ou neutralizar os riscos de acidentes de trânsito para estes sujeitos. Não focaram nos roubos e violências sofridas pelos andarilhos de estrada por desconhecerem e por ser algo pouco decorrente enquanto eles estão caminhando nas rodovias.

As propostas apresentadas por essas instituições, para reduzir os riscos dos andarilhos de estrada incluíam a distribuição de coletes ou roupas com refletores e a conscientização de todas as partes usuárias da via. Essas medidas de proteção focam em dar visibilidade ao andarilho de estrada na pista, para que os motoristas os reparem. Apostam na percepção do motorista para que os riscos sejam minimizados. Os participantes da pesquisa apresentaram não ter ciência que as concessionárias os vigiam, salvo momentos em que receberam alguma ação direta, como um colete refletor dado por uma concessionária de pedágios a Alberto.

Para os representantes do MNPR, o ideal seria ter espaços seguros para os andarilhos descansarem pela noite. A ideia não só os ajudaria a não serem roubados, como poderiam dormir com mais tranquilidade. Se conseguirem descansar bem, podem fazer o trecho com mais atenção, teriam melhores condições de saúde mental, atenção e disposição para caminhadas.

Em suas falas, os representantes do MNPR sugeriram que este espaço de descanso não sairia caro para as concessionárias. Eles sabem que os responsáveis pela infraestrutura das rodovias são elas.

As rodovias são lugares de circulação. Não há prerrogativas para implantar certos estabelecimentos de assistência social ou saúde. Por essa razão, os andarilhos de estrada entram nas cidades em busca desses serviços, mas somente quando sentem a urgência deles, como por exemplo, precisar de um hospital.

Os andarilhos de estrada se afastaram de todas as instituições, não se beneficiam de seus direitos e não cumprem suas funções institucionais. Eles estão longe do trabalho preventivo das instituições, como os de saúde, segurança alimentar e previdência.

Ao irem para o trecho, os andarilhos de estrada, não têm mais que se atentar a responsabilidades para com a vida dos outros, não geram mais os riscos que estão dentro do núcleo familiar, não se importa mais com nada disso. Abandona o trabalho, a família, a Saúde, a Assistência social e a Segurança.

De alguma maneira as Instituições foram falhas em lhes dar suporte ou não faziam mais sentido em suas vidas. Será que é vantajoso se arriscar indo de encontro ao desconhecido das estradas e rodovias?

Até o momento, discutimos medidas preventivas diante dos riscos, tanto por parte dos sujeitos da pesquisa, quanto dos sistemas peritos que estão nas rodovias. O risco ainda pode ser discutido como uma aposta, a capacidade consciente de entrar em riscos para se obter ganhos, experiências e adrenalina (SPINK, 2001). Podemos citar, como exemplo, os jogos de azar, as tomadas de decisão dos rumos pessoais ou institucionais ou mesmo os esportes radicais. Para esses fins, Spink define o termo “risco-aventura”. A aventura, a jornada ou a viagem já é uma forma de correr riscos para experienciar novas vivências.

Le Breton (2009) apresenta que ter condutas de riscos é também dar sentido à vida. Neste ponto, a vida dos andarilhos de estrada retorna o sentido, quando arriscam andar pelas rodovias, mesmo que não tenham consciência dos riscos. Eles tornam a errância necessária em suas vidas. Não, necessariamente, estão em busca de sentido ou perdido, pois na errância vive uma constância. “A errância não tem objetivo, salvo a própria errância” (LE BRETON, 2009, p. 67). O desejo de andar está acima de qualquer cálculo de risco. Como já dito, até os objetos que precisam proteger só são carregados consigo para facilitar e possibilitar suas andanças. A errância dá diferentes significâncias para cada sujeito que a pratica.

O trecho ainda pode ser pensado como um espaço de um não-lugar para se aventurar e viver as experiências, sem se importar com as consequências (LE BRETON, 2009). Podemos dar como exemplo a origem da vida de viagens de Cigano. Ele foi para o trecho se espelhando na vida que o tio levava no trecho. Achou interessante poder viajar a lugares desconhecidos.

Aventura-se no tempo dele, previne-se para diversos espaços que transita com diferentes instrumentos. Passa por praias, campos e estradas que cortam florestas.

Vários andarilhos de estrada também percorrem lugares inusitados, distantes e diferentes. Podem ser áreas de litoral, florestas, ou até mesmo cidades turísticas, etc. Esse é o caso de Seu José, que certa vez resolveu ver como era o carnaval de Salvador quando estava, coincidentemente, passando pela cidade.

A errância é dominada pelo acaso. Mesmo que não se planeje por onde vai andar ou mesmo não se pense no futuro, diferentes situações aparecem, esporadicamente, ao redor dos andarilhos de estrada.

As ações dos andarilhos são imediatas e instantâneas. Até o andar na contramão não é, previamente, planejado com antecedência. A errância é um caminhar sem rumo, sem planejamentos. Para vivenciá-la, não há como fazer previsões, sentir medos ou qualquer projeção fantasiosa do futuro.

Os andarilhos de estrada exercem seu direito de ir e vir nas estradas e rodovias e, além de fazerem movimentos errantes do modo que bem desejam, encontram no “trecho” formas de proteção contra problemas psicossociais e outros riscos que querem evitar na vida sedentária estabelecida no território urbano.

Enquanto há um clima de medo nas cidades, a precaução que os andarilhos de estrada tomam não é motivo de sentimento de insegurança. Eles não temem que algo possa acontecer, enquanto estão caminhando. Afirmam não pensarem em nada quando andam e quando estão em repouso, ao final da tarde, apenas procuram um espaço para descansar.

Quando analisamos as diferentes reações de adaptação aos riscos nomeados por Giddens (1991), como a aceitação pragmática, o otimismo sustentado, pessimismo cínico ou o engajamento radical, os andarilhos de estrada, participantes da pesquisa, não apresentaram nenhuma. Eles não fazem grandes planejamentos para o dia de amanhã, logo não avaliam os riscos do que será deles no futuro. Na errância se vive o espaço, o tempo praticamente não existe (LE BRETON, 2009; JUSTO, 2011).

Os andarilhos vivem o espaço. O tempo praticamente não existe: ontem, hoje e amanhã estão fundidos na sua percepção. É como que se eles não tivessem história: seu passado não está no seu presente (não há uma linearidade na sua história de vida, o antes não se conecta com o agora), não há um prolongamento, mas uma ruptura que o lança no vácuo temporal. Depois da deserção para o nomadismo, não há mais tempo propriamente dito, não há mais o desenrolar de uma narrativa, um projeto, a possibilidade de um futuro. Simplesmente os acontecimentos passam desconexos e casuais, não deixando resíduos. Não produzem um acúmulo de experiências capazes de transformar o cotidiano ou a vida; ao contrário, os acontecimentos do dia a dia do

andarilho apenas se repetem, paralisando o tempo, como se ele estivesse andando sem sair do lugar (JUSTO, 2011. p. 203-204).

Na errância sempre se está de passagem, vive-se um movimento repetitivo. Às vezes, há alguns pequenos momentos diferentes que saem de suas rotinas. Para Le Breton (2009, p.68) “a errância é uma patologia do tempo, nascida da impossibilidade de fazer da duração morada”.

Por conta de viver o imediato, as noções de risco dos andarilhos de estradas são bem características. Na errância não há um projeto ou objetivo (LE BRETON, 2009; JUSTO, 2011). Desse modo, o risco como cálculo de planejar o futuro não existe. Por conta desse modo de viver, os riscos não são calculados. Viver de modo errante é estar em consonância com o acaso.

A noção de riscos que os sedentários têm é diferente. Uma viagem tem vários cálculos, desde aqueles feitos pelos sistemas peritos até os cuidados pessoais que cada viajante tem. O cálculo do risco exige planejamentos. Para as classes médias sedentárias, viajar é um ato que pode os expor a muitos riscos. Calculam cada gasto que terão, dão manutenção aos seus veículos (até porque raramente se viaja a pé), ou conferem a confiabilidade da empresa de ônibus e avião, calculam os custos, fazem seguro de viagem, pensam no tempo estimado, etc. Na errância não se planeja o ato de andar, assim como Geraldo nos disse “Agora eu não tenho onde ir não. Eu vou andando...”

Vemos como exemplo a passagem em que Giddens aponta os cuidados que existem em mitigar os riscos em que um sujeito sedentarizado vai viajar. Ele aponta que para fazer uma viagem há uma preparação e que boa parte dos riscos dela são mitigados pelos sistemas peritos.

Para se fazer a viagem é necessário apenas um mínimo de preparação (obtenção do passaporte, do visto, da passagem e dinheiro) — nenhum conhecimento da trajetória real é necessário. Uma grande quantidade de conhecimento do ‘ambiente’ é requerida para embarcar no avião, e este é um conhecimento que foi filtrado dos sistemas peritos para o discurso e a ação de leigos. É preciso saber o que é um aeroporto, uma passagem aérea e muitas outras coisas. Mas a própria segurança na viagem não depende do domínio da parafernália técnica que a torna possível. Compare-se isto com a tarefa de um aventureiro que fazia a mesma viagem há não mais de três ou quatro séculos atrás. Embora o ‘perito’ fosse ele, poderia ter uma ideia muito vaga de para onde estava viajando — e a própria noção de ‘viagem’ soa peculiarmente inaplicável. O percurso seria cheio de perigos, e o risco de desastre ou morte bastante considerável. Ninguém poderia participar de uma tal expedição sem ser fisicamente resistente, duro e possuidor de habilidades relevantes para a conduta da viagem. (GIDDENS, p.101)

Essas condições apontadas pelo autor em tela não existem na vida dos andarilhos. Não há seguro viagem para eles ou mesmo qualquer prevenção burocrática que possa ter. E eles também não vivem como os pré-modernos que faziam expedições que exigiam grandes habilidades, já que os peritos das rodovias minam os riscos de atropelamento. Não há essa perspectiva positiva ou negativa sobre o futuro. Mesmo que falem que um dia queiram parar de andar, não há o menor planejamento sobre como fazer isto, como vimos no caso dos entrevistados.

O mais próximo que podemos identificar em relação a esta noção de fortuna ou mesmo de crença foram os casos de Luisinho, que afirmou ter fé em Deus em chegar onde quiser e no caso de Alberto, que diz que sua aposentadoria chegará um dia e que sua irmã está vendo isso para ele. Os demais entrevistados caminhavam por caminhar, sem pensar em um dia parar e se aposentar ou no quê será deles no amanhã.

A subjetividade sedentária estabelecida em territórios tem mais incertezas do que a vida errante. Então, não há noção de riscos que não sejam aqueles presentes. A avaliação dos riscos para os sedentários não diz respeito apenas a sua preservação de vida. Eles ainda pensam na viabilidade econômica para fazer suas tomadas de decisão. Os andarilhos de estrada vivem essa desposseção econômica, não existe essa associação dos riscos ao poder aquisitivo. Eles só tomam cuidado para não perder os materiais necessários para a suas caminhadas. Para tanto, só tomam cuidado para com o espaço que irão dormir.

Os roubos e outras violências, que são os riscos mais imprevistos e, segundo eles o de maior perigo, não estão em seus pensamentos, constantemente, da mesma forma que os temores de alguém que mora em um bairro perigoso ou faz uma viagem de altos riscos. Os andarilhos de estrada se preparam quando estão no local que pode ser perigoso. Não há outra opção de local para dormir na estrada, para além de onde ele conseguiu se ajeitar pela noite. Não há carro, serviço de táxi ou dinheiro para providenciar um espaço seguro.

Conforme Le Breton (2009), os sujeitos não se colocam em cálculos racionais, quando se colocam em riscos, a afetividade e o desejo se colocam em primeiro plano. Não importa que haja riscos de atropelamento, roubos ou ataques de animais. Nem mesmo clima ou tempo desfavoráveis, ou péssimas condições de pista. Os andarilhos de estrada se expõem, conscientes ou inconscientemente, nesses riscos para terem sentido de vida, independente de suas origens no trecho serem um trauma, a vontade incontrolável de caminhar ou alguma missão messiânica. Estar no trecho lhes dá sentido, por mais que nós, como sedentários achemos a ideia absurda, estar nas estradas e rodovias para os errantes os potencializa. Foi a

solução tanto para as crises, quanto para o desejo de se aventurar pelo mundo. Conforme Justo (2011), a errância traz alívio ao sofrimento psíquico dos andarilhos de estrada.

Em tese, o afastamento das instituições promove maior exposição aos riscos, mas ir para o trecho é uma busca de viver de modo possível, distante da insustentável e insuportável vida sedentária. Estar na errância pode trazer formas possíveis de existir. Mesmo que se conviva com o sofrimento psíquico e riscos das estradas e rodovias, ainda é uma oferta melhor do que o que cada um estava passando em seus antigos lares ou nas ruas das cidades.

7. Considerações finais

Ao contrário das pesquisas feitas em estabelecimentos institucionais ou em espaços delimitados, a nossa investigação foi feita em movimento, em ambientes de estradas e rodovias. Foi uma experiência de pesquisa em trânsito, de certa forma produzida na errância, valendo-se do acaso, do imprevisto, dos acontecimentos que foram se desenrolando na experiência do trabalho de campo, e também na composição do referencial teórico.

Embora alguns caminhos já tivessem sido construídos, pelas pesquisas anteriores do orientador e de outros seus orientandos pregressos, outros foram abertos com a focalização de um assunto, até então, não investigado especificamente: temores, riscos e perigos vividos pelos andarilhos de estrada.

Vale destacar que além de trazer novas temáticas que ainda não tinham sido discutidas, a pesquisa ainda apresentou resultados semelhantes às anteriores em relação a questões culturais e psicossociais dos andarilhos de estrada, como por exemplo, o uso do álcool, os espaços que ocupam para descansar nas rodovias e os diferentes motivos para estarem no trecho. Foi com a técnica de Análise de Conteúdo, o QDA Miner e as entrevistas abertas que, além de falar dos riscos, também apresentamos esses dados que confirmavam pesquisas anteriores.

Essas idas a campo nos proporcionaram a efetivação da técnica da deriva e notas etnográficas das rodovias, estradas, postos de combustíveis, concessionárias de pedágio, postos policiais e, principalmente, o cotidiano dos andarilhos de estrada.

Graças à tecnologia do software QDA Miner conseguimos organizar nossos dados por temáticas conforme a técnica de Análise de Conteúdo. Foram separadas diferentes dados importantes tanto àqueles relacionados às nossas perguntas já estabelecidas nos roteiros, quanto outros que foram emergindo.

O trecho é o espaço existencial das aventuras relatadas. Para adentrarmos nele não bastava conhecer as estradas e rodovias, foi necessário vivenciá-los. Frente a frente, nossas trocas subjetivas com os andarilhos de estrada nos proporcionou a aproximação que queríamos. As entrevistas abertas foram importantes para que emergisse todo tipo de conversa, tanto as questões dos riscos, quanto aos outros assuntos relatados.

A presença do orientador também foi muito importante para a tese. Ele me acompanhou no trabalho de campo. Não apenas por segurança, eu não possuía Carteira

Nacional de Habilitação (CNH) no início da tese. Mas para além desses fatores, o orientador também foi pelo companheirismo e pela saudade e entusiasmo de conversar com os sujeitos mais interessantes que conhecemos na vida.

A excelência está em uma composição coletiva. Neste trabalho, também há a contribuição do grupo de pesquisa que indicou textos e fez leituras da pesquisa. Foi graças ao grupo de pesquisa que conhecemos o conceito de risco para Le Breton.

No campo teórico, foi necessário construir um caminho próprio, rastreando autores que colocaram as questões de risco, perigo e segurança no centro de suas investigações, e construir ferramentas conceituais que pudessem auxiliar na compreensão dessas questões pelos andarilhos, a partir de suas experiências concretas no dia a dia de suas caminhadas pelos acostamentos das rodovias.

Em um mundo que gere os riscos, conforme apresentados por Castel, minunciosamente calculados para evita-los, como exposto em Giddens, e em seu alerta catastrófico, dissertado por Beck, o pensamento de David Le Breton nos deu a resposta clara que precisávamos. Pensar nos riscos como algo que pode trazer potencia de vida deu outra perspectiva para a tese. Os andarilhos de estrada também têm suas potencias de vida, independente de qualquer risco do trecho. Mary Jane Spink também nos mostrou que há diferentes ações que os sujeitos operam acerca dos riscos. Estas podem aparecer em apostas de grandes ganhos ou perdas, ou por meio de prevenções.

Os riscos aqui apresentados também são considerados subjetivos, grandes ou pequenos no ponto de vista do sujeito, conforme apontado por Cooper. Não nos interessava saber se as instituições querem controlar ou não os andarilhos de estrada. Nem saber quais são os planos latentes que têm acerca deles, buscando uma verdade oculta. Isso são ensaios especulativos e pouco pesquisados. Queríamos compreender o que é o risco para estes sujeitos, conhecer suas vivências e suas experimentações nas estradas e rodovias do país.

Outro ponto importante, que vale destacar, foi a experiência de uma pesquisa que, diferentemente do que ocorre com a maioria delas, expectativas iniciais, hipóteses prévias, mesmo que não enunciadas formalmente, não se confirmaram. A expectativa inicial de que os principais riscos percebidos pelos andarilhos seriam aqueles relacionados ao trânsito de veículos e aos atropelamentos caíram por terra. Essa ideia veio de nossa própria condição sedentária. Efetivamente, foi um achado surpreendente que desafiou previsões e impulsionou

movimentações teóricas, cognitivas e até mesmo afetivas capazes de abandonarem lugares-comuns e se aventurarem por outras possibilidades de compreensão.

Enquanto viajar, para a população sedentária e para os sistemas peritos, é uma ação que tem que ser pensada em cada detalhe para que os riscos sejam minimizados, os andarilhos de estrada não pensam, constantemente, nesses riscos ou fazem longos preparos ou planejamento. As suas relações são imediatas.

A errância é um caminhar sem rumo, sem planejamento e destino. Não há tempo futuro, vive-se um presente constante. A forma dos andarilhos de estrada se relacionarem com os riscos estão de acordo com suas vidas errantes. Os riscos não são vistos como um mal a ser minimizado para promover um futuro seguro.

Andarilhos de estrada têm estratégias para lidarem com os riscos de atropelamentos, ataques de animais, roubos e atos de violência, conforme suas experiências já vivenciadas no trecho. Estar no trecho não é visto, primordialmente, como um ato de risco para eles. Ele dá abertura para fugas e proteção contra a vida institucionalizada.

A partir desses dados apresentados torna-se possível planejar políticas públicas, ações governamentais e campanhas que promovam bem-estar aos andarilhos de estrada, principalmente no que se refere a sua segurança. Também possibilita fazer novas pesquisas, como ações de redução de dano, problemas de saúde, e outros temas ainda não pesquisados.

Saber que os andarilhos de estrada relataram fugir da dor quando vão ao trecho, ou que querem ter grandes experiências, jornadas e vivências, ou mesmo ter uma vida melhor nas estradas é muito importante para compreender quais as políticas necessárias precisam ser construídas para eles.

Os achados dessa pesquisa contribuem não somente para um melhor conhecimento do mundo e do modo de vida do andarilho de estrada, mas também do nosso próprio mundo. Tal como um espelho reverso, o posicionamento deles sobre riscos e perigos da vida expõe com bastante clareza e auxilia na produção de uma visibilidade maior de nossas próprias inseguranças, vulnerabilidades, temores e riscos construídos na experiência de uma vida cidadina, regida por todos os aparatos institucionais.

Vimos durante toda a pesquisa o quanto que a vida dos andarilhos é diversa. Cada um tem um motivo particular de estar no trecho, sua criatividade única de experienciá-lo, suas formas de conseguir recursos e seus contatos com a sociedade. Alguns visitam seus familiares, fazem trocas comerciais e frequentam carnavais de rua, como José. Outros não querem contato com ninguém, ou tê-lo o menos possível.

O futuro pode não ser planejado e os riscos pouco pensados, mas as pegadas marcam apresentam seu passado e suas histórias foram aqui registradas. A errância é uma ausência de rotas. Mas nela se faz presente grandes jornadas e incríveis narrativas, pois ela é constituída pelas experiências de vida.

Referências

- ABREU, Ângela Maria Mendes et al. Uso de álcool em vítimas de acidentes de trânsito: estudo do nível de alcoolemia. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 18, n. SPE, p. 513-520, 2010.
- ALMEIDA, Ângela Mendes de. Estado autoritário e violência institucional. In: **Anais do 28º Congresso Internacional da LASA (Latin American Studies Association), Montreal**. 2007. Disponível em: http://www.ovp-sp.org/debate_teorico/debate_amendes_almeida.pdf Acesso em: 04 nov. 2021.
- ALMEIDA, João Flávio de et al. **Para uma epistemologia da errância: erro, hiância e ciência em Michel Pêcheux**. Tese de doutorado. São Carlos: UFSCAR, 2018.
- ALTMANN, Eliska. Anti-documentário e perspectivismo: estratégias para fazer e olhar filmes (não) etnográficos. **ACENO-Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, v. 2, n. 3, p. 41-58, 2015. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/2497> Acesso em: 04 fev. 2019.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. **DSM-V: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. São Paulo: Artmed Editora, 2014.
- ARAÚJO, Claudia Lysia de Oliveira; SILVA, Mariana Simões; Jeremias, Simone Santa; SANTOS, Vanessa Lisboa. Para um perfil do idoso-andarilho. **Revista Kairós: Gerontologia**, v. 14, n. 2, p. 175-185, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/8214/6114> Acesso em: 08 out. 2018.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares**. Campinas: Papirus Editora, 1994.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARROSO JUNIOR, Gilvan Teles; BERTHO, Ana Carolina Soares; VEIGA, Alinne de Carvalho. A letalidade dos acidentes de trânsito nas rodovias federais brasileiras em 2016. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 36, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/bSFrhRpsZ7T6FSb9hYSbLzP/abstract/?lang=p> Acesso em: 14 jun. 2020.
- BECK, Ulrich. **Sociedade de Risco Mundial: em busca da segurança perdida**. Lisboa: Edições 70, 2015.
- BERMAN, Marshall. **All that is solid melts into the air: the experience of modernity**. New York: Penguin Books, 1982.
- BLAIR, GREGORY. **Errant Bodies, Mobility, and Political Resistance**. New York: Palgrave Pivot, 2019.

BRAIDOTTI, Rosi. **Sujetos nômades**: corporización y diferencia sexual en la teoría feminista contemporánea. Buenos Aires: Barcelona: México: Piados, 2000.

BRASIL. **Política Nacional para Inclusão da População em Situação de Rua**. Brasília, junho de 2008b.

BRASIL. Manual de projeto e práticas operacionais para segurança nas rodovias. **Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes**. Diretoria Executiva. Instituto de Pesquisas Rodoviárias: Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: https://www.gov.br/dnit/pt-br/assuntos/planejamento-e-pesquisa/ipr/coletanea-de-manuais/vigentes/741_manual_projeto_praticas_operacionais.pdf Acesso em: 15 jun. 2021.

BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA. **Acidentes de trânsito nas rodovias federais brasileiras**: caracterização, tendências e custos para a sociedade. Relatório de pesquisa. Brasília, 2015a.

BRASIL. Acidentes de transito nas rodovias federais brasileiras: caracterização, tendências e custos para a sociedade. **Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada(IPEA): Brasília, 2015b. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=26277 Acesso em: 15 jun. 2021.

BRASIL. Assembleia legislativa. **Projeto de lei 7833/2017**. Ementa: Institui a Política Nacional para a População em Situação de Errância e altera a Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993, que dispõe sobre a organização da Assistência Social, para acrescentar o serviço de atendimento a pessoas que vivem em situação de errância, como andarilhos de estrada. Disponível em: <http://www.camara.leg.br/buscaProposicoesWeb/resultadoPesquisa?numero=&ano=2017&autor=celio+silveira&inteiroTeor=andarilhos&emtramitacao=Sim&tipoproposicao=%5B%5D&> Acesso em: 25 abr. 2018.

BRASIL, Código de Trânsito Brasileiro. **Código de trânsito brasileiro**: instituído pela Lei nº 9.503. de 23-9-97-3ª edição-Brasília: DENATRAN, 2008a.

BROGNOLI, Felipe Faria. **Trecheiros e pardais**: estudo etnográfico de nômades urbanos. Tese de doutorado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.

BÜLL, Sandra. **Histórias de trabalho e outras histórias no trecho**. 2010. Dissertação (mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2010.

CALLIGARIS, Contardo. **Introdução a uma clínica diferencial das psicoses**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

CARLINI-COTRIM, Beatriz; GALLINA, José Ricardo; CHASIN, Alice A. Ocorrência de suicídios sob efeito de álcool: um estudo na região metropolitana de São Paulo. **Rev. ABP-APAL**, p. 146-9, 1998.

CASTEL, Robert. **A Gestão dos Riscos**. Francisco Alves Editora: Rio de Janeiro, 1987.

CASTEL, Robert. **Les métamorphoses de la question sociale**. Paris: Fayard, 1995.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CASTEL, Robert. **A Insegurança social: P que é ser protegido?** Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHESNAIS, Jean Claude. A violência no Brasil: causas e recomendações políticas para a sua prevenção. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 4, p. 53-69, 1999. Disponível em <https://www.scielo.org/article/csc/1999.v4n1/53-69/> Acesso em: 28 abr. 2021.

CIOCHETI, Giordano. **Uso de habitat e padrão de atividade de médios e grandes mamíferos e nicho trófico de Lobo-Guará (*Chrysocyon brachyurus*), Onça-Parda (*Puma concolor*) e Jaguatirica (*Leopardus pardalis*) numa paisagem agroflorestal, no Est.** 2007. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para a atuação de psicólogos (os) em políticas públicas de mobilidade humana e trânsito**. Brasília: CFP, 2018.

COOPER, Dominic. Psychology, risk and safety. **Professional Safety**, v. 48, n. 11, p. 39-46, 2003. Disponível em: http://www.behavioural-safety.com/articles/psychology_risk_and_safety.pdf Acesso em: 23 jun 2021.

CRESSWELL, Tim. Towards a politics of mobility. **Environment and planning. D, Society and space**, v. 28, n. 1, p. 17, 2010.

CUNHA, Edson de Souza. **Trecheiros e viajantes**. Modos de vida e trajetórias nas rodovias brasileiras: 2000-2010. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação de História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

DEBORD, Guy. **Teoria da deriva. Internacional situacionista**. Paris: Manifesto da Internacional situacionista, v. 1, 1958.

DAMACENA, Giseli Nogueira et al. Consumo abusivo de álcool e envolvimento em acidentes de trânsito na população brasileira, 2013. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, p. 3777-3786, 2016.

DUTRA, Adriana Soares. Problematizando o conceito de risco. **O Social em Questão**. V.18. n.33, p. 177-192, 2015. Disponível em: http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSQ_33_6_Dutra.pdf Acesso em: 27 de abr. 2018.

EHRENBERG, Alain. **Le culte de la performance**. Paris: Calmann-Lèvy, 1991.

EHRENBERG, Alain. **La société du spectacle**. Paris: Gallimard, 1992.

EHRENBERG, Alain. **A sociedade do espetáculo**. Lisboa: Mobilis in Móbile, 1991.

ESPÓSITO, Alexandre. **Vidas no trecho**: as interações dos trecheiros com os ambientes pelos quais transitam. Dissertação (mestrado em Psicologia) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista. Assis, 2017.

ESPÓSITO, Alexandre. O que (não) pode um corpo (errante): As práticas de Controle e violência no trecho.. In: **Anais do II CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS III SEMINÁRIO NACIONAL DE TERROTÓRIO E GESTÃO DE POLITICAS SOCIAIS II CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL**, Londrina, 2017. Disponível em: <https://www.congressoservicosocialuel.com.br/anais/2017/assets/134412.pdf> Acesso em: 20 mar. 2018.

ESPÓSITO, Alexandre; JUSTO, José Sterza. Etnografia e deriva: possibilidades na pesquisa. **ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v. 7, n. 1, p. 91-102, 2017. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2039/1426> Acesso em: 11 de dez. 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: o nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2014.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. Campinas: Editora Autores Associados, 2018.

FRANÇA, ANDRÉIA ATTÍE. **Trechos de vidas errantes no tempo e no espaço do movimento**: estudo com andarilhos de estrada. Dissertação de mestrado – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto - São Paulo, 2007.

FREITAS, Cledione Jacinto. **Os indesejáveis**: agentes públicos e a gestão da mobilidade de trecheiros e pessoas em situação de rua. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2014. Disponível em <http://hdl.handle.net/11449/123173> . Acesso em: 28 mar. 2018.

FREITAS, Cledione Jacinto de; JUSTO, José Sterza; PERES, Wiliam Siqueira. Nômades, Errantes e Queering: ou da estranheza de se tornar estranho. **Revista Ártemis**, v. 24, n. 1, p. 108-119, 2018. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/33083> . Acesso em: 23 out. 2018.

GOFFMAN, Erving. **Asylums: Essays on the Social Situation of Mental Patients and Other Inmates**. Routledge, 2017.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wihelm. **Grimm's Fairy Tales**. Maplewood: Maplewood books, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2016.

HARVEY, David. **A Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

HARVEY, David. **The condition of postmodernity**. Cambridge: Blackwell, 1990.

JÁCOMO, Anah Tereza de Almeida. Nicho alimentar do lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus* Illiger, 1811) no Parque Nacional das Emas-GO. **Instituto de Ciências Biológicas, Goiânia, GO. UFG**, 1999.

JUSTO, José Sterza. Saúde mental em trânsito: Loucura e a condição de itinerância na sociedade contemporânea. **In: Desafios na atenção à saúde mental**. Maringá: Eduem, 2000.

JUSTO, José Sterza. **Andarilhos e trecheiros**: errância e nomadismo na contemporaneidade. Tese (Livre docência) – Faculdade de Ciências e letras de Assis, Universidade Estadual Paulista. Assis, 2005.

JUSTO, José Sterza. **Andarilhos e Trecheiros**: errância e nomadismo na contemporaneidade. Editora da Universidade Estadual de Maringá: Maringá, 2011.

JUSTO, José Sterza. **Vidas Errantes: políticas de mobilidade e experiências de tempo-espaço**. EDUEL: Londrina, 2012.

JUSTO, José Sterza; NASCIMENTO, Eurípedes Costa do. Errância e delírio em andarilhos de estrada. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, p. 177-187, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/prc/v18n2/27468.pdf> Acesso em: 20 nov. 2018.

JUSTO, José Sterza; NASCIMENTO, Eurípedes Costa do. Road wanderers in Brazil: A study on modern psychosocial human mobility. **International Journal of Sociology and Anthropology**, p. 165-171, 2012. Disponível em: [http://www.academicjournals.org/app/webroot/article/article1379604969_Justo%20and%20C](http://www.academicjournals.org/app/webroot/article/article1379604969_Justo%20and%20Costa%20do%20Nascimento.pdf)
[osta%20do%20Nascimento.pdf](http://www.academicjournals.org/app/webroot/article/article1379604969_Justo%20and%20C) Acesso em 19 de novembro de 2018.

JUSTO, José Sterza; ESPÓSITO, Alexandre; FREITAS, Cledione Jacinto; NASCIMENTO, E. C. Políticas públicas de mobilidade e assistência a itinerantes: o caso dos trecheiros. **Emancipação**, v. 13, n. 3, p. 105-120, 2014. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5002018>. Acesso em: 26 mar. 2018.

KING, Anna Lucia Spear; NARDI, Antônio Egídio; CRUZ, Marcelo Santos. Risco de suicídio em paciente alcoolista com depressão. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 55, n. 1, p. 70-73, 2006. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v55n1/v55n1a10.pdf>. Acesso em: 06 de out. 2020.

LASCH, Christopher. (1979). **The culture of narcissism**. New York: Warner Barnes Brooks, 1979.

LE BRETON, David. **Condutas de Risco**: Dos jogos de morte ao jogo de viver. Campinas: Editora Autores Associados, 2009.

LEITE, Umbelina do Rego; ALVES, Valéria Cristina de Sousa Freitas. Perdidos no tempo e no espaço: um estudo do perfil, da perspectiva de tempo e da importância das relações

familiares de andarilhos em comparação a moradores. **UniRV Online: Revista Científica Eletrônica Interdisciplinar da mUniversidade de Rio Verde**, v. 1, n. 1, 2015. Disponível em: <http://revistas.unirv.edu.br/revista/index.php/unirvonline/article/view/23> Acesso em: 19 set. 2018.

LEPECKI, André. Coreopolítica e coreopolícia. **ILHA** v. 13, n. 1, p. 41-60, jan./jun. (2011) 2012. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2011v13n1-2p41> Acesso em: 28 abr. 2021.

LEVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

LEYTON, Vilma et al. Perfil epidemiológico das vítimas fatais por acidente de trânsito e a relação com o uso do álcool. **Saúde, Ética & Justiça**, v. 10, n. 1-2, p. 12-18, 2005.

LIMA, Daniela Dantas et al. Tentativa de suicídio entre pacientes com uso nocivo de bebidas alcoólicas internados em hospital geral. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 59, n. 3, p. 167-172, 2010. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v59n3/a01v59n3.pdf>. Acesso em: 06 out. 2020.

LIMA, Ieda Maria de Oliveira; FIGUEIREDO, José Carlos; MORITA, Patrícia Alessandra; GOLD, Philip. **Fatores condicionantes da gravidade dos acidentes de trânsito nas rodovias brasileiras**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2008 (Texto para Discussão, n. 1344). Disponível em: <https://www.econstor.eu/handle/10419/91363> Acesso em: 11 jun. 2021.

MACHADO, Antonio. **Caminante, no hay camino...** Buenos Aires: Planeta, 1999.

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MARÍN, Letícia; QUEIROZ, Marcos S. A atualidade dos acidentes de trânsito na era da velocidade: uma visão geral. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 16, p. 7-21, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csp/2000.v16n1/7-21/> Acesso em: 15 jun. 2021.

MARTINS, Karina Oliveira; LACERDA JR, Fernando. A contribuição de Martín-Baró para o estudo da violência: uma apresentação. **Revista Psicologia Política**, v. 14, n. 31, p. 569-589, 2014. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7431661> Acesso em: 04 nov.2021.

MATTOS, João RG; ALBANO, João F. Veículos de carga e segurança rodoviária. **VII SEPROSUL–Semana de Engenharia de Produção Sul-Americana, Salto, Uruguay**, 2007. Disponível em: http://www.producao.ufrgs.br/arquivos/publicacoes/130_Veiculos%20de%20carga%20e%20seguranca.pdf Acesso em: 01 jun.2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Rev Pesqui Qualitativa**, v. 5, n. 7, p. 1-12, 2017. Disponível em: <http://rpq.revista.sepq.org.br/index.php/rpq/article/view/82> Acesso em: 27 abr.2018.

MINAYO, Cecília de Souza; COSTA, António Pedro. **Técnicas que fazem uso da palavra, do olhar e da empatia**. São Paulo: Hecitec Editora, 2019.

MUNIZ, Marcela Pimenta; ABRAHÃO, Ana Lúcia; TAVARES, Cláudia Mara. Batman: um andarilho dardejante e a Atenção Psicossocial. **Revista Pró-UniverSUS**, v. 8, n. 2, p. 41-46, 2017. Disponível em: <http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RPU/article/view/1187> Acesso em: 09 out.2018.

NASCIMENTO, Eurípedes Costa do. **Nomadismos contemporâneos**: Um estudo sobre errantes trecheiros. Editora Unesp: São Paulo, 2008.

NASCIMENTO, Eurípedes Costa do. **Errância no contemporâneo**: um estudo sobre a percepção de dirigentes e profissionais de instituições assistenciais em relação a andarilhos de estrada. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e letras de Assis, Universidade Estadual Paulista. Assis, 2012.

NASCIMENTO, Eurípedes Costa do; JUSTO, José Sterza; FRANÇA, Sonia Aparecida Moreira. Errância e normalização social: um estudo sobre andarilhos de estrada. **Psicologia em estudo**, p. 641-648, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v14n4/v14n4a04> . Acesso em: 15 out. 2018.

NASCIMENTO, Eurípedes Costa do; JUSTO, José Sterza. Vidas errantes e alcoolismo: uma questão social. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 13, n. 3, p. 529-538, 2000. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/prc/v13n3/v13n3a20.pdf>. Acesso em: 06 out: 2020.

NASCIMENTO, Eurípedes Costa do; JUSTO, José Sterza. Assistência social e práticas institucionais no atendimento a andarilhos de estrada. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, p. 573-582, 2014a. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/114217> Acesso em 20 nov. 2018.

NASCIMENTO, Eurípedes Costa do; JUSTO, José Sterza. Entidades filantrópicas e religiosidade na compreensão da errância no contemporâneo. **Psicologia em Estudo**, p. 59-69, 2014b. Disponível em <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/114310> Acesso em: 22 nov. 2018.

NASCIMENTO, Eurípedes Costa do; JUSTO, José Sterza. Andarilhos de estrada e os serviços sociais de assistência. **Psico-USf**, v. 1, n. 1, p. 253-263, 2014c. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4010/401036097003.pdf> Acesso em: 13 dez. 2018.

NASCIMENTO, Eurípedes Costa do; JUSTO, José Sterza. Andarilhos de estrada segundo os relatos de trabalhadores assistenciais. **Psicologia & Sociedade**, v. 27, n. 1, 2015. Disponível em <http://submission.scielo.br/index.php/psoc/article/view/111280> Acesso em: 26 nov. 2018.

NASCIMENTO, Eurípedes Costa do; JUSTO, José Sterza. Andarilhos de estrada e acesso institucional: reflexões sobre estratégias de controle. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 28, n. 2, p. 285-291, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2SUAbBh> Acesso em: 18 dez. 2018.

NASCIMENTO, Eurípedes Costa do; JUSTO, José Sterza. Concessionária de rodovia e estratégias de controle: o caso dos andarilhos de estrada. **Psicologia & Sociedade**, v. 30, n. 1, 2018. Disponível em <http://submission.scielo.br/index.php/psoc/article/view/169213> Acesso em: 19 dez. 2018.

NASCIMENTO, Eurípedes Costa do; JUSTO, José Sterza; DE PAIVA CRUZ, Soraia Georgina Ferreira. Os Andarilhos de Estrada nas Políticas Públicas de Assistência Social (The Highway Wanderers in Social Assistance Public Policies). **Emancipação**, v. 15, n. 1, p. 155-169, 2016. Disponível em: <http://177.101.17.124/index.php/emancipacao/article/view/7431> Acesso em: 19 dez. 2018.

PALAIISI, Marie-Agnès. El sujeto nómade como contraespacio epistemológico. **Enrahonar. An International Journal of Theoretical and Practical Reason** v. 60, 2018. p. 57-73.

PERES, Rodrigo Sanches. Andarilhos de estrada: estudo das motivações e da vivência das injunções características da errância. **PsicoUSF**, v. 6, n. 1, p. 67-75, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psuf/v6n1/v6n1a09> Acesso em: 08 out. 2018.

PERES, Rodrigo Sanches. O desenho da figura humana de Machover aplicado em andarilhos de estrada. **Revista Psicologia-Teoria e Prática**, v. 4, n. 1, 2002. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/1080> Acesso em: 23 out. 2018.

PERES, Rodrigo Sanches. Tão longe, tão perto: andarilhos de estrada e a vivência do distanciamento familiar. **Psic: revista da Vetor Editora**, v. 3, n. 2, p. 06-13, 2002. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psic/v3n2/v3n2a02.pdf> Acesso em: 05 nov. 2018.

PERES, Rodrigo Sanches; JUSTO, José Sterza. Contribuições das técnicas projetivas gráficas para a compreensão da personalidade de andarilhos de estrada. **Estudos de Psicologia (Natal)**, p. 305-312, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/epsic/v10n2/a18v10n2.pdf> Acesso em: 09 de nov. 2018.

SANJURJO, Liliana; FELTRAN, Gabriel. Sobre lutos e lutas: violência de estado, humanidade e morte em dois contextos etnográficos. **Ciência e Cultura**, v. 67, n. 2, p. 40-45, 2015. Disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252015000200013&script=sci_arttext&tlng=es Acesso em: 04 nov.2021.

SCREMIN, Elton José. FREITAS JUNIOR, Miguel Arcanjo de. Vitimização de andarilhos de estrada em atropelamentos nas rodovias federais da região dos Campos Gerais, no Paraná: análise estatística do ano de 2017 e do primeiro semestre de 2018. **In: Segurança e Defesa: cidades, criminalidades, tecnologias e diversidades Volume 4**. Praia, Cabo Verde: Edições Uni-CV, 2019a.

SCREMIN, Elton José. FREITAS JUNIOR, Miguel Arcanjo de. O Consumo de Álcool e a Vitimização de Andarilhos em Atropelamentos nas Rodovias Federais da Região dos Campos Gerais. **Anais eletrônicos do III Simpósio Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais Aplicadas**. Ponta Grossa: SIICSA UEPG, 2019b. Disponível em: <https://3simposiouepg.wixsite.com/inicio/inicio-br> Acesso em: 01 out. 2020.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

SOUZA, Gustavo. Personagens em deslocamento no documentário contemporâneo brasileiro. **Culturas Midiáticas**, v. 7, n. 2, 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/cm/article/view/24451> Acesso em: 04 fev. 2019.

SPINK, Mary Jane P. Trópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia. **Cadernos de Saúde pública**, v. 17, n. 6, p. 1277-1311, 2001.

SPINK, Mary Jane P.; MEDRADO, Benedito; MELLO, Ricardo Pimentel. Perigo, probabilidade e oportunidade: a linguagem dos riscos na mídia. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 15, n. 1, p. 151-164, 2002.

VIRILIO, Paul. **Vitesse et politique**. Paris: Galilée, 1977.

VIRILIO, Paul. **Velocidade e política**. São Paulo: Estação liberdade, 1996.

YASUI, Silvio. **Rupturas e encontros: desafios da reforma psiquiátrica brasileira**. Editora Fiocruz, 2010.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso Editora, 2016.

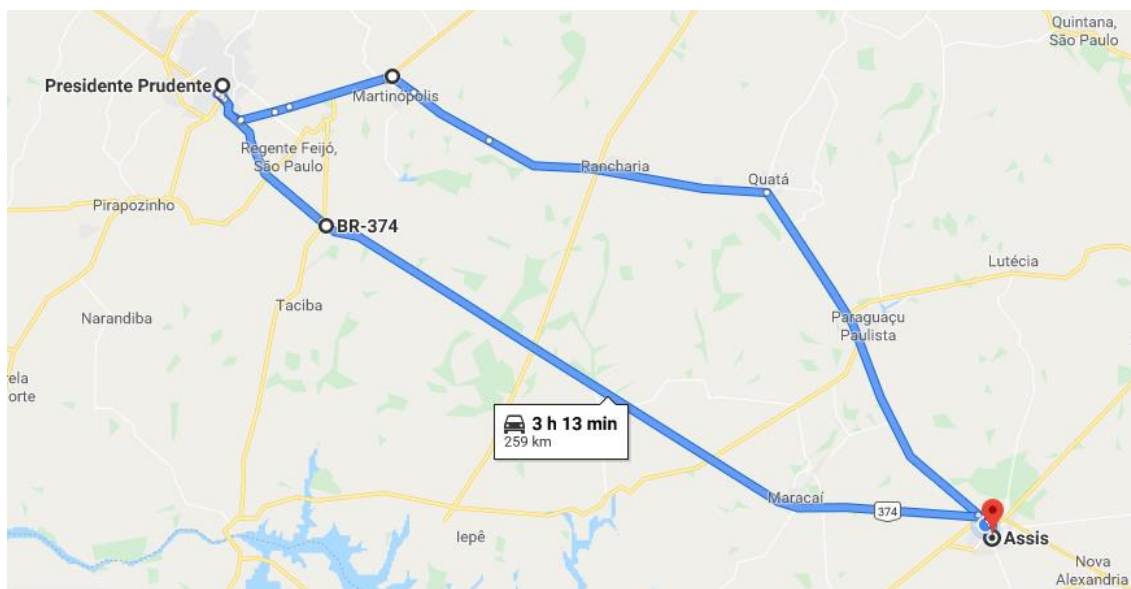
Apêndice - Diário de pesquisa de campo

Alexandre Espósito

Diário de campo do dia 27/04, quarta-feira.

Percurso de aprox. 259 km.

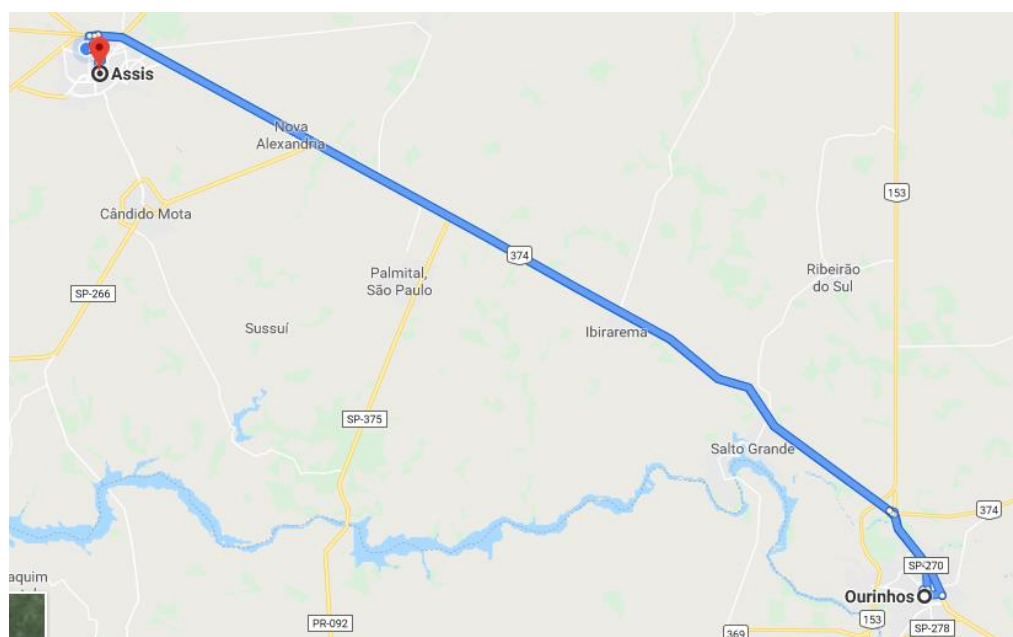
Como previsto no projeto de pesquisa, eu não vou sozinho para o campo. Estou acompanhado de mais um pesquisador para irmos juntos até as rodovias. Meu orientador e eu saímos de carro de Assis por volta das 10H00 utilizando a técnica da deriva para encontrar andarilhos de estradas pelas rodovias. Pegamos uma estrada até Paraguaçu Paulista-SP. De lá resolvemos ir até Presidente Prudente-SP. Não encontramos nenhum andarilho pelo caminho. A rodovia estava um pouco vazia de transeuntes naquele momento. Paramos em Presidente Prudente para almoçar. Nós resolvemos voltar para Assis-SP por outro caminho. Fomos pela Raposo Tavares. Também não encontramos andarilho nenhum nesse caminho. Fica registrado que no primeiro dia de trabalho de campo, infelizmente, não encontramos ninguém em um percurso de 259km.



Diário de campo do dia 04/04, uma quinta-feira nublada

Percurso de aprox. 160km (ida e volta pela mesma rodovia)

O Justo me buscou às 08H00 em minha casa. Quando sai, ele estava dando a volta no carro porque havia parado na frente da garagem do vizinho do bar, que mesmo vendo ele dentro do carro, fazia sinal de que ali era garagem. Continuamos conversando sobre qualquer coisa quando perguntei em que direção iríamos, já que ele é o motorista e eu não dirijo. Ele pensou em ir até Ourinhos-SP de carro para ver se haveria algum andarilho de estrada entre a rodovia que liga Assis-SP à Ourinhos-SP.



Eu estava achando que seria igual semana passada, que não acharíamos ninguém. Eu pensava “se em dois caminhos para Presidente Prudente não teve ninguém, porque teria indo até Ourinhos?” Sério. Seria mais um dia sem ninguém e a frustração já aumentava. Quando você quer procurar alguém na estrada, qualquer cabine telefônica, tronco de árvore ou geringonça estranha parece muito uma pessoa caminhando a pé. Já havia tido duas vertigens dessas. A ansiedade só aumenta quando se vê alguém na estrada a pé e piora ainda mais quando esse ser é um telefone de beira de estrada.

E quando Justo e eu estávamos conversando sobre qualquer coisa mesmo entre a vida e a existência universal, nós vimos ele de longe. Ambos disseram versões diferentes da mesma frase “olha ele lá!” Ele estava andando na contramão de nosso veículo, Justo foi freando devagar e parou cerca de 30 metros de distância dele. Quando o andarilho de estrada viu o carro freando, também parou de andar abruptamente. Justo logo desceu do carro. Eu desci logo em seguida e o acompanhei. Ele não costuma trancar o carro na estrada. Saiu em ao encontro do andarilho e fui logo atrás.

Infelizmente, não tive a ideia de gravar este relato como gravamos o segundo por celular, porém, anotei tudo em caderno. As informações abaixo mostram a diferença de usar um caderno e um gravado. Poderei registrar os principais pontos, mas sem estar em seus mínimos detalhes, apenas apresentando os temas da conversa.

Justo parecia estar mais empolgado do que eu e já começou a fazer perguntas básicas a ele para estabelecer um diálogo assim que chegou perto dele.

Clemente

Clemente de 47 anos carregava duas sacolas com roupas. Disse que já foi roubado no trecho e que não é muito difícil que isso ocorra novamente. Relatou que em certa vez, um carro parou ao seu lado e uma das duas pessoas que estavam dentro dele lhe roubou. “Vocês não viram que quando vocês aproximaram, eu até fiquei parado espantado?” Alertou que até mesmo as prostitutas de beiras de estrada (que o próprio chama de “biscataiada”) podem roubar pertences de andarilhos quando eles menos esperam. Quando relatou sobre as prostitutas, Justo perguntou se ele chega a ter relações sexuais com elas. Ele riu e disse que não porque nem dinheiro teria para tanto. Afirmou que um casal já o abordou na beira da estrada com a proposta de que ele tivesse relações sexuais com a mulher enquanto o marido assistia, mas negou participar do encontro.

Essas falas sobre a sexualidade no fez perguntar sobre sua esposa, se já havia sido casado ou não. Foi casado por cerca de um ano e tem duas filhas. Ele se separou porque a esposa era muito ciumenta. Depois de ter contato isto, parou de falar e começou a chorar produzindo gemidos de choro. A cara de meu orientador admirado era incrível para alguém que já trabalha com pesquisas com andarilhos há cerca de 30 anos. Paramos com este assunto.

Costuma andar na beirada na contramão para ter mais visibilidades dos carros e caminhões que estão passando. Isso é uma estratégia de segurança de praticamente todos os andarilhos de estrada até hoje encontrados. Ele nos relatou que quase foi atropelado por um carro que veio na direção dele porque o motorista aparentava estar cochilando ao volante. Foi para cima dele no acostamento. Ele também nos contou em três momentos da conversa o mesmo acidente que ocorreu em um local que passava. Era sobre um caminhão que bateu perto de um dos pedágios.

Em diferentes momentos da conversa, ele nos relatou dos perigos com animais. Disse que não dorme muito próximo a alguns lugares de mata fechada porque a qualquer momento, um tamanduá pode prendê-lo com suas garras e encostar a boca

nele. Já quase pisou em cobra jiboia de noite e por isso é uma das razões pelas quais não gosta de andar no escuro. Para afastar esses animais quando precisa dormir ou parar em matagais e plantações, ele tem uma tática interessante “Carrego dente de alho para afastar bicho do mato. Mastigo e depois jogo em voltar. Bicho nenhum chega perto de você.” Usa-o até mesmo para ficar imune de corpo por ter mastigado o alho.

Ainda sobre animais, perguntamos do perigo com os cachorros. Ele nos respondeu “cachorro fica só latindo. Dá dó, tá com fome, né?”

Também conversamos sobre algumas de suas preferências de rotas e nos explicou para onde ia e para onde não vai mais.

Ele está indo para Assis-SP até um posto de combustíveis. Acredito que seja um posto que costuma deixar algumas pessoas em situação de rua, andarilhos e trecheiros usarem o banheiro e descansar por lá. Inclusive, acho que não seria má ideia ir até lá qualquer dia. Ele vaga muito no sentido de Assis, Paraguaçu Paulista e Presidente Prudente, mas não vai até o Mato Grosso por questão de segurança. Já foi até Santa Catarina, mas não costuma mais sair muito do estado. Do mesmo modo que não vai para o Mato Grosso, pela falta de segurança, falta de trabalho e até mesmo por conta do Rio Paranapanema e seus perigos, principalmente os animais.

Percebemos assim que no caso dele, existem muitas limitações de estado para serem atravessados por falta de segurança. Essa percepção do risco que pode encontrar para além da fronteira do estado de São Paulo o faz ficar apenas em seu próprio estado, vagando por ele e se limitando a certos espaços.

Afirmou que Marília-SP era bom por conta da colheita do café, mas que agora não há mais esse emprego para ser feito lá. Meu orientador me disse posteriormente que uma empresa fez uma máquina para colher café e isso afetou os poucos empregos temporários o campo que ainda existiam no país. Clemente afirma que o Paraná era bom, mas não é mais por esse mesmo motivo.

Por relatou também que, por várias dessas consequências e perigos, sempre anda desconfiado no trecho. “Vocês não viram que eu parei de andar quando vocês frearam ali?”

“Cansa mais andar do que trabalhar...” foi a última frase que disse antes de começar a se despedir.

Retornando ao que eu disse que a ansiedade aumenta muito quando se vê um poste de telefone achando que é alguém, quando Clemente olhou apreensivo e disse “ali, ali é uma pessoa?” Eu disse “o quê?” E ele disse “ali é uma pessoa?” Meu

orientador disse “é um desses postes de telefone” Eu disse ao mesmo tempo “é um poste de telefone”. Se sentindo mais seguro por não ser uma pessoa, continuou viagem.

Para fins de pesquisa, elencamos os tópicos e temáticas presentes. Os maiores perigos aqui são:

- roubo
- atropelamento
- animais
- mecanização do campo

Donivaldo

Logo depois de terminamos de conversar com Clemente, seguimos em frente por cerca de 15 minutos. Encontramos outro andarilho de estrada, mas do outro lado da pista. Tivemos que fazer um retorno para ir de frente com ele. Justo me disse para eu começar a puxar a conversar com ele. Eu me aproximei, nos cumprimentamos e logo seguida, tive a ideia de ligar o celular. Gravei nossa conversa de uma mensagem de áudio de WhatsApp direcionada ao meu orientador. Pudemos assim comparar a eficácia de gravar a conversa com o relato sem gravação do encontro anterior. Com cerca de 70 anos, Donivaldo tinha dois dentes na boca. Assim como Clemente, usava chinelos. Tinha dois sacos de estopa, um para roupas e outro para mantimentos, todos encontrados nas latas lixo.

Nós nos cumprimentamos, nos apresentamos e dissemos sobre a pesquisa. Ele concordou em conversar conosco sobre.

Alexandre: O senhor está aqui andando desde 1980?

Donivaldo: É, desde 1980.

Alexandre: Como começou isso?

Donivaldo: (Uma frase incompreensível). Ela sai de casa e resolvi andar.

Alexandre: Quantos anos o senhor tinha quando saiu de casa?

Donivaldo: Ah, uns quarente, uns quarenta anos.

Alexandre: O senhor tinha 40 anos?

Donivaldo: Tinha quarenta anos...

Alexandre: Então, o senhor tem agora 70 anos. Nossa... Qual foi a motivação para sair?

Donivaldo: Ah, sai.

Alexandre: Saiu?

Donivaldo: Sai.

Alexandre: Deu vontade?

Donivaldo: (frase incompreensível).

Alexandre: E como que o senhor vive...

Justo: O senhor era casado, tinha filho...como é que era?

Donivaldo: Não, não. Eu nunca casei não.

Justo: Ah, não casou...

Donivaldo: Não casei não.

Alexandre: Quando o senhor saiu assim...deu vontade de sair?

Donivaldo: É, eu vontade de saiu, foi.

Alexandre: Uma vontade bem forte assim de andar por ai a pé...

Donivaldo: É, é...andar por aí a pé. Sai por lá de Cianorte lá e (frase incompreensível) ...vou lá amanhã...

Alexandre: O senhor saiu da onde?

Donivaldo: (frase incompreensível).

Alexandre: Como?

Donivaldo: Eu nasci em Cascavel.

Alexandre: Em Cascavel? O senhor é de Cascavel.

Donivaldo: É...

Alexandre: Você anda muito longe de Cascavel hoje em dia?

Donivaldo: Eu ando mais por ali até em Presidente Prudente. Mas (frase incompreensível) de Assis para o Paraná...

Alexandre: Você trabalhava antes de...

Donivaldo: Trabalhava na roça...

Alexandre: Trabalhava na roça antes de sair de casa...

Donivaldo: Isso...

Alexandre: E você está andando...

Donivaldo: (frase que não compreendi).

Alexandre: Você está andando assim na contramão por segurança, né?

Donivaldo: É.

Alexandre: É mais seguro andar assim?

Donivaldo: É. (risos).

Alexandre: Você andando assim percebe a noção do perigo das coisas?

Donivaldo: É muito perigoso aí.

Alexandre: Você acha muito perigoso andar aqui nessa lateralzinha aqui?

Donivaldo: É...ah é.

Alexandre: E você já foi acidentado?

Donivaldo: Não. Nunca fui acidentado não.

Alexandre: Alguma vez você já viu algum acidente com algum colega seu?

Donivaldo: Não, não.

Alexandre: Também não? Nem ficou sabendo?

Donivaldo: Nem fiquei sabendo não.

Alexandre: E para dormir?

Donivaldo: Ah...pega uma beira aí...

Alexandre: Pega um mato?

Donivaldo: É, é. (risos). Lugar que nem aquele ali (apontou para uma plantação).

Alexandre: Bem no canteirinho o senhor dorme? Mas não tem bicho?

Donivaldo: Tem nada.

Alexandre: Não? Nada? Tranquilo?

Donivaldo: Não. Nada. Tranquilo.

Alexandre: E roubado? O senhor já foi?

Donivaldo: Não, não.

Alexandre: Também não? Em trinta anos, o senhor nunca foi roubado?

Donivaldo: Não.

Alexandre: Poxa, maravilha.

Percebemos como há um contraste de um andarilho para outro neste ponto. Enquanto um alega que há animais no mato e por isso é cauteloso, o outro diz que não há. O primeiro tem muito medo de ser roubado e a todo tempo é cauteloso.

Justo: (Risos). E com perigos tem lugar que você tem que tomar mais cuidado?

Donivaldo: Ah tem né, tem...

Alexandre: Tipo onde? Onde você tem que tomar mais cuidado?

Donivaldo: (Balbucio). Ah, é meio perigoso andar aí pela estrada...

Alexandre: Você faz algum uso...bebe um pouquinho...

Donivaldo: Beber eu bebo, né?

Alexandre: Bebe para andar? Quando está descansando?

Donivaldo: Bebe pinga... (balbucio).

Alexandre: E para onde você está indo agora?

Donivaldo: Estou indo para Ourinhos.

Alexandre: Ah, você está indo para Ourinhos! Tem alguma coisa que você quer fazer lá?

Donivaldo: (frases que não dão para entender).

Justo: O que é mais perigoso? Do que você tem mais medo?

Donivaldo: É perigoso (balbucio)...

Alexandre: Qual seu medo da estrada?

Justo: Você tem medo do quê?

Donivaldo: É perigoso aqui.

Justo: Mas do que você tem medo?

Donivaldo: Ah, é perigoso aqui.

Justo: Você não tem medo de nada?

Donivaldo: Ah, é perigoso.

Justo: (risos).

Alexandre: (risos). Você tem mais alguma pergunta, Justo?

Justo: Quem que dá mais ajuda nas estradas?

Donivaldo: (babulciou)... Ajuda não... (frase incompreensível)...cinco reais.

Alexandre: O quê?

Donivaldo: Ajuda com cinco real..

Justo: Entra em posto de gasolina, quem que ajuda? Aqui mesmo, você entrou nesse posto aí ou não?

Donivaldo: Não entrei nele não.

Justo: Não? Passou direto desse posto?

Donivaldo: Passei direto. Passei direto.

Justo: No posto o pessoal ajuda, dá comida e tal? Esse marmitex, o senhor conseguiu onde?

Donivaldo: Achei no chão desse aí...

Justo: Hã?

Donivaldo: Eu achei no chão esse aí.

Ele estava muito animado e feliz por ter encontrado uma marmitex de isopor dentro de uma sacola transparente. Ao lado de fora da mamitex, mas dentro da sacola transparente, dava para se ver muitos restos de comida que um dia fizeram parte da refeição de quem a comprou. Havia alguns pedaços de cebola cortadas em pedaços grandes apodrecendo. Pareciam ser pedaços do que já foi o tempero de um bife acebolado. Havia pedaços de tomate, também em putrefação. Muitas formigas pretas andando por todo esse resto de comida. Donivaldo iria comer o que sobrou dessa marmitex. (Enquanto eu escrevia essa parte do relato, eu tive alguns ataques de ânsia).

Justo: Ah, você achou na estrada. E quando você acha mamitex assim na estrada, você come se tiver comida?

Donivaldo: Ah, se tiver comida, eu como.

Justo: Esse aí tinha comida?

Donivaldo: Tinha um restinho.

Justo: Deu para aproveitar?

Donivaldo: Deu para aproveitar.

Justo: E o que mais você costuma encontrar na estrada? E esse outro aí também foi encontrado na estrada?

Donivaldo: Foi encontrado na estrada.

Justo: E o que você mais encontra na estrada? O que serve para você e que você pega?

Donivaldo: Ah, não encontro quase nada...Dinheiro também não encontro...

Justo: Dinheiro? (risos)

Alexandre: E você nunca para em posto nenhum? Nunca?

Donivaldo: Não.

Justo: E você dorme no meio do mato mesmo? Ou você dorme no posto?

Donivaldo: Não durmo no posto não...

Alexandre: Para comer, você não pega do posto? O que mais você costuma comer?

Donivaldo: (frases incompreensíveis e não ditas só pela metade).

Ele abriu a outra sacola de estopa dele. Dentro dela havia muitas sacolas de supermercado com coisas dentro e sacos de padaria também com resto alimentares. Todas as coisas achadas no lixo e muitos pareciam estar em um estado fora de validade. Algumas coisas pegadas em lixo não serão comidas no dia que encontrou, mas guardará para quando tiver fome. Ele racionaliza o que encontra.

Alexandre: Ah, você tem um monte de coisas.

Justo: Nossa! São só as comidas! E essa garrafinha? O que que tem nessa garrafinha?

Donivaldo: É água!

Justo: É água ou é água que passarinho não bebe?

Donivaldo: (Risos).

Justo: Cachaça você não carrega?

Donivaldo: Ah, cachaça não.

Alexandre: E quem que te deu todas essas comidas?

Donivaldo: Eu achei em um lixo em Assis. (Nós estávamos há 20 minutos de carro de Ourinhos, ou seja, há pelo menos 5 dias atrás ele havia achado essas comidas no lixo. Restos de comida sem refrigeração e talvez nem tivessem sido jogados no mesmo dia que ele os encontrou).

Depois terminamos a entrevista, nos despedimos, e ele disse “Deus abençoe”. Fomos embora. Decidimos ir até Ourinhos. Não encontramos mais ninguém de lá até o caminho de volta para Assis.

Sobre uma análise prévia do trabalho de campo e escutas dos áudios, algumas observações nos surgiram. Em alguns pontos do áudio mostra que temos muita

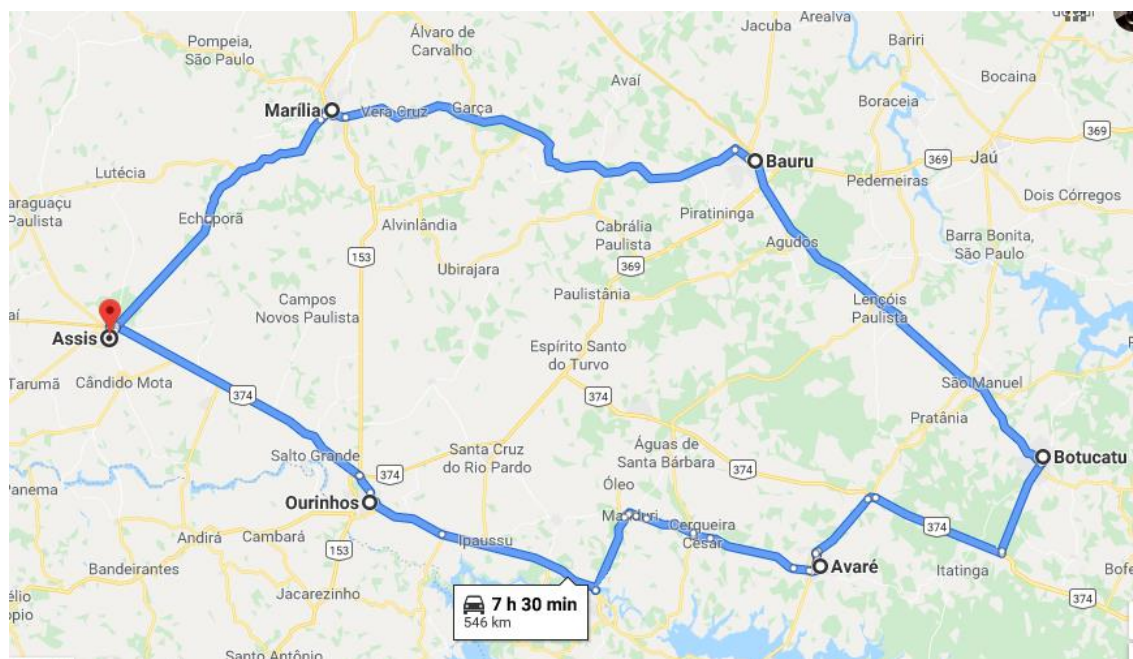
confiança nele. Acredito que isso nos tira a atenção. Se estivesse mais atento, conseguiria escutar melhor as frases que eu achei incompreensíveis na gravação porque teria me lembrado delas. Muitas frases ficaram incompreensíveis. O Som da gravação está limpo. Em alguns pontos sobre o motivo de porque ele saiu para o trecho, tivemos alguns deslizes de não fazer uma pergunta precisa e bem compreendida. Precisamos perguntar com mais precisão e clareza. Quando não compreendermos a frase, não ter vergonha de pedir para falar de novo ou pedir para que fale com maior clareza. Este andarilho de estrada falava muitas frases enroladas entre outras pouco audíveis. Percebemos que os andarilhos de estrada que encontramos hoje falavam com mais dificuldade do que os trecheiros que já entrevistei na iniciação científica e no mestrado. Não me recordo de nenhum trecheiro que falasse desse modo. A fala entre andarilhos de estrada e trecheiros é muito diferente. A maioria dos trecheiros sabe ler e escrever, muitos andarilhos não. Trecheiros tem contato com inúmeras pessoas de diferentes sotaques todos os dias por estarem sempre nas rodoviárias. Andarilhos podem ficar dias sem conversar com ninguém e não têm grandes diálogos com as pessoas que encontram. Talvez, já fizessem anos que os andarilhos que encontramos não estabelecessem diálogos tão longos com alguém. Todos os dias, um trecheiro está em 3, 4 ou até mesmo 5 ou 6 cidades diferentes por pegar passagens de ônibus da assistência social. O andarilho demora dias de uma cidade a outra.

A maioria dos trecheiros que conversei quer falar de suas vidas, causos, histórias e deixar tudo bem evidenciado. Pareciam pessoas contando um conto que na verdade são suas histórias de vida. Os andarilhos, por mais que queiram conversar, não estabelecem grandes diálogos para responder nossas perguntas, nem mesmo contam histórias de vida como os trecheiros.

Não sei explicar para como é a fala de um andarilho de estrada além de frases que parecem ser mais baixas e bem enroladas. Em alguns momentos da gravação, ouvi uma das frases inúmeras vezes e mesmo assim, era impossível até de deduzir do que se tratava. Também preciso treinar as técnicas de se fazer uma boa entrevista, porque em alguns momentos esqueci o que perguntar, e para conseguir manter conversa, fiz perguntas que ficaram redundantes.

Diário de campo do dia 08/05, quarta-feira

Voltamos ao campo depois de alguns dias. Dessa vez estamos levando uma filmadora, um gravador, um computador e o diário de campo. Percebemos nossos erros de comunicação e corrigimos eles. Fizemos um percurso bem longo de carro, saindo de Assis e passando por Ourinhos, Avaré, Botucatu, Bauru, Marília e de volta a Assis. O percurso todo foi de aproximadamente 546km, segundo a reconstituição do caminho pelo Google Maps. Saímos de casa às 10H00 e chegamos às 19H00. Encontramos quatro andarilhos de estrada e percebemos porque não havia tantos andarilhos no trecho de Botucatu até Marília. Chegamos à conclusão de que esse percurso não tem postos de gasolina, o que faz com que seja impossível prosseguir viagem a pé sem ter um local para pedir comida ou mesmo repousar em segurança. Porém, encontramos um andarilho neste trajeto. Percebemos também que um dos melhores pontos é entre Assis até as proximidades de Ourinhos por ser uma rota de saída do Paraná. Destacamos que, nessas rotas, não é muito difícil entrarem em outros percursos, sejam elas estradas ou rodovias e pararem escondidos para descansar e fazerem suas necessidades. Isso torna a presença de muitos andarilhos de estrada despercebida em nosso trajeto. Um deles até havia afirmado a nós que não há muito tempo antes de nos encontrar estava com um outro andarilho. Não achamos naquela rodovia este outro andarilho.



O Andarilho que não queria contato.

Cerca de 20km depois que saímos, avistamos um andarilho de estrada na mesma direção que nosso carro. Paramos o carro cerca de 50 metros dele e esperamos ele passar para chama-lo para fazer pesquisa. Porém, quando ele percebeu nossa presença, deu meia volta. Ele deu seis passos para trás na direção contrária à nossa, mas deu meia volta de novo e voltou ao trajeto que estava fazendo. Deu mais alguns passos em nossa direção, mas voltou a dar meia volta. Repetiu esse processo de andar contra nossa direção, repensar e voltar ao trajeto várias vezes. Dava cerca de seis passos em nossa direção, dava meia volta, dava passos no sentido contrário, dava meia volta... Até o momento em que ele decidiu ir até nossa direção, pois afinal, era a direção que estava andando e querendo seguir. Ficou na dúvida se atravessava, pois, no outro lado da pista havia uma obra com homens trabalhando. Já havia desviado deles, motivo pelo qual estava andando na mesma mão que os carros. Fui logo à frente do Justo, meu orientador para cumprimentar o andarilho enquanto Justo pegava a câmera. Quando passou por mim, eu lhe dei um “bom dia”. Ele me ignorou e continuou a andar. Mais à frente, Justo tentou também abordá-lo. Deu-lhe a mão para cumprimentá-lo. O andarilho parou e começou a escutar o que Justo tinha a dizer. Fixou-se olhando para baixo e na direção oposta de meu orientador. Disse apenas que “estava só indo ali comprar...”, parecia apreensivo. Falamos tchau a ele e foi embora. Observamos que atravessou a estrada pois já era um trecho que não tinha homens trabalhando. Mais à frente, havia outro grupo de homens trabalhando à beira da estrada também em obras. Para também não passar em frente deles, atravessou novamente para a via que estávamos, e caminhou na mesma direção que a dos carros. Passando pelos homens, atravessou novamente para a via de contramão, pois é mais seguro ver que os carros estão se aproximando do que ficar de costas para eles, mas a presença humana representa muito mais perigo do que isto. Este andarilho não quis gravar entrevistas, mas suas ações de segurança se mostraram extremamente interessantes para nossas análises. Nós entramos no carro e continuamos viagem.

Márcio, o ruivo

Em cerca de 80KM, mais ou menos 25 minutos depois que vimos o primeiro andarilho de estrada, avistamos o segundo na outra pista. Tivemos que fazer um retorno alguns quilômetros à frente para alcançá-lo.

Decidimos não apenas trocar seus nomes caso eles nos apresentem algum, mas também registrar seus apelidos ou características marcantes. Assim, pelos próprios apelidos que se autodenominam ou características marcantes há um sigilo ético do nome e também fica mais fácil de relembrar qual o andarilho estamos nos referindo quando precisarmos citá-los. Percebemos que, conforme vamos a campo, evoluímos ou modificamos algo para conseguir trabalhar melhor em nossa pesquisa.

Encontramos o andarilho que, ao contrário do anterior, nem se surpreendeu conosco parando o carro tão próximo a ele. Nós o cumprimentamos, falamos da entrevista e ele aceitou sem nenhuma hesitação. Meu orientador acabou por não esperar eu ligar o gravador, o que me dificultou um pouco, mas repeti algumas perguntas para ficarem registradas. Ruivo está há três anos no trecho.

Justo: Então, como você decidiu ir para a estrada? Você trabalhava em que mesmo?

Ruivo: Eu trabalhava numa lavoura.

Alexandre: Ah, você trabalhava em uma lavoura!

(Aprendi que, caso eu ache que o áudio saia baixo, tenho que repetir a informação que o entrevistado falou para compreender se disse isso mesmo e para que no áudio, caso não saia nítido, eu consiga identificar o que disse. Então, não vou escrever aqui as vezes que repeti a frase, pois servem apenas para melhor compreender o áudio. Graças a essa técnica, a entrevista ficou mais completa e sem falhas).

Alexandre: Fazem três anos que você está andando?

Ruivo: Sim.

Justo: Por onde você já passou? Quero dizer, quando você trabalhava, quando você estava trabalhando na lavoura, você morava onde?

Ruivo: Eu morava em Itapetininga.

Justo: E como é que foi? A vida estava difícil, trabalhar não estava dando mais...

Ruivo: Ah, eu trabalho meio que de carpinteiro.

Justo: E como é que foi? Um bom dia, de uma hora para outra você resolveu “vou largar tudo isso”? Foi assim?

Ruivo: Foi, foi isso mesmo.

Justo: Você era casado? Você tinha...

Ruivo: Eu tinha um bocado de namoradas por aí.

Alexandre: Você falou que era um bocado de namorada.

Justo: E aí você deixou as namoradas?

Ruivo: Acabei deixando sim.

Justo: Escuta, desculpe por entrar nesse assunto, mas por falar nisso, e como é que é assim na estrada? Dá para encontrar algumas namoradas?

Ruivo: É, dá para encontrar umas amigas, umas meninas.

Justo: E aí? Dá pra chegar, dar uns amassos?

Ruivo: Dá sim.

Justo: E onde você geralmente encontra as meninas? Andando mesmo é difícil ver, não é? Já faz tempo que a gente acompanha as estradas assim com o pessoal e olha, mulher mesmo é muito difícil ver andando. Você já encontrou alguma andando também, ou não?

Ruivo: Mulher andando não encontra não. Encontra mais é homem. Mulher andando assim na rodovia, você não encontra não. Você encontra só se (ela) for para pegar um ônibus assim. Mas na estrada, ela andando assim, não anda.

Alexandre: Você pega ônibus também?

Ruivo: Eu pego ônibus sim.

Justo: Como é que você faz então? Você anda, mas entra na cidade, fica um tempo?

Ruivo: Eu entro na cidade. Fico pouco de tempo.

Justo: E na cidade você vai na assistência social?

Ruivo: Na assistência social eu não vou não.

Justo: Escuta, e andando na estrada, o que é mais perigoso? O que você acha que é mais perigoso?

Ruivo: O mais perigoso é o sol.

Alexandre: E os carros? O que você falou que incomoda você?

Ruivo: O que incomoda é nada.

Alexandre: A gente achou curioso que você está andando na mesma mão dos carros. O pessoal costuma andar na contramão deles.

Ruivo: Do lado de lá, né? Pois eu ando por aqui que é meio que é a minha mão oficial. Mas eu posso andar na outra rua ali também.

Alexandre: Mas você prefere andar na mesma direção que os carros?

Ruivo: Aham.

Justo: Não é mais perigoso para você?

Ruivo: Não.

Justo: **Você já viu muito atropelamento?**

Ruivo: Não vi muito não. Eu vi uns dois, só.

Alexandre: **Dois em três anos?**

Ruivo: Dois em três anos.

Justo: **E você já teve alguma situação que você quase foi atropelado?**

Ruivo: Já. Uma vez só quando eu tava...eu não sei nem onde eu tava...

Alexandre: **Você quase foi atropelado uma vez e você nem sabia onde você estava?**

Ruivo: Foi em rodovia.

Neste momento, Ruivo pega um pequeno malote de folha de papel e começa a procurar em uma de suas duas trouxas onde está seu fumo.

Alexandre: **Vai enrolar um cigarrinho?**

Ruivo: Vou enrolar um cigarrinho.

Alexandre: **Fora carros, não tem mais perigo nenhum? Algo que você tome mais cuidado?**

Ruivo: Não, só isso mesmo.

Justo: **Nunca nenhuma pessoa te incomodou na estrada ou em posto de gasolina, como a polícia rodoviária?**

Ruivo: A polícia rodoviária só.

Alexandre: **A polícia da estrada? Ela é pior ou mais tranquila que da cidade?**

Ele não achou seu fumo, então, começou a fumar uma caixa de palheiros.

Ruivo: Ah, normal. Param, perguntam quem é, onde ...

Alexandre: **As duas fazem esse mesmo protocolo? Elas te param, perguntam e depois liberam?**

Ruivo: É.

Alexandre: **Nunca aconteceu deles serem violentos com você?**

Ruivo: Não, não. Comigo não.

Justo: **Você já enfrentou uma situação de agressão, de briga ou de ser maltratado?**

Ruivo: Não, nunca.

Justo: **E posto de gasolina? Quando você passa em posto de gasolina, você entra no posto?**

Ruivo: Claro, para beber água e cumprimentar os companheiros.

Justo: Daí o pessoal do posto de gasolina não enche teu saco?

Ruivo: Não.

Justo: E outros andarilhos que de vez em quando você encontra?

Acontece uma conversa ou não?

Ruivo: Eles passam a perguntar assim, mas é bem difícil.

Justo: Um ajuda o outro ou não, como que é?

Ruivo: Um ajuda o outro, sim. Muitas vezes ajuda sim.

Alexandre: E como que é essa ajuda?

Ruivo: Ah, oferece cigarro, oferece comida e só. Mas aí cumprimenta, dá um aperto de mão também. Daí se quiser ir pra lá é pra lá, se quiser voltar junto, volta junto. Que nem um rapaz. Eu encontrei um rapaz lá em cima lá, na cidade perto daqui, daí ele voltou pra cá. Ele voltou até ali no posto.

Alexandre: Você encontrou ele hoje?

Ruivo: Aham.

Justo: E você está indo para alguma cidade ou você está só caminhando?

Ruivo: Eu quero chegar em Ourinhos, nem sei como que faz.

Justo: É Ourinhos está mais ou menos perto.

Alexandre: É, Ourinhos não está muito longe.

Justo: Quanto quilômetros você acha que você caminha mais ou menos assim por dia? Você tem ideia?

Ruivo: Eu caminho 30 quilômetros.

Justo: E você vai sempre aqui nesta estrada ou você vai andando para outras estradas também?

Ruivo: Eu ando para lá e para cá só. (Áudio com ruído e não repeti o que ele disse para poder registrar).

Justo: Nesses três anos, você já andou para fora do estado de São Paulo?

Ruivo: Não. Só fui para São Paulo, Osasco, Itapetininga.

Alexandre: Você foi até Osasco a pé, de ônibus?

Ruivo: Já. De carro, de ônibus, a pé.

Justo: E você acha boa a sua vida?

Ruivo: Bem, mais ou menos, né? Eu tenho uma vida normal.

Justo: Quais são as coisas boas de viver caminhando na estrada?

Ruivo: A única coisa boa é nada. Só caminhada normal mesmo. O vento no cabelo.

Alexandre: A coisa boa é andar?

Justo: Hoje está um dia bom, não está fazendo sol. E você não usa chapéu para proteger do sol ou não precisa?

Ruivo: Eu uso chapéu, de vez em quando eu uso.

Alexandre: Para dormir na estrada, você dorme na estrada ou dorme em posto?

Ruivo: Não, eu durmo na banca.

(Ele chama de banca é uma estrutura coberta em postos de combustíveis. Isso reforma nossa hipótese de que não havia muitos trecheiros no trecho Bauru-Marília por lá não haver postos de combustíveis.)

Alexandre: O que é uma banca?

Ruivo: Banca é o lugar que a gente para, né?

Alexandre: Ah, vocês chamam de banca o lugar que vocês param? E no posto?

Ruivo: Dorme no posto também, separado no posto.

Alexandre: Que lugar é esse que você para?

Ruivo: No posto assim é uma barraca assim. Aí, às vezes o cara convida para ire lá dormir.

Alexandre: É uma barraca que fica no posto de gasolina?

Ruivo: Do lado.

Alexandre: É um posto com bastante barraca?

Ruivo: Tem posto que tem bastante barraca.

Justo: Você já teve que dormir no mato?

Ruivo: Já dormi uma vez no mato.

Alexandre: Uma vez só você dormiu no mato?

Ruivo: Dormi uma vez só porque eu estava muito cansado.

Justo: E a cachaça? Você disse que não está bebendo mais não. (Esse diálogo ocorreu antes de começarmos a entrevista)

Ruivo: Não, eu parei.

Justo: Nem de vez em quando?

Ruivo: Nem de vez em quando.

Alexandre: Nem quando você encontra o pessoal?

Ruivo: Não.

Alexandre: **Você dorme na cidade também? Geralmente onde?**

Ruivo: Eu durmo na cidade. No lugar mais fácil para dormir.

Alexandre: **Você se protege para dormir? Como você faz?**

Ruivo: Eu me protejo bastante.

Alexandre: **Você se protege do que? Do frio? De alguém?**

Justo: **Alguns falam que às vezes é perigoso um roubar o outro ou que às vezes está num posto de gasolina, num lugar e um pode pegar as coisas do outro. Já aconteceu isso com você?**

Ruivo: Exatamente. Eu me protejo bastante. Não, acontece do pessoal deixar as coisas num carro e sair, mas daí não pega daí, né. Mas acontece de na hora que está junto não pega não. Não pega nada.

Justo: **E o que você carrega?**

Ruivo: Eu junto latinha, né? Então, serve de travesseiro. Essas latinhas aqui, serve também para dormir.

(Havia um travesseiro e várias latinhas na mesma trouxa)

Justo: **Ah, coloca a latinha por baixo para ela elevar o travesseiro. Você carrega água?**

Ruivo: Eu carrego água sim.

Justo: **Comida você carrega?**

Ruivo: Não carrego não.

Alexandre: **Você chega a passar fome?**

Ruivo: Não, não passo fome não.

Justo: **E a comida consegue nos restaurantes? Nos postos de gasolina?**

Ruivo: Consegue.

Justo: **Às vezes você encontra alguma casa na beira da estrada, esse pessoal ajuda?**

Ruivo: Não. Não sei não. Às vezes algum carro joga um biscoito assim e a gente pega, né?

Alexandre: **O pessoal passa de carro e joga alguma coisa?**

Ruivo: Isso.

Justo: **E o pessoal dos pedágios? Esse pessoal que toma conta da rodovia, eles dão alguma ajuda?**

Ruivo: Não, esse pessoal não. Ajuda também dá, marmita normal. Trabalha normal, cumprimenta.

Alexandre: Às vezes dá uma marmita?

Justo: Esse pessoal que trabalha na conservação da rodovia, esse pessoal ajuda? Às vezes dá uma marmita?

Ruivo: Sim.

Alexandre: E a polícia que para você? Eles ajudam ou não?

Ruivo: Não, só pergunta o nome. Se tem documento ou não, e vão embora.

Justo: Eles pedem documento?

Ruivo: Pede.

Justo: E você tem documento?

Ruivo: Não, comigo eu não carrego não, só com a minha família.

Justo: Aí quando a polícia para você, você diz pra ela “vai pegar com a minha família”. (Risos). E você visita sua família de vez em quando?

Ruivo: Não visito não. Eu visito só meus pais...uma vez por semana, uma vez por mês.

Justo: Eles moram onde?

Ruivo: Eu nem sei, eu nem vou num lugar desses.

Justo: E você tem vontade de morar em algum lugar e ter algum trabalho ou isso já não faz parte dos seus sonhos?

Ruivo: Faz parte.

Justo: Se você tivesse alguma oportunidade de trabalhar em algum lugar, você iria?

Ruivo: Eu iria.

Justo: Mas tá difícil, né? Cada vez tem mais gente que está indo viver na estrada, não é?

Ruivo: É

Alexandre: Pois bem.

Justo: Mas está legal então. Foi muito bom a conversa com a gente. Aprendemos com vocês um pouco mais como é a na estrada, como vocês andam.

Ruivo: Alguns gostam, mas alguns não gostam, né? Caminhar e refrescar, né? Eu vejo alucinação às vezes. Já há uns oito meses.

Justo: Verdade? E acontece enquanto você está caminhando? Ou mais pela noite quando está dormindo e parado?

Ruivo: Mais caminhando mesmo. Às vezes param.

Alexandre: Fazem três anos que você está caminhando no trecho, mas há 8 meses que você tem alucinação? E como que elas são?

Ruivo: É uma voz bonita.

Alexandre: Como? Uma voz bonita. O que ela fala para você?

Ruivo: Fala o nome, se identifica.

Alexandre: Nunca pediu para você fazer alguma coisa?

Ruivo: Isso ela não diz não. Fala um o... a rua de casa e passa assim. Ai é diferente, a pessoa fala o nome e...

Justo: Nessas alucinações você vê pessoas?

Ruivo: De vez em quando acontece.

Alexandre: Depois some?

Ruivo: Some.

Justo: São pessoas que você conhece?

Ruivo: Muitas pessoas eu conheço, outras não.

Justo: Quando te dá essas alucinações, você fica assustado ou preocupado?

Ruivo: Eu não fico preocupado.

Justo: Você não sente medo de ter alucinação?

Ruivo: Não.

Justo: E tudo bem? Você não fica com medo?

Ruivo: Não.

Justo: Você sente medo de alguma coisa?

Ruivo: Eu tenho medo de (algo) ser perigoso. De ser atacado. De tipo que bateram aquele rapaz ali.

Justo: Você já teve alguma situação na estrada que você ficou com medo de ser atacado?

Ruivo: Não, não teve não.

Depois disso, nos despedimos e seguimos viagem.

O Nada

Mais à frente, nós encontramos outro andarilho de estrada que estava na contramão. Passamos por ele, paramos o carro e o chamamos. Ele rapidamente se virou e caminhou em nossa direção animado. Concordou em fazer a entrevista e até coordenou-a, dando papéis para cada um. Justo, a câmera, começou a filmar-nos.

Justo: Você é o entrevistador, vamos lá!

Alexandre: Quem é você?

Nada: Não, eu não sou nada. Plenamente que a eletricidade me deu vida, magnetiza. Ao falar em magnetismo é o que? Pedra de ravena e safeno. Tá aqui nos meus peitos, é o ponto. Pontiagudo. Vai, continua.

Alexandre: Mas qual é o teu nome?

Nada: Meu nome? Meu nome também é nada mano. É mais a insatisfação da vida. Insatisfação da vida. A, B, Nada...

Alexandre: Para onde você está indo?

Nada: Tem a instituição aqui que fica vendo e revendo. Aí eu existo, mano. Que o ser humano criou na minha vida aqui e habitou na minha rocha e na minha vida. Tem um câmbio metalúrgico e tem umas levoisse. Certo, mano? É o seguinte mano. O zero tá tampando...

Alexandre: Quanto tempo faz que você está andando por aí?

Nada: Eu tô vendo uma transgressão. Transgressão do ser humano sendo banido. Então, pra nois conversar, tem que ser banido. O ser humano sendo banido numa transgressão de vida, de operador. Tipo você, paixão. Tem a situação aqui, a situação é sua mesmo. Certo? E através de umas leis e batisfério e sai fora. Onde era uma situação de ir de lá pra cá e era tipo um teletransporte. Tipo santuário de o que? Portuário de um ser humano é o santuário.

Alexandre: Qual a diferença desse portuário do ser humano e esse santuário?

Nada: Santuário é uma climatização que causa de você e você fica sem saber também dessa. E também é mais atrapalhado que você sem se saber, mano. Depois ele te transforma e é essa situação. Para recompor um tipo de vida que se você não decompõe e não aliciou, tá tranquilo. Mano. Nossa, mano...

Alexandre: Faz quanto tempo que você está andando pelas estradas por aí?

Nada: Ah mano, até então tá entregando a situação. Cada automóvel desse e microfone e eu sou cristianismo. Até parte da situação, quando me entregar o automóvel e pá. Mas que que é o ser humano. Ser humano não pode que uns tem uma regalia e outros não quero saber. Para entregar o que é meu, e estava pá e chagar idoso, e minha esposa. Aqui ó, isso aqui é photoshop. Certo mano. Aí pode ser sua situação. Mas não é você e eu sou eu. É sua fisionomia. Quantas mente, e lente. Você tem umas lentes de fogo, todo ser humano tem.

Alexandre: **Você acha que tenho uma lente de fogo? O que é ter uma lente de fogo?**

Nada: Todo ser humano tem. Que o mesmo favoreceu o ser humano. Que é referente aos meus olhos que era óleos, mano. Se tiver aqui uma perfuradeira que é de um lado para o outro. Já viu? Que era meus olhos e era assim. Mais todo ser humano... você que não percebe, mano. Que você abastece e que é toda eletricidade, mano. Que abasteceu e é um portuário seu e você nem sabe, mano. E pode saber.

Alexandre: Pode ter e eu não sei.

Nada: Não sabe, mano. Não sabe. Eles habitam e para usar o teletransporte. A Gabriele fica sonora nessa situação. Eu morava com a Gabriele. Lá em Osasco, Jardim Aliança...

Alexandre: Lá em Osasco?

Nada: Lá em Osasco. Leomar, Leandro. Leandro é o que? Leandro é o sacramento, mano. O sacramento. Aí você pode viver tranquilo, só de pensar.

Alexandre: **O Leandro é o sacramento. E a Gabriele?**

Nada: A Gabriele, mano... é situação a situação do nome dela realmente... Ela fala da situação do Preste e o Brian. E o Eli e o passa e o batistério também. Tem uma situação que é o que ingere (ou indigério) na frente do ateliê, mano. Essa daqui não, é besteira. Eu deixo ela para o ateliê, mano. É o dicionário precário e tudo e eu parado no widget e tudo. E de vez em quando eu vou lá no ateliê.... (Bateu um forte vendo e não deu para escutar a última frase). Vamos falar do Mega Drive da Dynavision. Ela é porque...e agora ela está no ateliê.

Alexandre: Você falou que é estilo Mega Drive Dynavision?

Nada: Dynavision, Dynacom. O ateliê também. O que arremessa essa situação. Tipo teletransporte, essa coisa de situação. Tipo o trânsito. Essa situação mais do trânsito. O trânsito era um reposicionamento da vida, um óleo. O trânsito é

um reposicionamento da vida. Quer dizer, você. Ai se não acha você em lugar nenhum, você está no trânsito, mano. Aí é o trânsito. Trânsito é um sarcófago com baita interligação. Tem a halofobia e entrega você ali. E eles entrega e a situação sua, você para o mundo. Aí necessita de estabelecimento, de estabelecimento...

Alexandre: Você pensa na estrada o que é o perigo?

Nada: O perigo é aquilo que tenta implantar em você, mano. Caos. É toda a situação de arremesso, de medo. Certamente ,mano. Meramente, isso é referente a minha esposa numa coisa que faz a mente e basicamente a situação...(barulho de vento muito forte que cortou a fala)...

Alexandre: Você estava andando na contramão dos carros. Você prefere andar nessa contramão?

Nada: Não, mano! Não é contramão! É ciclovia, paixão!É tipo um teletransporte, um arremesso. E acaba arremessando outra pessoa.

Alexandre: Quando você fala dessa questão do teletransporte, o que é um teletransporte?

Nada: É um fragmento que já repõe essa vida, mano. Ou na dor ou na localidade pra ele repor. Daí tem um teletransporte e você não vê e daí tem outra ciclovia aqui (apontou com os dedos um espaço distante) e daí já sai aqui, mano. E você nem percebe (risos).

Alexandre: Você sente situações de teletransporte?

Nada: Não mano! Arremessa! Você tá aqui e já tá na outra ciclovia.

Alexandre: Você já usou um teletransporte?

Nada: Usou pouco teletransporte por vida adulta...Antes de eu vir pra cá, eu andava lá na minha esteira. Localizada em toda situação. Onde eu vim parar tinha um batistério, qual o nome dele? Que falava “bom dia, meu sei lá o que” e recitava um batistério também...Como é que se chama aquela canção...não tem aquele bicho de oferenda de situação. Como é que é “Deus por textura, Deus. Era de mestre. A eletricidade indigesta. Hora que eu levantei e as pessoas sabiam o batistério. Que era a localidade, a hora que eu levantei, as primeiras peças. Primeiro ser humano que pertence as dores e não pertence. Que for obediente, paixão. Essa é a situação. Que existe uma vida que não existe nem morte, nem dor, mano. Os obediente vem tudo pra cá para essa localidade, ser banido. Até o fim dessa hóstia, é o fim de semana. E a hora que

eu vim pra cá é o teletransporte, eu já apareço ali já. Deve ter outra ciclovía aqui, mas você não vê essa ciclovía. É igual morada. Eu divido a morada e três moradas junto com a outra. Tem situação que você não sabe. O bagulho deflagra mesmo. Deixa o ser humano. Deflagra o ser humano mesmo. Descendo. Várias situações

Que eu para eu jubitar. Várias jubitações do sonho...entender a vida é cultivar.

Alexandre: Entender a vida é cultivar?

Nada: Com certeza. Você vai entender você mesmo. Você vai entender você mesmo ali semeando a situação. Uma capsula deflagra na semente da vida. Você viver com a vida, tem que se tapar. Suas lágrimas não tem nada de poros, você não quer saber de ninguém, mano. De vida da fonte de água da vida também que que secar da situação. Eu sou o que Jeová falava, que ele iria reinar do jeito que (nome de pessoas que eu não consigo identificar) e tal.

Alexandre: Quem são essas pessoas?

Nada: Era minha esposa essa daí. Ai ficou uma situação que ela ficou favorecida. Falaram que é puta, tá bom, mas é o que você acha e não é.

Justo: O que você acha que mais ameaça a vida, o que é mais perigoso para a vida?

Nada: É a palavra.

Justo: O que?

Nada: É a palavra. É a palavra, paixão. A Palavra. Tem que saber mais o que falar um para pro outro. A palavra. Primeiro tem que averiguar. Cada palavra, averiguada. A hora de falar mais de 300 vidas, registro. Tudo tem registro. Decompõe toda situação que se você não entendeu, pode falar o que quiser e não é à toa e sentido da vida.

Justo: A palavra então é mais perigosa que os carros aqui? Ela pode ferir mais...

Lógico, lógico. A palavra decepa. Que nem solda também. E me insulta também, me insulta também A palavra é o ser humano que contém. Os outros tava à par e só favoreço. Não sou favorecido em nada e não quero nada em troca para cultivar. (NADA)

Justo: Como é que você falou? Que o ser humano também perturba? Um perturba o outro?

Nada: Perturba, perturba bastante. Sei muito bem do que eu estou falando. Que eu favoreci uma situação e sei muito bem. Estava muito executável e muito submerso aos outros. E precisa de mais pá e tá num nível e estar com você e isso daqui tá foda.

Justo: **E andar na estrada é um jeito de estar mais livre? Como é que é isso?**

Nada: É minha expedição, mano. Independente do ser humano e a minha rocha sendo deflagrada mais aberta e as profundezas deflagrando essa rocha. Que é de rubi, pedra, cristal e esmeralda. Que é de a de eldorado. Eu estou averiguando que está ali surgindo tudo multiplicando tipo umas águas multiplicadas. Vou embora mano!

Depois virou-se e saiu embora. Voltamos a seguir viagem.

Herói Brigadeiro

Quando estávamos perto de Lençóis Paulista-SP, nós encontramos outro andarilho de estrada e paramos para conversar com ele. Ele tinha uma enorme mochila de camping com várias garrafas amarradas nela. Em uma garrafa maior havia uma faca de tamanho médio ao lado. Ele tinha até um walk talk. Carregada uma espécie de arpão em suas mãos.

Alexandre: Posso gravar a entrevista?

Herói Brigadeiro: Pode.

Alexandre: Qual o nome do senhor?

Herói Brigadeiro: Herói Brigadeiro.

Alexandre: Como?

Herói Brigadeiro: Herói Brigadeiro.

Alexandre: **Herói Brigadeiro. Tá. Faz muito tempo que o senhor está andando nas estradas?**



Herói Brigadeiro: Desde os cinco anos.

Alexandre: Desde os cinco anos andando nas estradas?

Herói Brigadeiro: Na estrada já tem uns 45 anos.

Justo: 45 anos na estrada?

Alexandre: Quantos anos o senhor tem?

Herói Brigadeiro: 57.

Justo: E por que você foi para a estrada? O que aconteceu na vida que o senhor resolveu ir para a estrada?

Herói Brigadeiro: Eu trabalhava para a rainha dos caminhoneiros anteriormente.

Justo: A rainha dos caminhoneiros?

Herói Brigadeiro: É! Eu perdi o emprego e agora eu sou juntador de lata, olha.

Justo: Sei, você junta as latinhas que tem na estrada, vende e faz um dinheirinho. E como você se vira assim... que nem agora, agora você está indo... você sabe para onde você vai ou não?

Herói Brigadeiro: Para o meu barraco. Tenho um barraco em São Paulo.

Justo: Em São Paulo, sei. E agora, indo aqui hoje, você tem ideia onde você vai dormir ou não?

Herói Brigadeiro: No meio do capim, que nem boi.

Justo: Ahn?

Herói Brigadeiro: No meio do capim.

Justo: E como faz com a comida?

Herói Brigadeiro: São Paulo me conhece por tudo.

Justo: Ah, o povo te conhece e tal e te arruma uma comida? O que que é mais difícil na estrada? Quais são os perigos e os riscos que o senhor enfrenta na estrada? O que que é mais perigoso na estrada?

Herói Brigadeiro: Se referindo a o que?

Alexandre: A tudo. O que o senhor acha que é perigoso? Ser atropelado? Alguém...

Herói Brigadeiro: Não, não tenho medo de ser atropelado. Não tenho medo.

Justo: Você não tem medo de nada?

Herói Brigadeiro: Não. Se me atropelarem, eu deixo que se mate pro mundo inteiro tudo quanté diz. Não tenho medo de ser atropelado.

Justo: E quando você arruma o seu lugar para dormir, você tem medo de algum bicho, cobra, algum animal?

Herói Brigadeiro: Não tenho medo. Cobra não faz mal. Deus não me deixa chegar em mim. Deus não me deixa, passa por cima de mim e não o mal.

Justo: Deus te protege, então?

Herói Brigadeiro: É protege. As cobra passa por cima de mim, eu pouso por cima e ela não me veem.

Justo: E andando assim, tem gente que incomoda?

Herói Brigadeiro: Tem bastante. Tem uma boa parte que é pior do que cobra. Tem uma boa parte de gente que é pior do que cobra, que fazem o mal para os outros. É um veneno amaldiçoado uma boa parte do público com nome de gente. Na época que nós estamos, a maior parte são pior do que cobra. É um veneno amaldiçoado a maior parte do povo.

Justo: E na estrada você encontra muita gente assim? Muita gente ruim?

Herói Brigadeiro: Em qualquer lugar. Mesmo os país ricos você encontra o demônio por tudo.

Justo: Quer dizer então que hoje o senhor acha que as próprias pessoas representam um perigo maior do que bicho?

Herói Brigadeiro: A boa parte é pior do que a cobra. A cobra passa por cima de mim e não me faz um mal. Eu piso em cima e não me atinge. E muitos me atinge, é pior do que a cobra.

Alexandre: E o senhor já foi atingido?

Herói Brigadeiro: Pela cobra nunca.

Alexandre: E por pessoas?

Herói Brigadeiro: Por quantos me faz um mal. Por isso eu olho dos dois lado e julgo como que se fosse Deus. Uma parte é pior do que a cobra. É um veneno amaldiçoado e uma boa parte com nome de gente. Deus falou que vinha para a terra o Diabo em forma de gente. E hoje tem. Uma boa parte é o Diabo em forma de gente.

Justo: Que é mais fácil, ter uma casa, um emprego...

Herói Brigadeiro: Eu tenho um emprego. Eu trabalho para a prefeitura.

Justo: O que aconteceu na vida do senhor que o senhor resolveu sair para estrada?

Herói Brigadeiro: Faz uns par de mês que sai. Eu estava em Curitiba de uns mês pra cá.

Justo: Ah, você estava em Curitiba? Gostou de lá? Como é que é?

Herói Brigadeiro: Fui mais humilhado do que cachorro de lixo por tudo quanto é bandido que me roubou.

Justo: O que? Como é que foi? Lá em Curitiba foi ruim?

Herói Brigadeiro: Todos os tipos de bandido que me roubou e me humilhou.

Justo: Em Curitiba foi isso?

Herói Brigadeiro: É, é. Um dos estados mais ricos do país. Me roubou e depois me humilhou e veio atrás de mim.

Justo: E você saiu de lá?

Herói Brigadeiro: E onde que eu vou querer ir? Pro meu barraco. Tem um lá em São Paulo, capital. Fique com sua riqueza e eu vou para o meu barraco. E me ofertou aquele estágio e eu não quis.

Justo: Vindo de lá pra cá, o senhor se lembra por quais cidades o senhor passou?

Herói Brigadeiro: Por todas.

Justo: E aqui no estado de São Paulo ninguém te humilhou?

Herói Brigadeiro: É o estado que eu amo no país. É São Paulo. É porque o Diabo nos acompanha aí para nos incomodar. O estado que eu mais que eu amo.

Alexandre: Por que é o lugar que você mais ama?

Herói Brigadeiro: É o lugar mais que eu gosto é esse estado. É porque tudo quanté Diabo me acompanha e ia me perturbar. É o estado ia perturbar a mim. Veneno maldito. Com nome de militar. Porque o povo não me incomoda, quem me incomoda é militar.

Alexandre: O que militar faz?

Herói Brigadeiro: Vive roubando, vive me humilhando, vive me executando. E me roubou e me atacam. Então, militar é o Diabo em forma de gente. Falo sim. Tomei o poder de tudo quanto é militar... Tomei o poder de tudo o quanto é militar!

Justo: Na época do golpe militar de 1964...

Herói Brigadeiro: Tomei o poder de tudo quanto é militar! Tomei!

Justo: O senhor se lembra de 1964, do golpe militar, depois que os militares ficaram muito tempo no poder do Brasil?

Herói Brigadeiro: 64... Eu sou de 61...

Justo: E hoje? O que o senhor acha do atual presidente da república, que é militar? O tal do Bolsonaro?

Herói Brigadeiro: Não tem mais o presidente da república. Pro mundo inteiro não tem mais. Presidente de república não existe mais. Tomei o seu poder do mundo inteiro e não devolvo. Morro e não devolvo o poder para presidente de repúblicas! Presidente de república não existe mais pro mundo inteiro nunca mais. Me humilhou presidente de república. Tomei seus poderes e os de militar e não devolvo. Morro e não devolvo.

(neste momento, o caminhão da concessionária de pedágios parou e Justo foi conversar com o funcionário. Eles haviam recebido uma ligação de que alguém estaria jogado no acostamento e quis averiguar se não era o andarilho que estava conversando conosco).

Alexandre: E o que são essas coisas que o senhor carrega? Por exemplo, esse objeto?

Herói Brigadeiro: É juntando lata.

Alexandre: E esse aqui?

Herói Brigadeiro: É o espeto, é o espeto.

Alexandre: Serve para o que esse espeto?

Herói Brigadeiro: Eu espeto um monte de coisa.

Alexandre: Para te ajudar em alguma coisa?

Herói Brigadeiro: eu espeto um monte de coisa.

Alexandre: E esse radinho (um walk talk)?

Herói Brigadeiro: É só um rádio-comando.

Alexandre: Você consegue usar ele para conversar?

Herói Brigadeiro: É.

Alexandre: Com quem você conversa geralmente com o rádio?

Herói Brigadeiro: É o rádio-comando.

Alexandre: Você diz que não tem medo de deitar. Geralmente, o pessoal que está andando na estrada anda na contramão. O senhor está na mesma direção. O senhor acha melhor andar nessa direção?

Herói Brigadeiro: Estou indo no meu lugar ideal. Estou na minha estrada ideal, então não pode parar e me impedir aqui.

(Do mesmo jeito que o Ruivo, ele tem uma crença de que aquela mão não é apenas para veículos, mas os pedestres têm que andar conforme a direção também).

Alexandre: Mas é melhor andar desse lado do que do outro lado?

Herói Brigadeiro: É que nem eu estou citando, é o meu lugar ideal.

Alexandre: É.

Herói Brigadeiro: Tu tenha um bom dia. Eu lhe peço licença e vou adiante!

Alexandre: Com certeza. Muito obrigado pela sua entrevista.

Herói Brigadeiro: Você fica com Deus.

Alexandre: Vá com ele também.

Ele seguiu viagem. Depois disso, conversamos com o funcionário da concessionária. Ele nos deu dicas de alguns lugares e disse que aquele trecho em específico não apareciam muitos andarilhos. Seguimos viagem e depois de algumas horas já estávamos em casa.

Diário de campo do dia 22/05, quarta-feira

Hoje, nós fomos por Ourinhos, onde sempre encontramos andarilhos de estrada, fomos até Avaré e retornamos. Disse para o Justo se não seria inteligente entrarmos em postos de gasolina simples, desses de caminhoneiros. Na volta paramos em um desses postos de combustíveis e em uma conversa entre o Justo e o frentista, nós descobrimos que por lá passam pelo menos dois e até quatro andarilhos em um dia. Em um outro posto não muito distante do local, descobrimos que a gerência não deixa nenhum andarilho na área do posto, mas que naquele era permitido. O frentista apontou na estrada para o Justo e disse: “Aquele cara ali mesmo é um andarilho, ele vai entrar no posto! ” Contou também a história de um andarilho que achou o banheiro do posto muito sujo e pediu um rodo e produtos de limpeza para limpá-lo. Fomos até o local onde, de bicicleta cargueira um andarilho chegou. Era um espaço em um canto do posto que continha uma torneira e um tanque de lavar roupas. Fomos conversar com ele e logo aceitou de conversar conosco.

Cigano

Alexandre: Então, eu vou gravar entrevista. Tudo bem? Eu posso gravar a entrevista, então?

Cigano: Pode!

Alexandre: Qual o nome do senhor?

Cigano: Geraldo.

Alexandre: Geraldo, então você anda de bicicleta pelas estradas aí?

Cigano: Graças a Deus. Eu ando sim. O Brasil inteiro aí.

Alexandre: O Brasil inteiro! Onde você já foi de bicicleta?

Cigano: Eu já fui a Porto Velho, eu já fui a Rondônia, já fui para O Belém do Pará, já fui Alagoas, Pernambuco, Paraíba, já fui também lá em... é... em Goiás, Minas.. Já cortei aqui pro Paraná também. Aqui no estado de São Paulo já corri de uma... aqui no estado de São Paulo já corri uns dois anos só correndo de uma rodovia pra lá e pra cá. Eu conheço bastante aí.

Justo: E agora tá indo pra onde?

Cigano: Eu tô indo pro Guarujá.

Alexandre: Guarujá?

Cigano: É Guarujá dá mais ou menos uns quinhentos quilômetro ainda, entendeu? É baixada santista.

Alexandre: Quantos dias?

Cigano: Ah, daqui até lá, eu vou gastar mais uma semana uma semana mais ou menos.

Alexandre: Uma semana até o Guarujá, que legal!

Cigano: Que de Ita(?) até aqui já vem gastando mais de mês já. Já andei mais de mil e setecentos quilômetros até aqui.

Justo: E por que você decidiu ir para o Guarujá? O que que tem lá?

Cigano: Não porque é... decidi porque minha irmã já mora há dez anos. Ele mora no centro de Carvalho, na rua do Adubo, lá no Itapeba. Aí tô indo lá porque minha irmã que mora lá. Aí fiquei de Paraíba pra esse... fiquei uns três meses aí. Ao lado de Tangará, Nova Olímpia...pra frente de Cuiabá, duzentos e setenta quilômetros.

Justo: E aí, como é que você faz para ir se virando e tal? Você tem alguma fonte de...

Cigano: Recurso?

Justo: Recurso e tal.

Cigano: Não não, não tem não. Cê vai se virando. Aí tu vem e arruma umas borrachas e corta, entendeu? E vende para os caminhoneiros e vai tirando as despesas. Aí carrega uma panela, carrega um arroz também que ficam aqui pra mim fazer. Um álcool. Faço uma comida também no álcool.

Justo: Você faz, é?

Cigano: Faço também.

Justo: E é bom cozinheiro?

Cigano: É mais ou menos, sabe? Nada que não vai.

Justo: Que comida você bem?

Cigano: Faço um arroz, você entendeu? Uma sardinha. Sardinha coqueiro também que já vem pronta e pronto, e é disso aí que nós vive.

Alexandre: Você usa até a latinha da sardinha para cozinhar também, né?

Cigano: É, nois faz, exatamente. Aí da latinha, nois faz um fogão. Bota dois tijolinho um do lado do outro e dá pra fazer, entendeu?

Alexandre: Legal essa técnica da latinha. E faz o próprio arroz na latinha também.

Cigano: É, é. E quando acaba ali o álcool alí, eu boto mais um pouco de álcool de novo. Aí acaba de cozinhar. Aí carrego uma rede...

Justo: Ahn? Ah, você carrega uma rede.

Cigano: Carrego uma rede, carrego uma lona. Aí carrego umas capas de chuva.

Justo: **Que nem aqui cabe uma rede? (apontando para um espaço).**

Cigano: É exatamente. Aí fica descasado, entendeu?

Justo: **Aliás, um posto como esse aqui é uma mão na roda, né?**

Cigano: É, é tranquilo.

Justo: **Você lava uma roupa também?**

Cigano: Lavo também aí. Foi igual agora que eu cheguei ali no posto Ipiranga ali na frente ali e aí o gerente falou assim “ó parceiro, andando limpo desse jeito? Você não tá no trecho não”. Aí eu disse “vê minhas coisas para você ver como é que eu não tô no trecho”. Cada um é cada um, né moço? Cada um pode andar do jeito que for. Tem tanque para lavar roupa, tem rio. Os caras andam assim porque quer. Eu não discrimino ninguém. Sou igual eles. Entendeu? É igual eu falei pro gerente lá. Sou igual a eles também. Só que tem muita gente que anda que não tem condições de entrar num estabelecimento para tomar um café daquele tipo lá, como encontro muita gente por aí, sabe? Eu sou igual eles a mesma coisa.

Justo: **Por falar nisso, como é que é? Tem posto que recebe melhor, tem uns que não quer, como é que é isso?**

Cigano: Tem. Tem uns postos aqui que não recebe nois não.

Justo: **Você já teve situação de falar “aqui você não fica não?”**

Cigano: Já. Já cheguei em situação aí em uns postos que diz aí que não pode ficar de jeito nenhum, entendeu? É ordem do gerente. De hora que nem o dono não tá, mas é ordem do gerente e aí pronto. Aí nois descendo também. Aí vez que dá de noite e pra não andar a noite, ah, aí nois dorme do outro lado da pista ali ó. Nois tem uma lona, tem uma barraca e monta do outro lado da pista da pista. Aí quero ver se manda lá? Eles podem só manda no posto. Tem aí caminhoneiro que ajuda, entendeu?

Justo: **Ajuda não?**

Cigano: Ajuda.

Justo: E assim, e andando na estrada, o que é mais perigoso de se estar na estrada?

Cigano: O que eu acho mais perigo é o seguinte. Eu sempre ando na contramão para ver os carros de lá pra cá. Porque eu estou vendo os carros que tá vindo. Eu não ando nessa mão de cá porque eu não estou vendo os carros que vem nas minhas costas. Entendeu? Aí o cara vem dormindo aí e passa por debaixo que nois nem vê. Aí eu ando do outro lado de lá, ó. Do outro lado da outra contramão que eu estou vendo os carros que estão vindo. Aí pronto, eu vou seguindo.

Alexandre: E isso é o mais perigoso? Não tem outras coisas na estrada?

Cigano: A ponte. A ponte porque é estreitinha. Que nem tem umas pontes que a gente passa em umas barragens e aí tem uns caras das barracas lá e lá eles corta e vai atrás, sabe? Nois tá de bicicleta, tem eu e tem muitos também. Aí vão atrás para gente passar até a ponte. Aí passou a ponte e pode ir embora de novo.

Justo: Que? Quem faz essa escolta?

Cigano: É os caras da barragem. O pessoal da barragem que fica ali. É os funcionários ali. Não pode passar, entendeu? Lá em três lagos tem isso também. Aqui em Bataguaçu não tem não. Aqui em Bataguaçu e Epitácio são 28km...18km de ponte e ali não tem não. Tem acostamento e aí você pode andar à vontade, pode e ir embora. Aí chega lá em Venceslau e aí pronto.

Alexandre: Mas em beira de estrada só tem essa questão de carro ou tem outras coisas também? Por exemplo, você anda de bicicleta, então, você tenta fazer alguma precaução, alguém pode roubar, você tem medo de alguma coisa? Você faz alguma precaução?

Cigano: ah tem, tem, real. Isso aí... Agora puxou! Agora, tem! Tem uns aí que anda em dois e é só pra isso, entendeu? “Ou, você para aí”, sei lá o que “você fuma? Você toma uma?” Para conversar para roubar, sabe? Andam em dois, um do lado de cá e outro do lado de lá. Já tudo combinado.

Justo: Combinado?

Cigano: Combinado os dois. Aí, quando vê uma pessoa assim igual eu que anda sozinho, “ou para aí, não sei o que!” Se você para para dar atenção, eles querem até me matar para levar o que você tem, sabe? Você já não tem nada. Aí pronto. É isso aí só.

Justo: Essa que você está falando, eu nunca pensei nisso. A gente sempre viu o pessoal andando sozinho. Então tem esses...

Cigano: Exatamente. Mochilinha nas costas...Aí anda em dois só pra...Entendeu? Quando vê eu ou muito, o que já aconteceu com os tiozinhos também e fala “aí rapaz, fui roubado e levaram as minhas coisas tudinho. E já não tinha nada.

Justo: Onde foi isso?

Cigano: Diz ele que era passando lá pros lados de Cuiabá.

Justo: Mas você estava no posto parado ou na estrada?

Cigano: Eu estava no posto parado, mas não aconteceu comigo não. Mas tem uns pilantra ali pro lado da Várzea Grande que já quis me roubar. Em dois de bicicleta. Aí, eu tive que apelar e disse “moço, se tu vier pra cá, eu vou dar umas (não entendi o termo), não vem querer me roubar não, já estou no trecho, no sofrimento e querem levar as minhas coisas, as poucas coisas que eu tenho?”

Justo: E você leva alguma coisa que você acha que dá para se proteger em uma situação?

Cigano: Carrego, carrego o facão aí. O faca, é. Serve pra mim pescar, cortar lenha, fazer fogo.

Justo: Aí dá uma riscada no chão assim e fala “aqui você não passa, se não... (Risos).

Cigano: É, tudo pilantra.

Alexandre: Já aconteceu?

Cigano: Já! Já aconteceu já de mi rouba. Já, entendeu? Tem documento, tem tudo aí.

Alexandre: Já aconteceu de te roubarem e já aconteceu de você pegar a faca pra ameaçar?

Cigano: Exatamente. Isso. Eu tenho mais de vinte anos de trecho. Então, tem uns caras que vixi. Se não tiver um facão desse aí que eu carrego com a vara de pescar no rio, os caras leva as suas coisas. Você já não tem nada. Os caras leva memo, moço! Tô falando pra você.

Justo: Nem na estrada você pode ficar sossegado, né?

Cigano: A hora que você vai armar rede aqui, o senhor coloca a sua bicicletinha do lado ali, bota a bicicleta no cadeado e não durma não. É sono de

passarinho porque os caras vêm em dois e agarra ela com tudo. Aí o senhor tem que ficar alerta. Aí o sono tem que estar leve. Aí, quando não dá para chegar num posto, aí para na beira de um rio, numa ponte e você dorme sossegado, não tem ninguém. Carrega uma lanterna.

Justo: Na ponte é mais tranquilo?

Cigano: É mais tranquilo.

Justo: Aí você está ali...

Cigano: Aí ninguém sabe, ninguém sabe, é.

Alexandre: Aí, por exemplo, para um outro andarilho ali de baixo da ponte e vê você, não é mais preocupante?

Cigano: Não, não, não. Tem uns andarilhos igual eu e muitos trecheiros que tem um saco nas costas e eles vem, traz umas pinga pra gente tomar, um cigarrinho de fumo para o paieiro e vem conversar, trocar ideia. Conversar de cidade (não entendi), cidade de cana e tal. Qual região que ele passou, do estado que ele é e aí começa a prorear. Aí fica tranquilo.

Alexandre: Aí você sabe a diferença quando o cara esta sendo amigo? Leva cachaça...

Cigano: Isso. Exatamente. Aí você sabe o que é. Aí, eu voltando ao assunto, essa molecada que está começando agora no trecho que anda em dois é só pra roubar nois. Que nem, eu subindo a serra e vinha dois, um do lado de lá e um do lado de cá. “Ao tiozinho, para aí, você não tem fósforo ou isqueiro?” “Não, não tem não, eu mal fumo”. (Risos). Aí ele disse (pro outro) “Aí ó, tá vendo? O tiozinho é esperto” Ele falou lá, eu escutei. “O tiozinho lá é esperto, não parou não, hein? ” E eu digo, bota por cima pra ver. E o facão já está no jeito já. Eu paguei 400 conto nessa bicicleta. A bicicleta já tá com mais de 800 palitos. Eu vou arrumando, e arrumando, arrumando. Se levar meu carrinho velho aqui, como é que eu vou ficar? Eu vou ficar paisano...Aí não tem nada. Tem as coisinhas ali. Tem os documentos, tem tudo. Minhas panelas, minha rede, minha coberta. Aí fica pior do que eles. Fica igualzinho a eles de novo. Aí tem que ter cuidado.

Alexandre: Aí você disse que ficaria igual a eles de novo. Quando você começou no trecho era a pé?

Cigano: Quando eu comecei no trecho foi a pé. Eu andava a pé, andava de carona e daí o guincho (?) sempre me humilhava.

Justo: E por que você resolveu sair para o trecho? Antes de ir para o trecho, você trabalhava, tinha onde morar, tinha uma casa, tinha família, era casado?

Cigano: Trabalhava, trabalhava muito. Morava, tinha casa. Não, não. Nunca fui casado e não tenho família, entendeu? Assim, tenho uns parentes. Aí pronto. Eu comecei a andar no trecho com a idade...quando eu tava com doze anos. De doze anos. Eu já estou com quarenta e cinco. Mas sempre eu paro. Que nem mesmo, agora mesmo eu estou vindo agora de Tangará da Serra. Fiquei três meses parado. Eu trabalhava em cerâmica. Cerâmica, tijolo, fazendo telha... Aí vem uns trampo. Aí resolvi cair no trecho de novo. Vamo embora para São Paulo, eu vou ver a minha irmã. Já faz mais ou menos um ano sem ver ela. “Mas por que você não vai de ônibus, Pernambuco?” Vou de ônibus não, vou de bicicleta. Ou eu vou pelo Mato Grosso do Sul ou vou por Goiás. Eu não vou pelo Mato Grosso do Sul porque o seguinte: vou pagar só (não deu para entender a palavra).

Alexandre: Não faz muito tempo que você tem essa bicicleta?

Cigano: Não, essa bicicleta aí já uns três meses.

Alexandre: Três meses?

Cigano: Porque faz uns trinta dias que eu saí de Nova Olímpia e tinha uns dois meses que eu comprei ela lá. Tem o número de telefone, tem tudo aí. Se quiser ligar aí, pode ligar.

Alexandre: E você já teve outras bicicletas?

Cigano: Tive. Outras bicicletas. Essa aí é bicicleta cargueira. Mas, eu andava no trecho com Monark, tem um monte. A bicicleta Monark, a bicicleta Puti, aquela Ceci, que tem nem um encontrei um lá. Um hippie que instalou um bagageiro na frente da bicicleta. Aí entra com um monte de coisa. É guerreiro igual eu também. Faz (faço?) uns artesanato também. Faz pulseira, faz isso, faz aquilo. Mas eu corto umas borrachinha também. Essas borrachinhas para lona aí. É que eu não tenho delas agora.

Justo: Como é que é? Você corta borrachinha?

Cigano: Corto. Corto essas borrachas, entendeu? É dessas câmara de ar. Aí eu corto assim, ó. Vou tirar um aqui para você ver. Não fique com medo não. Veja só.

Neste momento, Cigano pegou uma câmara de ar rasgada deixada em um entulho e com sua faca começou a cortá-la em tiras para demonstrar o produto que vende.

Justo: Ah, espera aí, espera um pouco, deixa eu filmar a sua arte. Espera aí.

Cigano: É porque não tem câmara de trator, de caminhão aqui. Mas eu tiro as câmara de ar tudo certinha, entendeu? Eu vou tirar as tiras desse tipo aqui. Eu vou tirando miudinha assim, ó. É que não tem a de caminhão. Se tivesse a de caminhão...Eu vendi lá pra trás. Dá pra minha sobrevivência.

Justo: E quanto mais ou menos que o pessoal paga aí?

Cigano: Eles paga. Eu boto vinte e cinco borrachinha, paga vinte e cinco reais.

Justo: Vinte e cinco por cinco reais?

Cigano: Isso! Vinte e cinco borrachinha por cinco.

Justo: Ah, tá um precinho bom.

Cigano: Aí as borrachinha...tem umas de trator. As de trator é grande e as de caminhão também. Aí eu boto vinte e cinco borrachinha dessa aqui. Aí, eles paga cinco reais, entendeu? É que não está tendo agora, se tivesse...

Justo: Porque para eles é muito útil, né?

Cigano: É. Exatamente. É dessas aqui ó (mostrou três borrachas cortadas).

Justo: E eles usam bastante porque quebra muito e tal.

Cigano: Usam bastante. As que eu tinha eu vendi, mas é dessas aqui, ó (mostrou três delas amarradas). Essas aqui são de caminhão. Tem só um pouquinho aqui porque eu vendi. Essas daqui são as borrachas que eu vendo. Mas só que é o significado. Elas são aqui ó,. Vou amarrando desse tamanhinho assim, ó. Aí eu boto vinte e cinco borrachinha dessa, faço um feixe e é cinco real. Aí dá pra mim tirar o dia à dia, sabe?

Justo: Aí vai amarrando uma na outra e eles vão tirando na medida em que precisam.

Cigano: Isso, vai, vai. Eles usa na medida que precisa. Mais cumprida também porque eles usa mais pra lona. Aí pronto, desse jeito.

Justo: E como você começou? Como você teve a ideia de fazer isso?

Cigano: Isso aqui foi um amigo meu, um amigo meu que eu conheci lá em Paulínia. Aí ele começou a cortar borracha.

Alexandre: Lá em Paulínia?

Cigano: É, Paulínia interior de São Paulo. Uns oitos anos atrás. Dessas borrachinhas aqui. Aí eu boto vinte e cinco borrachas dessas aqui por cinco reais. Aí eu vendo para os motoristas e tiro as despesas do dia a dia.

Alexandre: Padrãozinho. Tudo certinho.

Cigano: Tudo do mesmo tamanho, tudo do mesmo tamanho. É que eu não tenho aqui, mas tem vez que eu tenho. Aí pego na borracharia, o borracheiro me dá, daí eu vou e tiro. E é assim desse jeito. E vai, e vai que vai. Carrego uma garrafa d'água também.

Alexandre: E você carrega o que aí? Você carrega coisa para dar manutenção na bicicleta?

Cigano: Carrego. Carrego bomba, carrego chave, carrego remendo, carrego cola. Quando fura o pneu...aí vai furando as câmara de ar e tem que botar outra câmara de ar. Ó, de mil e setecentos quilômetro pra cá, eu já gastei...

Justo: Carrega a foto também da mulher (um adesivo de um desenho de uma mulher em pose sexual).

Cigano: Foi lá no Jangada que eu coloquei essa foto. Para frente de Cuiabá. Jangada lá. Aí tem até o adesivo que o rapaz botou da bicicletaria. E é assim desse jeito, pronto.

Alexandre: Você carrega então coisa pra manutenção... câmara de ar, bomba, pneu... Você carrega alguma coisa para tampá-la caso chova? Como que faz?

Cigano: Carrego, carrego lona. Tem lona aqui.

Alexandre: Ah, você tem tudo aí para proteger a bicicleta. Você tem panela de pressão, tem bastante coisa.

Cigano: Carrego. Carrego também. Tem panela, isso.

Alexandre: Chave...

Cigano: Chave para bicicleta...

Alexandre: Chave de boca, chave alley.

Cigano: Isso, carrego também.

Alexandre: Chave de fenda.

Cigano: Tem o que precisa. E vai que vai.

Alexandre: Que bacana, cara. E você sabe mexer, dar uma manutenção bacana? Pega óleo?

Cigano: Isso. Quando tem,.. Boto um Singer. Pra engraxar eu engraxo.

Alexandre: E essas moedinhas na roda?

Cigano: Essas moedas eu boto pra enfeitar. Aí, eu coloquei as moedas de cinco centavos ali e eu tô botando as de dez centavos ali e não cai não.

Justo: Ah, e não cai não? Isso que eu iria perguntar para você.

Cigano: Aí não vai. Pode bater no buraco que não cai não. De jeito nenhum.

Justo: O rapaz, depois eu vou ver ali que eu devo ter umas moedas estrangeiras para você. Aí sim que vai enfeitar.

Cigano: Aí moço, olha. Faz mais de mês mesmo. De Tangará da Serra ao Guarujá, eu gasto dois mês mesmo. Que eu venho parando, venho parando. Com mais de mês e uma semana que eu estou vindo. Que eu estou vindo de Campo Grande, Nova Orada, Pataguaçu, Casa Verde, 93, Posto da Torre... (Ele retomou o assunto anterior sobre o tempo que estava com a bicicleta).

Justo: Você dá uma parada de um mês, dois meses?

Cigano: Não, não, não, não. Eu paro um dia. Tem vez que tem borracha pra mim vender e eu paro dois dias. Aí, já pego a estrada de novo.

Alexandre: Você pedala bastante. Então, quantos quilômetros você acha que pedala por dia?

Cigano: Oitenta quilômetros.

Alexandre: Oitenta quilômetros por dia?

Cigano: Oitenta quilômetros por dia. O máximo é oitenta quilômetros. Eu não tiro mais do que isso. Aí, dá a hora de eu parar e não ando a noite. Três horas, quatro horas. Aí, eu já dou uma parada e não anda à noite de jeito nenhum.

Alexandre: Você falou que anda oitenta quilômetros por dia. Aí tem que ter bastante fôlego, né?

Cigano: Não, mas eu vou parando. Na subida eu vou empurrando, na baixada eu vou montado. Na descida bota pra descer que vai.

Alexandre: Mas aí que tá, você fuma?

Cigano: Fumo.

Alexandre: E mesmo fumando, dá pra pedalar.

Cigano: Fumando e bebendo e dá pra pedalar. Fumando e pedalando oito horas! Tem vez que eu começo cinco horas da manhã, assim que o dia amanhece, e vou até seis horas da tarde. A hora que para, Graças à Deus, eu não sofro de nada. Graças ao bom Deus. Até hoje. Tenho quarenta e cinco anos. E graças a Deus. Sou de Pernambuco. De Quipapá, ao lado de

Garanhuns. Entendeu? Já fui pra lá de bicicleta também. Lá daqueles lados lá. Saí daqui do Mato Grosso. De lá de Nova Olímpia pro Nordeste, eu gastei quatro meses. Lá em Maceió. Fui parando. Tem uns que oferece carona e eu digo que não. Não tem pressa. Eu não tenho pressa de jeito nenhum. Eu vou devagarzinho. “Passei muitos carros de tal canto lá e voltei e você está aí”. “Graças à Deus, meu querido”.

Justo: Agora, você usa também uma cachacinha também para pedalar ou não?

Cigano: Ah! A, água de boa! Essa aqui, essa aqui!

Justo: O combustível do ciclista.

Cigano: Eu volto atrás. Essa daqui é a pinga Jamel. É Jamel. Eu vou pedalando, eu não bebo. A hora que eu paro, que nem essas horas assim, a hora que eu paro...Só vou embora amanhã... Aí, estou sossegado. Aí, vou tomar um banho. “Por que você anda limpo?” Ah, cada um é cada um, né? Tem pia, tem rio, tem represa pra lavar! Mas eu não discrimino ninguém, eu sou igual eles, entendeu? Mas eu tô de boa.

Alexandre: Mas agora ainda não são nem três horas da tarde, você vai ainda parar ou por hoje já deu?

Cigano: Hoje eu não ando mais, de jeito nenhum. Se fosse pra andar mais... aqui eu conheço. Tem rodovia que eu conheço. Aí pronto. Hoje eu não ando mais não. Só amanhã. Aí pronto.

Justo: Esse trecho aqui você conhece?

Cigano: Conheço, vixi...

Justo: Então, você vai até Guarujá, você conhece?

Cigano: Opa, vixi. Eu vou pegar a Castelo Branco...

Justo: E você sabe mais ou menos que posto é melhor para parar.

Cigano: Sei! Exatamente. Essa região aqui eu conheço.

Justo: Desse posto aqui você sabia?

Cigano: Sabia! Vixi. Eu sai de Assis. Eu sai de outro posto.

Justo: Mas está bem perto aí.

Cigano: Está, mas não tem nada não, eu vou devagarzinho. Aí, caminho conhecido e aí pronto. Aí não tem pressa. Aí, quando for andar mesmo é oitenta quilômetros. A base é oitenta quilômetros. Enquanto nego de a pé anda

trinta. Aí eu encontrei um mentiroso dizendo que anda quarenta, cinquenta. Tá mentindo.

Justo: Tá mentindo, tá mentindo.

Cigano: Rapaz do céu, trinta mesmo já é puxado. Eu conheço umas ruas aqui. Eu dou km descendo aí, moço. Só subida que eu vou empurrando e no plano eu vou à vontade. Pra tirar oitenta quilômetros, oxi. Eu saí de Bataguaçu, o duzentos e dez são noventa quilômetros que eu não tiro de jeito nenhum. Eu tenho que parar. Eu vi atrás da fazenda, faltavam uns dez quilômetros, aí eu não é cedo, não vou mais. Aí pode passar umas cobras, passa por cima das cobras. O que tem de cobra na beira da represa. Cascavel...

Alexandre: **Você tem como se prevenir dessas cobras também? É um perigo para você? Como é que é?**

Cigano: Rapaz, aí eu ando de dia, o que eu já vi assim eu desvio, entendeu? Eu já vi muito, entendeu? Aquela que chama coral também, aquela outra lá, a boipeba, vixi Maria... Eu já vi muita na beira da pista.

Alexandre: **Você falou que dorme às vezes no meio do mato, que de vez em quando rola. Você tenta se proteger desses bichos? Como você faz?**

Cigano: Aí é o seguinte: Eu faço um litreiro assim e faço um fogo. Aí no canto que der pra mim fazer um fogo, eu faço um fogo. Eu limpo e faço um fogo assim e não chega os bichos de jeito nenhum.

Alexandre: **Com o fogo ali feito não chega?**

Cigano: É. Aí arma uma rede alta e pronto. Aí fica alto também por causa das onça também, né? Lá pro lado do Pará tem onça. A transamazônica mesmo é a região que tem onça ali. Pro lado de Garantã, Peixoto, Matucá, Tairã, Carro Velho, Santarém. A região que eu tive lá pro ano retrasado também, que eu sai lá perto do Maranhão. Aí é boa também.

Justo: **E a onça? Como é que faz com a onça?**

Cigano: Ah, ah não. Aí você tendo um fogo, aí pronto. Ela não chega. Ela anda por longe, mas não vem de jeito nenhum. Fez um fogo, ela não vem de jeito nenhum.

Justo: **Mas então, voltando na questão das coisas mais perigosas e que mais ameaçam. Você tem mais medo do que? Do que você sente mais medo? Algo que você ache mais perigoso. Você sente algum medo? Que tipo de medo você sente?**

Cigano: Ah, o medo que eu sinto, a única coisa que eu sinto de medo é o seguinte: Tem canto que a gente chega nos postos e tem o espírito de porco que chega para roubar nois, sabe? Que a gente anda trabalhando, anda na nossa idade e não anda pegando nada de ninguém e, nois tem as nossas coisas, tem uns caras que não andam com nada, só com uma bolsa para levar as nossas coisas. Ai a gente tem que ficar...isso que eu tenho medo. Eu não tenho de castigo de Deus não. Deus que protege nois. Por isso que tem canto, tem posto que a gente chega que tem um, dois, três. Fica lá tudo de baixo da árvore. Não discrimino ninguém não. Que eu ando tomando pinga igual eles. Mas fica ali. Se você deixar as suas coisas ali, deixar lá, eles te rouba! Entendeu? Aí você fica igual eles, assim sem nada. É só isso.

Alexandre: **Aí você sempre anda precavido com isso?**

Cigano: É sempre!

Alexandre: **Agora você vai tomar um banho. Essa bicicleta, você vai deixar aqui ou não?**

Cigano: Aqui é o seguinte. Os cantos que eu vejo que não tem os tal dos farrozeiro, farrozeiro é o trecheiro, que é aqueles que anda igual eu também.

Justo: **Como que é?**

Cigano: Farrozeiro. Significado é aqueles que andam com uma boroca... É os que andam sem bicicleta, só com uma boroca nas costas, com um saco nas costas. Se chama farrozeiro.

Justo: **O que é boroca?**

Cigano: Boroca é a bolsa. Aquela mochila. Não tem uma mochila assim com duas alças? Essa é a boroca. Chama de Galo (também). Aí, tem o papo de ema. Papo de ema é o significado... é um sacode nó. Não tem o saco de trigo? Aí pega roupa, bota panela dentro, bota comida, bota rede, tudo, e aí amarra. Amarra uma corda cá, outra corda cá e bota nas costas. Chama “papo de ema”.

Justo: Papo de ema! Aí fica igual papo de ema (risos).

Cigano: Exatamente! (Risos).

Justo: **Que mais? Que outras mais palavras, que outras mais diferente?**

Cigano: É que agora tem coisa que eu é esqueço, mas é assim... é. Tá bom. É a vida no trecho, é isso memo.

Justo: **Você falou, esqueci se você disse ou não. O que foi que te levou a ir para...**

Alexandre: Ia perguntar isso também!

Cigano: O que levo no trecho? Agora, eu vou lhe dizer agora certinho. O que me levou no trecho, sabe quem foi? Foi através do finado tio meu. Tio João Belo. Que ele fazia romaria. Saia do Pernambuco para o Padre Cícero lá que tem uma romaria lá no Pernambuco. A pé, descalço...tio João! A alma dele já morreu há muitos anos. Eu tinha mais ou menos uns sete anos, eu me lembro como hoje. Uns oito... “O Tio João, como é que você anda no mundo assim, igual mendigo? ” “Não sou mendigo não, sou trecheiro, rapaz! ” “Aqui não tem espinho, não uso chinelo nem nada. ” E andava com um saco nas costas também. Aí chegava em casa, trabalha na fazenda, meu pai era o administrado e eu disse: “Ô pai, por que o tio João só vive no mundo? ” “Ah, porque ele gosta, ué.” Entendeu? Aí sumia. Depois aparecia de novo. Depois de três mês, um ano, voltava de novo. É igual eu também. Já fiquei uns dois anos sem ir no Norte. Voltei ver uns parentes lá também, sempre eu fui. Igual ano passado eu fui, sabe? Só que eu fui de bicicleta também, essa vez que eu fui igual o ano passado.

E aí você se inspirou nesse tio? (JUSTO)

Aí pronto. (CIGANO)

Justo: Você achou que era legal esse jeito de viver?

Cigano: Aham. É o jeito de viver. Aí eu fui lá e comecei a andar no mundo de novo. Entendeu? Depois de um tempo, minha mãe morreu, meu pai morreu. Aí foi morrendo meus parentes. E sabe os únicos que restou? Uma irmã que está agora no Guarujá, um irmão no Pernambuco e só primo e prima, o resto não tem mais nada.

Justo: Aí , como foi morrendo seu pai, sua mãe...

Cigano: Aí, eu continuei no meu rumo. Mas eu sempre trabalhei. Já trabalhei de fazenda, de usina... Que nem mesmo agora, eu estou vindo de Tangará já há uns três mês. Tem o telefone, tem tudo aqui da cerâmica que eu trabalhei lá. Cerâmica Vitória. Comprei minha bicicleta de novo. Eu tinha uma bicicleta Monark. Agora vou lá ver minha irmã. Estou um tempo já sem ver ela.

Justo: Agora você vai lá e pensa em ficar mais um tempo lá?

Cigano: Eu vou ficar mais duas semanas. Duas semanas. Lá no Guarujá lá. Aí pronto.

Justo: Pegar uma praia...

Cigano: Pegar uma praia, Praia de Guaruba, Praia da Enseada, Praia do Pernambuco... Conheço tudo ali, entendeu? E vai que vai. Aí se quiser passa na balsa e vem pra Praia Grande. Canal um, canal dois, três. Se for pra Bertioiga, tem a praia do Pernambuco lá. Bertioiga lá pro lado de Maresias, São Sebastião....

Justo: E por lá você faz os bicos?

Cigano: Faço, faço. Trabalho com água de coco. A minha irmã tem carrinho de coco na praia da enseada. Carinho de coco. É cinco reais o coco gelado lá. Quatro reais é a espiga de milho. Carrinho de coco que fala.

Justo: Depois de lá, você já tem planos para ir pra algum outro lugar ou não?

Cigano: Aí depois, meu destino é se resolver ali por Goiás. Eu vou pro Goiás. Goiás e Minas. Só que eu vou pro outro lado de lá. Eu vou pela Fernando Dias. Vou passar em Atibaia, Bragança. Do outro lado. Vou lá pra Campinas. Eu conheço também lá. Eu vou direto aqui, vou pela Castelo.

Justo: Você tem o mapa do Brasil inteiro na cabeça.

Cigano: Eu não sei ler, hein moço. Não sei ler. É não sei ler. Eu pergunto, me informo, entendeu? Eu conheço vários cantos já e muitos anos de BR já, mas de vezes em quando, se eu não conheço, eu pergunto para os motoristas. “Que rodovia que é essa? Pra onde é que vai?” Aí eu me informo, eu pergunto. Mas tem muitos que andam com mapa. Eu não ando com mapa.

Justo: Ah é? Tem?

Cigano: Tem muitos, tem muitos, vários. Conheci um lá no Maranhão que anda só com mapa só. O rei da mula. É cada nome (risos). Da a volta ao mundo, anda com a bandeira do Brasil bem grandona assim.

Alexandre: E você tem algum apelido?

Cigano: Ah rapaz, meu apelido se chama Cigano. Aqui no Mato Grosso, Goiás e pelo uns punhado de motorista chama “Cigano”. “chega ae, Pernambuco, chega aí! Tudo beleza, tranquilo: Tudo de bom!”

Justo: Mais uma coisa: uma curiosidade. Você não sente falta de uma companhia, de uma mulher?

Cigano: Ah, mas isso aí, vou falar pro senhor. Sempre arruma, viu? Tá fazendo uma comidinha, chega aqui conversar, tem um banco pra sentar. E tá

vendo que tem uns trocadozinho e começa a conversar e aí pronto. Aí tem um trocadozinho e pronto. Aí já resolve.

Justo: E esses encontros acontecem mais como? Aqui?

Cigano: É no posto. No posto. Pode ver que tem muitas delas também.

Justo: Já ouvi dizer que nesse posto circula muitas mulheres por aí.

Cigano: Então, moço. Continua esse negócio.

Justo: Então, isso não é problema. Também se resolve, então

Cigano: Não moço. Nois sempre...elas vem mesmo, conversar, lhe pergunta... E é desse jeito.

Justo: Muito bom. Maravilha que nós encontramos você. Muito legal conhecer pessoas que vivem de um jeito diferente que a gente vive.

Cigano: E não é só eu não. Tem muitos aí. Tem muitos. Eu sempre encontrei muitos. E uns também que...esses que anda de bicicleta igual eu, eles conversa comigo, conversa com outro. Mas esses aí que anda farrozeiro, esses daí tem que ficar alerta. Tanto que se eles chega num ponto que eu estiver, eu não vou dormir naquele canto ali. Eu vou dormir num outro.

Alexandre: Ah, você já se protege mesmo!

Cigano: Opa! Que você... se você marcar, eles te roubam.

Alexandre: Viu trecheiro ali, já vai pra outro lado?

Cigano: Exatamente!

Justo: Dá pra reconhecer fácil, então?

Cigano: Opa! Reconhece! E é só isso mesmo!

Justo: Beleza, hein?

Alexandre: Muito obrigado!

Justo: Muito obrigado!



Confirmamos com esse andarilho a nossa hipótese de porque não haviam muitos trecheiros na estrada que andamos no trabalho de campo anterior. A ausência de postos de combustíveis torna o trecho caminhado muito difícil. O posto é de fato um porto seguro de paradas para andarilhos de estrada.

Diário de campo do dia 06/06, quinta-feira

Numa outra quarta-feira nós fomos fazer trabalho de campo, meu orientador e eu. Ele dirigindo, pois não dirijo. Pretendo tirar minha carta pelo menos em agosto para pode ter mais independência ao fazer minha pesquisa de campo. Com cerca de 40 minutos de viagem, nós encontramos um andarilho de estrada que estava do outro lado da pista. Fizemos um retorno e o encontramos. Cumprimentamos ele e, logo em seguida, aceitou fazer participação de nossa pesquisa. Disse a ele que estávamos interessados em diferentes formas de viver, mas que poucos conhecem é justamente a das pessoas que vivem na estrada.

Luís

Justo: você se considera um trecheiro, um andarilho?

Luís: Um trecheiro.

Alexandre: Posso gravar nossa entrevista?

Luís: Pode.

Alexandre: Qual o seu nome, perdão?

Luís: Luís.

Justo: E Luís, o que é ser um trecheiro? O andarilho e o trecheiro, tem diferença?

Luís: Tem. O andarilho, eu sei que só anda atoa. Agora, o trecheiro acha um servicinho, trabalha e se não der certo, sai de novo, né. Eu saí de casa agora e volta derrubado...agora, tem servicinho aqui e ali.

Justo: O trecheiro, de vez enquanto ele para e tal, trabalha, pega na estrada. Dá uma parada de uma cidade para outra. Agora, o andarilho não.

Luís: O andarilho vai indo assim e às vezes nem para conversar com a gente. Às vezes a gente mesmo para na estrada e encontra um, cumprimenta e ele baixa cabeça e nem cumprimenta.

Alexandre: Ele baixa a cabeça e não está nem aí para conversar?

Luís: Aí você não para também não.

Justo: Os trecheiros já conversam mais?

Luís: Conversa. E aceita carona quando às vezes param assim. Às vezes vai dar alguma coisa para gente e ele fica bravo. Que nem, parei no posto ali e o rapaz parou do outro lado ali e me deu essa blusa....

Justo: Quem que era? Um caminhoneiro?

Luís: Não, era um caminhãozinho...uma caminhonetinha pequena assim. “Rapaz, eu vi que você está ali e eu estou com duas blusas, você aceita uma?” Eu disse que aceito.

Justo: Que coisa interessante não é? Quer dizer que na estrada assim, às vezes acontece de receber uma ajuda e tal?

Luís: É difícil, mas acontece. Acontece.

Justo: E o pessoal dos postos de gasolina? Eles também dão uma ajuda, alguma coisa, comida? Como é que é?

Luís: A maioria dá. E nem esse ali, perguntei se tinha um buraco pra tampar ali, alguma coisa... as vezes dá servicinho pra você fazer, sabe? Aí o rapaz falou “Não, rapaz. Os caras terceirizados fazem isso. Mas vai no restaurante e conversa com o rapaz. Você já tomou um café, meu amigo?” Aí, eles ajudam a gente sim.

Alexandre: Aí você fez o serviço lá para eles?

Luís: Não, não fiz. Porque é terceirizado o serviço. Aí fui lá no restaurante lá e deu as coisas. Mas tem uns que você chega cedo e é só um cafezinho e tem uns que nem dá nada pra gente (risos).

Alexandre: Isso no posto?

Luís: É, no posto.

Alexandre: Mas tem posto que nem aceita você chegar perto?

Luís: Tem uns que você chega assim e você pega uma água e alguma coisa e tem uns que deixa você pousar. Mas tem uns que não. Sabe que que é? Tem uns que passa também e apronta. Fica dois, três dias e só metendo confusão. Aí os caras não deixa. Fica pedindo pros freguês, fica na porta ali e os caras não deixa nem pousar a noite. Eu carrego minha rede, minha cobertinha ali...

Justo: Para dormir, você usa a rede?

Luís: É, que eu ganhei também! (Risos).

Justo: Se tiver um lugarzinho para estender a rede, você põe?

Luís: Aí eu ponho, a menos que esteja chovendo. Mas aí você vai num posto em um canto e você deixa...

Justo: O problema é a chuva, né?

Luís: E aí tem rodovia que você não conhece e não sabe se o posto é perto e vai escurecendo e você fica no meio da estrada. Tem que achar uma árvore, uma rede...

Alexandre: Acontece muito com você, Luís?

Luís: Aconteceu já. Antes de ontem aconteceu (risos).

Alexandre: Antes de ontem? E nesse frioão aí? Como é que faz?

Luís: Tem que tem uma rede e uma coberta boa aí...Mas até semana passada, eu estava sem nada, estava passando frio. Foi ganhado também (risos).

Justo: Se está frio, você não pensou...você não entra em uma cidade atrás de ajuda, na assistência social?

Luís: Que nem eu falo, na assistência social, uns te ajuda. Agora, você fica três mês ali e não consegue nada. Aí fala que vai dar passagem para você e dá para uma cidadezinha próxima de poucos quilômetros só pra você sair da cidade e não ficar ali. Tem gente boa, mas esse negócio da assistência social é meio complicado. Já tá humilhado, chega ali... Que nem esse pessoal da CART, estava chovendo e me levaram lá. Aí eu falei “ou rapaz, você me tem uma roupa pra por ou não?” Aí disseram que ali era pousar e ir embora.

Alexandre: Onde você pousou? O pessoal da CART tinha um espaço?

Luís: Não. Eles levam a gente na assistência social. Eles pegam e te levam na assistência social. Estava chovendo e vamo leva lá né? Tava perto da cidade também, né? Saindo de Prudente. Aí tem onde eles podem levar também. Aí pousei lá também. Não tinha roupa, não tinha comida de noite, só era pra pousar. Aí tomei um café, uma bolacha ali pra comer...

Alexandre: Nesse caso, o que você acha da concessionária? Ela te ajudou?

Luís: Ajuda. Que nem, você para aí e se tiver passando mal, tem esse telefone aí. Ou se precisar de uma água, eles carrega e te ajudam.

Justo: Mas assim, comida e agasalho eles não têm não?

Luís: Não, não. Na CART eles não tem interesse. Eles trabalham ali e antes de sair de casa só faz um café ali...

Justo: É da vontade do funcionário mesmo, né?

Luís: Isso é verdade.

Justo: E esse dia que estava chovendo, por exemplo, se você está na estrada mesmo e começa a chover, como é que você faz?

Luís: ah, eu tenho um plástico aqui que eu carrego. Aí você tem que cobrir. Aí eu faço assim, carrego uma muda de roupa aqui. Uma bermuda e uma camiseta. Se não der, você ser molha todo. (áudios inaudíveis pelo vento). Aí você vai e se molha e vai. Não tem como ficar parado.

Justo: E cuidar da roupa, tem algum lugar...Você chega a lavar roupa ou não?

Luís: Não, tem que lavar, se não, não dá não. Que nem, eu uso mais essas bermudas que é fácil secar. Aí, eu carrego um sabão, você passa no rio...e você fica metade do dia parado ali pra secar.

Justo: Você lava mais no rio?

Luís: Mais no rio. No posto tem uns caras que é meio enjoado... Tem uns que tem, tem uns que tem. Mas lavo mais no rio, tem lugar que olham meio estranho pra você.

Justo: Escuta, quanto tempo faz que você está no trecho?

Luís: Não fico direto, fico pra lá, eu trabalho um pouquinho. Mas fazem 20 anos.

Justo: Que idade que você tem mesmo?

Luís: 53.

Justo: E como é que foi? Aconteceu alguma coisa na sua vida para você cair no trecho? Antes de cair no trecho, você trabalhava, tinha filho também ou não?

Luís: Eu tava assim, eu separei...Eu trabalhava...Eu tenho uma menina de 21 anos. Eu casei e não deu certo.

Justo: Você trabalhava do que?

Luís: Primeiro eu trabalhava em loja. Eu saí e comecei a trabalhar com uns parentes meus, mas não deu certo com os parentes meus. Aí não deu certo com os parentes meu e daí voltei pra loja de novo e daí virei borracheiro. (Risos). Aí você trabalha num canto, borracheiro não registra, eles pagam por comissão, né? É 50%, outros pagam 40. Trabalha num cantinho. Também não tá muito bom, cê não tá ganhando nada, aí você tem que procurar outro. Que nem eu falei, voltar pra casa eu não volto, de jeito nenhum. Aí, você vai indo. Mais longe, mais longe. E aí você fica com vergonha de voltar e vai acostumando...

Justo: Foi aos poucos então?

Luís: Foi aos poucos. Separei, voltei pra casa da minha mãe. Tem um irmão lá. Aí chego lá e falaram pra mim “você voltou pra casa escondido?” Aí foi um tapa na minha cara. O dinheirinho que eu ganhava nem dava pra me manter. Aí deu um ano e deu certinho, em vez de eu voltar, eu fui embora. Aí depois você não volta mais, aí cabou.

Justo: Onde que era? Quando você se separou, você morava onde?

Luís: Em Assis.

Alexandre: Ah! Você é de Assis!

Luís: Quando eu passo lá também, eu só passo...nem vou ver o pessoal, só fico sabendo da minha menina só mais ou menos...

Justo: Você visita ela, sim ou não?

Luís: Não, não. Só fico sabendo como é que está, né?

Justo: Só pergunta como é que está?

Luís: É o que eles falam, né. Com a família não deixa ver, quando você está bem, já viu, né?

Justo: Sua família também, você não soube nada deles te quererem, te procurarem?

Luís: Eu não sei. Também não quero nem saber. É o que eu falo, né? Minha mãe estava bem de idade já né. Então, meu irmão, nós dois não se pinta. Então...(Algumas falas ruídas por causa do vento, mas ele está falando algo sobre não voltar mais para a casa da família). Depois de 20 anos e voltar pedindo ajuda aí também.

Justo: Como que você avalia a sua vida? Você acha que hoje você vive melhor, pior?

Luís: Pior.

Justo: Ou tem umas coisas que é melhor e outras que é pior?

Luís: Tem dia que é bom, mas é mais pior. Se eu estou indo aqui ó, não sei se eu vou encontrar uma coisa, se eu vou almoçar hoje, se eu não vou. Se eu chegar no posto ali, se você passa mal...Você não sabe se vai para frente.

Justo: Não sabe se vai encontrar um professor... (Risos).

Alexandre: (Risos).

Luís: (Risos).

(Áudios inaudíveis, mas é sobre ele ser ajudado sempre que possível)

Justo: De maneira geral, hoje a vida está mais difícil para você?

Luís: Mas é como eu falo, sem lugar para trabalhar e sem lugar para ficar é ruim.

Justo: Mas vamos pensar assim, vamos pensar assim. Qual que é a coisa boa, as mais difíceis e as coisas ruins do trecho? O que você diz que é o lado bom?

Luís: Bom não tem não. Se falar que tem, está mentindo.

Justo: Só tem coisa difícil?

Luís: Tem dia que é melhorzinho um pouquinho e tem dia não. Se você está trabalhando, tem um cantinho, chega de tarde, você tem alguém para conversar, você vai comer, tem um lugarzinho para você ficar. E isso vai estar no mesmo lugar. Não é que nem eu, pousei no posto. Mas você está em um servicinho, num lugar para você ficar, para ter coisas para fazer...

Justo: Você disse que se está em um lugar e tem gente para conversar e tal...Você sente muita falta de pessoas para conversar? Como é que é no trecho?

Luís: A gente fica cinco dias sem conversar com ninguém. Você passa pegar água, você cumprimenta no posto e só. Na estrada você passa e não tem ninguém. Aí a cabeça vai indo e você vai remoendo aquelas coisas todas ruins. Se não tiver Deus no coração, vou falar para você, não é fácil não.

Justo: Quando você está andando mesmo, você vai pensando nas coisas ou não?

Luís: Eu evito de pensar um pouquinho, se não você fica pior. Eu evito pensar um pouquinho, tento pensar em coisa boa e vai indo.

Justo: E esse negócio de ficar pensando na vida, pensando nas coisas é mais quando você está andando ou quando você para a noite?

Luís: Mais parado, mais parado. E mesmo assim você distrai, vai um, cumprimenta você. Você vê uma coisa diferente assim. Você arma uma redinha, você deita.

Justo: E você toma uma cachacinha também?

Luís: Ah, de tardinha quando eu paro, tem que tomar uma.

Justo: Mas a hora que você para?

Luís: Na hora que eu paro. Andando assim não. É perigoso.

Justo: E como você faz para conseguir cachaça?

Luís: Nois não tem condição de comprar? (Risos). Tem lugar que é barato. Que nem em Palmital, que é uns 2 reais o corotinho. Tem lugar que você vai pagar cinco reais no corotinho.

Justo: Ali é Palmital é famosa! A cachaça de Palmital é famosa.

Luís: É por causa do alambique que tem por aqui, né? Mas se for comprar ela pra fora é quase cinco real.

Justo: Mas andando na estrada, você não bebe ou evita beber?

Luís: Não.

Justo: Falando nisso. O que que é mais perigoso na estrada? O que você acha que é mais perigoso?

Luís: Isso é fato, eu ando aqui, o senhor viu que eu estava andando só na contramão aqui. Esses motoristas estão dirigindo e estão só no celular aqui, ó. Se jogar um pouco pro lado de cá, o caminhão vem comendo fácil. Aí, se você está aqui, você tem que correr. Um outro perigo é de um pneu desses estourar.

Alexandre: Já aconteceu de um pneu estourar?

Luís: De pegar em mim assim não. Mas depois do caminhão passar de mim assim, depois de passar você vê o barulho de pneu assim. E não pegar assim, graças a Deus. Ou um pedaço de ferro assim. Um paralama... se pegar na gente, na perna...

Justo: E assim, de pessoas ou outros trecheiros? Aí não tem nenhum perigo?

Luís: Às vezes você vê uns trecheiros andando meio assim... tem uns com uns pedaço de pau falando sozinho (risos)... Aí tem que pular pro outro lado, se não (risos). Ou então vem esses carros final de semana que a molecada tá bebendo e passa buzinando... aí tem que... Ou que nem nois, tem que dormir no posto meio acordado, num lugarzinho meio escondido. Porque o cara vem querer fazer maldade com a gente também...

Justo: Até em posto precisa tomar cuidado?

Luís: Tem gente má também. Mas tem gente boa que ajuda você.

Justo: E outros trecheiros? Também que tentam pegar suas coisas ou um do outro?

Luís: Não, eu falo que eu evito ficar assim. Eu passo, converso e já saio fora, né? Tem assim, como eu já vi, que nem no posto lá, começa a tomar umas em dois, três e começa a brigar em três. Aí já dá confusão. Aí um leva a mochila um do outro, leva a bicicleta, os pertences (risos). Eu já fico longo. Cumprimento e já saio fora.

Alexandre: Você disse que se tiver trecheiro você fica mais distante. E no caso se for uma mulher? Tem mulheres por ali, tem mulher no trecho? Como que é?

Luís: Não, no trecho não tem não. Tem assim, tem mulher que fica em posto. Tem mulher de programa. Você tem que evitar porque sempre uns marido ali. Sempre tem, sempre tem.

(áudio com muito ruído, mas ele conta algo sobre que uma confusão que pode ocorrer que se alguém fizer algo de errado, ser confundido e sobrar para ele).

Justo: **É o que acontece é isso então? Tem uns comparsa e tal. Tem todo um conhecimento da estrada para poder lidar com a situação. Polícia enche o saco?**

Luís: Aquela de carro baixo não, mas quando passa com a blazer, aí eles param. Sabe? Aquelas blazers da rodoviária? Eles param devagarzinho assim. Que nem vê eu mais de idade assim, sabe? Eles já pararam, já revistaram eu, mas geralmente não para não. Eles passam bem devagarzinho assim. Agora, se for molecada mais nova, eles param e revistam. Aquela outra de carro baixo até ajuda a gente. Vai na base pedir café e tal. Já ganhei até lanche deles e tal. Agora, se for aquela blazer, aí eles param. Pessoal mais velho assim não para. Mas se tiver em dois eles param. Pedi documento, puxa aqui. Agora, se tiver sozinho, eles passam bem devagarzinho, olham bem para você e vai embora.

Justo: **A rodoviária, você fala?**

Luís: A rodoviária. Tem tipo aquela Toyota fechada? Então, eles andam em quatro. É da rodoviária. Cada base tem uma daquelas. Eles passam direto. Aquela lá é mais negócio de roubo. Se eles pararem ao lado do caminhão e acharem coisa suspeita, eles param. Agora, se ver trecheiro em dois ou três, ah, pode esperar que eles param. (Risos).

Alexandre: **Tem muita gente andando em dois ou três ou não?**

Luís: Nessa aqui ainda não vi não. Mas pro lado de Minas que eu estava vindo, lá tem.

Justo: **Nesses 20 anos, por onde você já andou que você se lembra?**

Luís: Que eu me lembre? Rapaz, aqui no estado de São Paulo, Minas e o Paraná. Os três estados.

Alexandre: **Você vai e volta?**

Luís: Eu vou até ali, aí não dá certo, aí você volta pra frente de novo. Volta pra trás de novo. Tem muito lugar que o pessoal conhece eu.

Justo: **E os bicos que você arruma é mais em borracharia?**

Luís: É mais em borracharia.

Alexandre: Você já foi borracheiro.

Luís: A gente gosta de mexer também porque a gente gosta, né? Porque borracharia é o seguinte: Você trabalha em uma chácara aí, você vai trabalhar o mês inteiro. Chega no dia de pagar e já viu. O cara me deu calote de quinze dias de serviço. Com borracharia já levei também, mas borracharia é comissão. Vamos por, se você combinar com o cara, trabalhou hoje, chegou de tarde e reparte, o seu tá aqui e o do patrão está aí. Aí, o dia que você quiser ir embora, você leva o teu. Tem uns que marcam em um caderno, mas borracharia é porcentagem. Chegou no dia ou final de semana, já acerta.

Justo: E aí, normalmente você já dorme, já fica na borracharia também?

Luís: Você combina assim com eles. Tem uns que te pagam 50% e tem comida que não tá pronta, né. Ou tem fogão e prepara lá. Ou se não, eles pagam uns 40% e te dá comida. Pra gente é melhor você pegar 40% e pegar comida. Porque vai que tem um dia que não dá serviço? E outra, tem que ir no mercado, comprar as coisas. Tem borracharia que dá 30%, 40%...

Justo: E tem alguma dessas borracharias que você já ficou mais tempo?

Luís: Tem uma que eu fiquei um ano.

Alexandre: Enquanto você estava no trecho? Parou no trecho?

Justo: Onde que era?

Luís: Eu parei. Lá em Carmo da Cachoeira. Carmo da Cachoeira.

Alexandre: Em Minas?

Luís: É. Perto de Perdões, (cidade que eu não entendi por conta do vento), Três Corações. Era de um cara que tinha um ferro velho, sabe? Aí ele alugou a borracharia para o irmão dele. Aí eu falei “Seu irmão não sabe nem o que é pneu” (áudio com muito ruído sobre ele ter recebido muito pouco depois que trocou de dono e ter saído do emprego). Essa eu fiquei um ano.

Justo: Mas se não fosse isso (de mudar de direção), você teria ficado?

Luís: Teria ficado. Lá estava bom, era uma borracharia que tinha 40%. Tinha mais caminhão. Era bonzinho. O irmão dele chegou lá, veio de São Paulo, já cresceu o “zoio”....

Alexandre: Você sabe para onde está indo agora?

Luís: Eu vou descer para o Mato Grosso aí.

Alexandre: Você disse que só ia para o Paraná, para Minas e São Paulo. É a primeira vez que vai para o Mato Grosso ou não?

Luís: É a primeira vez. Vou ali em Macaraí e desço. Vou no posto Estrela Dalva lá.

Justo: Então, a coisa mais do perigo é mais a coisa do acidente de caminhão?

Luís: Ou você passar mal da pista assim.

Alexandre: Isso também é o seu maior medo na estrada ou não?

Luís: É. A doença.

Justo: Tem outro tipo de medo? Tem alguma coisa que te deixa com medo?

Luís: Não.

Justo: Não é que nem viver na cidade. Você acha que...

Neste momento, um caminhão passou buzinando.

Luís: Cidade pequena não. Cidade grande que é perigoso.

Justo: Mas na estrada então é tranquilo não tem esses perigos de... o problema mesmo é só esse de caminhão?

Luís: É. Deixa eu caminhar que se não chega! (Risos).

Nós nos despedimos de Luís e Justo quis tirar uma foto com ele de recordação. Ele seguiu viagem.

Murilo

Cerca de 20 minutos após termos encontrado o Luís, avistamos outro andarilho de estrada e fomos até ele para conversar. Aparentava ser muito jovem, talvez com um pouco mais de 20 anos.

Justo: Como que é seu nome, afinal?

Murilo: Murilo.

Justo: Murilo. Meu nome é Zé. José. E ele é Alexandre. Quantos anos você tem, Murilo?

Murilo: 22 anos.

Justo: E quanto tempo você está vivendo na estrada?

Murilo: Cinco dias...

Justo: Ahn?

Murilo: Cinco dias.

Justo: O que aconteceu para você ir para a estrada?

Murilo: Peguei o coletivo errado.

Justo: Pegou o coletivo errado? Você estava indo para onde?

Murilo: ...

Justo: Mas de que cidade você saiu por último do coletivo errado?

Murilo: (Áudio inaudível)

Murilo não falava muito. Apesar de ter aceitado a gravação e nossa entrevista, ficava um pouco quieto com as perguntas ou simplesmente não quis falar.

Justo: E você está indo para onde?

Murilo: Estou indo para lá na cidade...

Justo: Você dormiu onde?

Murilo: Eu dormi naquele posto ali.

Justo: E como você está fazendo para comer?

Murilo: Estou sem comer até agora.

Justo: Desde quando você está sem comer?

Murilo: Desde 48 horas.

Justo: O que você pretende fazer na próxima cidade? Você vai para algum lugar ou pretende continuar caminhando?

Murilo: Sorveteria.

Justo: E você acha perigoso andar na estrada?

Murilo: Não...

Alexandre: Tem alguma coisa que você teme de andar na estrada?

Murilo: bicicleta...

Alexandre: Por que bicicleta?

Murilo: (fala extremamente baixa...)

Justo: O que você leva na mochila?

Neste momento, Murilo abriu a mochila e foi mostrando tudo o que tem.

Justo: Roupa, cobertor.. Frio, né? Tennis, chinelo... Água você não leva?

Justo: Não precisa levar uma aguinha?

Murilo: Precisa...

Justo: E você está levando água? Uma cachacinha também?

Murilo: Uhum.

Justo: Mesmo quando você está andando na estrada?

Murilo: Uhum

Justo: Então tá, ó. A gente agradece você ter conversado com a gente e desejamos uma boa sobre para você aí na estrada....

Diário de campo do dia 13/06, quinta-feira

Justo havia me buscado na Unesp nesse dia. Eu fui convidado a dar uma aula sobre etnografia para a turma do segundo ano de graduação do curso de psicologia. Após a aula, uma discente chamada Akemi estava curiosa sobre a questão da pesquisa, então a convidei a ir conosco. Ficou entusiasmada. Encontramos um andarilho de estrada e o Justo pediu para irmos apenas eu e a Akemi. O andarilho de nome Alberto concordou em conversar conosco e começamos a entrevista.

Alexandre: Então, nós estamos entrevistando as pessoas que andam pelas estradas. E você está andando há quanto tempo mais ou menos?

Alberto: Uns 15 anos na frente. Parando um pouquinho.

Alexandre: Já está há 15 anos andando?

Alberto: Aham. Parando um pouquinho. Fiquei uns 20 dias em Rancharia antes de voltar a andar, né. Tenho família lá, né. Ah, tem a minha irmã lá em São Miguel.

Alexandre: Ah é? São Miguel Paulista?

Alberto: É, São Miguel Paulista.

Alexandre: Ah, que legal!

Alberto: Uhum. E a gente vai levando, né?

Alexandre: Eu sou de São Miguel Paulista! Ali do Jr. Helena!

Alberto: Ali, né? Vila Mara, Jr. Helena, ali. Oliveira Freire, ali?

Alexandre: Hequel? Sabe? Uma escola ali. Eu morava no Jr. Helena. Perto dessa escola. Você atravessa uma ponte e já está em Guarulhos, lá nos Pimentas.

Alberto: Uhum...

Alexandre: Você conhece os Pimentas também?

Alberto: Não. Eu tive lá era final de ano que ela me chamou para passar o natal com ela. Fiquei uns 30 dias lá, né. Ali na Oliveira Freire, Rotativa ali. Fica bem na saída pro Rio de Janeiro pra lá. Fica na Dutra. É mais ou menos

isso aí. Mas eu fiquei um tempo longe, né. Eu era de Santos. Perdi muita coisa para lá...

Alexandre: Você era de Santos e quinze anos atrás você decidiu andar?

Alberto: Eu tinha uma casinha, vendi a casa, algumas coisas, perdi meus pais, minha irmã queria ir para um outro lado, né. E aí, a gente decidiu vender essa casa para separar o dinheiro e a gente decidiu andar para frente.

Alexandre: E esse é o motivo pelo qual você anda nas estradas?

Alberto: Caiu um pouquinho, né? Depois que meus pais ir pra frente, eu era muito garoto ainda e eu cai um pouquinho.

Alexandre: Está há quinze anos no trecho aí. Você anda só a pé, Alberto?

Alberto: Mais ou menos. Eu poderia ter uma bicicletinha, né? Eles me liberaram o fundo de garantia, o PIS. Eu poderia ter uma bicicletinha, mas estou devagar, guardei um pouco de dinheiro. Estou ainda precisando de amadurecer um pouquinho.

Alexandre: Você está pensando em parar de andar no trecho?

Alberto: Uhum, também isso aí, né.

Alexandre: E onde você pararia para...para onde você iria?

Alberto: Por enquanto, eu paro aqui em Rancharia. Mas eu posso parar em Pompéia ou outra cidadezinha.

Alexandre: E você encontra muitas pessoas assim como você, que vivem no trecho?

Alberto: Sim, geralmente. Eu encontrei um rapazinho em situação pior, no posto aqui de cima, onde eu acordei hoje. Ele também estava indo para Marília, numa situação muito pior do que a da gente, mas...

Alexandre: Ali no posto, você fala? Tem muita gente que dorme lá também? Você encontra um pessoal lá?

Alberto: Tem, tem. O pessoal encosta muito ali. Cidade de divisa, né? Divisa de São Paulo, Paraná. Aí o pessoal encosta por ali.

Alexandre: Geralmente você costuma dormir só nos postos de gasolina?

Alberto: É, um pouquinho, né? A gente não gosta de ficar muito afastado assim, né? Principalmente agora que está frio, né.

Alexandre: E agora que está frio, às vezes acontece de você dormir no mato?

Alberto: Sempre procura um lugar fechado, uma sombra, ponte.

Alexandre: Para você, essa questão da proteção, por exemplo, é mais protegido você dormir no posto de gasolina, é melhor?

Alberto: É melhor porque você acorda, você pode tomar banho, alimentação, tem abrigo para você ficar. Isso ajuda bem, né? É só isso aí.

Alexandre: Uma das coisas que gente fica pensando é que agora a gente está muito interessado em saber também quais são os perigos da estrada. Quais são os perigos da estrada?

Alberto: Existe perigo, eu, mas graças a Deus, né...Deus sempre ao meu lado nunca aconteceu nada. Geralmente uma roda abre, cai alguma coisa do caminhão, essas coisas assim.

Alexandre: Então, é por isso que você anda na contramão? Você vê o caminhão com algum problema?

Alberto: Não, é que a gente está acostumado a anda por um lado. Este lado aqui é sombra, né? Você vê que vai pegando sombra aqui até o posto ali. Agora, pra cá, sai de lá e só vai pegando sol. Já acorda com o sol para lá.

Alexandre: Então, não faz diferença estar andando na contramão dos carros ou não para você?

Alberto: Não, não. Geralmente não. O problema é acostamento. Você está no acostamento e você está vendo. Geralmente, você olha de frente o que vem, atrás você não olha, né. Você vem de costa, você não olha pra trás. O caminhão vem , como que está pensando, né?

Alexandre: Isso é uma questão interessante. Você fala que o que pode acontecer é sair uma roda, sair um ferro...

Alberto: Não, não. Abrir um ferro. É muito comum uma roda abrir ou estourar uma roda, né. Solta as costas, solta toda aquela sujeira da frente. Isso é coisa muito rara, né. Por isso andar de dia, no claro é sempre bom, é melhor.

Alexandre: O que é mais perigoso na estrada assim?

Alberto: Quando você está de bicicleta tem que saber andar. Encostar no lugar certo. Saber a hora pra parar, descansar. Isso tudo ajuda, não é?

Alexandre: Você vê muito acidente com pessoas que são andarilhos na estrada?

Alberto: Não, não. Você vê na rodovia carro, caminhão. Esse pessoal da faixa, eles não se acidentam. É muito difícil. Às vezes fica doente, né. Você cai com

uma vida pro chão, família, essas coisas. Mas acidente é só na rodovia mesmo. Difícil, né.

Alexandre: No posto de gasolina, o pessoal trata bem lá? Vocês se juntam ali? Tem um pessoal, uns trecheiros ali? O pessoal se dá bem? Como é que é?

Alberto: Sempre tem. Posto tem água gelada. Isso ajuda. Cafezinho, também ajuda. Uma refeição... Muito melhor quando você acorda de manhã já toma um café ou toma um banho quando dá, né. É seguro, é aqui perto, né.

Alexandre: Você falou que está há quinze anos andando. Para onde você já foi?

Alberto: Já fui para o Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina.

Alexandre: Lá faz frio, né?

Alberto: Faz. Andava bem em Santa Catarina, lá para aqueles lados lá. Campo Grande. Vitória do Espírito Santo, Salvador.

Alexandre: Tudo a pé?

Alberto: Não, peguei uma caroninha.

Alexandre: Pegando uma carona ou outra. De vez em quando você pega umas caronas?

Alberto: Pego, pego. Eu estava vindo lá de Venceslau e peguei uma caroninha boa, uma boa ajuda, né.

Alexandre: De Venceslau, você estava voltando da ponte?

Alberto: Eu estava voltando pra cá.

Alexandre: E você atravessa a ponte pra lá? (Confundi Presidente Venceslau com Presidente Epitácio).

Alberto: Não, eu conheço já. Você vai pegar para Ponta Grossa, Curitiba. Tem muito frio pra lá.

Alexandre: O que você sente mais falta nessa vida do trecho?

Alberto: Eu até me acostumei com a vida. Eu deixei muita coisa de lado, né. Acostumei e fui levando. Não dei por conta, né? Comecei a contar há um tempo atrás. É complicado, né? A gente vai levando.

Alexandre: Você falou assim que começou a acordar?

Alberto: Você saiu como uma Lua, uma estrela andando pela vida, né? Viajando por uma cidade ou outra. Um município, uma cidade, um lugarzinho,

conhecendo aqui e ali. E assim a vida vai levando. Quando eu fui acordar assim já era tarde. Já estava acostumado com a vida, né?

Alexandre: Mas tem coisas boas? Quais são as vantagens de ter uma vida...

Alberto: É você estar sempre em paz com você mesmo, né. Não se preocupar com a família, com essas coisas. Isso ajuda um pouco. É que você não perde. Não ganha, não perde. Acredito que é uma explicação. Sempre em paz com você mesmo. Longe de criar atrito com família e tudo mais, não é? Ajuda, não é?

Alexandre: Nesses quinze anos, você tem uma rotina? Você para todo dia um pouquinho? Quanto tempo você anda? Você sabe mais ou menos?

Alberto: De 30 à 40km. Tanto feriado, de sábado, de domingo...A não ser quando chove.

Alexandre: Você para no final do dia? Como que faz?

Alberto: Eu paro agora aqui, descanso umas duas ou três horas e vai puxando e vai, de 5, 10 km até Rio Pardo.

Alexandre: Então seu objetivo é ir até Rio Pardo agora?

Alberto: É, vou ficar lá. Amanhã vou acordar lá, tomar banho lá. Aquele posto lá é bom. Tem uma sala para você ver Tv. Pega água café, fica à vontade, ganha a refeição...Aquele posto ali que tem um trenzinho ali.

Alexandre: Ah sei! Estação café! Então, o pessoal é bacana lá? Sério?

Alberto: Eles são bons. Até o Paloma também.

Alexandre: Aí tem uma galera lá?

Alberto: É caminhoneiro que para lá.

Alexandre: Então, você está indo até lá.

Alberto: Vou lá descansar.

Alexandre: E você bebe alguma coisa quando você está parado ou um cigarro?

Alberto: Não fumo cigarro não.

Alexandre: E também não bebe?

Alberto: Uma bebidinha ou outra bebo sim. Isso ajuda um pouco, né? Você combate o estresse.

Alexandre: Muito obrigado!

Depois de desligar o gravador, agradecemos e fomos embora.

Diário de Campo – 26/06/2019

Neste dia fomos até a CART para fazer uma reunião e aproveitamos para sair mais cedo na procura de algum andarilho pelo caminho. Vimos muitos andarilhos de estrada enquanto estávamos viajando, mas só tivemos tempo de entrevistar somente um, o primeiro que avistamos. Ari estava comendo um pão em baixo de uma ponte se protegendo com uma coberta. Ele aceitou participar da pesquisa, mas relutou um pouco porque queria saber se iríamos colocar sua imagem na internet.

Ari: vai colocar na internet isso daí?

Justo: Só a voz pode ou não?

Ari: Pode, pode.

Alexandre: Mas é só um relatório interno mesmo.

Justo: A gente quer saber seu nome só para a gente poder...O meu é Justo.

Alexandre: Eu sou o Alexandre.

Ari: O meu é Ari. Eu falo assim porque eu sou dado como desaparecido. Depois que minha esposa morreu, eu sou de Campinas...

Justo: Você era casado, tinha filhos?

Ari: Era casado... trabalhava em empresa boa, empresa boa.

Justo: Trabalhava no que?

Ari: Eu era operador de máquina. Mas tinha, tinha...era técnico de mecânica. Eu trabalhei na Mercedes Bens de Campinas, Trabalhei na 3M, na Bosch. Só empresa boa, hein?

Justo: E isso que época que foi? Que ano que foi isso mais ou menos?

Ari: Ah...faz uns 5, 5...6 anos que ela morreu. Aí ela ficou doente na época que eu estava na Bosch. Eu tinha três carros, três terrenos e uma casa grande. Aí, ela ficou doente e eu sabia? E leva tenta fazer é... A Bosch tinha um convênio da UNIMED, né? Mas mesmo assim não consegui. Aí, eu vendi os três carros, vendi os três terrenos, colocaram na fila de transplante...E os empréstimos monstro do banco...Ou trabalhava na Bosch, eu tinha na época oito anos de Bosch, Ah, o banco liberava na hora...

Justo: Quantos anos que ela ficou lidando com a doença?

Ari: Ficou 5 anos. Ó, quando ela pegou a doença, ela pesava nada, nada uns 60 quilos. Quando ela faleceu, eu carregava ela no braço. Eu tive que fazer a limpeza higiênica dela. Aí, eu lá em Campinas, passei lá o natal e aí meus filhos, meus netos, falaram: “Ô pai fica, aqui. ” ...

Justo: Ela morreu...foi isso? Você...

Ari: Foi...É porque o dinheiro que eu peguei na rescisão, o que eu fiz, paguei o banco, lógico, tem que pagar o banco. Sobrou um dinheirinho, a casa que eu tenho lá em Campinas é grande. Aí meu filho mais velho casou... foi o seguinte o dinheiro que eu tenho... dividi a casa no meio "aí você mora de um lado com a sua esposa e o meu rapaz e a outra menina mora em outro canto." Eu fiz assim. Aí eu fui morar com meu irmão. Que era meu irmão... Por que era? Porque era porque que era viciado em crack e mataram ele (solução de choro). Eu fui morar com ele e não tinha jeito não, não tinha jeito não...Viciado em crack, nossa. Para você ter ideia a casa não tinha nem água. Abandonada. Aí eu pensei eu vou partir mas volta e meia...

Justo: Como foi que você decidiu em cair na estrada aí?

Ari: Porque é o seguinte: Quando eu volto para minha casa, a minha casa não, a casa do meus filhos, né? Eu fico lembrando o que eu sofri sabe? Então dá uma agonia, dá até uma depressão sabe? Aí eu falei "ah não..." Daí eu acho um servicinho aqui, um servicinho ali. Quando eu arrumo um dinheiro bom... eu tava em Avaré. Lá trabalhei um ano, trabalhei um ano lá. Em Avaré em um ferro velho. Eu trabalhei um ano lá. O dinheiro que eu recebia, eu mandava para o meu neto, para meu neto. Eu tenho o número da conta dele, né. Depositava na caixa, na lotérica. Mandava para ele meu filho mais velho ele está desempregado e é segurança e eu falo para você...

Justo: E por que você saiu lá do emprego de Avaré?

Ari: Não, porque acabou!

Justo: Ah, acabou?

Ari: Acabou. Lá em Avaré o serviço é assim: Eles te dá o carrinho e (você) anda com ele. Carrinho quebrou, conserta. Aí, vai, vai, vai, e tem uma hora que o carrinho não conserta mais. E outra Avaré é uma cidade perigosa. Cidade perigosa. Lá você não pode dormir assim igual eu tô deitado aqui. Lá é perigoso.

Justo: Por falar nisso, qual que é o maior perigo? Perigo assim de andar na estrada. O que você tem mais medo?

Ari: Pardal.

Alexandre: Ah é? O que você tem mais medo são os pardais?

Ari: Não, não, é. Não é passarinho não.

Alexandre: A gente entendeu (risos). A gente conhece pardal. Ele faz ali, ele te rouba. Vem atrás de fio, de roupa, dinheiro.

Justo: O pardal ataca mais assim onde? Posto de gasolina, na estrada mesmo?

Ari: Não, eu aprendi que dormir embaixo de passarela não pode.

Justo: ah não? Por quê?

Ari: Porque ele sabe onde você está dentro. Na cidade também não dá para dormir não. Não. Ou eu durmo no meio do mato ou em posto de gasolina. Posto de gasolina ou no meio do mato é mais seguro. Eu estava em Atibaia, Atibaia. Estava chovendo, chovendo, chovendo, chovendo, chovendo, chovendo. Achei um ponto de ônibus e falei “vou ficar um pouquinho mais aqui. “ Fiquei no ponto de ônibus. Veio um cara com cabo de aço e me laçou o pescoço. Aí fui me debatendo e ele largou de mim. Ele é meio louco. Aí eu saí assim, achei um posto de gasolina perto de um segurança. “Não, pode deitar ali. Deita ali, rapaz. ” Dormir na cidade não presta. Passarela não presta. Pontilhão menos ainda. Bom é aquela ponte que tem uma ruela assim sabe? Aí você deita ali e ninguém te acha.

Alexandre: Fica mais escondido assim né?

Justo: E em posto de gasolina? A maioria dos postos de gasolina deixa dormir e tal?

Ari: A maioria não, a maioria não. Tá acabando. A rede Graal memo não deixa.

Justo: Eu ouvi falar que a Frango Assado também não deixa, você conhece essa?

Ari: Também não. Frango Assado também não deixa. O Binzugão também não deixa...

Justo: Por falar nisso, por onde você já andou? Você falou que já passou por Avaré.

Ari: Quando eu comecei a andar, eu peguei Anhanguera direto de São Paulo e fui até... não sei se você sabe Anhanguera acaba ali no Rio Grande na BR 50, na BR, na BR. Aí você passa Minas, Uberaba, Uberlândia sobe Araguari e sai lá em Goiás. Depois tem Cristalina. De Cristalina, eu falei "Ah não vou anda tudo isso não." Eu vou fazer o quê? "Rapaz, de Cristalina até Paracatu é 110 km." "Então eu vou embora. " "Mas lá não tem nada rapaz. " Foi três dias sem comer nada nada mesmo ainda bem que a rodovia reta. Ela faz muita curva, mas é reta.

Justo: Até água era difícil?

Ari: Não. Não tinha água. Aí eu andei até Catalão. De Catalão, eu caí em Campo Largo... Campo Largo? Ixe não vou lembrar... Só lembro que eu saí em Passos de Minas. Aí, andando, andando, andando, andando, andando, andando, andando, eu voltei para São Paulo. Rapaz, mas eu sofri, hein?

Justo: Mas então assim, na estrada, o que é mais perigoso mesmo são os pardal?

Ari: São os pardal, os pardal. Ah!...

Alexandre: Fora isso, o que mais tem, assim, um perigo? Risco...

Ari: Ah, Ah! Eu estava lá em Frutal, Frutal. Na minha, né? Dormindo no meio do mato. aí de repente veio me cheirando um lobo-guará! É, um lobo.

Justo: Nossa, um lobo-guará!

Alexandre: Um lobo-guará!

Ari: Meu chinelo é 43/44. Esse aqui é 39/40. Eu tô com uma dor no pé rapaz... Olha eu não consigo andar com esse chinelo aqui. Andando por aí é 39/40.

Justo: Onde você consegue as coisas? Que nem agora, precisa arranjar um chinelo...

Ari: Eu vou achando assim, sabe? Quando eu acho, eu junto uma correia... Só que agora ficou difícil. Tá vendo? olha a situação do meu chinelo. E meu pé incha. Não dá.

Justo: E a comida? Onde é que você consegue? Esse pãozinho, esse lanche que você tá comendo, você conseguiu onde?

Ari: A moça da rodovia lá que deu. Da rodovia.

Justo: É? O pessoal da rodovia ajuda assim?

Ari: Ajuda, ajuda.

Justo: Olha que bom!

Ari: Eles dão água, dá café, dá pão. É, o problema é meu chinelo.

Justo: **Rodovia onde? Aquela que está o pedágio?**

Ari: No usuário

Justo: Ah, lá no usuário, sei. Atendimento ao usuário.

Alexandre: Ah atendimento usuário.

Justo: **Olha só. E no dia à dia, o que você leva? Leva uma água, as cobertas, uma cachacinha também?**

Ari: Não, não, não, não, cachaça não.

Alexandre: **E você fuma um cigarrinho?**

Ari: Fumar, eu fumo. No posto, um caminhoneiro... quase briguei com ele. Só não briguei porque eu ia perder a razão. Ele parou tomar uma cerveja dele, fez um carrinho do meu lado, chegou perto de mim e perguntou: "você tem uma rocha aí? " "Rocha? " "O que é? " "Pedra, crack. " "Não. Não, tem não. " O cara pensa que eu usava crack. Não, não. Não, uso não. Não, não. Não uso, não. Que isso? Olhou... deu uma raiva, né? Eu vou falar para você... Eu vou te falar de Cristo, né? Eu vim ao mundo... Tem muita gente que está no trecho e usa. Eu não uso. Aí pensa que a gente usa. Aí pensa que todo mundo usa, né?

Justo: **Por falar nisto, em motorista de caminhão, na estrada... O trânsito não é perigoso já passou algum aperto ou não?**

Ari: Eu passei um aperto na Raposo Tavares mesmo. Depois de Ourinhos acaba o acostamento. Tem um ponto sem acostamento, cheguei lá ando na mão contrária para a gente ver quem está vindo para cima de você e o cara buzinando "pam, pam, pam, pam, pam, pam! " Quase que algo me falou "pula". Ainda bem que pulei. Rapaz, uma carreta ultrapassando a outra.

Justo: **Nossa. Claro, ela vem de trás e você não esperava. Aliás, esse é o perigo mesmo, né? Porque você está indo de frente em uma pista simples, mas o outro vem te ultrapassando e te pega por trás, né? E tem algum horário assim que é mais perigoso?**

Ari: Ah, tem. Depois que escureceu, eu não ando. Escureceu, eu não ando.

Justo: **E o que você acha que podia melhorar as condições de vida dos trecheiros, de você na estrada? Você acha que podia ser servido alguma coisa pelo governo? Enfim, pelas concessionárias...O que poderia melhorar a vida?**

Ari: Eu acho o seguinte. Eu tava lá em... Deixa eu lembrar o nome da cidade... Não lembro o nome dela agora. Na Anhanguera, na Anhanguera. Choveu, choveu, choveu, choveu demais. Choveu demais. Uma chuva! Aí eu catei e sai do posto de gasolina. Aí eu tô subindo assim nesse posto, a quase a divisa de Minas com São Paulo e uma barraca... Uma barraca armada o cara batendo um induzido (?) de cobre... “Esse cara não é caminhoneiro não.” Silas o nome dele. Silas. Rapaz, naquele dia, eu estava pensando até em suicídio. Em suicídio. Tudo molhado, tudo... Aí eu encontrei com o Silas. E o Silas é espírita, ele não é católico, nem evangélico. Aí ele falou “rapaz, você está desanimado, né?” “Tô. Tô desanimado.” Aí ele falou “o trecho...você não escolhe o trecho, o trecho escolhe você!” Isso é sina. Silas era trecheiro também. Pedro, Paulo, até Cristo era trecheiro. Rapaz, naquele dia, ele me animou, me animou.

Justo: **Você estava pensando em suicídio. Você já soube de alguns casos que o pessoal aí...Você já ouviu falar de algum caso de alguém que se suicidou?**

Ari: Rapaz, eu estava lá em... Como é que chama aquela cidade...Ixi, a gente anda tanto... Lá em Goiás. E eu desci num matinho, deitei e estou dormindo lá. Aí, de manhã cedo veio um veinho com a sacola nas costas, a bolsa na mão, catou e parou. E na época, eu estava com um espelhinho, aquele espelhinho laranjinha, escova de dentes, pasta de dente e dei tudo pra ele. Aí, ele falava assim para mim “ Se eu for para Brasília, estou pistola, vou Catalão, me arrebento. E rapaz,. Eu falei pra ele... Eu sai de lá de Campo Alegre e quando cheguei em Cristalina, eu fiquei sabendo que ele viu uma carreta e se jogou na frente de uma carreta. Aí, pra você ter uma ideia, a concessionária teve que pegar ele com pá. Com uma pá. Mas ele não falava coisa com coisa pra mim. Ele falava “Se eu for pra Brasília, estou lascado, se eu for para Catalão, estou lascado.” Aí ele se matou.

Justo: **Mas depois dessa vez que você contou que também já chegou em pensar em suicídio, já aconteceu outras vezes também?**

Ari: Não, não. Depois que eu encontrei com o Silas, ele abriu a minha mente, sabe? Aí, eu parei de pensar assim.

Justo: **A vida está muito difícil assim no trecho? Está muito difícil? Ou dá pra ir levando? Como é que está?**

Ari: Tá, tá difícil.

Justo: Então, o que você acha que podia...se fosse pensar assim, só para pensar, o que você acha que poderia melhorar a vida?

Ari: No trecho?

Justo: É.

Ari: Rapaz, já perguntaram para mim já. Tem trecho bom e tem trecho ruim? Não. Tem trecho ruim e o menos ruim. Mas tudo é ruim.

Justo: Trecho bom não tem? (Risos).

Ari: É. Se trecho fosse bom era passeio. (Risos). Então, não tem o que melhorar nem piorar. Tem um... um polícia perguntou para mim “por que é que você anda? ” “Porque eu tenho perna.” “É, você é folgado!” Eu não sou folgado não. “Para começar, eu estou andando pela rodovia para não incomodar ninguém e nem ser incomodado. E você veio incomodar?” Ah, tem um outro lá em Taquaritinga com fuzil na mão...

Justo: Polícia também?

Ari: É, polícia, mas polícia de cidade. Polícia rodoviária não incomoda a gente não.

Justo: Não?

Ari: Não. Até ajuda. Mas a da cidade incomoda. Eu estava andando em Taquaritinga. Era um domingo e eu estava com uma blusa vermelha, blusa vermelha. Ele já chegou e disse “para, para aí!” O cara com uma pistola na mão, outro com fuzil. “Que é essa saco aí?” Aí eu falei “é roupa”. “Abre pra eu ver!” Eu peguei e joguei tudo para o chão. Pra você ver. Aí chegou aquela ROTAM, viatura ROTAM. Aquela Hilux, né? Com quatro. E disse “Não, vamos ir lá, pode ir embora, pode ir embora! Vamos lá, vamo lá” Aí, puxaram meu DVC, que a turma chama de Capivara, né. Meu DVC nada consta, graças a Deus. Aí falou pra mim, o cara do fuzil. “Pô, mas você está na merda e que não sei o que, que não sei o que, que não sei o que.” Aí eu falei, ó, amigo: “A boa conduta fala o seguinte: Eu não posso ir com fardado...” Ele estava com o fuzil na mão. “Estou liberado? Estou liberado? Guarda o seu fuzil e deixa ele em casa.

Justo: Você tinha documento? Você leva documento?

Ari: Tenho, tenho, tenho, tenho, tenho. Aí, não aprendeu né? Homem fardado não discute com não fardado. Já fui segurança já. “É, que você está na merda que não sei o que e não sei o que...” Agora...

Justo: **Você falou, você falou uma palavra que eu ainda não tinha ouvido.**

Capivara, como é que é? Puxar a capivara.

Ari: O DVC, o DVC.

Justo: **Que é chamado de capivara?**

Ari: É, a capivara. Se a polícia chegar lá ele chama de capivara. Aí vai saber se você tem passagem... Mas, eu gosto de falar DVC, sabe? Eu não gosto de falar capivara. Capivara é linguagem de malandro.

Justo: É gíria.

Ari: É gíria, é gíria. Eu aprendi o seguinte: No trecho, aliás... A minha formação, do meu pai e da minha mãe nunca foi de falar gíria. Inclusive, meus filhos não fala gíria. Fala assim, “o cara”... Mas uma gíria assim...Eu estou numa cidade chamada...Ixe... Ilha Salgada, Ilha Salgada, Ilha Salgada¹⁵...Entrei lá para comprar uma salsicha e um pão. E lá vem a viatura. E você está com esse saco nas costas, a viatura já vem. “Qual o seu nome?” “Tal.” “Nome da mãe?” “Tal.” “Nome do pai?” “Tal.” “Data de nascimento?” “Tal.” “Você vai puxar meu DVC?” “Não, você vou puxar sua capivara.” “Não, aqui não tem capivara não. É DVC, meu amigo.”

Justo: Mas está bom! A conversa está boa, mas precisamos ir! Eu irei dar uma ajuda para você.

Ari: Opa!

Justo: Espera aí!

Justo havia ido até o carro ajuda-lo com algumas coisas que tinha no carro. Enquanto isso, Ari continuou a conversar comigo.

Ari: Ele é professor seu,? Ele pergunta muito. Ele pergunta muito. Eu gosto de gente que pergunta muito. Aí eu tenho resposta para dar. Eu gosto de gente assim. E comunicativa. Comunicativa. Tem que ser comunicativo.

¹⁵ Não encontramos este lugar como município. Pode ser que seja um bairro ou um outro tipo de localidade.

Alexandre: É, a gente tá sempre trocando uma ideia fazendo entrevista com pessoal...

Ari: Ah você tem um professor muito bom!

Alexandre: É. ele é um cara legal demais, nossa.

Ari: E quando você se formar você, vai ser professor também, sabia?

Alexandre: Sim.

Ari: Você vai ser professor também. Aí você vai aprendendo com ele.

Alexandre: Sim é isso que ele faz. Ele vai me ensinando as coisas.

Como é que é.... Jedi e jedi. Mestre Jedi e o aprendiz.

Justo: Aqui uma ajuda para você comprar o chinelo!

Alexandre: E o padawa!

Ari: Opa! É isso mesmo! (risos)

Alexandre: Muito bom!

Justo: Falou amigo, valeu até mais.

Depois dessa entrevista, fomos para a CART, concessionária de pedágios que tem atuação no estado de São Paulo. Fomos convidados pela assistência social dessa empresa que alegou estar preocupada com os óbitos dos andarilhos de estradas nas rodovias e querem fazer um tratado de cooperação conosco para pensar em alternativas para que esses óbitos sejam diminuídos. Eles acreditam que os andarilhos têm direitos de ir e vir pelas estradas conforme suas vontades e não têm interesses de retirá-los. Pretendem diminuir os óbitos e deixar as estradas mais seguras. Por enquanto, em alguns postos de atendimento, eles oferecem comida e dão aos andarilhos um colete com refletores para que os carros consigam vê-los pelo caminho.

Nossa cooperação seria a de compartilhar dados mutualmente, conseguir seus dados quantitativos de acidentes, ajuda-los a construir campanhas de prevenção e dar palestras aos trabalhadores das rodovias sobre quem são os andarilhos de estrada. Estaremos no próximo semestre construindo acordos de cooperação para o aceite desta pela FAPESP, UNESP e CART.

Com os dados quantitativos, conseguiremos ter completude de nossos estudos sobre os riscos e acidentes de andarilhos de estrada, fortalecendo nossa pesquisa. Além de disso, essa cooperação possibilitará o aumento do impacto social de nossa pesquisa.

Fomos até Ourinhos-SP para assistir ao III Seminário Regional sobre a População em situação de rua. Evento de um dia que teve duas mesas redondas: uma com as presenças de Anderson Lopes Miranda, coordenador municipal do Movimento Nacional da População de Rua (MNPR) e Luciano Márcio Freitas Oliveira, doutor em serviço social e diretor da Proteção Social Especial na Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social de São Carlos. Seguido pela mesa redonda de Amanda Carreira, Camila Basseli Messias, Vitor Hugo Parmegiani e Mariana Moia Tobias, funcionários do serviço de acolhimento e do Centro POP de Ourinhos. No período da tarde houve diferentes oficinas sobre a questão da população em situação de rua. Fomos até o evento para entrevistar Anderson Lopes Miranda e Edvaldo Gonsalves de Souza, lideranças do Movimento Nacional da População de Rua (MNPR) sobre as principais questões de nossa pesquisa: Os riscos de andarilhos de estrada e trecheiros nas rodovias e quais seriam as principais resoluções que poderiam ser feitas para eles.

Alexandre: Eu acho que o melhor gravar aqui no próprio WhatsApp porque eu acho ele melhor, né. Então a gente vai começar fazendo nossa entrevista aqui e todos os fins, precisa de uma autorização para poder depois transcrever entrevistas em tese. E provavelmente elas podem virar artigo, pode virar um artigo de jornal... Obviamente, se essas coisas acontecem, eu mostro para vocês primeiro. O resultado deles escrito e o encaminhamento. Então, eu o Alexandre Espósito, sou doutorando da Unesp de Assis e nós pesquisamos atualmente a percepção dos riscos de andarilhos de estrada nas rodovias. O que é mais perigoso, o que eles têm mais medo. O que pode facilitar para ser mais confortável o trecho. E como que eles fazem para, por exemplo, se protegerem ali das estradas, dos perigos que eles acreditam poder né. Então assim, eu gostaria que vocês fizessem declaração aceitando participar da entrevista. Pode ser?

Edvaldo: Pode.

Anderson: Eu, Anderson Lopes Miranda, R.G. 2826313-8, CPF 178128678-70 autorizo o Alexandre a usar minha gravação para sua tese de mestrado... de doutorado, perdão, de doutorado.

Edvaldo: Edvaldo Gonçalves de Souza, RG 2 2 5 4 366 9 3, autorizo a divulgação da reportagem também.

Alexandre: Então assim, a gente pode começar conversando de modo totalmente descontraído. A gente conversa igual quando a gente estava ali na hora do lanche. A primeira coisa que eu queria saber é qual o nome de vocês e qual é o cargo que vocês no movimento? E que movimento que vocês fazem parte?

Edvaldo: Eu sou Edvaldo Gonçalves de Souza. Sou coordenador estadual do Movimento Nacional de População de Rua. É um movimento formado pela população de rua.

Anderson: Eu sou o Anderson Lopes Miranda. Ajudei a fundar esse movimento. Hoje, depois de 12 anos, a convite do Edivaldo, retorno para a Coordenação Municipal na cidade de São Paulo do Movimento Nacional da População em Situação de Rua. Sou coordenador no Municipal.

Alexandre: Como que é o trabalho de vocês no Movimento?

Anderson: Nosso trabalho no movimento é organizar e discutir como a população de rua tem autonomia da política. A pressão governamental é de como o governo, como hoje a gente falou aqui em Ourinhos, trabalha com a política intersetorial para a população. A população de rua não pode ser um caso de cuidado, carinho de assistencialismo público, puro. Ela é uma política eficaz como hoje você tem que trabalhar o econômico, você tem que trabalhar população. A população de rua tem que ser lei orçamentária dotação e tudo para que seja incluído na cidade.

Alexandre: Quando a gente fala assim, por exemplo, de população em situação de rua, nós pensamos às vezes, no senso comum, como um tipo só de pessoa. E a gente estava até conversando que, por exemplo, tem os pombos, os pardais, trecheiros e os andarilhos. Vocês conseguem definir cada um desses?

Anderson: Todos eles são moradores em situação de rua. Todos eles. O único que não é morador em situação de rua é o hippie. O hippie não se considera como morador em situação de rua. Porque o hippie vende, produz e faz o artesanato dele. E ele é o único que não se considera. Dorme no hotelzinho, dorme ali, monta barraquinha e daqui a pouco não tá, né? O hippie não se considera morador em situação de rua. Ele usa a rua. Mas ele não se considera. Mas trecheiro, andarilho, pombo, pardal e até o peregrino, que vai (gesto com

as mãos de andar), a gente considera muito como moradores em situação de rua.

Alexandre: Isso o movimento considera?

Anderson: O movimento sim. Respeita e considera. Porque ele, muitas vezes ele depende do serviço para tomar banho, depende do lugar para ir, vai no pernoite, vai numa casa de passagem. Ele usa os equipamentos da rua muitas vezes.

Alexandre: Vocês pensam nessas questões específicas para trecheiros? Porque trecheiros nunca estão no mesmo espaço, sempre em a imigração. O movimento pensa em ações para essas pessoas? Como que funciona?

Anderson: O movimento tem que pensar porque eu, o Edvaldo e outros, até o Darci e outros coordenadores do nacional viemos do trecho. Nós somos do trecho. Nós andamos esse país. Nós andamos de cidade em cidade. Muitas vezes não tem uma passagem e a gente vai até um lugar a pé. Até uma outra cidade a pé. De São Paulo à Osasco. Eu já fui de São Paulo à Osasco a pé para fazer o fórum. Eu já fui São Paulo e outras cidades para fazer encontro, em Guarulhos. Então assim, a nossa discussão assim: é a melhoria de como garantir que essa população seja bem atendida e onde ela chegar. Então não adianta discutir só a capital, se eu esqueço de que esse cara é andarilho, é trecheiro, é pombo, é pardal. A gente precisa melhorar algumas coisas.

Edvaldo: No interior, dentro das capitais, somente o interior é mais conservador. No interior é mais conservador do que a capital. A capital tem mais um senso aberto, um olhar mais aberto. Então, acontece quando a gente chega na cidade. Mesmo que você pegue um ônibus. Desceu do ônibus, tem um carro de polícia esperando você para te levar (risos). “Não pode ficar aqui”, ou vai direto para a assistência social ou então leva o limite para os limites da divisa da cidade.

Alexandre: Já aconteceu muito isso com você?

Edvaldo: Já aconteceu comigo, em minas.

Anderson: Em minas também já aconteceu comigo. Em Minas eu cheguei... eu tenho um pavor hoje de uma cidade lá em Minas. Agora eu não me lembro do nome da cidade. Vou lembrar já, já. Eu te falo o que aconteceu comigo. Eu cheguei, eles me pegaram, me botaram dentro de uma Kombi, me prenderam dentro de um albergue cheio de grade. Ah Teófilo Otoni! Teófilo Otoni, o

nome da cidade de Minas Gerais. (Eles) me prenderam lá e no outro dia me botaram a cem quilômetros de novo andar. Sem nada. Me expulsaram da cidade.

Alexandre: Sem seus pertences também?

Anderson: Sem os meus pertences.

Alexandre: Eles roubaram seus pertences!

Anderson: Tudo. Tudo, tudo...

Alexandre: Umas das coisas que eu gostaria de saber, é isso: o que fez vocês irem para o trecho e depois o que fez com que vocês saíssem do trecho e comessem a integrar mais o movimento?

Anderson: O primeiro que o trecho, ele não é eterno. A pessoa não vive... ela dá um tempo, né? E quando você tem uma proposta de melhoria, você começa a encaminhar. A encaminhar isso. Então, dizer que o cara é trecheiro há vinte anos e não é trecheiro há vinte anos. Quando eles chegam uma cidade que ele é bem acolhido, ele começa a se municipalizar e muitos de nós é assim, né. Eu fui para Bahia, fui para o Espírito Santo. Trabalhei no Espírito Santo, trabalhei no Rio de Janeiro. Morei no Rio de Janeiro. Fui para vários... Minas Gerais, fui trecheiro até o Ceará. Mas aí um dia, eu retornando encontrei um espaço digno e de qualidade e comecei a ficar mais tempo lá. Então, isso também é o que envolve a gente.

Edvaldo: Eu entrei no trecho por caso que eu era moleque e queria conhecer o mundo. Morava na Baixada Santista. Aí eu fui para Salvador, fui conhecer a terra da minha mãe, voltei, fazia teatro, aquela coisa toda. Em minha última viagem, foi o Norte e Nordeste. Trabalhando para uma empresa de empréstimo consignado para funcionário público. E fiquei viajando para outras cidades. Mas sempre com a... Aí voltei como trecheiro. Entendeu? Então é, como ele falou, o trecho, ele não é eterno. Chega uma hora que você quer sossegar, quer sempre ficar... Ficar numa convivência mais segura. Querendo ou não, o trecho não tá aquela segurança toda para a pessoa. Então, é isso a mudança. Depois que você entra no movimento... a ideia do movimento é porque resolvemos abraçar uma causa de poder, de política pública, por direitos que está... A gente assiste, vê na rua. Eu me lembro, eu estava dormindo lá na frente do Sindicato dos Bancários, na rua e a gente sendo agredido, não só pelos seguranças do

comércio, também sendo agredido, sendo humilhado por policiais. Isso foi uma das razões que eu concordei, resolvi entrar dentro do movimento.

Alexandre: Gostaria de saber agora, por exemplo, a questão de diferença dos trecheiros e dos andarilhos. A gente vê que os andarilhos estão mais longe, eles nunca pegam uma passagem de ônibus, só vivem ali na beira de estrada. Como que o movimento poderia ajudar também essas pessoas que estão ali que nem chegam perto da cidade?

Anderson: Eu acho que é a discussão. A discussão com as concessionárias, discussão que o poder público, a discussão com os pedágios. Muitas vezes você faz ruas só para carro e esquece que tem um ser humano que faz caminhadas. Então, eu acho que alargar um pouco onde? O acostamento. E o acostamento também ter como você trabalhar. Eu não ando no mesmo sentido do carro, eu ando ao contrário. Então, ao contrário você também pode fazer explicando para as pessoas “tomem cuidado”, “preste mais atenção”, faixas de coisas. Então, para a concessionária isso é muito importante. Não adianta você dar colete com refletor se ele anda mais de dia do que a noite. E a noite era importante nesses locais de muito, onde a concessionária está, espaço para acolhê-los. Não é para dormir, é para ele montar barraquinha dele, deitar lá, dormir e no outro dia embora.

Alexandre: Geralmente, quem faz isso são alguns postos de gasolina de caminhoneiro.

Anderson: Isso, os de caminhoneiros.

Edvaldo: Os de caminhoneiros.

Alexandre: Não as grandes redes.

Edvaldo: Não, não!

Anderson: Eles expulsou muitas vezes. As de concessionárias né. Então acho que esse diálogo essa discussão é fundamental e importante. A partir do momento que uma concessionária monte, não precisa ser (muita coisa). Uma marquise maior, um teto maior e um banheiro. Ele entra, toma um banho, monta uma barraquinha ou o papelão dele lá. Deita lá, dorme e no outro dia ele pega o trecho e vai embora. É segurança, é proteção.

Edvaldo: Como um centro campis, de campo.

Anderson: Eu mesmo já andei no dia 100 quilômetros. De Cachoeira de Itapemirim, entendeu? De Campo dos Goytacazes à Cachoeira de Itapemirim.

Porque eu não encontrava o posto de gasolina, não encontrava nada. Nem apoio. Eu tive que andar um dia cem quilômetros. Quando eu cheguei num lugar para dormir, eu desmaiei. As pernas, tudo câibra, tudo câibra. Porque eu não achava posto, não achava nada para mim. Eu andei até dez horas da noite. Eu saí cinco horas da manhã e fiquei até dez horas da noite andando.

Alexandre: Essa é uma das questões muito interessantes a se pensar, né? Quais seriam, os piores perigos e diferenças desses perigos em viver no espaço urbano e viver no trecho ou às beiras das estradas? Quais são os piores perigos de cada lugar?

Anderson: O espaço urbano é muito criminalizado. No trecho você não tem essa violência institucional. No trecho você caminha, caminha, você é trecheiro, andarilho, você caminha. Você vai em busca de alguma coisa que você muitas vezes não encontra. Mas tem vez que você encontra. Mas o trecho é para ele se aliviar. Urbano é muita violência. Violência policial, violência no comércio, violência institucional.

Edvaldo: E ainda tem violência interna.

Anderson: Entre nós mesmos. O cara não vai com a tua cara, te dá uma facada, te bate, te agride. Você chegou num espaço dele. Então, a gente precisa trabalhar nisso.

Alexandre: Você acha que tem muito a ver isso quando alguém fala assim: Geralmente, a gente entrevista algum trecheiro, andarilho (e pergunta): “Qual é o medo sobre o trecho?” “Ah, eu tenho medo de ‘pardal’!” Eles falam muito sobre ter medo de “pardal”. Como é isso na visão de vocês? De certa forma isso atrapalha o movimento e a união da população em situação de rua? Como que funciona essa questão do pardal com o restante da população em situação de rua?

Edvaldo: No centro da cidade, a gente chama de rato de mocó. (Risos). No centro da cidade, a gente chama de rato de mocó. E o “pardal” é nas estradas. “Pardal” é o que faz acontecer e se manda. Não fica.

Alexandre: E assim, você falou da questão da polícia militar agredindo a população em situação de rua. O que a gente já escutou bastante é que a polícia rodoviária costuma ajudar, que ela é bacana. Diferente da polícia militar.

Anderson: Demais! Demais! (no sentido da polícia rodoviária ajudar)

Edvaldo: Diferente da polícia urbana.

Alexandre: Tanto que, recentemente, um rapaz que é policial rodoviário escreveu um artigo preocupado com os acidentes de andarilhos. Posso encaminhar para vocês também. A gente está querendo fazer essas pontes para fazer com que esse doutorado que a gente está escrevendo, essa pesquisa que a gente está fazendo, fortaleça mais as conexões ali. Entre concessionária, o movimento... Por exemplo, ali em Assis, a gente é totalmente isolado do Movimento Nacional da População em situação de rua.

Edvaldo: Só olha. A concessionária ela tem recurso muito grande. É um recurso que ela não vai gastar muito. É fazer um centro de apoio. Não centro apoio (usual), não de chegar lá... Um centro de apoio para eles possam se recolher. Não precisa não precisa ser uma coisa fechada. Que ele possa montar sabe o que? O seu colchonete, pode montar sua barraca e ter um banheiro para limpeza pessoal.

Alexandre: E colocar seu carrinho e a bicicleta talvez ali também?

Anderson: É, porque muitos andam de bicicleta, viaja de bicicleta ou carrinho, para nós o importante isso. É você... olhar humanizado da (polícia) rodoviária é muito mais do que o do (policial) urbano. Sabe por quê? Porque o rodoviário, ele só vê aquilo. Ele não vê a violência institucional.

Alexandre: Não só a polícia, mas também os trabalhadores (da rodovia).

Anderson: Isso, ele não vê a violência institucional. Como você vê nas grandes cidades. Então ali, a humanização de quem está olhando pra um trecheiro, para um andarilho nas rodovias é muito maior do que você que está na cidade que você não enxerga esse ser humano. A gente é excluído ainda, a gente é invisibilizado. E muitas vezes na grande rodovia não, você é visibilizado. “Olha lá está andando o morador de rua, está andando um trecheiro, vamos perguntar se ele quer alguma coisa. Ou quer uma água, quer isso, quer aquilo, uma caroninha e tal?” Então, você tem essa sensibilização.

Edvaldo: Quando eu chegava nos postos de gasolina, dos caminhoneiros, eu chegava na churrascaria, eu comia churrasco. Era servido isso pra mim. Até lugar para tomar banho tinha. Eles não chegavam discriminando a gente.

Alexandre: Isso nos postos de gasolina de caminhoneiro?

Edvaldo: De caminhoneiro.

Alexandre: Esses de marcas...

Edvaldo: Esses de marcas, nem pensar, nem pensar! São aqueles postos de gasolina de caminhoneiro, pequeninho, quase caindo aos pedaços, com aquela história de que não é nada de luxo.

Alexandre: Esse pessoal ajuda?

Anderson: Esses postos de...como é o nome dessa “G” aí?

Edvaldo: Graal

Anderson: Gergral?

Edvaldo: Não, Graal.

Anderson: Graal, nós somos expulsos. A segurança chega para bater na gente e expulsar a gente de lá. Porque eles não querem contato com gente. Esses grandes postos da Graal, você nunca não chega, você não chega. Uma vez, eu fui dormir em um deles, eu quase apanhei. Cara me expulsou de lá. Eu tive que dormir fora do posto da Graal.

Alexandre: Geralmente, a gente conversa bastante com os andarilhos e com os trecheiros sobre as prevenções e precauções que eles tomam ali durante o trecho, durante a caminhada ali nos acostamentos. E vocês já falaram de algumas coisas, como por exemplo: Andar sempre na contramão, não andar de noite, não beber muito. Quais outras coisas?

Anderson: É muito perigoso você também ficar tomando muita cachaça e pegar o trecho. Aí você vai morrer mesmo.

Edvaldo: Os trecheiros, eles bebem mais a noite. À noite, à noite. Porque como ele vai... parou de andar, ele vai ficar em um local. Então, eles bebem à noite. Não de dia. Quase não bebe nada.

Anderson: Eu viajei com um, meu amigo, que era três litros de cachaça por dia. Ele acharcava era três litros. Eu tive que separar dele. Cada um foi para um lado. Ele bebia muito. Eu tive que separar dele porque não dava. Entendeu? E ele “ (onomatopeia) ”. Três litros de cachaça por dia. Não era corote não, era garrafa.

Alexandre: Você estava falando de manhã, na mesa hoje de manhã, uma coisa que eu achei muito interessante e que já tinha ouvido de algumas pessoas mas eu nunca parei para pensar. O quanto que se explora população em situação de rua nos parques de diversão, nos circos. E eles acabam viajando bastante por causa disso também, por conta dessa exploração. Podemos falar um pouco sobre isso?

Anderson: Hoje o mercado de exploração do trabalho é muito grande. Cafezais: você vai para Minas Gerais e o que tem de cafezais que o cara pega e bota você pode trabalhar e não pagam. Como eu estava dizendo, em Araraquara há um certo tempo, a produção de cana era paga com crack. Com a moeda do crack. Com a moeda do crack. E até um certo tempo, que descobriram e começaram a criminalizar os patronais. Então assim, o morador de rua, eles chamavam e trabalhava. A mesma coisa os parques de diversões. Beto Carrero World. Beto Carrero World se enriqueceu em cima de moradores em situação de rua, de trecheiro, de andarilho. Porque ele pegava a mão de obra desse povo, botava lá para trabalhar e não recebia. Circo? Circo Vostok, circo isso, circo aquilo? Misericórdia.

Edvaldo: Vostok foi um dos que mais... Aqui, aqui mesmo tem até dois rapazes que tabalhou. Um falou que trabalhou no Circo Vostok e não recebeu. Não recebe.

Alexandre: Não recebeu.

Anderson: Não. Aí depois, dá um chute na bunda e bota você para andar o trecho.

Edvaldo: Eu trabalhei num circo em Minas Gerais. É um trabalho muito pesado, muito duro. Eles cobram demais para receber um pouquinho. Em São Paulo, na capital, acontece isso dentro da capital. Armação de shows, de vários eventos, quem arma são os moradores de rua. Grandes parafernália sem nada de segurança...

Anderson: Virada Cultural...Como é que chama esse negócio que acontece na interlagos? Caramba...Ah, a Formula 1 mesmo na cidade. Tudo é mão de obra terceirizada e escravizada da população em situação de rua. O andarilho, trecheiro que está passando ali “Ó, tem um trabalhinho ali, vamo lá fazer! Vai ganhar quanto? ”

Edvaldo: Eles vão muito na porta do Arsenal. Do equipamento. Do Esperança. Porque onde tem muita quantidade de homem, que são mais de mil e duzentos.

Alexandre: Geralmente, fica até gente ali na rua sem entrar, né:

Edvaldo: Demais, demais.

Alexandre: Vocês poderiam falar um pouquinho do Arsenal e do Esperança? O que vocês pensam, como que é, se vocês frequentaram lá?

Se vocês frequentaram lá. E do Samim também em Campinas. Esses espaços. Poderiam falar um pouquinho deles?

Edvaldo: Samim eu não conheço. Agora, o Arsenal morei três vezes lá. O Arsenal, com a primeira vez que eu morei...que a gente morou...Ela não tinha uma ligação direta com a prefeitura. Era estadual. E essas duas últimas tem uma ligação diretamente com a prefeitura. Aí, o Arsenal, querendo ou não, com 1200 homens é um equipamento modelo.

Anderson: Acho que hoje, o Samim vem com uma questão também de pegar e ajudar. Centro migratório. Serviço migratório para a população em situação de rua. O que não era muito. Que há pouco tempo está melhorando. Como o Arsenal. O Arsenal foi um serviço de excelência que acolhe mil e duzentos homens que hoje perdeu um pouco dessa excelência porque municipalizou. Essa é a dificuldade para nós.

Edvaldo: Mas ainda continua modelo.

Alexandre: Muitas pessoas de diversos aparelhos querem muito frisar essa questão do vínculo com a família. Quer fortalecer e não sei mais o quê. O que vocês pensam sobre essa questão do vínculo com a família se muitas pessoas ali nem gostam dos seus familiares.

Edvaldo: Ou a família não gosta dele, né?

Alexandre: **Ou a família não gosta dele. E ao mesmo tempo, querem fazer um programa para parar se estar no trecho, mas tem pessoas que realmente gosta de estar no trecho também. O que vocês pensam sobre isso?**

Anderson: Primeiro eu acho que família é uma coisa que tem que ser uma troca. De lá pra cá, daqui pra lá. Se há um rompimento, tem que respeitar esse rompimento. E ela vai procurar isso. Se ela achar que ela deve procurar a família e a família não aceitar, tem que respeitar. Família é aquilo que você constitui após adulto, né? Porque nunca se retoma mais de volta. Olha a experiência que o Centro POP apresentou uma companheira que voltou o vínculo com a família e daqui um tempo voltou para a rua de novo.

Edvaldo: A gente tem o Rogério (não consegui entender o sobrenome) de Mogi que foi para a família duas vezes, volta, volta pra rua.

Anderson: Acho que o vínculo é construído de acordo com o que você quer. É a mesma coisa a separação. Quando a gente se separa, é porque alguma coisa

aconteceu. E não tem volta. Os filhos continuam sendo filhos. A mulher constroi outro companheiro, o companheiro constrói companheira e vai seguindo. Mas a família é isso, é além do Estado. O Estado muitas vezes quer retomar, e esse vínculo é passado. Nós temos que viver o presente.

Alexandre: E para fechar, vocês têm uma atuação em todo o Brasil e também conheceram e também conheceram sobre a população em situação de rua fora do Brasil. E pouco se vê também essas questões dos trecheiros e andarilhos sobre escritos, relatos. Se aqui no Brasil a gente se vê pouco (artigo) sobre específico trecheiros, andarilho, eu queria saber também se noutros espaços você foi, em outros países tem andarilhos e trecheiros também. Tem essa cultura diferente?

Anderson: Não, é a mesma. Tem andarilho, tem trecheiro, tem morador de rua. Eu tive lá conversando com um cara na Alemanha e ele era um trecheiro. Só no inverno que ele ia para o equipamento por causa do frio para não morrer. Mas no verão, ele ficava andando de cidade em cidade. E o Estado no inverno dá um cartão pra ele dormir nos hotéis. O Estado garante o cartão pra ele. Ele não ficar. Ele só usa os equipamentos pra isso. Então, isso é importante também a nossa discussão. Porque ele é trecheiro no verão. Mas no inverno, ele precisa de um espaço.

Edvaldo: Europeu, boa parte é trecheiro. Europeus. Porque eles viajam de um país para outro. Mochileiro.

Alexandre: Mas fora do país, a gente percebe que todos são *homeless*, né? Eles não fazem essa divisão.

Anderson: É. Todos são sem teto. *Homeless*. Do borodogó.

Alexandre: Gente, muito obrigado!

Edvaldo: De nada!

Anderson: De nada!

No dia seguinte, acompanhamos ambos até o Centro POP, onde fizemos uma visita técnica para entender mais de sua dinâmica, assim como ver a fala de ambos para os usuários do local. Eles estabeleceram uma assembleia no local para que Ourinhos também tivesse um MNPR. Essa se constituiu como uma importante visita, pois foi o momento de criação do MNPR em Ourinhos. Também percebemos que até trecheiros fazem uso do equipamento, mas andarilhos não chegam perto dele. Conseguimos os

contatos de ambos os coordenadores do MNPR e de alguns trabalhadores da assistência dispostos a ajudar e querer saber mais da pesquisa. Como resolução, os membros do MNPR nos chamaram para São Paulo para conhecer sua sede fazer mais entrevistas. Enquanto, fomos convidados para poder falar de nossa pesquisa em Ourinhos. Os coordenadores do MNPR trocaram números de telefone conosco e deixaram o e-mail: saopaulorua@gmail.com.

Diário de Campo – 30/08/2019

Retomando nossas atividades de pesquisa depois de um período que não pudemos nos encontrar, Justo e eu fomos pela Raposo Tavares em busca de novos participantes para nossa pesquisa, visto que esta rodovia sempre tem muitos andarilhos de estrada. Ela também é pedagiada pela CART, concessionária que fez requerimento de nossos serviços como pesquisadores para saberem mais sobre andarilhos de estrada. Em uma rota pela rodovia, encontramos novamente o Alberto, um andarilho de estrada que nós já havíamos entrevistado. Justo achou que seria interessante pararmos, apenas para ter uma conversa amistosa, saber como vai a vida e suas questões. Mal sabíamos que seria um grande reencontro e que muitas informações novas seriam ditas.

Ele havia acabado de sair de uma unidade de atendimento do usuário da CART, ganhou alguma comida e recebeu um colete com refletores que a CART está distribuindo para andarilhos de estrada usarem. Já havíamos discutido sobre esses coletes com outros andarilhos de estrada e com os membros do Movimento Nacional das Pessoas da Rua. Alberto só confirmou a opinião de muitos sobre esses coletes:

Alberto: Eu recebi um colete.

Alexandre: E você não está usando o colete?

Alberto: Ele é para ser usado à noite.

Alexandre: E você anda pela noite?

Alberto: Não. Eu não ando não.

Como havíamos discutido, andarilhos de estrada não andam pela noite e não usariam esse colete de dia, o que o faz uma peça de proteção pensada somente por pela empresa e não discutida entre os próprios andarilhos.

Alberto está pensando em parar o trecho. Logo irá se estacionar em algum espaço próximo como Rancharia e pensa em voltar ao trabalho. Pensa em seu fundo de garantia que irá sair e com esse dinheiro poderá se reerguer. Conversamos com ele de

modo informal, sem nenhuma entrevista porque preferimos estar mais descontraídos. O que foi interessante, pois Alberto nos mostrou seu celular. É muito interessante pensar que mesmo alguém que vive somente a pé nas estradas usa um smartphone para se comunicar por ligações e até mesmo por WhatsApp com seus familiares e amigos. Ele coloca crédito sempre que possível nos postos de combustíveis. Também adquire renda para fazer isso catando latinhas à beira da rodovia. Nós trocamos o número de telefone. Ele sabe mexer em algumas poucas funções. Adicionei meu número no celular dele e vice-versa. Às vezes me manda mensagens falando do trecho ou mesmo, liga sem querer. Outro dia, ele parou no final de semana em Rancharia e um amigo dele que o acolheu mandou uma mensagem de apresentação. Às vezes, Alberto também me liga sem querer.

Além de usar o celular para comunicação, Alberto o usa para sintonizar na rádio. Ele costuma sintonizar em uma rádio de MPB, estilo musical que mais aprecia. Gosta muito de escutar Djavan, Caetano Veloso e Zeca Pagodinho.

Ficamos bastante tempo conversando. Ele também nos disse sobre seus contatos com a irmã e alguns sobrinhos. Fomos embora quando ele disse que precisava seguir caminho. Neste dia não encontramos mais nenhum andarilho de estrada.

Diário de Campo – 06/09/2019

Foi um dia atípico para nossa pesquisa porque encontramos um andarilho de estrada por acaso. Não estávamos fazendo pesquisa no momento em que o encontramos. Eu estava indo na rodoviária buscar minha namorada, e como moro perto, subimos a pé até minha casa. Atravessando a rua da rodoviária até a FEMA (Fundação de Ensino do Município de Assis), um senhor que estava andando para até o caminho na estrada no parou. No momento, ele queria saber qual seria a direção que iria ter que tomar para ir até Ourinhos a pé. Em menos de dez minutos de conversa, falamos a ele sobre nossa pesquisa e se ele gostaria de participar. Foi uma coincidência muito interessante naquele momento ele ter pedido informação justamente para mim.

Alexandre: Bom, seu José Tavares, meu nome é Alexandre Espósito e eu sou doutorando na Unesp de Assis. Eu faço pesquisa com andarilhos de estrada e trecheiros...

Zé Tavares: Sim! Do jeito que eu gosto! De conversar com um povo desses!

Alexandre: A minha pesquisa é sobre a questão dos riscos e perigos na estrada.

Zé Tavares: Na estrada.

Alexandre: Isso. O senhor aceita participar da minha pesquisa?

Zé Tavares: Sim, uai.

Alexandre: Seu Zé Tavares, quanto tempo faz que o senhor está no trecho?

Zé Tavares: Esses dias que eu larguei da mulher agora. (Risos)

Alexandre: Tá brincando?! Quantos dias faz?

Zé Tavares: Esses dias agora. Zé Tavares. Aí, você pode buscar agora, quer ver?

Ele resolveu mostrar o R.G. para nós.

Alexandre: Ah, seu R.G. ! Olha só, seu Zé Tavares.

Zé Tavares: Eu sou igual uma boneca! Nunca eu devi nada para a polícia! (Risos).

Alexandre: Não precisa mostrar não, seu Zé Tavares. Olha, faz poucos meses que o senhor está no trecho? (Ele havia dito que faziam poucos meses antes da entrevista).

Zé Tavares: Esses dias eu larguei da Mulher e parece que não vai ter mais voltar. Parece...

Alexandre: Por que parece? Tem algum motivo que faz com que o senhor esteja pensando em voltar?

Zé Tavares: Tem! Tem motivo sim! Tem motivo sim. Porque eu tinha perdido esse documento aqui e...Vocês qué ver? Eu tinha perdido esse documento lá em... Ponta Grossa. Eu tinha perdido esse documento meu. Aí, eu entrei em ação na Polícia Civil e eles me deram...

Alexandre: Um dinheirinho? Um dinheirinho que eles te deram seu Zé Tavares? (Risos).

Perguntei isto porque ele estava deixando cair algumas notas de dinheiro de seu bolso.

Zé Tavares: Não, pera aí. E graças a Deus eu não entrei em cana (risos). Aí eu entrei em ação com eles, e ele me falaram que eu ia arrumar meus documentos

de vorta. Aí, eles falaram assim “nois vai fazer seu documento de vorta”, porque esse aqui, eu tinha perdido, né? Aí, eu arrumei o documento de vorta! Olha você e sua muié. Olha que coisa mais bonita!

Alexandre: Ah, que legal! Esse aqui é o novo. Este aqui é do Paraná! Seu José Tavares...

Zé Tavares: O que que eu faço agora? É ir embora para minha terra, vocês tão já cumprindo aqui, a minha família vocês sabem quem que é...(ele começou a chorar). Eu não me interesso mais nada. Eu vou embora pra minha terra. Eu vou embora com a minha ex-mulher de volta. (Risos).

Ele começou a mostrar mais sinais de embriagues.

Alexandre: E seu Zé Tavares, agora que o senhor começou a andar aí, o que o senhor acha que é perigoso?

Zé Tavares: Perigoso só a pista, né?

Alexandre: A pista é perigosa?

Zé Tavares: Bebe umas pinga aí e cai na pista...

Alexandre: O senhor está começando agora, o a gente trabalha faz tempo, o senhor já tem as manhas de andar na estrada?

Zé Tavares: Ah, eu sou trecheiro...

Alexandre: Ó seu Zé Tavares, vamos começar pelo B A BA. Se for andar ali, anda na contramão pra você prestar atenção na direção que está indo. Toma cuidado. Não anda a noite também. O pessoal também não anda a noite. E proteja as suas coisas quando for dormir.

Zé Tavares: (Risos).

Alexandre: Ó, posto Alexandria...

Zé Tavares: Eu sou de família, filho, você é de família. Ela é, sua mulher. Você sabe de uma coisa? Eu tenho cinco filha e três homens (segurou choro). Eu tenho catorze netos! (Risos). Tenho contato (risos).

Alexandre: E o senhor vai visitar eles?

Zé Tavares: Vou uai (risos)! Tudo gosta de mim! Quem não gosta de mim é a minha ex. Porque a minha ex arrumou pra minha cabeça. Eu vou falar uma história pro cê, vou falar pra tua muié... Arrumou confusão pra minha cabeça... Eu tenho que ir lá só matar ele (risos).

Alexandre: Calma, vamos acalmar. Pra não matar ninguém, foi para a vida no trecho? Pra não correr o risco de ir numa cadeia, pra não matar ninguém, foi pro trecho?

Zé Tavares: Não, peraí. Eu já vou contar outra história pra você. Pra não correr o risco dele ter matado eu... Eu vou contar a história pra você certinho...E pra senhora. Então, eu não corri o risco, porque ele me perdeu. Agora, eu vou lá e mato ele! (Risos).

Alexandre: Mas o senhor quer mesmo fazer isso?

Zé Tavares: Eu quero! Um homem daquele tem que morrer. (Risos).

Alexia: Mas onde ele está?

Zé Tavares: No Paraná.

Alexandre: Mas o senhor está indo para o lado contrário. O senhor está indo para Belo Horizonte.

Zé Tavares: Não, não, não. Mas eu vou voltar! (Risos).

Alexandre: Vai ter uma hora que o senhor vai acabar vendo que tudo isso não tem nada a ver.

Zé Tavares: Não é. Treinar 18 tiros na cara dele! (Risos). Já era. E nunca mais atentar eu, não é?

Alexandre: Seu Zé Tavares, um grande abraço para ti. Toma cuidado no trecho. Sei que está muito recente essas coisas, sei que você está indo para o lado contrário mesmo, sei que o senhor não é capaz disso...

Zé Tavares: Eu sou pai! Eu tenho sete filhos, né fia? (chorando). Mas eu tenho que ir atrás dele. (Risos)

Alexandre: O senhor está indo esfriar a cabeça pro lado contrário.

Zé Tavares: Eu estou indo esfriar a cabeça pro lado contrário. Vou pro estado de Minas meu, vou esfriar a cabeça. E aí eu chego e (gesto de morte).

Alexandre: Quando o senhor chegar vai pensar em outra coisa. O senhor não vai passar perto da cidade, seu Zé Tavares.

Zé Tavares: Será que eu vou? (Risos).

Alexandre: O senhor vai conhecer muita gente muito sábia aí no trecho. Gente com a mesma história que você...

Zé Tavares: Fio, você é um homem experiente. A senhora é uma mulher experiente. Sabe o que eu vou fazer? Eu vou esfriar a cabeça! (Risos). E depois

eu volto e corto ele no chumbo, porque não presta! Uai. Quem não presta tem que morrer, uai. (Risos).

Alexandre: Não faça isso, seu Zé Tavares. Ó, um grande abraço para você. Bom trecho para você, beleza?

Zé Tavares: Beleza! Fia, fique com Deus!

Alexia: Tchau, boa sorte. Só esfria a cabeça, não precisa voltar.

Alexandre: Esfria a cabeça...

Zé Tavares: A primeira coisa que você fala, você fala pra mim: Ora! Você fala pra mim: Reza! Pra mim...conseguir essa história depois que a minha história já está pronta.

Alexandre: A gente vai orar por você, seu Zé Tavares. Aproveita a informação e vai lá.

Zé Tavares: Porque eu, de toda a minha vida. A minha vida é Assembleia de Deus de missão. O maior pregador do mundo! Assembleia de Deus de missão. Você sabe, né? O homem mais pregador do mundo. Você é católico? Você é evangélico?

Alexandre: não, seu Zé Tavares.

Zé Tavares: O senhor é evangélico também! Vou te contar uma história! No livro do Apocalipse, capítulo 3.20 diz: “Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz, eu entrarei na tua casa”. (ele começou a chorar e rir. Disse algumas coisas que não compreendi).

Depois disso, nos despedimos e ele foi embora.

Diário de campo do dia 11/09, quarta-feira

Continuamos a fazer pesquisa pela Raposo Tavares. Apesar de ser uma rodovia pedagiada com impostos mais altos, sua grande quantidade de postos de combustíveis fazia com que houvesse alguma presença de andarilhos de estrada nela, diferentes de rodovias que não há nenhum. Encontramos no meio do caminho um dos nossos sujeitos da pesquisa. Ele tinha uma mochila e um saco de latinhas. Paramos o carro para perguntar a ele se gostaria de participar da pesquisa e ele aceitou. O problema da gravação da entrevista era que sua fala era muito rouca e baixa. Ela era de difícil compreensão. Não pronunciava alguns “R” de algumas sílabas, como por exemplo: “sobinho” ao invés de “sobrinho”. Optamos por escrever como ele fala e entre

parênteses colocar palavra com a grafia correta. Às vezes, também não pronunciava alguns artigos e preposições.

Uma de suas características marcantes eram alguns traços indígenas e ser alcoolista a ponto de não conseguir mais comer nada, só conseguindo ingerir cachaça e água. Ele tinha um irmão que apresentava a mesma condição, chegando a falecer por conta disso. Depois de terminarmos a entrevista, ele nos pediu uma carona até a cidade mais próxima. Continuamos a conversar, fazendo outra entrevista com ele. Foi a primeira vez em quase 30 anos de pesquisa, segundo Justo, que um andarilho aceitou alguma carona.

Alexandre: Posso gravar a nossa entrevista?

Luís: Pode sim.

Justo: Como que é seu nome mesmo?

Luís: Luís.

Justo: Eu sou José. Eu sou Zé.

Alexandre: Eu sou Alexandre. Você concorda então fazer a nossa entrevista?

Luís: Aham. Ah eu...estou no “techo” (trecho). Ah, eu tava morando com meu “sobinho” (sobrinho).

Alexandre: Sua sobrinha?

Luís: Meu “sobinho”(sobrinho)... Depois, eu escutei...eu escutei...fala mal de mim. Eu escutei. Eu não gosto (de) arrumar confusão meu (minha) família. Bigar (brigar) com minha família. Então, eu peguei e saí e não falei para ninguém. Nem “pa” (para) ele não falei. Saí. Agora eu tô indo lá...São Paulo e Jaú.

Alexandre: Ah, você está indo para o lado de Jaú.

Luís: Em Jaú.

Justo: Quando você saiu, você morava onde? Em que cidade que era?

Luís: Campo “Gande” (Grande).

Justo: Ah, Campo Grande.

Luís: Estela (Estrela) do Sul (MG?). Estela (Estrela) do Sul...morava com ele.

Alexandre: Estrela do Sul?

Luís: Morava com ele.

Alexandre: Quanto tempo faz isso?

Luís: Morei com ele?

Alexandre: É.

Luís: Faz tempo já.

Alexandre: E quanto tempo faz que você saiu da casa dele?

Luís: faz...Sábado...

Alexandre: Ah, foi sábado?

Luís: Retrasado...

Alexandre: Onde que era? Que cidade que era?

Luís: Ahn? Cidade de Campo “Gande” (Grande).

Alexandre: Ah, Campo Grande. Sábado retrasado?

Luís: Aham, sábado retrasado.

Alexandre: Mas pegou carona para vir para cá? Como é que foi?

Luís: Eu tô andando...Tô andando...

Alexandre: Só a pé?

Luís: Só a pé. Consegui “calora” (carona) , né... (Se) consegui “calona” (carona), eu vou.

Alexandre: Você conseguiu carona?

Luís: Consegui. “Agola” (Agora), tô vindo “pa” (para) cá...não sei se vou conseguir “calona” (carona) mais. Eu tô indo...cidade.

Alexandre: Então, faz aí umas duas semanas que você está no trecho?

Luís: Aham.

Justo: E como que você está fazendo para comer e para dormir no trecho?

Luís: Fala a verdade. Come, come, eu não consigo comer. Só beber. Beber.

Justo: E como você faz para arrumar bebida?

Luís: Não, eu “pedo” (peço), “pedo” (peço) pessoal assim...”sempre” (sempre) peço.

Justo: Você pede e o pessoal te dá uma graninha?

Luís: Dá.

Justo: E você compra onde a bebida?

Luís: Eu paro cidade. Cidade eu tomo. Vou tomando. Não devia...

Justo: E de noite assim, você dorme onde?

Luís: A noite eu não durmo.

Alexandre: Você não está dormindo pela noite também?

Luís: Não. Eu só tomo. “Rumo” (arrumo) lugar “pa” mim ficar...até amanhecer. Tomo um banho. E pego estrada.

Justo: E vai assim todo dia? Na estrada, pé na estrada todo dia?

Luís: Todo dia.

Alexandre: Desde uns quinze dias para cá você faz esse trajeto?

Luís: É.

Justo: O que que é mais perigo andando na estrada?

Luís: Ah...coloco na mão de Deus que não acontece nada... Vou indo...

Alexandre: Nesse pouco tempo que você está no trecho, você não presenciou nenhuma situação de perigo, algo que você ficou apreensivo, ou que você teve que se proteger mais? Algum medo?

Luís: Não, eu vi pessoa igual eu. No “techo” (trecho). Eu não acompanho pessoa.

Alexandre: Você não acompanha ninguém?

Luís: Não, só eu e Deus. Eles...fico com medo, né?

Alexandre: Ficar sozinho é melhor, né?

Luís: É.

Justo: E assim, do jeito que você está andando, não é perigoso um caminhão te atropelar não? Eles estão passando aqui.

Luís: Eu vou indo mais “pa” (para) lá (apontou para a grama após o acostamento).

Alexandre: Você não prefere andar na contramão do caminhão?

Luís: Não.

Alexandre: Você acha melhor assim?

Luís: Melhor assim. Oportunidade de dar carona “pa” (para) mim.

Justo: E o sol na cabeça? Não está esquentando miolo não?

Luís: Não. Agora eu tô indo.

Justo: E você pretende entrar na próxima cidade aí, como é que é?

Luís: Cidade...acha boteco e tomo uma...

Justo: Você está levando uma aí também ou não?

Luís: Só água.

Justo: Cachaça não?

Luís: Não.

Alexandre: Então já faz um tempo que você não consegue comer nada praticamente?

Luís: Não, só bebida.

Alexandre: Se te oferecerem comida, você não consegue?

Luís: Não consigo.

Justo: Você pretende ainda continuar vivendo na estrada ou se tiver algum jeito de sair, você sairia?

Luís: Eu quero...caminhar mais.

Alexandre: Depois de São Paulo você caminhar mais?

Luís: São Paulo, eu fico por lá mesmo.

Alexandre: E por que São Paulo? Por que você quer ficar por lá mesmo?

Luís: Minha irmã mora lá também.

Alexandre: Então, você está indo visitar ela praticamente?

Luís: Eu tô indo ver ela. Falo “pa” (para) ela “seu irmão tá vivo, não tá morto não”.

Justo: Que idade você tem, afinal?

Luís: Que idade eu tenho? Não sei. Faz tempo, minha mãe viva...caminhão pegou eu, bateu minha cabeça...não consigo “lembar” (lembrar) não. Minha bexiga é de plástico. Faz tempo...

Alexandre: Então, você teve um acidente e por conta disso você não sabe exatamente quantos anos você tem?

Luís: Não.

Justo: Você chegou a trabalhar? Ter uma profissão?

Luís: Já trabalhei como servente de pedreiro, com saco de “cavão” (carvão)...

Justo: E você trabalho em que cidade?

Luís: Cidade São Paulo e Jaú.

Alexandre: E você está indo para Jaú agora também...

Luís: Tô indo... São Paulo e Jaú.

Justo: Tá bom então, a gente agradece por você ter conversado com a gente.

Alexandre: Muito obrigado.

Justo: E não é perigoso tomar umas e andar na estrada não?

Luís: Eu ando... (áudio incompreensível).

Alexandre: Você anda bêbado para cá ou não?

Luís: Não.

Alexandre: Só quando para mesmo?

Luís: Só.

Alexandre: É mais seguro?

Luís: Mais seguro. Levo água...beber no caminho

Justo: Isso é bom. Neste calor então, precisa tomar bastante água.

Depois que já havia desligado o gravador, ele pediu uma carona até o posto mais próximo. Continuamos a entrevista dentro do carro.

Alexandre: Você pegou carona de Campo Grande para esses lados, né?

Luís: Eu peguei...Comecei a andar de Campo até outra cidade. Difícil pegar carona...

Justo: É muito difícil pegar carona.

Luís: Graças a Deus...que sou...Deus colocou pessoas...caminho. “Onde você tá indo...rapaz. “Qual é seu nome?” “Luís *****”¹⁶”. “Tô indo lá São Paulo e Jaú”. “Então monta aí, eu levo você até “tal” cidade e depois você...vai pegar carona?” “Você bebe?” “Se chegar cidade de pouquinho, eu tomo uma. Anda caminho, eu não tomo não.” É difícil pegar bebida caminho.

Justo: No caminho?

Luís: É difícil.

Justo: Só na cidade mesmo.

Luís: Só cidade mesmo.

Alexandre: Você bebe há muito tempo ou você começou a beber depois que foi para o trecho?

Luís: Faz tempo (que) eu bebo.

¹⁶ Luís Moisés da Cunha

Alexandre: Ah é? Todo dia?

Luís: Todo dia.

Alexandre: Geralmente é uma cachacinha?

Justo: Cachaça mesmo que você bebe?

Luís: Cachaça...

Justo: Essa de corote ou qual que é?

Luís: Ah..corote...eu bebi em “bazinho” (barzinho). “Bazinho” (barzinho). Se der vontade, eu jogo sinuca. Ou o rapaz fala “você é bom pessoa, você não é ruim não. Vamos sentar aí, pago bebida “pa” (para) você também”...

Justo: Agora mesmo, você está querendo ir para Jaú ou cidade de São Paulo?

Luís: ...Jaú!

Justo: Agora você vai para Jaú?

Luís: Vou “pa” (para) Jaú, se Deus quiser. Ele dá força pa mim e eu chego lá.

Justo: Não está muito longe não.

Luís: Pertinho.

Justo: Muito perto não é, mas também não está longe não (risos).

Luís: Não é muito longe.

Justo: E você sabe o caminho?

Luís: Para Jaú?

Justo: É

Luís: Caminha reto.

Justo: Caminha reto aqui?

Luís: É.

Justo: Vai sair lá em Jaú?

Luís: Vai. Vai sair lá em Jaú.

Justo: Vai mesmo. É este caminho mesmo. Reto. É ir reto que vai passar por Bauru e depois Jaú.

Luís: Tem “Baru” (Bauru), depois tem “Pedeneras” (Pederneiras) e depois Jaú.

Alexandre: **Luís, e você já chegou a andar antes? Antes dessa última vez você chegou a fazer caminho assim?**

Luís: Já.

Alexandre: **Então, você já andou no trecho antes?**

Luís: Já andei, não vou mentir para ninguém. Já andei.

Alexandre: **Essa é a sua segunda vez no trecho ou não?**

Luís: É a segunda vez.

Alexandre: **Quanto tempo você ficou no trecho da outra vez?**

Luís: Hum...Não me lembro direito...Mais...mais.

Justo: **E por onde você já rodou no trecho? Para quais cidades? Para onde você já foi?**

Luís: Já fui Bocaina, Barra Bonita...Pederneiras...

Alexandre: **Tudo aqui no estado de São Paulo?**

Luís: Aham. Tudo em...

Alexandre: **Mas você saiu de Campo Grande, não é?**

Luís: Aham, morava em Campo “Gande” (Grande). Minha família é de lá também, tudo os “pimos” (primos) esparramados...Meu família fosse bom “pa” (para) “mi” (mim), o meu “outo” (outro) irmão, Jorge, não ia deixar eu andar desse jeito não.

Alexandre: **Mas aí você já tinha saído sem avisar eles, não foi?**

Luís: Eu não tava morando com o meu irmão, eu tava morando com meu “sobrinho” (sobrinho). Também, eu escuto pessoa, meu família fala mal de mim, aí eu fico nervoso e eu saio. Eu saio. “Gaças” (Graças) a Deus, eu não

brigo com a minha família. Não “bigo” (brigo) com ninguém. Meu família é ruim “pa” (para) mim. Alguém fala para meu família “sobe” (sobre) meu família é tudo mentira. É verdade.

Alexandre: Você nunca pediu ajuda de passagens?

Luís: Eu não peço ajuda, eu não tenho documento. Não pode ir “outa” (outra) cidade, não tem documento.

Alexandre: Você é natural da onde, Luís? Onde você nasceu?

Luís: Onde que eu nasci?

Alexandre: Isso.

Luís: Eu nasci...Corumbá!

Alexandre: Ah, Corumbá!

Justo: Corumbá!

Luís: “Outo” (Outro) meu irmão bebeu tanto que morreu. Não comia.

Alexandre: Também não comia?

Luís: Não, não comia nada. Morreu “dento” (dentro) do barracão. “Tabaia” (Trabalhava) de “pedeo” (pedreiro), servente de “pedeo” (pedreiro).

Justo: Você, seus pais, tem alguma mistura com boliviano ou não?

Luís: Não, não.

Justo: Na sua família tem alguma origem indígena, de descendentes de índio ou não?

Luís: Minha mãe, minha família nasceu em Campo “Gandi” (Grande) e “outos” (outros) nasceram em Corumbá.

Justo: Aham.

Alexandre: Mas você não sabe da sua avó, se ela era indígena, se era índio, ou não?

Luís: Não sei. Não sei.

Alexandre: Da outra vez que você foi para o trecho, você ficou um tempo maior, né?

Luís: É.

Alexandre: Você não chegou a pegar muita situação de perrengue? Geralmente para se proteger você usa mais isso aí: Você anda sozinho... Não tem outro jeito que você se protege?

Luís: Ando sozinho...

Alexandre: Já chegou a dormir na mata?

Luís: Como?

Alexandre: Na mata.

Luís: Não.

Alexandre: É sempre na estrada, em posto de gasolina?

Luís: Posto de gasolina. Tomava banho...

Justo: É? No posto de gasolina mesmo?

Luís: Aham. Tomar um banho e depois é pertinho de cidade. Por isso que eu falo “onde que fica a cidade?” “É pertinho”. “Depois eu vou tomar umas lá e posso pousar aqui?” “Não tem problema não, pode pousar aí. Se você quiser, eu dou comida para você, se você não quiser, eu dou guaraná, salgadinho para você. Pode ir lá cidade depois você vê”.

Justo: Aí você vai lá, toma uma e volta?

Luís: Tomo uma e volto.

Depois desta fala, ficamos cerca de um minuto quietos.

Alexandre: Pois é...

Luís: Se meu família fosse bom “pa” mim, não deixava eu andar. Não deixava. O senhor fala “pa” “mia família” assim que o que diz a “mia” família é tudo mentira. Eu tô falando verdade. Eu fico, sei lá eu...eu não gosto de “biga” com “mia” família, nem fala mal dele. Eu pego estada “pa” não “biga” com mundo.

Justo: Para não brigar com a família.

Luís: É. Só “mia” família “biga” comigo.

Alexandre: Aqui é Santa Cruz (do Rio Pardo), não é? (Apontando para o horizonte).

Justo: **Aqui é uma cidade. Você quer ficar aqui? Entrar aqui na cidade?**

Luís: Mais “pa” “fente” (frente).

Alexandre: Beleza! Aqui é Santa Cruz do Rio Pardo, não é?

Justo: Aqui é Santa Cruz do Rio Pardo, é.

Alexandre: **E você tem outros familiares além do seu sobrinho?**

Luís: Meu “sobinho” mora São Paulo e Jaú.

Justo: **Quantos irmãos você tem? Irmão e irmã.**

Luís: Eu tenho “quato” (quatro) irmão, “quato” irmã. Eu tinha “quato” irmão, um morreu e ficou “teis” (três). (O nome dos irmãos que não deu para entender). Agora, eu tenho “quato” irmã.

Alexandre: **E seus pais já são falecidos faz tempo?**

Luís: Faz tempo.

Alexandre: **Geralmente na estrada, ou quando você para em um posto da concessionária, do pedágio, ou da polícia, o pessoal te ajuda ou não?**

Luís: Eu peço toca.. “tocadinho” (trocadinho) também.

Alexandre: **Eles te ajudam?**

Luís: Ele ajuda pouco, não ajuda muito não.

Alexandre: **Nem com comida eles ajudam?**

Luís: Eles falam “pa” mim “dinheiro não tenho, tem comida”. E eu falo a verdade “pa” ele: “Eu bebo demais e não consigo comer, eu bebo demais”. “Onde você está indo?” “Tô indo São Paulo e Jaú”. “Dinheiro não tenho, tenho comida”. “Eu bebo demais, eu não como”.

Alexandre: Ah, você fala para ele direto, então? E o pessoal do pedágio também faz isso?

Luís: Eu não peço lá. Eu peço água.

Alexandre: E em posto de gasolina, tem os que não te ajudam e te mandam embora ou não?

Luís: Não. Ajuda. Tomo um banho...Depois eu pego caminho.

Passando perto de um atendimento da CART, perguntei se Luís pedia algo neles.

Alexandre: Esses lugares assim você não pede?

Luís: O que? Ah, esses lugares aí, eu peço só água.

Alexandre: E quando você vê um pessoal do sítio? Você também pede para eles ou não?

Luís: Peço ajuda. Pede dinheirinho. Eu falo para eles, “pa” todo mundo “tô no ‘techo’ (trecho), tô indo para São Paulo e Jaú, você pode me arruma dinheirinho? “

Alexandre: Luís, ninguém nunca agiu de má fé com você no trecho? Nem te machucou ou te fez algum mal?

Luís: Não.

Justo: Nem roubar seu dinheiro?

Alexandre: Nem dinheiro ou suas coisas?

Luís: Não.

Alexandre: Nem dessa vez, nem da outra?

Luís: Não. Nunca.

Alexandre: Geralmente, o pessoal é bacana.

Luís: Bacana, graças a Deus.

Justo: Você já encontrou outro que está no trecho?

Luís: Já.

Justo: Aí não deu problema nenhum?

Luís: Não deu “pobema” (problema) não. Tinha um “techero” (trecheiro) que disse “onde você está indo?” “São Paulo e Jaú”. “Eu posso acompanhar você?” Daí eu disse “não”.

Alexandre: Mas você acha melhor “não” porque você já ouviu histórias de algum pessoal que podem fazer alguma coisa ou não?

Luís: Eu penso assim... eu penso muita coisa ruim. Aconteceu comigo não aconteceu. Pega faca, revolver, mata.

Alexandre: Mas você já ouviu essas histórias?

Luís: Não.

Alexandre: Entendi, você que pensa que pode acontecer alguma coisa?

Luís: Eu que penso.

Chegamos no posto de combustíveis. Ele perguntou se havia uma cidade perto e falamos que ela estava há alguns quilômetros depois do trevo. Nós nos despedimos dele e tomamos também nosso rumo. Fomos ainda mais adiante, não encontramos ninguém e resolvemos voltar para saber sobre a informação de Alberto e outros andarilhos já nos haviam dado: O posto do Estação Café acolhe andarilhos de estrada, assim como o Posto Palmital. Passamos em ambos no final da tarde.

No posto Palmital já havíamos entrevistado um andarilho há algum tempo, mas não tínhamos certeza se haveria alguém no Estação Café. Fomos ao posto e dois frentistas nos responderam sobre isso. Disseram que todos os dias há quatro ou cinco diferentes andarilhos de estrada que aparecem no fundo do estabelecimento e que ficam por lá. Fomos até os fundos do posto e não achamos ninguém. Mas foi interessante saber que, segundo os frentistas, todo os dias o posto é frequentado por andarilhos pela tardezinha. Passamos pelo posto Palmital e não achamos ninguém.

Diário de campo do dia 23 de setembro de 2019, segunda-feira

Neste dia não havíamos achado nenhum andarilho de estrada até o momento que avistamos uma dupla andando por um curto acostamento. Passamos por eles e captamos bem o momento em que eles se dividiram para andaram em rodovias distintas. Encontramos ambos em diferentes trechos da rodovia. Quando encontramos José, ele estava descendo uma bifurcação que serve para fazer retorno. Nosso grande problema de pesquisa foi estar em uma área sem árvores e de campo aberto em um dia que estava ventando muito. Isso fez com que os áudios sejam de difícil compreensão, o que nos fez perder muitas falas e detalhes de outras. Preferimos escrever um relato com falas indiretas para não perder a entrevista.



Imagem: Momento em que cada um deles tomou um rumo diferente.

Seu José é um mineiro que já andou o Brasil todo a pé. Já tendo andado do Rio Grande do Sul até a Bahia, local onde disse que tem ótimo samba para se curtir. Tem setenta e cinco anos, nascido no dia 08 de abril de 1944. Relata que saiu de sua casa depois da morte da mãe, quando ele tinha apenas oito anos de idade. Afirma assim que está no trecho há mais de 60 anos.

Perguntamos sobre seu carinho. É uma geladeira velha que foi transformada em um carinho improvisado. Para protegê-lo, ele dorme dentro dele. Isso o protege de alguma violência em área urbana por estar camuflado e também evita furtos contra seus objetos e o próprio carrinho. Ele arrumou as rodas de uma doação.

Dentro de seu carrinho havia um saco de latinhas e de outras peças metálicas que recolhe nas rodovias para vender.

Afirmou que só anda sozinho. Andou com Geraldo até sábado. Ele disse a Geraldo, que havia proposto de andar com ele, para escolher o lado, se ele fosse por um, ele iria para outro. Ele explicou que Geraldo bebia muito e ele não costuma beber. Seu José não bebe, apenas fuma cigarros. Viu o colega fazendo coisas como mexendo com mulheres e ele o desaprovou.

O que nos chocou foi sua capacidade de gesticular fazendo imitações quando falava dos outros de modo a ir cada vez mais para o centro da pista totalmente despreocupado com a possibilidade de aparecer um veículo ali. Ele diz que a estrada é mais segura que as cidades e que quase não há perigos porque nunca aconteceu nada com ele nesses anos todos. Porém, já viu uma família inteira morrer na estrada por causa de um acidente.

Ele anda na mesma mão dos carros porque diz que é o correto para quem está andando com um carinho de mão, mas não liga muito para o perigo de ser atropelado, acredita que não seja tão perigoso assim.

Ele também disse que sobre animais que podem ser perigosos quando foi perguntado sobre, mas só por volta da região do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, citando o caso do tamanduá, que com suas garras pode matar.

O que o deixa horrorizado são as notícias, principalmente de parricídios e filicídios.

Terminamos a entrevista com ele, fizemos o retorno e entramos de novo na pista, mas dessa vez para o outro lado encontra com Geraldo para entrevista-lo. Por sorte, Geraldo estava em uma área cercada por barragens e árvores, o que fez com que a qualidade do áudio estivesse melhor.

Alexandre: Qual seu nome?

Geraldo: Geraldo.

Justo: Meu nome é José, é Zé. O nome dele é Alexandre.

Alexandre: Prazer.

Justo: E eu sou professor, ele é meu aluno. E a gente está fazendo um trabalho sobre quem são os andarilhos sobre como é que é viver andando entre as cidades e tal, e pelo Brasil dessa maneira. É um tipo de vida que ninguém conhece. Ninguém sabe quem são. Eu gostaria de saber se você pode dar uma entrevista para a gente para contar um pouco da sua experiência de como é que é viver as dificuldades que tem para viver na estrada. E que como podia melhorar um pouco a situação de quem está. E se você pudesse contar um pouco da sua história como era.

Justo: Quantos anos você tem?

Geraldo: 50 anos.

Alexandre: Quanto tempo faz que você está no trecho?

Geraldo: 20 anos.

Justo: E por que você foi para a estrada?

Geraldo: Por causa de bebida.

Justo: Você trabalhava? Tinha família?

Geraldo: (O áudio com muitos ruídos falando que a esposa largou dele por ele beber muito) Eu tenho um filho.

Justo: Que idade tem seu filho?

Geraldo: Eu não sei que idade ele tem agora, mas era pequeno quando eu saí.

Alexandre: É, faz 20 anos que você está no trecho.

Justo: E você bebe no trecho? Como é que é?

Geraldo: Ah, eu bebo uma pinga, bebo bem. Não é todo dia porque é ruim, né? Pego estrada a pé, é perigoso. Eu paro em um posto e bebo. Para andar eu não bebo.

Justo: Você já viu muito acidente assim na estrada?

(neste ponto do áudio, ele relata sobre os acidentes da estrada, mas está inaudível por conta do forte vento).

Justo: Alguma vez você já sofreu acidente na estrada? Já chegou a ser atropelado ou não?

Geraldo: Só uma vez, só uma vez. Eu estava vindo de Conchal ... (neste ponto ele explica o acidente. O áudio está com muitos ruídos e ele tem uma fala muito difícil de ser compreendida.)

Justo: Você já viu ou soube de alguém que já foi atropelado?

Geraldo: Não vi não, mas já fiquei sabendo sim.

Alexandre: Sobre atropelamentos, o que você acha perigoso na estrada? Além de atropelamentos, alguma coisa pode acontecer? O que é perigoso na beira do trecho?

Geraldo: É pessoa estranha na rua, né? Pessoa estranha.

Alexandre: Pessoa estranha na rua?

Geraldo: É pessoa estranha que você não conhece quem é, né. Porque é perigoso, né? Perigoso, né por causa de drogas. Pode ser perigoso, aí eu não paro ali. Paro longe. Aí, eu ando sozinho, eu não ando com ninguém não, né cara?

Justo: Como é que você faz para sobreviver? Você anda até o fim da tarde e depois você entra numa cidade?

Geraldo: Eu paro em algum lugar, eu paro no posto.

Justo: Você conhece esse trecho aqui ou não?

Geraldo: Já, já andei aqui já.

Justo: Você conhece aquele posto que tem aquele trezinho, como é que chama? O Estação Café?

Geraldo: Conheço. Já fui muito lá. É bom ali, bom.

Justo: O pessoal de posto trata bem? Eles dão uma ajuda?

Geraldo: Eles deixam dormir só.

Justo: Um lanche, uma comida?

Geraldo: Não, não. (áudio com muitos ruídos dele explicando o procedimento de ir até o posto).

Justo: De vez em quando você entra na cidade assim ou não?

Geraldo: Muito pouco, muito pouco.

Justo: Eu estou vendo que você está carregando umas latinhas.

Geraldo: Eu carrego. Eu vendo...

Justo: A bebida mesmo tem que comprar, né? Bebida é difícil o pessoal dar?

Geraldo: Bebida é difícil.

Justo: Qual que você compra? Aquela de corote?

Geraldo: É corote, corote.

(Áudios com muitos ruídos e voz muito rouca).

Alexandre: É melhor beber quando está parado?

Geraldo: Quando está parado, eu paro e aí bebo. Na hora do descanso.

Justo: Você leva um corotinho ou não?

Geraldo: Agora só estou com água.

Alexandre: Geraldo, também não tem a questão de às vezes estar bebendo muito e alguém poder se aproveitar e pegar alguma coisa sua?

Geraldo: Já fui roubado. Levaram meu carrinho. Roubaram todas minhas coisas ali, na rodoviária.

Justo: É melhor ter um carrinho na estrada ou levar as coisas na mão?

Geraldo: O carrinho rapaz, o carrinho seria bom, né? Para levar bastante coisa não tem como levar, né?

Justo: Faz tempo que roubaram seu carrinho ou não?

Geraldo: Seis meses. (Áudio com ruídos falando do perigo que foi estar na rodoviária da cidade).

Alexandre: É mais perigoso estar na estrada do que na cidade?

Geraldo: Na cidade é mais perigoso, é bem mais perigoso. Na cidade tem que ter cuidado para onde dormir. Agora na estrada não tem isso não, você pode dormir em qualquer lugar no posto. Lá no Paraná, em Curitiba.

Alexandre: Curitiba? Por onde você já andou?

Geraldo: Eu já fui pra um monte de lugar, né.

Justo: Agora você está pensando em ir para algum lugar assim ou não?

Geraldo: Agora eu não tenho onde ir não. Eu vou andando...

Justo: Mas agora, você andando nessa direção vai ter um entroncamento que de um lado vai para Bauru, e por outro vai para a Castelo Branco. Você resolve na hora onde você vai?

Geraldo: (Áudios danificados pelos ruídos do vento).

Justo: Você come bem?

Geraldo: Como bem.

Justo: E os funcionários da rodovia? O pessoal do pedágio, eles ajudam?

Geraldo: Não ajudam muito não.

Alexandre: Quem é que mais ajuda?

Geraldo: Quem mais ajuda são os caminhoneiros do posto.

(Áudios danificados pelo ruído do vento).

Justo: E as latinhas? Encontra bastante? Quanto tempo você demorou para juntar esse monte de lata?

Geraldo: sete ou oito horas.

Justo: Quanto dá para ganhar com essas latinhas? Você consegue comprar cachaça ou não?

Geraldo: Não muito, né? Mas dá pra comprar, né.

(Áudio danificado)

Justo: Você falou, mas não dá para entender muito bem. Um corotinho de cachaça dá pra quanto tempo?

Geraldo: Um dia.

(áudio incompreensível)

Alexandre: Você prefere andar na mesma direção que os carros?

Geraldo: Eu estou indo aqui agora para virar aqui e por causa do sol. Agora é melhor aqui agora.

Alexandre: Fora o trânsito e as pessoas que podem ser mal intencionadas, tem alguma outra coisa que você tem que tomar cuidado no trecho ou não?

Geraldo: Não

Alexandre: Já teve problemas com animais, bichos?

Geraldo: Não tive não. Tem no Mato Grosso, tem cobra.

Justo: Algum cachorro bravo de sítio, fazenda? Nunca aconteceu?

Geraldo: Nunca aconteceu, nunca aconteceu não.

Alexandre: Então está legal

Justo: Está legal, nós agradecemos muito pela conversa para poder saber como que se vive nessa forma. Comparando assim do jeito que você vive hoje e do jeito que você vivia com a sua mulher, qual você acha que era melhor?

Geraldo: Lá era melhor. Era melhor. (áudio incompreensível).

Justo: Mas tá legal, muito obrigado!

Depois desse encontro, seguimos viagem.

Diário de campo do dia 01 de outubro de 2019, terça-feira

Encontramos Jonatas na estrada. Ele aceitou fazer uma entrevista, desde que fosse gravado apenas a voz dele.

Alexandre: Há quanto tempo você está no trecho?

Jonathan: Há quatro meses.

Justo: O sol não te castiga não? Você não usa boné? Geralmente o pessoal usa um bonezinho e tal.

Jonathan: Eu peço nas casas para o pessoal me dar boné, né. Mas eles me dão o que jogam fora. Quanto eu estou com raiva ou alguma coisa e jogam o boné.

Justo: Vamos começar pelo começo. O que te levou a ir para o trecho?

Alexandre: Seu nome primeiramente!

Jonathan: Jonathan.

Justo: O que aconteceu na sua vida que você... Antes você morava em uma casa, morava com família, tinha trabalho, essas coisas? Como é que você vivia?

Jonathan: Na realidade...Desde sempre, desde sempre eu sempre fui assim é...devido alguns problemas que eu tive assim em relação a droga, essas coisas...Cocaína, droga pesada. E...Sempre fui assim, mais da selva, mais da rua, né.

Justo: Desde que idade que você...

Jonathan: Desde quando me conheço por gente na realidade.

Alexandre: Da onde que você é?

Jonathan: Sou natural do Rio de Janeiro.

Alexandre: Da onde no Rio de Janeiro?

Jonathan: Jacarezinho (bairro). Eu tenho também alguns problemas de memória. Eu consigo me lembrar do mais importante assim, dos detalhes eu não consigo me lembrar.

Justo: Depois que você saiu, você já andou por quais cidades?

Jonathan: Eu já passei por São Paulo, Bahia... Já faz uns 3 meses, 4 meses não. Bahia já passei, Pernambuco. São Paulo.

Justo: E você está andando mais a pé ou às vezes você anda também de carona, de ônibus?

Jonathan: Bem raro de ônibus ou alguma coisa assim. Bem raro, muito raro.

Justo: Quantos quilômetros você anda mais ou menos?

Jonathan: As coisas estão diminuindo, antes tinha uma assistência. Agora é bem raro. (áudio danificado por ruído).

Justo: Para dormir, como você faz? Onde você tem dormido?

Jonathan: O cara se vira, né? O mais perigoso eu acho que é a chuva assim. Vento, essas coisas, mas fora isso aí. Aí tipo assim, vento é mais de boa e vem uma rajada de vento assim,.. Acho chuva mais perigoso. Agora, se não tiver chuva, não dá nada. Se não for isso, o cara deita em qualquer lugar, né.

Justo: Não tem uma situação em que tentam te tirar da estrada ou coisa assim?

Jonathan: Não, não. O que eu disse para o senhor. Eu já nasci com esse problema de esquizofrenia que a droga só aumentou isso aí. Isso fica me incomodando. Às vezes eu olho para a pessoa e acho que a pessoa está me perseguindo, não tem nada a ver. Mas às vezes assim, bem relativamente assim...claro tem um ou outro que vai querer tirar o cara assim do sério. Vai olhar assim...Que nem eu fui no restaurante ali...Claro, ninguém é obrigado a me dar nada, uma comida , nada. Nem um pãozinho ou assim...

Justo: O pessoal do posto assim, de restaurante não dão uma ajuda assim?

Jonathan: Dão, eles dão uma ajuda. Aqui em São Paulo, né? Aqui assim. Não quer dar não quer me dar. Vai ter que aceitar eu...

Justo: E em posto de gasolina, eles deixam dormir e tal?

Jonathan: Ah, sabotar o cara alguma coisa, botar veneno na comida, sei lá. Parece paranoia, mas o cara não sabe. Já ouvi boatos que os caras me falaram que tem lugar em que o cara pede comida assim de boa e coloca coisas. Não sei. Tem até uns lugares onde a mulher assim ia jogar fora e pedi e ela fala “não, tem que falar com o dono!” Daí você tipo assim, meio chateado. Troquei uma ideia com o cara e disse “o senhor, não pode comprar uma comidinha para mim, a mulher me falou que não pode me dar comida...Cheguei e vou falar os detalhes...ela acha que vai morrer e levar a comida, pô? Vai morrer e vai levar a comida? Vai levar?! Daí o cara falou assim “acho que ela vai levar mesmo!” Daí ele foi lá, fiquei na sala lá, achei que ia chover, o céu chegou a limpar, “nego”. O sol estava um vento estrelado demais, ia chover...Por isso que eu fiquei mais assim chateado...Ele foi lá comprou salgadinho para mim...O pessoal dos Sois ali me locomoveu, me trouxe. Trouxe um pouco mais seguro, né? Que a BR a noite também falam que não é legal, acho que eu acho que é por causa das movimentações dos carros.

Justo: E o que é mais perigoso na estrada? Você já passou por alguma situação de risco ou perigo na estrada?

Jonathan: Na realidade, no começo assim...ficava confuso, ficava correndo de um lado para outro da rua achando que os outros iam me matar ou alguma coisa. De noite assim eu ia vendo os carros assim. Na minha mente os caras iam me virando e daí os cara pegaram e ligaram o bagulho do Sois ali e me tiraram da pista e me trouxeram de volta. Continuei andando. Agora estou mais centrado, estou começando a andar de boa.

Justo: Você toma algum remédio?

Jonathan: Assim, o médico tinha até me indicado...tá certo, eu parei de tomar e blablabla....últimamente, desde sempre, normalmente o cara vai medicar alguma coisa...eles não me deram uma atenção. O doutor...os caras me desprezando porque sou preto. Mas tipo assim, trocar ideia com o cara e ali é de boa. E eu tomo remédio para ficar mais de boa. Ah, o cara ficava querendo saber os detalhes da minha vida “ah, que cor de cueca você usa?” Claro que ele não queria saber a cor da cueca que eu uso, mas começou a perguntar demais. Eu não gosto desse negócio de ficar sabendo da vida dos outros. O negócio é

coisa de psicologia, da mente, da loucura. Agora, que que tem a ver, uma com a outra? “Que cor da tua meia? Está indo para onde? Ahn?” Não tem nexo. O bagulho é coisa de remédio, remédio. O médico quando dá um laudo para o cara e fala “tu tem isso e acha que os outros tá perseguindo e pá”. Conteúdo mastigável. Aí eu peguei e sai fora. Eu queria algum remédio e os caras começaram a me tirar “pá, o médico ainda não chegou”. Se não tem médico, não tem como eles...Claro, eu sei como é que é. Eles têm que me conhecer, eles têm que me conhecer primeiro, saber como é a vida. Mas mesmo assim, muito estranho. Parecia que o cara tava dando em cima de mim, na real. Fingi que não estava vendo. E deu para ver...

Justo: Na estrada você se sente bem?

Jonathan: Aqui no interior, a coisa muito fechada, muito mesquinha. Se for algo maior, Salvador, Bahia. É tipo tropa de Elite...Sistema, sistema. Se eu tiver dinheiro, eles vão dar o remédio, se eu não tiver, eles não vão.

Justo: Na estrada é melhor para você viver?

Jonathan: Como é para você?

Justo: Na cidade para mim.

Jonathan: Por quê?

Justo: Porque na cidade eu me sinto acompanhado. Para mim, a solidão é mais difícil. Mesmo os estranhos, me dão a sensação de estar acompanhado. Você não sente solidão na estrada?

Jonathan: Não, o cara quer conhecer aí ó, o visual deslumbrante, impressionante. Que o cara vai conhecendo novas pessoas, novos jeitos de se relacionar, outros comportamentos, outras culturas, né? Outras origens. O cara vai convivendo e tipo assim.

Justo: E você não sente falta de uma companhia?

Jonathan: De mulher, né? É ruim irmão, porque elas são muito interesseiras. Eu não tenho porra nenhuma. É que nem minha mãe falava “não tens um pinto para dar água”. Não sei como ela falava, uma coisa assim. E daí é assim, ó. Daí, se eu tiver o dinheiro. Nessa parte, tem gente que tem dinheiro para

caralho, é bem melhor que eu, irmão. Só do cara chegar perto de mim ele já me humilha com o carro dele e pá. Acho de que adianta se o próprio filho do cara matou o cara, pô. O filho matou o pai. Não trazendo para o lado da mulher o negócio de interesse. Mas eu respondi uma pergunta sua com a resposta de outra pergunta, o negócio de prevenção. Os cara são muito estranho, parece lobo.

Nós íamos nos despedir, mas conversamos mais com o Jonathan sobre assuntos de sua condição de modo mais informal. Ele perguntou ao Justo o que é a emoção, a raiva, os sentimentos de modo geral. Se sentiu grato por poder entender que tem que administrar sua paranoia e entender que às vezes, algumas coisas podem ser ilusões. Terminamos a conversa com ele e seguimos viagem, não encontrando mais ninguém neste dia.

Diário de campo do dia 03 de outubro, quinta-feira

Neste dia, fizemos uma viagem bem mais curta para ver se encontrávamos alguém. Não encontramos. Decidimos também encerrar nossa pesquisa por já haver respostas que estavam se repetindo. De qualquer modo, temos cerca de 15 entrevistas e mais de 110 páginas para a análise.